

Paula Aragão

**LAZER SOBRE RODAS NO CARTÃO POSTAL:
IDENTIDADES E SOCIALIZAÇÃO NO SKATEPARK
EM ARACAJU/SE**

Dissertação submetida ao Programa de Pós-Graduação em Educação Física da Universidade Federal de Santa Catarina para a obtenção do Grau de Mestre em Educação Física.

Orientador:

Prof. Dr. Giovanni De Lorenzi Pires

Florianópolis
2013

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor, através do Programa de Geração Automática da Biblioteca Universitária da UFSC

Aragão, Paula

Lazer sobre rodas no cartão postal : identidades e socialização no Skatepark em Aracaju/SE / Paula Aragão ; orientador, Giovani De Lorenzi Pires - Florianópolis, SC, 2013.

303 p.

- Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Desportos. Programa de Pós-Graduação em Educação Física.

Inclui referências

1. Educação Física. 2. Lazer. 3. Identidade. 4. Socialização. 5. Skate. I. Pires, Giovani De Lorenzi. II. Universidade Federal de Santa Catarina. Programa de Pós-Graduação em Educação Física. III. Título.

Paula Aragão

**LAZER SOBRE RODAS NO CARTÃO POSTAL: IDENTIDADES
E SOCIALIZAÇÃO NO SKATEPARK EM ARACAJU-SE**

Esta Dissertação foi julgada adequada para obtenção do Título de Mestre, e aprovada em sua forma final pelo Programa de Pós-Graduação em Educação Física da Universidade Federal de Santa Catarina.

Florianópolis, 18 de fevereiro de 2013.

Prof. Dr. Fernando Diefenthaler
Coordenador do Programa de Pós-Graduação em Educação Física

Banca Examinadora:

Prof. Dr. Giovani De Lorenzi Pires - Orientador
Universidade Federal de Santa Catarina

Prof.^a Dra. Juliana Rodrigues Pedreschi
Escola de Artes, Ciências e Humanidades – Universidade de São Paulo

Prof. Dr. Maurício Roberto da Silva
Universidade Comunitária da Região de Chapecó

Este trabalho é dedicado a todos os skatistas que participaram direta ou indiretamente da pesquisa.

AGRADECIMENTOS

Sobre Gratidão...

Ser grato é lembrar, não de tudo, mas dos detalhes que te levam a pensar que faria o mesmo por aquele/s que de algum modo esteve/estiveram presentes na trajetória de uma etapa da vida, tenha sido feliz ou infeliz em seus momentos, mas que de importância tamanha que se tornou inesquecível...

Agradeço a Deus e aos seres visíveis e invisíveis que, enviados por Ele, sempre me ajudaram a erguer e reerguer a cabeça com paciência e resignação.

Sou eternamente grata aos meus pais, Terezinha e Pedro, pela presença e força imensurável sempre transmitida para que essa etapa fosse completada apesar dos pesares. À toda minha família pelo apoio e consideração, aos meus irmãos em especial: Claudinho, Bibito, Moisés, Nega, Bebeta, Davi e Lucas. Sou grata a estes cuja companhia me fez muita falta no tempo em que estive distante no plano material, mas que sempre estiveram me apoiando. À Elis, Talita, Fernanda e Victor que também acompanharam meu trajeto nessa história. Aos meus sobrinhos Felipe, João Victor, João Luís e princesinha Yasmin. Meu avô Pocidônio, aos meus tios e tias que sempre torceram por mim e rezavam para que tudo tivesse um final feliz.

Agradeço especialmente ao grupo de pesquisa Labomídia/UFS a Sergio, Luciana (Lu querida irmãzinha) e André os primeiros membros do grupo ao qual deram vida, conquistaram o espaço devido na Universidade e me mostraram novos horizontes.

Agradeço de coração àqueles que compuseram este grupo com o passar do tempo: Diego, Silvan e aos demais que vieram depois, por isso, minha gratidão ao amigo Cris e ele bem sabe o porquê.

Meus sinceros agradecimentos a Giovani Pires pela oportunidade de fazer essa parceria de pesquisa, pelo constante apoio em todos os sentidos, atenção, carinho e paciência. Por todo o processo de formação que não se restringiu ao mundo da academia, pela convivência e consideração amigável. A essa grande alma minha admiração e gratidão.

Agradeço também a Thyrsa Pires, sua esposa, cuja atuação sempre carinhosa e atenciosa auxiliou imensamente na minha difícil adaptação à nova vida em Floripa. Agradeço de coração.

Sincera e imensa gratidão aos amigos e colegas do Labomídia UFSC pelo acolhimento, pelos aprendizados e parcerias: Bia, Luciana,

Angélica, Lyana, Ângelo, Mariana, Rodrigo, Iracema, Rogério, Paula, Fernando.

Meus votos especiais de agradecimento a Lígia, Lu, Bia e Angélica, amigas de muitos momentos, pessoas inesquecíveis!

Devo agradecimentos à Capes, pois fui contemplada por um ano com bolsa de estudos no PPGEF, sem a qual teria sido mais difícil.

Um agradecimento especial aos parceiros do Centro Espírita Caminho de Luz Sr Ailton, Luciana, Hugo, Paula, Carla, Dona Lúcia, Dona Custódia, Dona Elza e todos os outros que não recordo o nome. Agradeço também à pequena Luíza, criança linda e muito iluminada!

Aos Coralistas Seresteiros da Luz, que na última etapa dessa trajetória foram companheiros, verdadeiros parceiros com os quais compartilhei dias de felicidades e dias de tristeza, sempre cantando: Juliana, Verônica, Valéria, Ianne, Severino, Dona Maria, Dona Juclina, Luiz, Ana Marlise, Sérgio e Ernestino.

Destes, agradeço infinitamente a Juliana que desde 2011 tornou-se amiga-irmã, com quem pude compartilhar muito da minha vida e aprender muito mais do que poderia imaginar.

Portanto, àqueles que considero amigos e não escrevi o nome, mas que sabem que não precisamos desse registro para compreender que há infinita consideração e se trata de eterna gratidão pelo carinho e amizade. Pois, sabemos que somos responsáveis pelo que cativamos...

Enfim, a Walber, meu amor, namorado, amigo e companheiro, meus eternos agradecimentos pela força em todos os dias que estivemos distantes, por reforçar a todo tempo que me esperava sempre mais apaixonado que antes. A você, meu amor eterno!

A mim não me diz nada o que não toca
profundamente a minha sensibilidade.

(Pablo Neruda, 2002)

RESUMO

Esta pesquisa teve como objetivo compreender como as experiências de lazer de skatistas frequentadores do Skatepark Cara de Sapo, espaço do complexo de esportes radicais da Orla de Atalaia em Aracaju/SE, configuram-se como oportunidade à construção de sua identidade cultural e a sua socialização. A condução do estudo transita por aspectos socioculturais e históricos, levando em consideração a discussão da importância e o significado do espaço urbano nesta conjuntura e as divergências que apontam para a formação de um grupo social, o qual se reconfigura a partir das transformações sociais da contemporaneidade. Eleger esse grupo de skatistas como sujeitos da pesquisa revela-se uma abertura a possibilidades de compreensão acerca de um dos estilos de vida que compõe o conjunto das Culturas Juvenis da capital sergipana, além de fazer emergir desse contexto as perspectivas dos próprios sujeitos a partir do convívio cotidiano e seus processos, para revelar a convergência entre valores sociais trazidos de outros tempos e aspectos contemporâneos. Trazemos uma pesquisa definida como observação participante e que possui elementos do processo etnográfico de pesquisa. Este caminho foi desenvolvido com os seguintes procedimentos, instrumentos e técnicas de pesquisa: a) produção de diário de campo (DC) a partir de observações, aproximação e envolvimento cotidiano com os sujeitos; b) entrevistas semiestruturadas individuais e em grupo; c) registros em fotos e vídeos; d) acompanhamento na rede social Facebook. Constatamos que o lazer/skate dos skatistas proporciona a construção e reconstrução de identidades e reconfigura continuamente o processo de socialização do grupo a partir do próprio cotidiano; apontamos a necessidade de estudar os grupos sociais a partir de um modelo de pesquisa que permita a apresentação das perspectivas do sujeito sob o prisma interno, ou seja, de dentro do seu cotidiano de lazer; também propomos pensar as Culturas Juvenis a partir da sua heterogeneidade.

Palavras-chave: Lazer; Identidade; Socialização, Skate, Skatepark, Orla de Atalaia.

ABSTRACT

This research aimed at understanding how the leisure experiences of the skaters who frequent Cara de Sapo Skatepark - a radical sports center at Orla de Atalaia in Aracaju - are configured as an opportunity for the construction of their cultural identity and their socialization. This study was conducted by permeating socio-cultural and historical aspects, taking into account the discussion regarding the importance and meaning of urban spaces and the differences that lead to the formation of a social group, which is reconfigured by contemporary social transformations. To elect this group of skaters as research subjects reveals openness to possibilities of understanding some of the lifestyles that compose the capital of Sergipe's Youth Cultures, apart from emerging from this context the prospects of the subjects themselves from daily contact and its processes, in order to reveal the convergence between social values brought from other times and contemporary aspects. This research is defined as a participant observation and shares elements from the ethnographic research process. It has been developed by following the procedures, instruments and research techniques below: a) producing field notes (FN) from observations, approaches and daily rapport with subjects; b) having semi-structured individual and group interviews; c) taking photos and videos; d) monitoring Facebook. It has been concluded that leisure/skateboard for the skaters provides the construction and reconstruction of identities and continually reconfigures the group socialization process on a daily basis; the importance of studying social groups from a research model that allows the presentation of subjects' perspectives from their internal prism, i.e., within their everyday leisure has been pointed out. Thinking about Youth Cultures from their heterogeneity perspective has also been proposed.

Keywords: Leisure; Identity; Socialization, Skate, Skatepark, Orla de Atalaia.

GLOSSÁRIO

ARACAJU FAMILY – denominação atribuída ao grupo de skatistas de Aracaju, pelos próprios skatistas.

BACK – cigarro de maconha.

BANKS; FUNBOX; WALL RIDE; QUARTIER PIPE – obstáculos que compõem uma pista de skate da modalidade Street.

FIFT; OLLIE; FRONTSIDE ROCKSLIDE; FLIP – manobras com o skate, variando suas posições e também a forma com que é executado – com salto, impacto, deslizamentos.

GAME DTRIX – tipo de jogo realizado por skatistas e patinadores, com o intuito de desafiar os colegas, aprender novas manobras; ou treinar para executar com perfeição o que já foi aprendido.

GRIND; LUC-E; ICE GRIND; DOUBLE PEG GRIND; FEEBLE GRIND: manobras realizadas com BMX, variando com o apoio traseiro e a frente baixa; a frente alta; com os dois apoios; com o traseiro enquanto a roda dianteira anda sobre o obstáculo.

HALF PIPE – rampa em forma de U, onde é praticada a modalidade Vert ou Vertical. Não é preciso existir pista para que um Half Pipe seja construído.

OPEN – uma categoria relacionada ao processo de profissionalização, depois o skatista atingiria o nível amador e logo após, o profissional.

SESSION – os encontros para realizar manobras, normalmente ocorrem no Street.

SHAPE – a prancha do skate, feita normalmente de madeira.

STYLE – gíria que pode significar: perfeição, beleza, diferente.

TAGS – a letra feita pelo grafiteiro.

TRUCK – peça do skate onde ficam encaixadas as rodas.

VERT; STREET – duas formas diferentes de praticar o skate, a primeira em rampas ou Half Pipes e a segunda nas ruas, ambas se diferenciam da prática no asfalto.

Z BOYS, HASTA, HIP HOP, PUNK – grupos de estilos diferentes, mas surgidos com o intuito de protesto em diferentes países e que influenciaram no movimento skatista.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Fotografia Roda de Conversa com Gyrão.....	Erro! Indicador não definido.
Figura 2 - Fotografia Museu do Skate.....	252
Figura 3 - Imagem do Facebook/abril/2012.....	258
Figura 4 - Imagem do Facebook/junho/2012.....	258
Figura 5 - Imagem do Facebook/junho/2012.....	261
Figura 6 - Fotografia do Facebook/fevereiro/2012.....	263
Figura 7 - Fotografia do Facebook/junho/2012.....	263
Figura 8 - Fotografia do Facebook/março/2012.....	264
Figura 9 - Fotografia do Facebook/maio/2012.....	264
Figura 10 - Imagem do Facebook/junho/2012.....	267

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ASSA – ASSOCIAÇÃO SERGIPANA DE SKATE AMADOR
ASSK – ASSOCIAÇÃO SEMPRE SKATE
CER – COMPLEXO DE ESPORTES RADICAIS
BA – PISTA DO BAIRRO AMÉRICA
BESP – BATALHÃO ESPECIAL DE SEGURANÇA PATRIMONIAL
BI – PISTA DO BAIRRO INDUSTRIAL
BMX – BICYCLE MOTO CROSS (modalidade esportiva)
DC – DIÁRIO DE CAMPO
EMSETUR – EMPRESA SERGIPANA DE TURISMO
FSSK – FEDERAÇÃO SERGIPANA DE SKATE
OA – ORLA DE ATALAIA
SEINFRA – SECRETARIA DO ESTADO DE INFRAESTRUTURA
SECTUR – SECRETARIA SERGIPANA DE TURISMO
SEEL – SECRETARIA DO ESTADO DE ESPORTE E LAZER
SK - SKATE
SUPEROMA – SUPERINTENDÊNCIA MARÍTIMA DE ARACAJU
TCLE – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE ESCLARECIDO

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO: PRIMEIRAS CONSIDERAÇÕES TEÓRICAS, HISTÓRICAS E METODOLÓGICAS.....	17
2 CAPÍTULO 1 PANORAMAS GERAIS DO CAMPO E IMERSÃO NO ESPAÇO	37
2.1 VISÃO PANORÂMICA DO CARTÃO POSTAL: O COMPLEXO DE LAZER ORLA DE ATALAIA EM ARACAJU-SE.....	38
2.1.1 O Skatepark como campo de pesquisa: construção, institucionalização e características atuais	40
2.1.2 Contradições no equipamento público	48
2.2 APROXIMAÇÃO DO CAMPO: ACOSTUMANDO O OLHAR AO ESTRANHAMENTO DO CONHECIDO	56
2.3 IMERSÃO NO ESPAÇO: PESQUISADORA NATIVA OU OUTSIDER.....	58
3 CAPÍTULO 2 LAZER E SUAS FACES NA URBE	109
3.1 O LAZER IDENTIFICADO NO ESPAÇO URBANO: O SKATE COMO OPÇÃO.....	116
3.1.1 O skate <i>for fun</i> : pela paixão e pela liberdade	123
3.1.2 A <i>válvula de escape</i>	129
3.2 LAZER E TRABALHO COMO PAR DIALÉTICO: O PROFISSIONALISMO NO SKATE.....	133
3.2.1 A presença das Tecnologias de Informação e Comunicação (TICs) e as mídias no espaço de lazer: implicações no profissionalismo	145
3.3 LAZER E CONSUMO NO MUNDO DO SKATE	152
4 CAPÍTULO 3 IDENTIDADES E QUESTÕES DE (PRÉ) CONCEITOS.....	157
4.1 CULTURAS JUVENIS, TRIBO OU FAMÍLIA SKATE: UMA TRANSIÇÃO	165
4.1.1 Das <i>antigas</i> à <i>nova família</i> : a representação do skatista no cenário	176
4.2 A IDENTIDADE LOCAL: O SKATE/LAZER DO SERGIPANO	185
4.2.1 Skate Cultura, Arte de Rua: dos <i>modos de fazer</i> à <i>apropriação</i> ...	191
4.3 OS ASPECTOS VISÍVEIS DO ILÍCITO NO MUNDO DO SKATE.....	200
4.3.1 Lazer sobre rodas: <i>O Grito da Rua</i> pela não repressão social	207

5 CAPÍTULO 4 DA SOCIALIZAÇÃO: SOBRE O “CARRINHO” PARA OUTROS “PICOS”	217
5.1 ENCONTROS E COTIDIANO COMO FATORES ESSENCIAIS NO LAZER DOS SKATISTAS	223
5.1.1 Skatepark e <i>Street</i> : a importância do espaço público para a socialização	235
5.1.2 Momentos de competições, comemorações e o vínculo para além da pista	242
5.2 TECNOLOGIAS DE INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO (TIC’S) E MÍDIAS: IMPLICAÇÕES NO CONVÍVIO	248
5.2.1 Socialização na rede: o Facebook como meio	256
5.2.2 Família, skate, escola: complemento entre a ancoragem territorial e a rede social	262
CONSIDERAÇÕES FINAIS: PRIMEIROS TOMBOS SOBRE RODAS	269
REFERÊNCIAS.....	279
APÊNDICES.....	287

1 INTRODUÇÃO: PRIMEIRAS CONSIDERAÇÕES TEÓRICAS, HISTÓRICAS E METODOLÓGICAS

Observar as conformações sociais que configuram os cenários urbanos pode conduzir o olhar do pesquisador a formas de compreensão dos processos geradores e constituidores de cada estrutura presente, além de trazer perspectivas diferenciadas no que concerne às interpretações dos próprios cidadãos. A presente pesquisa, na busca de elucidar alguns dos processos desencadeados no âmbito sociocultural do lazer junto a um grupo social específico de jovens praticantes de skate, conduz a possíveis compreensões e interpretações, à luz do que se pensa atualmente sobre o próprio lazer de modo geral e, em especial, no contexto urbano. Dito isso, vale ressaltar que lazer e equipamento público conjugam a unidade primeira dessa pesquisa, nos quais estão contidos os processos geradores dos grupos sociais: identidade e socialização.

O lazer, portanto, abre caminho a modos de convivência e conformações sociais que de algum modo precisam ser compreendidas, o que só poderia ocorrer mediante a identificação em um local concreto, no qual ocorrem os momentos de lazer dos cidadãos. Neste estudo, o equipamento Skatepark ou pista de skate *Cara de Sapo*¹ situado no Complexo de Esportes Radicais (CER) foi um lugar propício à busca dessa compreensão, pois faz parte de um dos cenários turísticos da cidade de Aracaju-SE, a Orla de Atalaia (OA)², conjunto de

¹ O nome *Cara de Sapo* deve-se à homenagem ao skatista Fabrizio dos Santos, um dos primeiros skatistas sergipanos que atingiu fama internacional.

² Consultar Apêndice nº 3.

equipamentos de lazer visitado por sergipanos e por pessoas de outras localidades do país e do exterior.

Para esse primeiro desdobramento, trazemos a constituição teórica do lazer numa perspectiva dialética, que a um só tempo se fundamenta em direito do cidadão, dever do Estado e fator de desenvolvimento de uma formação humana, levando-se em consideração a complexidade e as dimensões interdisciplinar e multifatorial do lazer³. Um direito conquistado constitucionalmente⁴ e que poderia ser usufruído por todo cidadão, não fosse a ínfima abertura a tal discussão no âmbito político, haja vista as dificuldades encontradas na implementação de resoluções aprovadas nas conferências nacionais de esporte relativas ao lazer⁵.

A dimensão interdisciplinar do lazer surgiu a partir dos questionamentos referentes aos três elementos citados, dado no transitar das pesquisas dessa área pelos campos das Humanidades (sociologia, turismo, estudos culturais) e da Educação Física. Sob esse prisma vislumbra-se uma oportunidade de compreender o lazer também como um elemento onde a formação humana⁶ se faz presente, constituindo-se uma criação cultural que possibilita questionamentos dos próprios

³ Contribuição teórica de Nelson Marcellino, 2002, e Marcellino, 2007.

⁴ Ver Constituição Federal. Disponível em: www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm.

⁵ Ver: Terra *et al.* (2009) e Castelan (2011).

⁶ Pires (2008) propôs o uso da expressão “formação humana”, na perspectiva originária da tradição germânica da *Bildung*, em vez do termo “desenvolvimento pessoal e social”, comumente utilizada nos estudos de lazer, por julgá-la mais adequada ao escopo e abrangência do conceito, inclusive para o diálogo com os outros dois “D” tradicionais do lazer (descanso e divertimento).

valores⁷ do repouso, do divertimento, do aperfeiçoamento permanente das capacidades – física e intelectual – e dos valores sociais e seus significados já arraigados no contexto social onde se desenvolve. Por isso, buscamos em Marcellino (2002) a definição do lazer como a cultura vivenciada: criação histórica portadora de valores capazes de proporcionar às pessoas novas formas de relações sociais; gerada a partir de um tempo privilegiado que contribui para possíveis mudanças de ordem moral e cultural; e, conseqüentemente, fator essencial para a formação da cidadania.

Como criação cultural o lazer não depende somente da conjugação tempo e atitude do cidadão, sendo necessário que, como direito constitucionalmente estabelecido, seja compreendido em sua dimensão multifatorial para a definição de políticas públicas mediante um direcionamento à construção de equipamentos específicos de lazer nas cidades e às ações públicas adequadas às novas demandas da população e os seus interesses.

Por esse motivo corroboramos com Marcellino (2007) quando reforça e insiste na concepção do lazer como questão social que deve ser atendido pelo Estado, cuja função volta-se à garantia da construção, manutenção e condições para o livre acesso e fruição em equipamentos de lazer de qualidade, para que as condições sejam propícias ao desenvolvimento do potencial de formação contido no lazer. Por isso, a importância da existência dos equipamentos públicos, para a vivência concreta das diversas modalidades de lazer, a necessidade primeira de um encontro *face a face*, a partir do qual os vínculos (de amizade ou de

⁷ Esclarecendo que não são os valores setoriais característicos do sentido utilitário do lazer, aqueles para os quais a prática do lazer será uma instrumental, intermediária entre ação e objetivo, um meio para um dado fim.

compartilhamento) são criados. É o equipamento urbano que se faz espaço vivo para e a partir do lazer do cidadão, uma criação cultural que carrega em si um potencial de novas aprendizagens, de autonomia desencadeada pelo convívio cotidiano. Neste sentido, a formação das pessoas que constituem os grupos sociais e mantêm um convívio cotidiano na atualidade perpassa e interpela a perspectiva da estabilidade da identidade, ou das identidades das mesmas, no mundo moderno, até então centrada em uma instituição e contendo uma dada estrutura fixa.

Sob o prisma dos estudos culturais percebe-se uma mudança estrutural experimentada pela sociedade pós-industrial que reverbera na transformação, inclusive das formas como as pessoas passam a conviver, devido a sua identidade fragmentada, por vezes provisória e muitas vezes mutante. Assim, baseado na conceituação de Stuart Hall (2006), o sujeito contemporâneo não tem uma identidade fixa, permanente, mas uma formação que se transforma continuamente em contato com os sistemas culturais que o rodeiam, sendo pois, definida historicamente. Concepção que é compartilhada por Bauman (2005), o qual apesar de acreditar que exista algo de concreto que constitui a essência identitária do ser humano, deixa claro que é um processo único e contínuo para cada ser humano e para os grupos dentro dos quais estão inseridos.

Dada a relevância do atendimento às necessidades e interesses dos cidadãos, os equipamentos públicos são propícios à convivência de diversos grupos de pessoas, as quais no cotidiano deixarão impregnados os signos que darão significado a estes espaços e constituirá uma identidade gerada dos símbolos que lhes darão voz e vida. É no espaço urbano vivido que o cidadão se reconhece e se faz reconhecer, é o

espaço urbano uma espécie de porta voz dos seus frequentadores. Assim sendo, no âmbito escolar ou em outros espaços públicos, é possível notar a presença de grupos cujas formas de ser e estar nos lugares, seus modos de apropriação dos equipamentos ou “modos de fazer”⁸ são facilmente reconhecidos e por este entendimento as modalidades de lazer fazem parte do conjunto de aspectos identitários desses grupos.

Percebe-se, portanto, que no cotidiano os jovens compartilham mais que o lugar, mas experiências entre si a partir das modalidades de lazer. É a partir da identificação cotidiana que nos equipamentos encontram-se muitas pessoas que se dão a conhecer àquelas que não fazem parte do mesmo círculo social nas outras instituições (igreja, família, escola, etc.) onde estão engajadas, e que se aproximam pela convivência em grupos distintos com hábitos e comportamentos singulares.

O cotidiano oportuniza momentos abertos tanto às interações caracterizadas por uma relação mais efêmera e menos comprometida⁹ - uma espécie de coleguismo - quanto àquelas que remetem a uma socialização mais duradoura e de responsabilidade com o outro, que seria a amizade¹⁰. São relações encontradas em grupos constituídos por jovens, como percebemos nas pesquisas de Costa e Pires (2007) e Honorato (2005), dentre outras, com a formação de grupos no âmbito

⁸ Michel de Certeau (1994), em seus estudos sobre vida cotidiana, explica como as pessoas conseguem agir na sociedade, tomar decisões, dar significados às práticas cotidianas, apropriar-se dos lugares a partir do seu “modo de fazer”, isto é, inventar modos de ser e estar nos lugares, reinventar ao seu modo o espaço urbano.

⁹ Pimentel (2006) trata em sua pesquisa dos modos de socialização no voo livre de uma forma intensa de conviver em grupo, mas que não cria vínculos para além daquele espaço de contato pessoal.

¹⁰ Em sua pesquisa Monteiro (2003) fala da amizade como um vínculo duradouro e que se estende a outras redes de relacionamento.

escolar, e de Uvinha (2001), em estudo com skatistas em equipamentos públicos do ABC paulista.

Neste sentido, o espaço-tempo de fruição do lazer como direito social permite ao cidadão a vivência de formas de sociabilidades (SIMMEL, 2006), das quais deriva a socialização (MAFFESOLI, 2006), processo desencadeado somente após a atribuição dos aspectos identitários dos grupos, no qual existe a possibilidade do surgimento do tipo de vínculo mais comprometido. Por isso, o cidadão tem a possibilidade de estar onde se quer no tempo que se tem disponível – um tempo conquistado – e deste modo, as diversas modalidades de lazer se tornam o momento em que as pessoas se permitem estar compartilhando o espaço com outras, que normalmente possuem os mesmos objetivos e constroem vínculos que possibilitam aprendizagens mútuas, onde ocorre também o desenvolvimento do potencial formativo contido no lazer.

Na oportunidade da socialização é interessante observar como as novas possibilidades de comunicação tecnologicamente mediadas, sobretudo das redes sociais, contribuem para o processo de organização e construção interna e coletiva dos grupos em suas práticas de lazer. Hack e Pires (2007) explicam que não é possível refletir acerca da temática do lazer e mídia nas culturas juvenis sem o entendimento de que ela está inserida num todo complexo, permeado pelas inter-relações dos subsistemas que conformam o cotidiano.

Tal compreensão revela a necessidade de: entender como as relações de socialização se configuram entre os jovens; desvendar os valores e significados que os identificam como grupo; detectar estas aproximações e apropriações em relação às TICs nos espaços onde os jovens constroem o seu cotidiano de acordo com as inter-relações que o

permeia. É interessante observar também como as novas possibilidades de comunicação tecnologicamente mediadas, sobretudo através das redes sociais, contribuem para o processo de organização e construção interna e coletiva dos grupos em suas práticas de lazer.

Dito isso, os elementos conceituais e processuais de identidade e de socialização surgem neste contexto a partir do lazer vivenciado do espaço público. Nesta conformação social percebe-se a produção de parâmetros identitários, especificidades encontradas a partir da reconfiguração da sociedade em questão, são processos geradores e ou constituidores de estruturas sociais como grupos de pessoas reunidas a partir de uma modalidade de lazer em comum: o skate.

Vista essa breve elucidação dos aspectos teóricos, elaboramos a **situação-problema** à medida que reconhecemos o Skatepark do complexo público da OA, em Aracaju/SE, como um equipamento de lazer apropriado para a conformação da identidade skatista e uma forma específica de socialização entre estes frequentadores. Tal constatação remete ao seguinte questionamento, como pergunta de partida: *Como se constroem os processos de formação de identidade e socialização no âmbito do lazer de jovens skatistas frequentadores do Skatepark da Orla de Atalaia em Aracaju/SE?*

A partir dessa problemática, a pesquisa tem como **objetivo geral** *compreender a modalidade de lazer do grupo de skatistas como oportunidade à construção de sua identidade cultural e a sua socialização*. Para melhor compreensão e a fim de facilitar a organização da pesquisa foram elaborados vários desdobramentos os quais serviram de questões de investigação e ao mesmo tempo

nortearam o diálogo final entre campo conceitual e campo empírico, assim definidas:

1. *Quais aspectos históricos e socioculturais configuram a criação e a apropriação do Skatepark pelos skatistas?*
2. *Como esse espaço urbano de lazer é compreendido por estes frequentadores?*
3. *Que características dessa prática cultural de lazer contribuem na construção de identidades dos skatistas?*
4. *Como a prática do skate se institui como agente promotor de experiências de socialização?*
5. *Qual o papel exercido pela mídia e as TICs no processo de socialização da chamada **Aracaju Family**¹¹ de skate em Sergipe?*

Além dos argumentos anteriores, que mostram a relevância social e acadêmica do tema de estudo – a saber: lazer, espaço público, identidades e socialidades - essa investigação busca sua justificativa também a partir dos seguintes aspectos: a importância da Orla de Atalaia como um campo aberto a pesquisas; e a realização da pesquisa anterior naquele espaço, considerada aqui como um pré-campo da presente investigação.

¹¹ Ver Glossário.

A OA, em Aracaju/SE, constitui-se num cenário bastante propício para os propósitos desse estudo. Suas condições extraordinárias em termos de intervenção pública de lazer urbano, que dispõe de diversificados equipamentos ao longo dos seis quilômetros constituem espaços públicos, nos quais encontramos pessoas e grupos sociais, em locais, dias e horários diversos. Mesmo com a valorização e o atendimento de interesses dos cidadãos que abrangem os aspectos físico-esportivos, culturais, gastronômicos, de entretenimento, dentre muitos outros detectados por Mendes (2012).

Na área das Ciências Econômicas encontramos uma pesquisa que trouxe alguns esclarecimentos sobre a consolidação do projeto de urbanização da praia de Atalaia e a construção da OA, Feitosa (2007) aponta os interesses econômicos, as críticas da população ao projeto, dentro outros aspectos. Temos também os exemplos de pesquisa na área de Arte e Comunicação, com o estudo de um monumento público denominado Cata-vento, situado defronte ao Centro de Cultura e Arte da AO, uma dentre tantas obras de arte encontradas¹²; na antropologia com a pesquisa *Enobrecimento litorâneo: o lugar de uma cultura de orla*, cujo objetivo está em interpretar o espaço como construto social a partir dos significados que lhes são atribuídos pelos humanos, trabalho que traz breves incursões etnográficas¹³; e ainda na área das Ciências Sociais sobre o turismo sexual deste cartão postal¹⁴.

¹² www.scienciaplena.org.br/ojs/index.php/sp/article/viewFile/1190/606.

¹³ www.xiconlab.eventos.dype.com.br/resources/anais/3/1308396118_ARQ_UIVO_Completo_Conlab.pdf.

¹⁴ www.congressos.ifal.edu.br/index.php/connepi/CONNEPI2010/paper/view/1462

Por isso, a OA tem sido vista por estudiosos de várias áreas de pesquisa como objeto de investigação, como é o caso do grupo de pesquisa Labomídia UFS, na época coordenado por Diego Mendes, que lançou o livro *Projeto Orla*¹⁵ com os objetivos de mapear, entender e discutir sobre sua infraestrutura, ocupação e acessibilidade. Deste modo, a pesquisa serve também para estimular outros estudos nas áreas de interesse e conquistar um espaço de diálogo entre o Poder Público, a Universidade e a Sociedade.

Há que se considerar, portanto, esse potencial de transformação da Orla em campo de estudo para diversas áreas de pesquisa, posto que, o lazer é um dos campos de interesse dentre muitos outros. A Orla é uma construção de características únicas, com uma valorização turística alta para a cidade e para todo o Estado, é ela o principal atrativo no mercado do turismo sergipano, sobretudo para Aracaju.

Para tanto, sua condição de gratuidade na maioria dos equipamentos possui uma forte representação para os seus frequentadores, pois a população visitante revela seu interesse pelas ofertas variadas dos equipamentos públicos. Contudo, mesmo apresentada como um grande conjunto de complexos de equipamentos públicos de lazer, a OA possui suas contradições. Nela encontramos também equipamentos cuja utilização se dá mediante pagamento, por isso, duas formas de ocupação se dão em seus equipamentos: ocupação livre ou pública e aquela que funciona com administração mediante concessões a órgãos associativos e federativos.

¹⁵ A pesquisa intitulada *Projeto Orla* e financiada pela Rede Cedex/Ministério do Esporte teve quatro eixos: *Os Equipamentos de Esporte e Lazer; As Tribos da Orla; As Competições Esportivas; e Acessibilidade e Possibilidades de Lazer: a pessoa com deficiência como foco de análise*. Ver: Mendes *et al.* (2012).

Essa discussão entre o realmente público e essa espécie de privatização do espaço foi iniciada no Projeto Orla, no qual relatamos também que o equipamento Skatepark aparece como um contraponto ao sistema de concessão, diferente de outros equipamentos que se encontram sob a responsabilidade de federações ou associações, cuja utilização exige pagamento. Assim sendo, consideramos de suma importância voltar os olhos à pista de skate, um equipamento totalmente público.

A participação da pesquisadora na investigação do Projeto Orla também se revela como estímulo à realização da presente pesquisa, pois, entre outras coisas, esteve voltado a uma descrição dos frequentadores dos equipamentos dos vários complexos, eixo denominado “Tribos da Orla”¹⁶, onde o principal aspecto se referia à preferência e interesse do uso do equipamento escolhido e a frequência com que era utilizado pelo grupo.

Na ocasião do desenvolvimento daquela pesquisa surgiu o interesse de se investigar os grupos de jovens que realizavam suas práticas de lazer no Skatepark, área de lazer que contempla skatistas, bikers e patinadores. Assim, tomamos aquela pesquisa anterior como um pré-campo para a investigação, sendo que privilegiaremos o aprofundamento do estudo com apenas um dos grupos, os skatistas que circulam e encontram-se naquele equipamento, posto que constituem o maior número de frequentadores e apresentam uma frequência diária no equipamento.

Mais um fator contribuiu para eleger o Skatepark como o campo para investigação junto aos sujeitos da pesquisa (os skatistas): o

¹⁶ Ver Aragão; Garcia (2011).

fato de ser um marco no histórico do skate aracajuano. Ainda que outras já existissem, a construção dessa pista marcou a história de muitos skatistas por ser o ponto de encontro dos skatistas aracajuanos e também de outras localidades do Estado e do país.

Por isso, achamos interessante trazer algumas informações registradas em conversas informais e em fragmentos de entrevistas para compor minimamente o histórico do movimento skatista em Sergipe iniciado em torno do final da década de 1980 com a modalidade *Vertical*, mais tarde abreviada por *Vert*¹⁷. Contudo, ao final da década muitos skatistas já haviam aderido à modalidade *Street*¹⁸, skate de rua, aquele que procura os obstáculos no meio urbano, que desafia a ordem e é desafiado pelas estruturas encontradas pelo caminho no “rolê”.

Esse momento aponta que o skate em Sergipe também passou pela fase de separação do surfe e estava adicionando novas características à identidade, reforçado por programas televisivos, vídeos de grupos de skatistas realizando e inventando manobras em muitas estruturas encontradas nas construções da cidade, fossem elas adequadas ou não. Então, alguns lugares foram eleitos pelos skatistas como picos de encontro, tanto pela facilidade de chegar ao local (onde muitos grupos de vários bairros poderiam marcar para encontrar-se), quanto pelo nível de dificuldade que ele apresentava e as variadas opções de “obstáculos” que seriam os bancos, escadarias, muretas, corrimãos, etc.

Especificamente em Aracaju, graças a movimento de longo prazo, o conjunto complexo dos skatistas constituiu algo de força própria, pois mesmo tendo características de moda em alguns momentos

¹⁷ Ver Glossário.

¹⁸ Ver Glossário.

nessas quase três décadas, o movimento só cresceu e um dos pontos principais desse histórico está relacionado à criação do Skatepark através de uma tentativa de organização em associação e federação. Mesmo não vingando como grupo organizado após sua construção, o Skatepark nasceu em meio a um turbilhão de desafetos e desavenças políticas.

Há que se ressaltar em meio a isso o ponto principal, de que não havia em Aracaju um equipamento público que comportasse tantos skatistas e pessoas de tantas outras modalidades de lazer, sendo que o Skatepark trouxe de volta aos skatistas a possibilidade desses encontros, já que antes, em virtude do crescimento do número de adeptos, começaram a haver subdivisões entre bairros e pistas públicas e particulares.

Assim, a pista Cara de Sapo tem uma história própria e dentro dessa história ela é consequência e é também causa: é consequência do grande movimento de skate e é causa agora para reforçar esse movimento. Um espaço com “alma própria” decorrente desse movimento que foi sendo construído ao longo do tempo.

Para alcançar o objetivo e tentar responder às questões de investigações propostos, englobando todo esse contexto skatista após o marco da construção do Skatepark/pista de skate Cara de Sapo, articulamos o “caminho do pensamento”, isto é, os traçados metodológicos meticulosamente escolhidos, os quais foram ponto vital nesta pesquisa.

Nortemos este caminho para um processo de investigação no qual trouxemos elementos específicos do modelo etnográfico de investigação como a observação, a entrevista e o diário de campo.

Apesar de não ser um estudo etnográfico, é válido ressaltar que esforço intelectual que Geertz (1989) denomina “descrição densa” foi um estímulo e um ponto chave para as descobertas nesta pesquisa participante, pois sem o interesse de “ver melhor” e de “construir uma leitura (de)” o estabelecimentos da relação entre pesquisadora e sujeitos, os mapeamentos do campo, a manutenção do diário de campo e a seleção dos informantes não teriam ocorrido.

Definimos, por isso, uma pesquisa de Observação Participante que para ser realizada a sua fase empírica foram necessários dois momentos que decorreram em quatro meses, sendo: i) fase de aproximação e capturas de informações gerais com registros escritos; e ii) fase de realização de entrevistas com registros escritos e audiovisuais. A fase de aproximação, ocorrida em aproximadamente um mês (entre janeiro e fevereiro de 2012), correspondeu ao momento de familiarização da pesquisadora com espaço e seus frequentadores e vice-versa. Nesta fase o Diário de Campo (DC) foi o instrumento mais utilizado a partir das observações e conversas informais que complementavam os registros escritos, sempre pontuais. Nesta fase, fizemos toda a caracterização do equipamento, a organização dos grupos e distribuição em seu espaço; a frequência de ocupação, os dias e os horários.

No segundo momento, entre março e meados de maio, a entrevista semiestruturada (individual e/ou em pequenos grupos) foi o principal instrumento, para a qual utilizamos aparelho gravador e filmadora e cuja realização se deu de acordo com o roteiro construído a partir da literatura¹⁹ e das informações advindas das conversas no

¹⁹ Anexo

campo, com direcionamento aos comportamentos, organizações, usos, costumes, incluindo a aproximação dos entrevistados com as TICs.

Esse acompanhamento pode ser acrescido também pelo contato através da rede social Facebook que ocorreu desde meados de março até o mês de julho, mesmo já tendo sido encerrada a etapa de campo propriamente dita²⁰. Em virtude do uso constante da rede social especificada pelos skatistas o acompanhamento foi realizado no intuito de colher elementos que pudessem contribuir com a discussão que traz as TICs e mídias ao contexto jovem na nossa atualidade e a relevância das mesmas para a consolidação e manutenção dos vínculos criados de socialização.

O perfil no facebook dos jovens skatistas que concederam entrevista foi visitado, num total de 30 perfis. Foram recolhidas fotografias e imagens que estivessem relacionadas aos temas principais de pesquisa, principalmente em relação ao convívio dos mesmos; além disso, muitos comentários também fizeram parte desse material. Assim, o material recolhido na rede social foi organizado por mês e por conteúdo.

As entrevistas ocorreram em grupo, duplas e individualmente em virtude do tempo disponível dos colaboradores e do desejo de conceder as informações. Contabilizamos dezessete entrevistas, sendo quatro em pequenos grupos; seis em duplas; e sete entrevistas individuais, totalizando trinta e cinco (35) sujeitos entrevistados. Deste número, destacamos que cinco (5) eram do sexo feminino, e as demais eram do sexo masculino, um grupo com um grau elevado de diferença

²⁰ É válido lembrar que consta no Termo de Consentimento Livre e Esclarecido a possibilidade desse acompanhamento dos sujeitos, com o recolhimento de informações dos seus perfis.

de idade, cuja faixa etária variou entre 10 e 39 anos. Vale lembrar que todos assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), sendo que os menores de 18 anos tiveram o consentimento avalizado pelos pais ou responsável.

O processo de transcrição das entrevistas se deu em um mês e meio para chegarmos à formação do *corpus* de análise²¹. Visando apreender os elementos do universo da pesquisa, vimos que neste momento devíamos tentar compreendê-los em sua normalidade sem reduzir sua particularidade, como bem explica Geertz (1989) na sua interpretação das culturas, cujo entendimento da particularidade contribui ainda mais para não fazer generalidades do todo e para perceber o que há de comum no universo do qual participa. Foi o momento de análise no qual fizemos emergir do cenário social a fecundidade da subjetividade e das significações, dentro das circunstâncias em que se dão os acontecimentos observados no campo.

Procuramos compreender as diferenças para então explicá-las, e na tentativa de ver melhor as maneiras de ser agir do grupo social composto por skatistas, demos prosseguimento às interpretações e formas de compreensão desse contexto a partir de três desdobramentos, ou três capítulos (II, III e IV) resultantes do diálogo dos dados obtidos com os componentes teóricos. Antecede a estes, um capítulo (I) destinado a descrever o processo de aproximação e imersão no campo de investigação.

O primeiro capítulo, Panoramas Gerais do Campo e Imersão no Espaço, como o próprio título já mostra, trata de uma apresentação do

²¹ Por dificuldades operacionais não foi possível retornar as transcrições aos sujeitos antes de serem analisadas.

campo de pesquisa e uma descrição minuciosa do equipamento em suas características estruturais e organizacionais, onde alguns elementos da pesquisa antropológica são chamados para compor as possíveis interpretações. O último item deste capítulo consiste, em grande parte, na descrição direta do conteúdo documentado no DC, uma leitura que remete à total imersão da pesquisadora no campo de observação. Apresentamos neste primeiro momento uma visão externa sobre o contexto estudado, uma perspectiva panorâmica. Lembramos que a cada nome de skatista citado pela primeira vez, veremos em nota uma descrição de acordo com as características registradas no DC.

Diferente do capítulo anterior, os demais são desenvolvidos a partir da tentativa de interação orgânica entre teoria e campo, envolvendo, principalmente, a visão dos skatistas mediante as entrevistas. Assim, no segundo capítulo, O Lazer e suas Faces na Urbe, trazemos uma discussão teórica sobre a qual fundamentamos todo o diálogo a respeito do lazer nessa pesquisa, identificando o skate como uma opção no espaço urbano e os mais diferentes objetivos, interesses e interpretação dos seus adeptos à modalidade escolhida. Paixão, liberdade, válvula de escape, profissionalismo fazem parte do composto e dentro deste contexto encontramos as implicações da presença das TICs e mídias e as contradições do consumo no mundo skatista.

No terceiro capítulo, Identidade e questões de (pré) conceitos, abrimos espaço ao diálogo com algumas questões conceituais como Culturas Juvenis, Tribo Urbana e uma denominação que teve sua aparição na fase empírica, o termo Família, o qual foi encontrado autodesignando o grupo de skatistas aracaJuanos. Neste capítulo, após sugerirmos uma transição desses conceitos, fazemos uma incursão nas

principais características que compõem o processo identitário pelo qual transita o grupo skatista desde os mais antigos aos mais novos. Mostramos suas semelhanças e diferenças de opiniões, um aspecto peculiar de diferença em um grupo cuja representação social é homogênea.

Como último capítulo, em Da Socialização: sobre o *carrinho para outros picos*, buscamos encadear uma sequência de aspectos que constituem o processo de socialização derivado do processo anterior, o identitário, sendo que a socialização depende deste último, cuja relação inversa não ocorreria. O caso é que após a identificação entre as pessoas outros fatores possibilitam que os vínculos não sejam efêmeros, mas duradouros e aqui elencamos os possíveis elementos que contribuem para a visível geração de vínculos mais compromissados no grupo skatista, como fatores cotidianos; a reunião e o encontro em torno de uma mesma modalidade de lazer; o equipamento de lazer como espaço urbano essencial ao processo de socialização; as competições e comemorações; e em especial o vínculo para além da pista possibilitado pelo acesso as TICs e mídias. E neste último, temos a possibilidade de observar como as diversas tecnologias aparecem no contexto jovem e como contribuem à interação social entre os sujeitos estudados e suscitam novas interpretações dessa interação.

A título de conclusões da pesquisa, expressamos em Considerações Finais: primeiros tombos sobre rodas uma espécie de sumarização dos principais achados da pesquisa, articulando-os com o objetivo do estudo, a situação-problema e as questões de investigação. Neste sentido, podemos antecipar que o campo, embora revelador e aberto mostrou-se muito mais amplo e complexo do que poderia ser

abarcado pelas observações empreendidas, o que implica no reconhecimento da provisoriedade e da incompletude das nossas considerações no presente estudo.

2 **CAPÍTULO 1** **PANORAMAS GERAIS DO CAMPO E IMERSÃO NO** ***ESPAÇO***

Ao olhar de um pesquisador importa a busca pelos sentidos e significados que perpassam pela diversidade cultural, o desconhecido é alvo, é o chamariz, o desafio, e

O processo de acercamento e descoberta desse significado pode ser trabalhoso, mas o resultado é enriquecedor: permite conhecer e participar de uma experiência nova, compartilhando-a com aqueles que a vivem como “natural”, posto que se trata de sua cultura (MAGNANI, 1996, p.18).

Toda pesquisa tem seus percalços e suas maravilhas, sempre enriquecedora, de fato. A experiência em si já expressa algo de concreto e significativo de algum modo para o pesquisador, porém o mais incrível é dispor-se a compreender as experiências humanas, o convívio social e suas formas a partir de outras perspectivas. Deste modo, o que se diz “natural” é de fato natural, sem distinções, apenas formas de viver e ver diferentes, pois se existem culturas e não somente cultura, todas são naturais e significativas a partir de suas singularidades e complexidades.

Dentro das mais variadas opções de campo de pesquisa a cidade apresenta-se como um ecossistema riquíssimo, constituído por nichos observáveis, palpáveis, que podem ser experimentados e acercados, mas nunca compreendidos por completo e aí se encontra a constante reformulação da vida urbana o que nos serve de estímulo à reflexão do contexto. Oportunidade única de compreender as sociedades e suas comunidades diásporas, mas também de atravessar as fronteiras que, na realidade, não imobilizam (HANNERZ, 1997).

2.1 VISÃO PANORÂMICA DO CARTÃO POSTAL: O COMPLEXO DE LAZER ORLA DE ATALAIA EM ARACAJU-SE

Como preparação para adentrar ao campo de pesquisa é preciso situá-lo. Portanto, onde nos encontramos? Na Orla de Atalaia em Aracaju, capital sergipana, que abriga um dos complexos de lazer mais completos a nível nacional. O título renomado de Cartão Postal foi concedido desde sua concepção na condição de projeto urbano, pois se tratava de uma grandiosa obra política do Governo Estadual da época.

A construção do conjunto de complexos públicos de lazer Orla de Atalaia fez parte do plano de governo João Alves Filho em dois mandatos: o primeiro 1991/1994 e o segundo 2003/2006. A obra foi construída em mais de quatro etapas a partir de um projeto de urbanização da orla da praia de Atalaia, a praia mais frequentada da capital até os dias atuais.

Foi um projeto que criou um embate entre as instâncias Municipal e Estadual do governo, pois ambos possuíam projetos distintos para o mesmo espaço. No entanto, após uma disputa judicial o governo estadual tomou as rédeas e promoveu sua construção a partir de uma guerra fiscal proposta pela política neoliberal em profundo avanço na época. Uma política que busca promover atrações para investimentos ao sabor da economia, transforma a cidade em mercadoria e suas ações não passam de execução de grandiosas obras de infraestrutura e construção de empreendimentos imobiliários ditados por uma conjuntura política que nem sempre atende as necessidades da população.

Na época, de acordo com Feitosa (2007) houve reivindicações em virtude da população retirada dos locais onde seriam construídas as

obras de revitalização. Uma comunidade foi removida em benefício à garantia de novos investimentos, fontes geradoras de emprego, pela promessa de transformar a cidade em um lugar inovador, excitante, criativo para visitar e consumir. Uma parceria informal público-privada entre governo e empresas (construtoras) para assegurar a chegada de fontes externas de financiamento. Atualmente, o Governo do Estado administra a OA e todos os Complexos de Esporte e Lazer através de três órgãos: Secretaria de Infraestrutura (SEINFRA), Secretaria de Turismo (SECTUR) e a Secretaria do Estado de Esporte e Lazer (SEEL).

A SEINFRA é o órgão responsável pela estrutura, manutenção, limpeza e iluminação de todo o complexo incluindo todos os equipamentos públicos distribuídos pela Orla, através da Superintendência da Orla Marítima de Aracaju (SUPEROMA), com exceção daqueles que estão sob a responsabilidade das associações ou federações da modalidade específica contemplada pelo equipamento, exemplo: Kartódromo, Complexo Tenístico e Pista de MotoCross, que são as associações e federações instaladas no local que mantêm o local com recursos próprios, as quais se tornaram responsáveis pelo mesmo desde o ato de inauguração²². Pensa-se que isso seja feito através de processos de concessão.

O gerenciamento e organização de eventos de cunho turístico dos equipamentos públicos da Orla são agenciados pela Secretaria de Turismo do Estado (SECTUR) através da EMSETUR, órgão anexo, assim como a SUPEROMA é vinculada à SEINFRA. A EMSETUR

²² Informações concedidas pelo Diretor Geral da Superoma, Sr Helder Gonçalves, representante da Seinfra no complexo.

gerencia tudo, desde associações de feirantes, shows, eventos, feiras, barracas, quiosques, restaurantes, brinquedos, etc. É também responsável em questão de uso e concessão de alguns equipamentos como o Espaço de Eventos da Orla. Já a SEEL é responsável pelos usos, organização e apoio a eventos ocorridos em todos os equipamentos de características físico-esportivas, inclusive àqueles vinculados às associações e federações.

A Orla já foi e continua sendo alvo de vários trabalhos de cunho social, educacional e, principalmente, turístico e agora compõe um dos cenários aracajuano com potencial para pesquisas, principalmente na área do lazer. Há uma variedade de opções físico-esportivas, culturais, artísticas, gastronômicas, de entretenimento, dentre outras, que atende aos mais variados interesses daqueles que a frequentam. Toda a OA é composta por complexos esportivos e de lazer, ao longo dos seus seis quilômetros, são quadras poliesportivas e específicas, Complexo Tenístico, de Esportes Radicais, Kartódromo, MotoCross, espaço de aeromodelismo, ciclovia, equipamentos de ginástica, mesas para jogos, enfim, há uma abrangência de equipamentos que atendem a quem podem dela usufruir.

2.1.1 O Skatepark como campo de pesquisa: construção, institucionalização e características atuais²³

Neste item será possível verificar como o campo de pesquisa está constituído, as suas principais características, informações sobre sua

²³ A descrição que se segue está composta por informações também do Diário de Campo (DC) e das impressões diárias, além de atualizações a partir da rede social Facebook.

organização e órgãos responsáveis. Presentes, itens como infraestrutura, segurança, manutenção, modificações causadas pelos frequentadores, curiosidades e atualidades.

Iniciando pela sua construção, a pista de skate ou Skatepark “Cara de Sapo” – homenagem ao skatista sergipano Fabrizio Santos, conhecido no cenário mundial – é um dos maiores equipamentos esportivos do espaço da Orla e um dos poucos que é totalmente administrado e mantido pelo Estado, criado na terceira etapa do projeto e finalizado (parcialmente) no ano de 2004. Na época a população sergipana passou a ter a maior e mais moderna pista de skate do país, a única no Brasil, com todas as especificações técnicas, para realização de competições de nível internacional²⁴.

O Skatepark encontra-se no CER, com uma dimensão de quatro mil metros quadrados a pista possui vários obstáculos para a modalidade Street (*Banks, funbox, wall ride, quartier pipe*²⁵, escadas, pirâmides com escadas, caixote e savana com corrimão), sendo ao todo 27 obstáculos²⁶. Toda ela assemelha-se às características da urbe, com objetos, equipamentos e construções que caracterizam as projeções para uma localidade urbana, como bancos (de praça), calçadas, escadas, rampas de acesso, corrimãos dentre outros.

O CER contém mais dois equipamentos Rampa Vertical (Half Pipe²⁷), própria para a prática do skate na modalidade *Vert* e também

²⁴ Dados disponíveis em <http://infonet.com.br/noticias/ler.asp?id=26547&titulo=esporte>. Acesso em outubro de 2011.

²⁵ Ver Glossário.

²⁶ Disponível em: <http://www.skatistaonline.com/category/cidade/aracaju>. Acesso em março de 2011. Observação: atualmente encontra-se indisponível.

²⁷ Ver Glossário.

uma Parede de Escalada, terceiro e último item do complexo de esportes radicais, a qual a população também tem acesso livre. Porém, é preciso deixar claro que não há utensílios de segurança no local, as escadas para a subida e descida na parede já estão desgastadas pela maresia e o chão no entorno da parede não tem nenhum minimizador de impactos. Este espaço fica cercado por uma grade, mas que permanece constantemente aberta, fato que merece destaque devido a constante aproximação de jovens e crianças não aptos à prática de escalada, o que pode causar acidentes.

As primeiras informações acerca da projeção da obra da pista (nessa época a Rampa Vertical e a Parede de Escalada já estavam construídas) foram sempre as mesmas, isto é, que seu desenho foi projetado pelo skatista sergipano Fabrízio Santos, (Cara de Sapo). No entanto, alguns indícios durante a aproximação trouxeram outras informações, pois havia outro nome envolvido nesse processo, Eduardo Freire. Assim, o fato foi constatado em algumas entrevistas e, deste modo, Eduardo parece ter sido o skatista que esteve mais envolvido no processo de construção; foi ele quem conseguiu colocar no papel e ajudar a transportar para o concreto o que existe de melhor nos circuitos de alguns países da Europa, mas principalmente da Califórnia-EUA, locais que possuem as melhores pistas do mundo.

A obra foi acompanhada e supervisionada pelo próprio Eduardo, sempre atento às modificações que deveriam ser processadas no decorrer da construção, visto a impossibilidade da presença de Fabrízio, em virtude dos seus compromissos, já que mesmo residia fora do país. Além disso, mais um nome merece destaque nesta realização, a presidente da Federação Sergipana de Skate (FSSK) na época, Flávia

Santos - irmã do Cara de Sapo – atuante na organização política para representar os skatistas sergipanos e através da qual ocorreu contato com o governo para idealização da obra.

Do ponto de vista associativo (não governamental), três órgãos foram identificados como atuantes no skate sergipano com dados colhidos na internet: a Federação Sergipana de Skate (FSSK), cujo sítio na internet está inativo, mas que foi por muito tempo presidido por Flávia dos Santos, vinculada à prática de skate através do irmão e do marido – a FSSK atualmente não possui reconhecimento pela Confederação Brasileira de Skate e da qual não foi identificado nenhum membro durante a pesquisa; a Associação Sergipana de Skate Amador (ASSA), presidido por um lojista, o ex-skatista Sérgio Guerra, não possui página oficial na internet, mas está envolvida em promoções de eventos e campeonatos no equipamento Skatepark e em outras pistas da cidade; Associação Sempre Skate (ASSK), presidida e mantida por um grupo de skatistas liderado por Armando de Melo, que constantemente está promovendo eventos dentro do circuito nacional e atualizando sua página inicial na internet e é, por fim, a única reconhecida nos endereços eletrônicos oficiais da Secretaria de Esporte e Lazer e da Confederação Brasileira de Skate²⁸.

Porém, mesmo existindo os três órgãos supracitados, não houve indício da presença efetiva dos mesmos no equipamento, a não ser nos dias do campeonato ocorrido em fevereiro deste ano, como consta na descrição de imersão ao campo no item a seguir.

²⁸ Identificação através de busca nas páginas: www.cbsk.com.br/; www.seel.se.gov.br/. Acessado em: maio de 2012.

O Skatepark, com já esclarecemos, é um dos espaços de “livre acesso” ao público que frequenta a orla sem nenhum tipo de restrição ou taxa para sua utilização, foi uma vitória do público adepto das práticas radicais, em especial do skate, dizem os skatistas. É importante frisar que pelas suas características, com grande variedade de obstáculos e semelhança com o ambiente urbano, todo Skatepark atrai não somente skatistas, por isso, dentre as diversas modalidades de atividades corporais esportivas e de lazer encontradas na orla há ao menos três tipos em torno das quais rotam a presença e permanência dos grupos sociais que frequentam o Cara de Sapo Skatepark: em menor proporção a patinação, pouco expressiva, talvez em virtude da existência da pista de patinação no mesmo complexo de lazer; seguida da atividade com bicicleta, normalmente denominada pelos seus praticantes de BMX (Bicycle Moto Cross) Free Style Park, isso para diferenciar dos ciclistas que utilizam as ciclovias existentes em toda a extensão da orla e de outros que também passeiam com bicicletas (aro 26) dentro do espaço da pista; e por fim, o skate, modalidade com maior número de praticantes e que por muito tempo foram os únicos com permissão de usufruir do equipamento.

A pista de skate de Aracaju tem uma característica única em relação aos demais equipamentos do Complexo: os desenhos em grafite constitui um dos elementos que compõe a cultura *hip hop*, um dos movimentos que exerceu influência sobre o movimento skatista desde o final da década de 1970 até hoje, principalmente com seu estilo musical (AGUIAR, 2012). A pichação também faz parte deste equipamento, são gravuras (entre grafites e pichações) que dão um colorido diferente do que normalmente é visto em toda Orla, são também símbolos, signos,

emblemas que adornam todo o equipamento. É um colorido envelhecido, que mostra a ação do tempo e a falta de retoque. Durante todo o período de observação constam, em registro, dois momentos sobre o processo de pintura. Porém uma delas, em janeiro, se restringiu a uma das paredes laterais da Rampa Vertical e, em fevereiro, em virtude do campeonato, os Banks²⁹ (obstáculos semelhantes a piscinas rasas) foram coloridos e em suas laterais puseram cor única, porém ao longo das observações pichações foram surgindo sobre os novos grafites e nas paredes pintadas.

Outro aspecto curioso é a presença de variados objetos de madeira, cimento ou plástico utilizados como obstáculos, registrados desde o início do acompanhamento ao local. Os próprios skatistas é que acrescentam estes objetos porque não há na pista obstáculos que contemplem os iniciantes na atividade do skate, assim, algumas manobras são treinadas com um pouco de criatividade e improviso, principalmente, o *ollie*³⁰, manobra que o skatista é obrigado a transpor um obstáculo por sobre ele, sem tocá-lo, nem perder o contato com o skate e retornando ao equilíbrio no solo. No quesito improviso e criatividade eles ainda são os criadores de alguns dos corrimãos e por si, encaixam em alguns dos obstáculos e ainda fazem questão de batizá-los.

São características que mostram um dos modos de apropriação daqueles que frequentam o equipamento, são os *modos de fazer* conceituado por Michel de Certeau (1994), a partir dos quais a presença humana é identificada, ainda que os indivíduos não estejam presentes, é a característica de um *lugar* que por possuir uma singularidade e uma

²⁹ Ver Glossário.

³⁰ Ver Glossário.

significação a partir da ação humana torna-se *espaço*, um espaço vivido, construído ao longo do tempo no cotidiano, que tem uma história. Assim, as pessoas que dele usufruem e nele deixam suas marcas lhe atribuem significados, principalmente os skatistas, por sua maior permanência, eles reinventam seu espaço urbano reconfigurando a pista.

Os grafites são feitos por diversos grupos de grafiteiros que também são skatistas, alguns trabalham com isso, são formados na área de arte e/ou *design*, muitos são tatuadores também ou, como foi visto nos dias do campeonato em fevereiro, são pessoas que além de skatistas possuem um vínculo empregatício com aquele que promove o evento, comerciantes e lojistas também vinculados a essa área esportiva. Os desenhos e pinturas em geral são feitos sem o consentimento do órgão do governo responsável por aquele equipamento, no entanto, quando ocorre campeonato, esse quadro é invertido³¹. Todos os grafites possuem identificação, contudo, as autorias das pichações não foram identificadas durante as etapas desenvolvidas em campo.

A pista ocupa o mesmo espaço deteriorado da Parede de Escalada, também não possui constante manutenção, tem grandes rachaduras no chão e nos obstáculos; pode-se facilmente encontrar garrafas de bebidas quebradas na pista ou pelos cantos das estruturas, indicando um descuido tanto do órgão responsável, quanto por parte dos próprios frequentadores, pois os mesmos reclamam a falta de recipientes

³¹ Em uma conversa informal com o Diretor Geral da Orla, houve a informação de que era uma atividade ilícita, no entanto, quando os promotores do campeonato de skate - ocorrido em fevereiro juntamente com as atividades do Projeto Verão do Estado – fizeram os grafiteiros nos Banks e pintaram algumas paredes em obstáculos pichados foi permitido, inclusive com material (tinta, pincéis, etc.) cedido pelo próprio órgão do governo.

coletores, já que em todo o equipamento de quatro mil metros quadrados há somente um para atender um grande público diário.

No quesito infraestrutura destacamos também que dos oito refletores apenas cinco funcionavam normalmente nos primeiros dias de observação, no entanto, ao longo dos meses havia sempre queima e reposição; durante todo o tempo de observação o alambrado permaneceu perfurado em muitos pontos, dos quais se faziam passagens improvisadas de acesso ao complexo e à pista. Ainda tratando da constituição e infraestrutura do equipamento, existem três blocos na lateral esquerda da entrada principal do complexo, são dois banheiros e uma instalação destinada à Federação Sergipana de Skate, cujo local nunca foi ocupado pelo órgão.

Quanto aos banheiros, estes são chaveados, sua utilização está restrita aos associados da organização dos feirantes do comércio de artesanato, cuja associação é coordenada pela EMSETUR, e fica localizada aos fundos do Complexo de Esportes Radicais. O terceiro bloco tornou-se guarita na qual havia sempre um Policial Militar do Batalhão Especial de Segurança Patrimonial (BESP). Contudo, no quesito segurança, a presença de um policial que sequer faz um trajeto diferente daquele que percorre a entrada principal ao seu “ponto de observação” na guarita não faz muita diferença no local e raramente a patrulha do departamento de turismo situado na própria Orla comparece. Dos quatro meses no campo, apenas duas ou três vezes foi registrada presença de policiais da Delegacia de Turismo, ainda assim, uma delas foi ocasionada por denúncia acerca de consumo de produtos ilícitos, uma prática bastante comum, principalmente por grupos de pessoas que

não tem interesse físico-esportivo no equipamento, salvo exceções. Contudo, a pouca segurança no local é visível.

Até aqui é possível ter um panorama geral da pista de skate Cara de Sapo e os aspectos que a constitui em como equipamento público de lazer. A seguir, algumas questões pertinentes surgidas a partir da imersão ao campo e que por influenciar diretamente em seu cotidiano merecem ser consideradas.

2.1.2 Contradições no equipamento público

Como direito constitucionalmente estabelecido, o lazer precisa ser compreendido em sua dimensão multifatorial para a definição de políticas públicas. É essencial ter garantida a construção de espaços específicos de lazer nas cidades e que as ações públicas estejam adequadas às constantes e novas demandas da população.

Como alertamos o poder executivo, além de garantir a construção, manutenção e boas condições para o livre acesso a equipamentos de lazer com qualidade, deve desenvolver com o mesmo compromisso ações políticas destinadas à valorização desse direito, sejam elas a partir de programas sociais, ou em parcerias visando à educação para e/ou pelo lazer. Isso, para promover o incentivo aos cidadãos à escolha e ao aproveitamento dessa vivência com autonomia.

Contudo, estamos tratando de um equipamento denominado Skatepark que em sua organização e administração apresenta duas problemáticas que impedem que a população tenha acesso ao mesmo com total qualidade. De um lado, algo se deve ao poder administrativo presente, por outro lado, algo de responsabilidade se deve também a

algum tipo de órgão representativo (associação ou federação) dos maiores frequentadores do Skatepark, os skatistas.

Antes de adentrar na especificidade do Skatepark, é preciso compreender que há uma lógica administrativa no Complexo de Lazer Orla de Atalaia que distribui sua organização a partir de instâncias não somente públicas, mas também privadas. Um quadro que já apresenta contradições no que se refere ao direito de toda a população sem distinções, mas que faz parte de uma política neoliberal do setor público administrativo e geral e se faz presente desde a primeira etapa dessa obra.

Sabe-se que toda a Orla é administrada pelo Governo Estadual e de acordo com o Diretor Geral da SUPEROMA, há equipamentos de “cunho privado”³², nos quais o Estado não mais intervém a partir de sua inauguração, pois ele se encarrega de construir e conceder a um órgão responsável, normalmente federação (Ex: Federação Sergipana de Tênis/Complexo Tenístico) ou associação (Ex: Associação Sergipana de Kart/Kartódromo).

Este fato revela-se como o primeiro fator que desencadeia vários questionamentos em torno da especificidade do Skatepark, a qual será discutida a partir de agora. Por consequência da transferência de responsabilidade (entre Estado e órgãos associativos e/ou federativos), os equipamentos cujas associações e federações atuam com regras próprias, são visivelmente os mais organizados em comparação aos demais, principalmente com relação ao Complexo de Esportes Radicais, onde encontramos o Skatepark.

³² Pode estar se referindo a concessões ou comodatos, pois aqueles equipamentos ditos privatizados estão sob custódia de associações e/ou federações.

Observamos no CER quadro insuficiente de funcionamento em questão de estrutura: iluminação e estrutura em geral com as mínimas condições de funcionamento; e a presença de grupos de pessoas que se instalam frequentemente em seus obstáculos com o intuito de consumir produtos ilícitos. O Skatepark é um equipamento propício ao lazer do cidadão aracajuano e aos demais visitantes, a um público apreciador dos esportes radicais, aos pais e mães que levam seus filhos para desfrutar de um equipamento de lazer, embora apresente nesta descrição algumas questões paralelas que interferem em sua organização e existência.

Estes elementos são destacados para refletir primeiramente a atuação do governo, com uma representatividade questionável a partir de três órgãos, para uma mínima garantia de acesso e qualidade a um equipamento público. O fato do pouco compromisso em prol do acesso ao lazer para com a população visitante daquele equipamento e a concessão de muitos equipamentos gerou uma instabilidade no funcionamento do Skatepark fazendo surgir outra questão que não somente responsabiliza o Estado, mas também a organização local dos representantes da modalidade de lazer mais apreciada no equipamento, o skate.

Encontramos uma contradição ao perceber que enquanto a atuação legal e privada de uma associação ou federação restringe o acesso da população e exclui os cidadãos como se eles não tivessem o direito de usufruir de equipamentos de lazer com qualidade, a inoperância desse tipo de órgão permite que o Estado não seja cobrado devidamente, que seus órgãos atuem sem o devido compromisso e que outros órgãos (como empresas e marcas comerciais) atuem no

equipamento apenas como exploradores, uma relação que apresenta uma espécie de “semiprivatização”.

Não apresentamos aqui uma possibilidade de transferir a responsabilidade do funcionamento do Skatepark para um órgão privado, como percebido em outros equipamentos citados. Na verdade a proposição está direcionada ao questionamento da ausência de uma organização popular junto aos órgãos públicos, pois o CER é um dos poucos com livre acesso na Orla e poderia continuar com este funcionamento, porém, seria essencial alcançar uma qualidade melhor para oferecer ao seu público o bem-estar desejado. Se há oito anos o Skatepark foi uma vitória para os skatistas parece que o valor não está sendo reconhecido no presente.

O questionamento principal, neste momento, não se remete somente ao poder público, mas também à atuação, ou melhor, a falta dela por parte de uma federação ou associação que poderia assumir seu lugar no Skatepark, junto aos órgãos do Estado. É preciso entender que o equipamento em questão parece sofrer uma crise de institucionalidade, ou seja, existem duas associações e uma federação representantes dos skatistas, mas são órgãos que não apresentaram consolidação e consistência no trabalho e que não se fazem representar efetivamente no cotidiano e que às vezes só existem ocasionalmente para promover eventos. Esse aspecto foi constatado a partir de conversas e observações durante a imersão no campo de pesquisa.

Dos três órgãos identificados (ASSA, FSSK e ASSK) e que poderiam representar o skate sergipano, apenas a Associação Sempre Skate tem cadastro na página oficial da Secretaria do Estado de Esporte e Lazer e na Confederação Brasileira de Skate, as demais não constam.

É certo que a necessidade de três órgãos representativos de uma só modalidade deve-se ao fato de ser uma regra para a criação de uma Federação, no entanto, como disse o presidente da ASSK em entrevista “a necessidade é de trabalho sério, indiferente de quantidade”.

Entende-se a partir desse momento que existem órgãos que poderiam atuar mais efetivamente no Skatepark, o que há de fato é uma inoperância nesse sistema, fator que remete à relação Estado/federação/associações, um aspecto de difícil entendimento, uma relação que não se fez compreender no tempo de pesquisa, por vários fatores, inclusive tempo, pois desviaria um pouco do foco principal da mesma. No entanto, através de alguns dados colhidos, informações puderam ser captadas acerca dessa relação. Em suma, a SEEL, órgão do Estado, apoia eventos promovidos por associações no Skatepark (como *Nordeste Skate Legend*, ocorrido em fevereiro), algumas destas, por sua vez carregam nomes empresariais e possuem vínculo comercial.

O fato é que empresas e marcas de produtos relacionadas a skate estão envolvidas no evento através de um órgão representativo, o qual promove um joguete propagandístico em um local público do qual não se sabe a lógica de organização. Não foi possível identificar, por exemplo, nenhum tipo de retorno ao equipamento em si, ao menos nada de efetivo, nem mesmo a limpeza como foi constatado em dias de observação, pós-campeonato. Eis a atuação em um regime “semiprivatizado”, onde empresas particulares são promovidas sem oferecer nada em troca. Portanto, se limpeza, reformas e demais aspectos que influem no bom funcionamento do equipamento na rotina diária e em tempos de eventos são responsabilidade cabíveis à

SUPEROMA, o que fazem então as associações e empresas promotoras destes eventos?

O Diretor Geral da SUPEROMA afirma que não há um documento que defina as obrigações daqueles que promovem eventos nos equipamentos, seja associação, seja a própria SEEL. Há sempre desvantagens quando o equipamento é público, pois se houver algum estrago ou este órgão se responsabiliza, ou o equipamento permanecerá sem o devido reparo. Um órgão que represente o skate seja na sua modalidade profissional ou de lazer no Skatepark, que seja reconhecido e respeitado pelo Estado e que dialogue com as instâncias responsáveis para organização e manutenção do equipamento seria uma forma de organizar um equipamento público.

Dentre outros, no caso específico da veiculação de marcas, o equipamento poderia servir como veículo propagandístico sim, porém com a atuação de um órgão representativo isso não se tornaria algo “predatório”, ou uma relação de exploração somente, a associação ou federação poderia exigir dos promotores de evento, junto com o setor administrativo da Orla, medidas que pudessem reestabelecer o mínimo de qualidade ao equipamento antes, durante e depois da utilização do mesmo. Este é somente um exemplo de como uma associação ou federação poderia atuar em prol do grupo skatista que frequenta o Skatepark.

Contudo, o Skatepark e os demais equipamentos do CER, Rampa Vertical e Parede de Escalada, são equipamentos públicos. As pessoas se apropriam, constroem suas próprias regras de funcionamento diário, diferente daquele dirigido em dia de campeonato, onde somente a presença de skatistas competidores é permitida. Há, portanto, uma forma

de auto-organização que funciona até certo ponto, pois existem restrições quanto à manutenção e à segurança, principalmente. É assim que o CER funciona com todos os seus equipamentos.

Constata-se a interrupção questionável e pouco esclarecida no processo da relação entre órgãos representantes do skate com o poder público, com a SEEL e com a SUPEROMA e que em virtude disso, a infraestrutura para os skatistas se encontra visivelmente frágil, a manutenção ocorre anualmente, normalmente alguns reparos são feitos às vésperas dos campeonatos. Onde não há concessão ou sistema de comodatos ocorre fatalmente o contrário? Parece que sim. No caso do Skatepark, federação e associações são omissas, pois não ocupam nem o seu espaço originalmente previsto no projeto e o equipamento tende ao abandono.

De acordo com o presidente da ASSK, a falta de organização se estende a outras instâncias e afeta não só o funcionamento do Skatepark, mas de modo geral o calendário de eventos locais, regionais e nacionais; interfere na visibilidade do skate; e até mesmo na construção de pistas, que sem o devido acompanhamento, tornam-se equipamentos obsoletos ou utilizados por pessoas de outras modalidades de lazer como reaproveitamento, pois em virtude da má qualidade dos obstáculos os skatistas ficam impossibilitados de realizar suas manobras.

Além disso, essa inoperância dos órgãos representativos afeta também o apoio aos bons atletas, recurso sem os quais os skatistas deixam de receber apoio do estado e/ou prefeitura, tornando-se dependentes de patrocinadores no mercado extremamente disputado. Muitas vezes, ocorre o abandono da prática, pois se o ideal é atingir o profissionalismo e para isso o skatista não tem recurso financeiro

suficiente para manter-se, torna-se uma missão quase impossível. Mais uma consequência seria o abandono dos próprios equipamentos de prática do skate pelos administradores e acrescentamos, não somente abandono, mas a própria destruição de equipamentos já existentes, como foi o caso das Rampas Verticais da Praça 13 de Julho e do Parque dos Cajueiros, demolidas pelo governo atual em suas duas gestões.

O presidente reconhece a dificuldade de manter, sem recursos próprios, por isso, o vínculo desse tipo de órgão com alguma empresa ou marca comercial. Mas esclarece que outro fator que poderia melhorar ou reverter esse quadro atual do skate sergipano seria a participação mais efetiva dos próprios skatistas, pois são poucos que se dispõem a constituir um movimento organizado e vinculado a um órgão. Ele dá o exemplo da atualização da página na internet onde um dos grandes problemas é o acúmulo de funções na ASSK. Seria necessário também o compromisso das empresas, instituições governamentais e da representação populacional; é necessário que os skatistas sejam compromissados e organizados para cobrar do Estado e do Município.

Vê-se, enfim, que a sua época, principalmente a Federação Sergipana de Skate e seus colaboradores merecem ser lembrados pelo fato de conseguirem organização suficiente para exigir e conseguir uma obra da qualidade e dimensões da pista Cara de Sapo. Porém, passados exatamente oito anos é notória a precariedade pela falta de organização e representação skatista no quadro atual, uma responsabilidade de todos, tanto no sentido de descentralizar as responsabilidades da instituição, quanto no transmitir a própria fundação aos mais novos que poderiam seguir adiante com o projeto de manutenção, implementação e demais responsabilidades juntamente com os órgãos do Estado.

2.2 APROXIMAÇÃO DO CAMPO: ACOSTUMANDO O OLHAR AO ESTRANHAMENTO DO CONHECIDO

A ideia desta pesquisa sempre esteve aproximada, em seu quesito metodológico, da área da Antropologia Urbana. As formas de observação, descrição dos espaços urbanos, caracterização do cotidiano, aspectos gerais e específicos da *agency*/ação humana na urbe, neste caso, ações a partir do interesse da opção de lazer. Por isso, em qual pesquisa é preciso ser estranho ao local e vê-lo como um segredo a ser descoberto, razão pela qual, deste ponto até o fim deste primeiro capítulo a descrição está em primeira pessoa, seguindo seu curso normal nos demais capítulos.

É preciso perceber algo que venha intrigar a visão daquele que se dispõe a pesquisar então, como fazê-lo se o local já lhe tem uma relativa familiarização? Foi pensando no campo da Antropologia Urbana que entendi a possibilidade de estudar os fatos sociais tanto de um ponto de vista panorâmico, contendo ainda algo de estranho no olhar com relação ao contexto foco, isto é, um olhar *de fora*; e de um ponto de vista da estrutura interna, ou seja, *de dentro* ³³, aquilo que não deixa perder ou neutralizar o olhar frente ao espaço urbano e que faz exercitar a sensibilidade do pesquisador frente à complexidade da urbe, mas também identificá-lo como campo de pesquisa antropológica, sendo, principalmente, de perto e de dentro, como afirma Magnani (2002), uma

³³ Magnani (2002) trabalha sob a perspectiva de um tipo de pesquisa etnográfica que possui a característica de observar o fenômeno de perto e de dentro, contemplando a possibilidade de ver a dinâmica social de dentro do espaço urbano e seu papel determinante nas relações e modificações do espaço sem precisar creditar tais alterações a uma adaptação exclusivamente ao sistema capitalista.

possibilidade de compreender um campo de pesquisa e suas singularidades.

Foi neste primeiro momento que busquei compreender o “jogo de espelhos” que Magnani (1996) sabiamente explicou como uma busca de significados do outro, onde é mais comum ver somente exotismo, perigo e anormalidade por lentes preconceituosas ou desatentas.

É inegável uma inter-relação ao que se vê de dentro e de fora, é impossível negligenciar as interações que ocorrem entre os dois pontos de observação, sejam elas passageiras ou contínuas. No caso desta pesquisa, os skatistas foram também acompanhados a partir das atuações internas, “de dentro”, captando suas especificidades e as relações que mantêm com o restante da ordem social no próprio equipamento de lazer. “De dentro”, seria a ação de tatear a exteriorização da ação/atuação destes atores na dinâmica dos modos de socialização criados por eles e das suas próprias interpretações a respeito dessa convivência e ocupação do espaço.

Nesta situação deveria tornar-me “igual” sem cometer o erro de banalizar os acontecimentos e torná-los comuns, sem notoriedade para a pesquisa. Então, como perceber os *arranjos* e as *táticas* da ação humana que falam no espaço urbano que exprimem sua polissemia? Esse questionamento foi feito como reflexão pela proximidade com o equipamento em virtude de pesquisas anteriores com o Projeto Orla, realizadas entre 2009 e 2010, as quais foram tomadas como um pré-campo, que possibilitariam uma aproximação; contudo, ao mesmo tempo em que a aproximação facilitaria uma nova imersão no local, poderia dificultar o próprio modo de observação, pois seria possível

enxergar o equipamento como um espaço familiar, onde nada seria estranho e nenhuma ação seria digna de nota.

Estrategicamente como forma de apreciar o Skatepark, a primeira ação de observação foi despende o meu olhar de observadora não como uma aplicação dispersa da atenção, mas como uma ação intencional de concentrar e fixar a energia no fenômeno observado, os detalhes, cada código, mesmo que os mesmos já tivessem sido registrados em outros tempos, o importante seria entender que algo mais poderia ser interpretado e apreendido. *De fora*, propositalmente sem interação, observar, buscar exercitar esse estranhamento em um ambiente de certo modo conhecido.

A partir daí buscar informações mais particulares por meio de um diálogo e de uma *negociação*, da pesquisadora e dos pesquisados. O momento de aproximação foi atingido nessa etapa, e então, para ver de dentro foi necessário dar espaço aos acontecimentos com o grupo; apurar a sensibilidade para a lógica de organização dos sujeitos; lembrar que mesmo sem intervenção no campo, existe uma interação inevitável com os sujeitos, elementos que de acordo com Minayo (2010) fazem parte da condição e situação desse tipo de pesquisa. Neste caso, a situação complexa esteve em tornar-se integrante sem se integrar completamente, mas fazer parte do cenário, exercitando a relativização do olhar naquele espaço social aprendendo a se por no lugar do outro, vivendo, compartilhando e ainda estranhando para que os registros fossem garantidos.

2.3. IMERSÃO NO ESPAÇO: PESQUISADORA NATIVA OU OUTSIDER?

Em um dos itens anteriores tento expressar a dificuldade em estranhar um local conhecido, até certo ponto. Aqui retomo como uma face de dois momentos, pois ao mesmo tempo em que me sentia próxima do equipamento, me fazia estranha, por completo, aos seus frequentadores. No relato a seguir, expresso tudo que chamei de aproximação, mas que compreendi que bem mais que aproximar teve a importância de uma experiência em um contexto sempre visto, mas nunca vivido antes.

Descrevo o que vejo e os acontecimentos que se dão no momento presente, pois se trata de um relato a partir de um DC, com uma descrição quase *ipsis litteris*. Registro cada detalhe acerca do equipamento, cujas características já foram bem definidas nos itens anteriores, mas aqui tento mostrar um pouco do cotidiano, principalmente, nos acontecimentos com as pessoas com pude compartilhar esta experiência. Os fatos, recolhidos do DC, estão descritos em uma sequência cronológica desde fevereiro a maio, sendo que a descrição minuciosa ocorrida em fevereiro deve-se à maior atenção ao campo a partir deste instrumento, exigência da própria etapa de aproximação do campo e dos possíveis colaboradores da pesquisa.

Quanto à forma de relato mais geral que aparece nos meses subsequentes, deve-se ao fato de desviar atenção, obrigatoriamente, à segunda etapa onde o foco principal esteve voltado às entrevistas, com seu primeiro registro em março. Além disso, os registros audiovisuais, então permitidos pelos frequentadores, também demandaram tempo e atenção, bem como o acompanhamento pela rede social Facebook. Enfim, os meses de março, abril e maio tiveram outros focos, que a partir de outros instrumentos de coleta de dados desviaram um pouco a

atenção do DC, mas trazem informações importantes para compreensão do contexto.

Utilizo, portanto, dois termos comumente utilizados em estudos na área da antropologia: *espacio* e *outsider*. Sendo que este último não trará uma significação dura ao que se pretende dentro das organizações sociais. O termo bem explicado por Elias; Scootson (2000) indica grupo ou pessoas novas no contexto e que muitas vezes sofre exclusão, havendo também casos de ações violentas e traumáticas. Contudo, utilizo apenas como forma de indicar que existiu por um período uma relação entre um desconhecido (pesquisadora) e um grupo já estabelecido em um espaço (skatistas), os quais já possuíam regras próprias, uma forma de convivência onde muitos já se conheciam.

Um estranho, neste sentido, seria alguém visto por eles como *coisa fora de lugar* (ARANTES, 2000), um exótico. Alguém ameaçador ou que poderia violar alguma regra, que poderia querer estabelecer uma nova ordem, ações que não são comuns, pois ao passo que um desconhecido se apresenta, a integração ocorre somente se houver aceitação pacífica daqueles que são estabelecidos e adequação do mesmo aos seus princípios. Quanto ao termo espaço pode-se compreendê-lo a partir da compreensão do espaço antropológico, o qual

Permite colocar a la relación entre el sujeto y el mundo como condición de cualquier percepción del espacio. Acrescenta-se à mesma compreensão uma vinculación entre lo espacial y lo social [...] uma compreensão de lo sociocultural que considere lo espacial como una dimensión interior a ella misma, que si actualiza necesariamente en su operar. (GARCES, 2006, p. 03-04)

Deste modo, o espaço surge a partir de uma configuração que traduz o Skatepark como um equipamento/lugar dentro de um processo

no qual um grupo social desenvolve um exercício de significação e diferenciação atrelada a uma carga simbólica e valorações subjetivas.

Em Fevereiro

Primeira semana: (re)conhecendo equipamento, grupos e apropriações

O equipamento, no início da tarde sempre esteve vazio, por falta de cobertura é impossível alguém permanecer ali neste momento. Eu, que nos anos anteriores sempre estive nos horários mais frequentados, final da tarde e à noite, horários mais agradáveis, penso no vazio que logo se preenche com os detalhes chamei de signos, símbolos, emblemas. Não há vazio, há muito que se ver entre mensagens de paz, de liberdade, de imposição de lugar e gostos musicais, de ideologia e até de humor.

Os três equipamentos do CER possuem muitos adornos coloridos, envelhecidos, mas coloridos como algo que dá vitalidade. Acompanho o cotidiano, entre a chegada e a saída dos frequentadores em geral, acompanho também o dia-a-dia do equipamento, a presença de representantes dos possíveis órgãos responsáveis (do Governo), contando também com reformas, campeonatos, feriados, dias de chuva, dias ensolarados – a maior parte, diga-se de passagem –, noites de comemorações, recepções e partidas fizeram parte de um cotidiano de anotações, registros e entrevistas. Um cotidiano que rendeu um vínculo de muita cumplicidade, compartilhamento e muitas amizades.

Nos primeiros dias de fevereiro vejo que ainda com muito sol os primeiros skatistas sempre se arriscam na pista imensa, que sozinho, qualquer indivíduo parece se perder. Outros frequentadores também

partilham do mesmo equipamento, mas o que importa neste momento é que ao entrar e arriscar manobras em qualquer modalidade transparece uma sensação de total liberdade. Sentir o vento forte da tarde parece trazer tranquilidade para o Alex³⁴ e outros skatistas se encontravam na pista nas primeiras horas da tarde.

Uma das primeiras pessoas com quem conversei foi um dos policiais do BESP, que conta um pouco de como é o relacionamento dele com os skatistas, eles conversam e até pedem água de vez em quando, mas que “alguns são meninos abusados” – diz ele –, porém, outros são agradáveis. Alguns questionamentos foram surgindo quanto à composição do local, seus obstáculos improvisados de madeira e de cimento, o aparente abandono do local que vai se escondendo aos poucos quando os grupos de frequentadores vão chegando a pé, de bicicleta, de skate, de ônibus e também de veículos automotores. Muitos se deslocam dos bairros mais próximos e por isso, fazem o percurso pelas calçadas ou ciclovia da Orla, mas também existem frequentadores provenientes de bairros muito distantes, inclusive das cidades que fazem parte da grande Aracaju como Nossa Senhora do Socorro e São Cristóvão.

Detenho-me a observar como se caracterizam os skatistas e em observação me surpreendo ao reconhecer que uma das skatistas presentes no cotidiano da pista trata-se de Sabrina³⁵, entrevistada em uma das pesquisas tomadas como pré-campo, em 2009. Em sua maioria os skatistas usam calças ou bermudas apertadas, nunca shorts, a não ser

³⁴ Caracterização: alto, magro, pálido, usa roupas folgadas, tênis baixo, nenhum acessório e uma aparência um pouco sombria.

³⁵ Caracterização: Calça apertada até o tornozelo, fone de ouvido, cabelo preso, camiseta regata de cores suaves, tênis de solado reto/baixo, cabelo curto e cacheado.

que seja um dia de descanso, ou parada obrigatória por falta de peça no skate, o dia de tortura como se diz, pois ver os amigos andando e não poder jogar um *game*, não poder sentir a energia do outro, a presença que lhe dá “instiga” é torturante. É muito comum encontrá-los portando fone de ouvido, usando tênis de solado reto/baixo, roupas escuras, geralmente. O acessório mais curioso foi o cadarço amarrado à cintura em lugar do cinto.

Os skatistas em sua maioria têm corpos esguios, se deslocam como se flutuassem na pista a cada impulso do pé (remada), contrastando com os momentos abruptos de queda do sk tentando uma manobra. No dia-a-dia, eles encostam suas mochilas em alguns dos obstáculos mais altos (caixote) e conversam entre si sobre skatistas famosos, seus ídolos internacionais, nacionais e locais; vídeos novos; manobras aprendidas ou almeçadas; assuntos amorosos; marcas de produtos referentes a skate.

Ao decorrer da primeira semana fica perceptível um estranhamento quanto a minha presença constante e nos mesmos horários no equipamento, principalmente, por parte dos skatistas que estavam mais presentes durante esses dias. Por vezes conversavam entre si e observavam discretamente a minha presença, pois sempre mantive uma rotina de horário (entre 14horas e 30 minutos e 23horas) e de ações (registros em um caderno de notas, passeio de observação em torno do equipamento).

Essa atitude mostrou-me que era nativa até uma *fronteira* que havia entre conhecer o equipamento e conhecer seus frequentadores. Havia ali uma situação de *outsider*, como alguém que não estava seguindo as regras estabelecidas, ou as situações mais comuns daquela

rotina, era tudo diferente de um turista que passa admirado e fotografa; diferente daqueles que estão aproveitando o momento de lazer; diferente dos muitos grupos que se fazem presentes para usar produtos ilícitos. Pude notar neste momento, que sentar e escrever em um caderno de notas não era uma ação tão simples assim, e fazer isso por muitos dias aguçou a curiosidade deles, fato que se manteve até onde foi possível, pois a aproximação definitiva foi inevitável.

Transcorrendo poucos dias notei que a pista mantinha uma rotina semelhante, sempre aparecendo frequentadores por volta das quinze horas, em sua maioria crianças e jovens menores de dezoito anos, alguns poucos adultos; quase todos skatistas. No comportamento deles foi possível perceber que são solidários com garotos que não possuem skate, em virtude da desfavorável condição econômica. Entre si eles trocam ou vendem as peças de um skate usado, as mais comuns são os *shapes*³⁶ e rolamentos. Às vezes montam um skate com peças doadas como fizeram com um menino do Bairro Santa Maria, visto na pista durante um mês e meio aproximadamente, depois não mais foi encontrado.

Vejo que o momento de lazer é bastante diversificado no equipamento, existem aqueles que andam em seus skates, bicicletas (aro 26) e BMX, mas também tem aqueles que se deitam ou sentam nos obstáculos e permanecem conversando como se quisessem ver o tempo passando no céu. São skatistas que não estão andando, nem mesmo estão com o skate, apenas conversam sobre escola, quem participará do campeonato que se aproxima e sobre o evento do Projeto Verão e os cantores e bandas que estarão em Sergipe (festa anual promovida pelo

³⁶ Ver Glossário.

governo do Estado, realizada na praia de várias cidades sergipanas, inclusive na Atalaia com projetos culturais, música e campeonatos esportivos). Assuntos recorrentes naqueles dias de descanso, de conversa, de contemplação da pista, de relaxamento.

Os finais de tarde são sempre marcados por um por de sol fantástico, de um colorido forte como as cores da pista, porém de um brilho intenso. Cenário tão harmonioso quanto o ambiente do equipamento, cuja dimensão, neste horário, é dividida entre skatistas e ciclistas (que não andam de BMX).

É no mesmo horário do final da tarde que é possível encontrar pais e filhos, e compreender que é um espaço de incentivo a tentativas de transpor obstáculos, muito difíceis, diga-se de passagem. A pista é um espaço onde se pode dividir o que sabe e o que não sabe, pois é o que vejo entre alguns meninos que compõem os grupos de skatistas. Alguns explicam como é feita uma manobra, demonstrando com as mãos sobre o skate ou mesmo com os pés, vejo que se assemelha a uma oficina para praticar, realizar tentativas, espaço de experiência onde há possibilidade de aprender e também de perder o medo. Muitas crianças se arriscam em seus primeiros passos com skate, patins e bicicletas, os seus responsáveis sempre estão por perto, mas nunca entram na pista.

A sensação de “estranho no ninho” se repete por várias vezes durante a primeira semana, pois percebo sempre que quando escrevo tem skatistas que conversam e me observam com ar de dúvida. O que será que eles pensam? Mas, até então, faço o possível para não me aproximar, pois é necessário estar atenta a tudo então, mesmo que a situação se repita sempre continuo observando os detalhes daquela rotina, na rotatividade entre aqueles que fazem aqui algum tipo de

atividade, pois tanto os praticantes de skate quanto de bicicleta permanecem por ali aproximadamente por duas horas e saem.

No CER a aparência de abandono, em termos de manutenção, repete-se por dias. Talvez o fato de não constituir o primeiro plano da visão privilegiada daqueles que passeiam pela Orla influencie nas decisões dos órgãos responsáveis, os equipamentos ficam localizados aos fundos de um grande prédio de uma antiga danceteria, Ibiza, hoje desativada. Mas é uma sensação que sempre desaparece quando as pessoas chegam, quando os meninos se reúnem no primeiro obstáculo, sob o qual aparece a primeira área encoberta pela sombra que o prédio proporciona à tarde, pois o equipamento não dispõe de uma arquibancada, nem de um lugar sombreado.

Sempre chegando por volta do mesmo horário à tarde, às vezes aparece algum skatista solitário, mas sem demora outros vão chegando e se acomodando, ou simplesmente largam suas mochilas e imediatamente apanham seu skate para andar como se estivessem com sede de sentir o vento bater no rosto. Os skatistas sempre conversam entre si e ocupam o mesmo lugar comumente, vão e voltam fazendo um percurso semelhante e mantêm uma rotatividade diária de duas horas aproximadamente, aqueles mais assíduos possuem dois motivos para não permanecerem por mais tempo: a falta de um lugar para beber água constantemente e o impedimento do acesso aos banheiros.

Mesmo com estes empecilhos a pista é sempre bem frequentada, até se o tempo não for tão favorável assim, como registrei o dia em que choveu forte e a pista ficou alagada, pensei por um momento que não haveria mais diversão. Foi engano. Garotos brincavam na água da chuva sem se importar, mas sem skate, claro. Chuva que expulsa por

um momento os skatistas que nem tiveram tempo de aquecer, mas que são persistentes e esperam o retorno do sol aguardando a pista secar e logo arriscam suas manobras.

Vou concentrando minha atenção nos skatistas que chegam solitários, em grupos, duplas, trios, mas que se reúnem e predominam. Destaco que, até então, a presença masculina também é predominante, porém, há presença feminina entre praticantes e espectadoras, em menor quantidade. Outro fato curioso é que o estilo da roupa dita um pouco da forma de andar de skate: o estilo agressivo que ouço falar se representa nas roupas de cores escuras e apertadas, no gosto musical (rock), na velocidade ao andar, no impacto das manobras. Ao contrário, aqueles que são chamados de gangueiros, os quais não têm muita preferência de cor, mas que usam roupas mais folgadas têm outro estilo musical (rap, reggae) e sua forma de andar de skate com menos impacto e velocidade dizem ser mais técnica.

Por vários dias vejo se repetir algo que os skatistas chamam de *game*, é quando um skatista promove um desafio aos demais, sejam conhecidos ou não. Ocorre sempre nas chamadas “piscinas”, que na verdade são Banks (obstáculos em forma de grandes banheiras ou piscinas, por isso o nome), no solo, ou nos caixotes e demais obstáculos, até naqueles que são improvisados. Nos games, cada skatista mostra sua habilidade, diferentes manobras, eles riem, acertam, erram, “se jogam”, isto é, arriscam, ensinam e aprendem.

Observando os skatistas vejo que os desafios propostos consistem em tentativas e executar uma manobra proposta por alguém e o grupo tenta, em sequencia, realizar com perfeição em uma forma de revezamento. Percebo que os erros nunca são vaiados, são sempre

incentivados uns pelos outros sempre com um sorriso, parecem reconhecer a dificuldade do outro e o quanto é constrangedor ser vaiado. Nem mesmo o acerto tem uma vibração muito aparente, ou ação que indique soberba.

É comum encontrá-los conversando, sobre a técnica das manobras: do *flip*, do *ollie*, manobras básicas que os maiores ou mais experientes ensinam como fazer a manobra ao skatista menor ou iniciante, comportamento similar a um tipo de cooperação e o mais interessante é ver a atenção na explicação, logo se vê aquele tentando executar a manobra, enquanto o outro parece supervisionar. É preciso deixar claro que nem sempre o mais experiente coincide com aquele que tem mais idade, por vezes um menino de dez anos anda há mais tempo que outro de quinze.

Sem treinamento específico, sem técnica desenvolvida por estudiosos, sem estudo a respeito no momento, eles permanecem tentando realizar uma manobra até conseguir, mesmo não conseguindo mudam de obstáculo e retornam àquela no dia seguinte pelo que percebi. Os mais novos sempre pedem ajuda, já os mais velhos apenas tentam, pois já têm a teoria consigo.

O comportamento de recepção e despedidas dos skatistas e outros poucos frequentadores do equipamento se tornou curioso, pois havia formas de cumprimentar entre eles que não distinguia se eram mais velhos ou mais novos, por pura educação talvez, mas um ritual importante para a convivência - penso. Os mais velhos que ali se encontram, cumprimentam os menores e sorriem normalmente, acontece o contrário também.

Em virtude da falta de um bebedouro ou algum lugar com um preço mais acessível alguns skatistas trazem seu próprio garrafão de água que logo é consumido por muitos deles. Há uma divisão da água, um compartilhamento geral, comum.

Ao passo que tento me refugiar em um ponto exterior da pista, não adianta, pois de todos os ângulos que se possa observar também pode ser observado. Continuo intrigando as expectativas dos skatistas, pois como já mencionei antes, alguém escrevendo parece mais estranho que alguém com uma câmera filmadora ou fotográfica na mão. Eles me olham como a alguém com quem se deve ter cuidado.

Mantenho-me distante ainda, às vezes observo da parte mais alta da Rampa Vertical, há uma sensação de poder ver tudo ao mesmo tempo, mas era um lugar de fácil visualização também, então ao passo que observava também era alvo dos seus olhares e indagações. Quanto a isso, a cada dia que passava sentia-me intimada a começar a conversar com eles, porém, ainda permanecia como alguém que está transgredindo alguma regra local. Contudo, mantinha as observações posicionando-me no local permitido para transeuntes e espectadores.

As tardes “caem” e junto com elas caem literalmente os skatistas ao tentar "mandar" mais uma manobra. Eles caem e se machucam no obstáculo ou no próprio skate. Alcançar o ponto de equilíbrio! Eis o objetivo! Achar o equilíbrio do *flip*, do *ollie*. Os momentos mais livres na pista parecem mais divertidos, mais soltos, sem games, desafios ou séries de treinamento. Parece uma dança onde os movimentos do corpo têm o skate como sua extensão e ao mesmo tempo seu parceiro. Em alta velocidade, com desenvoltura, procurando retomar o equilíbrio a cada flip, salto, subida e descida de rampa. Eles

"rasgam" o corrimão (ou rasgam o sk no corrimão), a pista parece uma rua com bancos, corrimão, subidas e decidas, pontos altos, pontos baixos.

Aos poucos consigo identificar alguns do skatistas: Rodrigo³⁷, Rafinha³⁸, Batata³⁹, Gambá⁴⁰ e Wanderson⁴¹ alguns daqueles que mantêm uma permanência, em virtude de alguém que sempre pronuncia seus nomes e que vou associando àquele que está sendo cumprimentado na sua chegada à pista normalmente. Dentre tantos outros que não consegui registrar por nomes nos primeiros dias. Alguns ousados, outros tímidos, donos de si, que parece não ter medo de nada; menores de dezoito anos em sua maioria ou jovens adultos, muitos têm as roupas sempre gastas ou rasgadas propositalmente, faz parte do estilo.

Ao compreender que existe uma rotina diferente do final da tarde até a noite modifico um pouco o meu horário de chegada na pista e então permaneço até certo horário, chegando por vezes até às vinte e três

³⁷ Caracterização: alto, magro, sorridente, usa boné e brinco, roupas apertadas de cores escuras.

³⁸ Caracterização: altura mediana, calça apertada e sempre rasgada atrás em cima e embaixo na dobra, magro, tênis velhos, skate também está em condições não muito boas, boné que esconde um corte moicano, brinco, andar despojado, mas meio encurvado, típico de pessoas tímidas, cabelo cacheado e de cor clara, cadarço amarrado na calça, tem uma bela desenvoltura na pista, muito ousado, parece não ter medo de nada.

³⁹ Caracterização: altura mediana, cabelos pretos curtos, boné, calças e camisas sempre sem rasgos e um pouco folgadas, exceto as dobras da calça gastas, skate em bom estado, usa boné, fala pouco.

⁴⁰ Caracterização: jovem, tem cabelos grandes, pretos e cacheados, normalmente presos e sob uma touca, é magro, usa calças apertadas e rasgadas, blusa normal, com mangas, tem tatuagens, (inclusive de sk), fumante.

⁴¹ Caracterização: magro, roupas com cores escuras e apertadas, semelhante aos demais, brincos, cabelo numa espécie de moicano curto, escondido sob um boné.

horas. Porque até então minha permanência havia se estendido somente até às dezenove horas.

Na noite do primeiro final de semana já registro um número maior de skatistas, uma grande quantidade pessoas de todas as idades, mas muitos adultos, homens em sua maioria. A pista inteira é povoada por skatistas, porém aqueles que andam de BMX se concentram nas partes altas dos *Banks*, juntamente com um número ainda menor de patinadores. Uma organização permanente no equipamento, muitas pessoas diferentes, cuja presença daqueles que vieram durante a semana não foi registrada.

Há muitos adultos skatistas, eles possuem uma forma de andar mais irreverente, parecem mais leves, soltos, além disso, falam, brincam sorriem, usam bermuda e camisetas sem emblemas, sem bonés ou acessórios que componham o figurino. Deixam transparecer que depois da técnica dominada há uma possibilidade de melhor desenvoltura em outros aspectos. A presença feminina é registrada como espectadora, mães aguardando os filhos que brincam na pista, aquelas que trazem sobrinhos, netos ou irmãos para brincar ou mesmo colegas que vem para apreciar os meninos. A grande quantidade de turistas também chama atenção, desde aqueles que aparecem para fotografar, até os que trazem seus patins, skate ou BMX para aproveitar alguns momentos no equipamento.

Ainda que permanecesse distante, foi impossível não ser abordada por um turista curioso e também por um dos skatistas mais presentes no equipamento durante a semana. A curiosidade é que movia a aproximação, e as perguntas coincidiam sempre em torno do que eu

escrevia e o porquê da pesquisa, além de perguntar meu nome e o que eu fazia.

Com o skatista local, o último com quem conversei, registro que foi o primeiro contado mais direto com um deles. Apesar de aparentar certo estado de embriaguez, ele faz muitos comentários da vida de skatista, mostra-se indignado por não ter o equipamento somente para os skatistas. Ele critica que ao andar de BMX os meninos acabam danificando os obstáculos, todos aqueles que possuem o vértice em placa de ferro ficam arruinados em virtude do contato do suporte da bicicleta forçado por um dos tipos de manobra executada na bicicleta (*grind*, com qualquer parte da BMX; *Luc-e* - com o apoio traseiro e a frente baixa; *ice grind* - a frente alta; *Double peg grind* - com os dois apoios; *feeble grind* - com o traseiro enquanto a roda dianteira anda sobre o obstáculo)⁴².

Outro desabafo é feito com relação à Associação, é uma farsa, diz ele. Não sei se ele tinha conhecimento de causa, mas afirmou que através dela o governo destinaria 100 bolsas (e não sabe bem ao certo da quantia destinada) a atletas em geral, mas que nunca apareceram entre os frequentadores da pista e convicto acrescenta que ali não há incentivo nenhum, é preciso sair do Estado! Sei que há bolsa atleta, mas não sei dizer se há algum skatista dentre os contemplados - diz.

Ele finaliza a conversa com um comentário sobre campeonatos em geral e outros eventos, afirmando que é muito bonito ver um dia de festa, todo mundo fazendo suas manobras, as pessoas aplaudindo, mas acha que parece ser difícil a muitas pessoas enxergar que a pista está se deteriorando, que ela não é reformada, que eles não têm acesso aos

⁴² Ver Glossário.

banheiros e assim, fica difícil manter o desejo de andar, a “instiga”. Ele diz também que às vezes dá vontade de fazer “coisas erradas”, que sente vontade de vingar a agressão que sofreu de um policial que o derrubou na avenida, na saída do Skatepark. Mesmo dizendo isso, creio que esse skatista prefira tentar esquecer ou canalizar a energia dele para as manobras no skate, pois a recorrência de impasses com a polícia se faz muito presente.

Segunda semana de fevereiro: período pré-campeonato, os primeiros contatos e a quebra da rotina

De vez em quando a natureza brinda-nos com um cenário inigualável. Noites lindas e frias, com céu claro ou com muitas nuvens no céu o período de uma lua cheia radiante é admirado pelos frequentadores daquele equipamento. A lua também é fotografada por aqueles skatistas cinegrafistas, ela com certeza faz parte permanentemente deste cenário.

Esta semana alterno a forma de transporte para minhas visitas, antes vindo apenas de bicicleta, agora preciso vir de motocicleta, pois ao perceber que há uma transição entre aqueles que vêm à noite e à tarde começo a programar os horários para permanecer um pouco mais à noite. Apesar de pensar que a bicicleta me deixa mais à vontade, sem causar impacto ou chamar mais atenção dos locais, utilizar a moto é a forma mais segura de poder retornar um pouco mais tarde e poder observar melhor o período noturno.

Neste mesmo período, alterno minhas observações a partir de dois ângulos principais, o primeiro em frente à entrada principal, ponto

baixo de onde além de ver, é possível ouvir algumas conversas, mas que o ângulo de visão fica reduzido; o outro ponto é a Rampa Vertical, o qual me oferece uma perspectiva do todo, mas que a audição fica limitada quase por completo. Este é o ângulo do qual se conclui que a desordem aparente dos percursos criados pelos frequentadores na pista é a verdadeira ordem.

O grande número de skatistas é frequente, o grupo maior quase sempre se concentra no obstáculo aonde o sol não chega, por ironia, não procuram *um lugar ao sol*, mas *um lugar à sombra*. Os frequentadores da pista parecem desenvolver a sensibilidade de não trombar uns nos outros, uma fronteira invisível entre os grupos presentes – skate; BMX e patins principalmente –, uma sensibilidade criada a partir do convívio amigável ou não. Observando bem, fica claro que alguns deles ainda precisam exercitar essa sensibilidade, principalmente os mais novos. Eles normalmente estão mais atentos na forma de andar do que por onde andar. Então os mais experientes no equipamento testam suas habilidades desviando, mas também ensinado com o exemplo.

A pista cheia e muito movimentada parece oferecer perigo aos desatentos, e também às crianças que circulam com pouca destreza e, dessa forma, mesmo que exista uma sensibilidade desenvolvida, não há como evitar machucar ou ser machucado, às vezes é inevitável. Por isso, alguns comportamentos são registrados como o momento em que ao machucar um patinador (pré-adolescente), um skatista desconhecido (adolescente) sequer pediu-lhe desculpa ou o ajudou reerguer-se. Contudo, ocorreu também que, diferente do acontecimento anterior, no choque dessa vez entre um skatista e um BMX já conhecidos, há pedidos de desculpas. São adultos e apresentam melhor destreza e

reflexo, ambos se cumprimentam e continuam andando, com isso apresentam também respeito entre si.

Ainda no quesito comportamento, algumas situações esclarecem como se dá a convivência entre skatistas e demais praticantes de outras modalidades. Em um *game* de skate, alguns patinadores *embaçam* ficando na frente dos skatistas querendo usar o mesmo obstáculo e se posicionam como se estivessem tentando tomar aquele local para executar ao mesmo momento as suas manobras. Porém, logo percebem que não há chance de divisão naquele momento e saem em busca de outro obstáculo.

Os skatistas olham apenas, não falam nada, os patinadores (a maioria adolescente, assim como os skatistas) também não se manifestam, pois chegaram e nem cumprimentaram o grupo que já estava por ali. Parece que mesmo sem comunicação há alguma forma de compreender o que se passa entre eles, e tomar a frente sem pedir licença, de algum modo, não parece ser a melhor forma de utilizar os obstáculos na pista.

Outro comportamento observado, porém incomum, é de skatistas gritando ou xingando, por errar ou acertar, destes pude identificar que um é da Bahia (Feira de Santana) e outro da própria capital, mas que não estão por aqui frequentemente e que estão treinando para o campeonato. Os mesmos também incomodam propositalmente outros skatistas e zombam do erro dos demais, comportamento diferente daqueles observados no decorrer desses dias.

Por vezes, observo que a presença de turistas filmando o desempenho dos skatistas é frequente, neste caso, um dos que mais se destacam até então. É interessante o quanto é preciso compreender a

dificuldade de acertar uma manobra, e então, na esperança de que conseguir a imagem de um acerto da manobra no corrimão, turistas e ou amigos que aspiram à profissão de cinegrafista, pacientemente veem o skatista errar diversas vezes, mas permanecem ali parados até que vem a manobra certa e uma vibração de vitória. Há turistas que são também skatistas, no entanto, a aproximação entre turistas e locais é ínfima, a não ser quando se trata de um skatista já conhecido.

Entre os skatistas, menores e maiores que estão permanentemente na pista, percebo que há uma cumplicidade. Eles cumprimentam entre si, brincam e sorriem ao se encontrarem na pista. As roupas destes não se diferenciam muito, são roupas, calças compridas, blusa (com mangas), alguns usam boné, touca, às vezes não usam nada na cabeça, mas sempre mantêm o tom amigável entre eles. Existe uma grande diferença de idade entre os skatistas mais presentes, para os quais tenho direcionado minhas observações, muitos de geração intermediária (final da adolescência e início da idade adulta) são ícones, skatistas promissores e reconhecidos pelos mais jovens.

Há certo respeito. Não sei se uma hierarquia. Mas há algo de consideração entre os skatistas maiores e os menores, experientes e inexperientes, porém, isso é identificado entre aqueles que vêm com maior frequência até agora, quero dizer, aqueles que apareceram no final de semana, mas que estavam aqui também nos dias anteriores. Eles se conhecem, se cumprimentam, orientam entre si, trocam experiência, falam de exemplos. Como compreender uma interação aonde que aqueles que chegam cumprimentam os demais, atitudes que parecem compor uma regra no espaço. Um toque de mãos, um aceno, um gesto de companheirismo, “e aí brother?”; “tudo certo”?

Nesta segunda semana vou começando a me fazer presente e reconhecida. Em um dos dias à entrada do Skatepark permaneço um pouco próxima à grade que cerca a pista, ali perto há um grupo de skatistas (adolescentes) para quem olho e faço um gesto de reverência com a cabeça, um pequeno cumprimento, sem falar, apenas um pequeno sorriso. Eles fazem o mesmo e deixam transparecer a curiosidade de saber quem sou. Permaneço ali, imóvel, sentada na bicicleta, meu transporte diário, com uma mochila e um caderno de notas na mão. Agora aguardo o resultado de cada gesto a partir de então, pois é como se estivesse apresentando a possibilidade de uma aproximação, uma “paquera”.

Algo que não percebi na semana anterior toma minha atenção. Há venda de *shape* na própria pista, um skatista vende uma peça por R\$ 60,00, e tem o nome e emblema de uma marca que não conheço até então: *Demorô Skateboards* (descubro mais tarde que Demorô é o apelido de um skatista que patrocina e vende *shape* com a sua marca, um apelido: *Demorô*). O skatista também veste uma camisa da mesma marca e pelo que vi é bem procurado.

Outra curiosidade é uma tentativa de aproximação com os skatistas locais. Um rapaz (BA) pergunta ao skatista que está vendendo o *shape* como fazer para chegar e andar na pista, pois não quer andar sozinho, o outro responde “pode chegar de boa mano, não tem problema. É só chegar aqui e andar. Se quiser me procurar depois que tiver andando pode me procurar, não tem problema”.

Não tarda e no mesmo dia começo a conversar com o skatista que está vendendo o *shape*. Ele foi bastante amigável, acabo me aproximando e por curiosidade ele pergunta se sou mãe de algum garoto

por ali. Respondo que não, que estou fazendo uma pesquisa sobre os skatistas, etc. Ele se mostra muito interessado e diz ficar feliz por ver alguém interessado em saber sobre eles, pois as pessoas normalmente, os veem como “um bando de marginal”. Registro que espectadores também haviam questionado por várias vezes o meu objetivo ali na pista.

Além dos finais de semana, à noite durante os dias comuns também é notável a presença de turistas, talvez isso se deva ao período de férias, pois estamos em fevereiro. Contudo, é perceptível a presença de skatistas cujos rostos já podem ser reconhecidos por mim, percebo também que a minha presença constante durante pouco mais de uma semana faz com que eu também seja reconhecida, por isso, me cumprimentam com um gesto de mão e um sorriso tímido, faço o mesmo e me posiciono para continuar o que sempre venho fazendo, observando e escrevendo. Outros skatistas já podem ser identificados por apelidos como Dentinho⁴³, Amandinha⁴⁴, Kbssa⁴⁵, Dadá⁴⁶, Camelo⁴⁷ e outros.

Notei algumas mudanças estruturais ocorridas em poucos dias como: a pintura dos corrimãos, cuja tinta fresca causa reclamações, pois

⁴³ Características: jovem magro, moreno, cabelos pretos e cacheados, usa boné, calças e blusa apertadas e escuras. Ele gosta muito de conversar e diz ser evangélico.

⁴⁴ Caracterização: menina de aproximadamente 10 anos, usa roupas coloridas, negra, cabelos sempre com um penteado diferente, muito sorridente e amigável.

⁴⁵ Caracterização: cabelos longos e pretos, cujo comprimento chega bem abaixo do nível da cintura, ele é magro, usa barba (incomum em comparação aos demais), moreno e de vez em quando usa touca, roupas normalmente pretas, sempre apertadas.

⁴⁶ Caracterização: magro, roupas muito folgadas, sem acessórios ou boné.

⁴⁷ Caracterização: rapaz alto, que normalmente, vem com roupas pretas, boné, um alargador de orelha, vem sempre de bicicleta.

além de sair com facilidade no skate e na roupa daqueles que tentam alguma manobra, impede a execução perfeita ao causar aderência no *shape*. A tinta atrapalha o deslizamento dos *trucks*⁴⁸/eixos ou do *shape*/prancha de skate ao menor contato. Eles reclamam, mas tentam insistentemente acertar suas manobras ali mesmo, saindo a tinta amarela.

Algo que continua muito frequente é a presença de pessoas usuárias de *cannabis*. Aos poucos vejo que é um grupo diversificado, são pessoas que estão com skate, mas que são surfistas, pouco frequentes, outros não praticam nenhum tipo das modalidades mais comuns na pista. Os grupos de usuários ocupam, normalmente, o caixote maior que fica próximo ao half, onde à noite a iluminação é precária. Quase sempre é a mesma pessoa que traz o produto e em um dos pontos da pista a conversa é que aquela que traz os cigarros não tem nada de skatista, “vem pra comercializar e que a mesma mora no bairro próximo e diz à mãe que vem andar de skate, mas nem tem um”. Contudo, apesar do crescente número de fumantes, isso parece não incomodar o grande número de pais e filhos.

Já do plano baixo foi possível notar que na questão estrutural ocorreram algumas melhorias na limpeza, porém, com relação ao uso de banheiro, não é difícil perceber que alguns meninos fazem das paredes altas dos obstáculos um lugar para urinar, fato que infelizmente pode ser identificado pelo odor que fica no local, isso dentro da própria pista, atrás dos grandes obstáculos.

O fato de estar no plano baixo de observação permite que mais algumas falas sejam captadas. Alguns skatistas dizem que ultrapassam o

⁴⁸ Ver Glossário.

horário de fechamento da pista às 23 horas, pois mesmo que os portões sejam fechados pelo policial que “cuida” do equipamento, eles permanecem e depois saem pulando o alambrado. Aqui o tempo é somente lembrado na hora de voltar pra casa. Qual será o sentido de *tempo* para eles que permanecem horas e horas aqui?

Os meninos parecem incansáveis comumente. Mas com o passar dos dias observo que param, descansam, buscam água em algum lugar ou com alguém ali mesmo na pista, compram lanche, acho que também saem em busca de banheiro, tudo a seu próprio tempo. Mais uma vez como chegar ao sentido de tempo neste contexto? Seria o tempo do qual somos presas voluntárias? Como aludir ao tempo que Nelson Marcelino realça como fator essencial e propício à fruição do lazer?

Outro ponto interessante é tentar compreender o significado de andar de skate. Para vir até o Skatepark, muitos como já mencionei tem como transporte bicicleta, ônibus, carro próprio e até mesmo o skate, “carrinho” como é carinhosamente chamado, para curtas distâncias. Contudo, um caso interessante é do skatista que chegou a sair de casa, no bairro Rosa Elze, situado em São Cristóvão - cidade que faz parte da grande Aracaju - e vai para o Skatepark, mas o detalhe é que este bairro fica há mais ou menos 10 km. Ouvi que às vezes ele vai remando até lá, quando não tem dinheiro pra passagem. Imaginei também não tem nenhum amigo que possa lhe dar carona até a Orla e que tenha sua residência ali por perto. Então, que significado tem o skate para quem é capaz de fazer isso? Como eu poderia compreender o lazer neste caso e nas demais características apontadas até agora?

Os iniciantes propõem um jogo, *game*, fazendo *flip*, prática comum como já apontei anteriormente. Parece um exercício prazeroso para desenvolver a habilidade e a destreza, mas alguns detalhes precisam ser destacados, pois às vezes eles riem de si mesmos e dos outros, mas sempre vibram com o acerto. É momento da diversão e aprendizado, assemelha-se a hora do intervalo na escola. A ludicidade está sempre presente, pois além dos *games* os mais novos brincam entre si de uma espécie pega-pega sobre o carrinho, isso é muito comum. Descer as rampas deitado sobre o skate também acontece entre crianças e adolescentes, uma diversão sem limites, cheia de criatividade.

Volto muitas vezes o olhar para os skatistas mais velhos que vibram com o acerto das manobras dos mais novos, parece um incentivo (êa! é a expressão mais comum entre eles). Quando eles acertam, vibram silenciosamente, mas aparece no olhar, no fechar dos punhos para conter a alegria, no levantar dos braços e no sinal de positivo com o polegar para os aprendizes.

Muita energia parece circular neste espaço, um espaço que exala muita força de vontade, uma garra impressionante para que as manobras saiam perfeitas, refiro-me aos skatistas em especial. O exercício pessoal de paciência para realizar quantas repetições for necessário para acertar é incrível. Um dispêndio de concentração e energia que não sei se pode ser explicado. Seria uma vitalidade encontrada no convívio? Será que, estando só todo esse empenho ocorreria na mesma intensidade? Mesmo se aproximando do horário de fechamento da pista muitos skatistas insistem em praticar/treinar suas manobras, que são muito difíceis.

Nesta semana há uma grande expectativa no ar em virtude do campeonato *Nordeste Skate Legend*, é a pauta da semana. O evento começa no dia seguinte, dia 10/sexta-feira. Percebo que a maioria vem de camisa preta, quando não vem com a calça também da mesma cor, principalmente os mais constantes. Aqueles que estão presentes, mais conhecidos, têm o cabelo crescido ou um tipo de corte diferente, tipo moicano. Ao entrar na pista o contato com o skate se torna tão forte que dificilmente eles andam normalmente, isso ocorre para pegar seu próprio skate que escapou dos pés em uma dada manobra. Neste caso, eles pedem que alguém busque o seu skate ou pegam o de outra pessoa para ir buscá-lo.

A solidão é comum, pois por mais que estejam sempre em grupo eles têm de se tornar independentes porque todo seu desempenho com o skate depende pura e unicamente do seu esforço, o que é quase extremo visto o tempo que costumam permanecer na pista, mas que respeita seus limites, pois ele é seu próprio orientador. A diferença para o treino de uma modalidade esportiva é que eles andam quando querem andar, quando se sentem “instigados” (como ouvi dizer), descansam quando querem, brincam, fumam (alguns). O tempo é determinado por eles mesmos, pois o próprio tempo parece um fator irrelevante quando chegam aqui, fato já comentado.

Esta semana constata-se que a presença feminina é sempre mais reduzida, poucas skatistas, algumas namoradas, amigas, espectadoras em sua maioria. A skatista mais conhecida conversa pouco, mas cumprimenta e é cumprimentada pelos meninos e rapazes que ali se encontram. Ela é sempre previsível e sóbria em suas séries.

Com o passar dos dias outros skatistas já me fizeram várias perguntas, principalmente sobre o que escrevo. Vou conversando um pouco mais, explicando com alguns detalhes o que pretendo ali e sempre percebo que a reação é a mesma no sentido de serem compreendidos por alguns em uma sociedade que só lhe dirige opressão, que somente reprime. Eles contam que é interessante ver que alguém que não é skatista, nem pratica nenhum esporte radical tenha interesse em compreender quem são eles de perto, que busque o convívio para poder compreender quem eles são. Ainda na conversa vou percebendo que alguns rapazes novos por ali vão sendo identificados pelos skatistas locais. São de São Paulo, da Bahia (Alex), de Alagoas, etc., alguns são amigos e outros somente conhecidos.

Sobre o campeonato afirmam que apesar da premiação, às vezes boa, o que importa de fato muito mais é o reencontro com os parceiros de outras áreas, cidades, outros estados. A competição, dizem eles, não mostra sempre os melhores, até porque depende muito do dia da pessoa. Pode ser que ele esteja em um dia não muito bom, então isso pode interferir no resultado da competição. Assim, os vídeos feitos diariamente são melhores para saber de fato se o cara é bom – dizem eles. Mas vale mais aproveitar os amigos que vieram de longe.

Na quinta-feira último dia de registro antes do evento, alguns organizadores do evento fazem algumas pinturas sobre pichações e desenhos de grafite na parte interna dos *Banks*, já que o campeonato será desenvolvido em duas modalidades. A primeira Street, a qual usa os obstáculos que se assemelham às ruas, e *Banks*, obstáculos que formam uma piscina rasa e sem curvas.

Uma quebra na rotina: *Nordeste Skate Legend*

Neste final de semana pude presenciar uma quebra na rotina dos skatistas. Ocorreu o evento *Nordeste Skate Legend*. Durante os dias do evento foi possível apreciar os momentos de preparação desde cedo e permanecendo até a finalização. A movimentação foi sempre intensa. No primeiro dia o cenário estava praticamente montado, pista pintada em alguns pontos; um pouco mais limpa; palco em processo de montagem; área vip; o Museu do Skate; um estande de fotografias antigas de skatistas locais e nacionais; Juninho ET, Mosquito, Cara de Sapo, Nego Jonh, dentre outros, tiveram um lugar especial na exposição de revistas especializadas na modalidade, ou área afim, como o surfe.

O grafite novo chama atenção por ser feito por skatistas e também por conter imagens como dos arcos da orla (cartão postal que representa o Complexo da Orla de Atalaia), o caju (símbolo da cidade de Aracaju), um menino skatista com um skate nos pés, nuvens e uma cor de céu de verão e os nomes: tribo e família. Além destes nomes há também o nome Venice, denominação da loja de produtos das linhas de skate que pertence ao organizador do evento.

Alguns skatistas reclamam da “reforma” da pista e culpam o governo. Outra coisa que chamou atenção dessa organização foram os quatro banheiros químicos alocados aos fundos do CER, próximo ao Half Pipe, onde o cheiro incomoda. Todo o material pesado de montagem do palco ficou sobre o chão do Half, o piso que já danificado pelo tempo e pela falta de manutenção pode piorar com o peso desse equipamento.

Como observei nos dias anteriores, havia durante todos esses dias obstáculos improvisados espalhados pela pista, os quais foram removidos para a lateral da pista pelos organizadores. Mas os skatistas competidores os posicionaram de volta na pista para utilizá-los durante as suas séries.

Apenas no primeiro dia do campeonato um grupo de jornalista da TV Sergipe esteve no local rapidamente, conversam com alguns skatistas locais, com os organizadores e com o editor da revista Tribo de São Paulo – César Gyrão. Gyrão parece esbanjar experiência na conversa e na prática do skate, alguns meninos se reúnem ao seu entorno para ouvi-lo, são aqueles que eu encontro diariamente. O momento é muito interessante, pois é a presença de gerações de skatistas trocando experiências.

O campeonato reuniu dois eventos ao mesmo tempo o Nordeste de Skate (preparatório para o brasileiro) e Campeonato vinculado ao Projeto Verão promovido pelo governo do Estado (evento que reúne grandes nomes da música brasileira e sergipana e promove eventos de cunho esportivo no Complexo de Lazer da Orla de Atalaia). Os organizadores juntamente com a secretaria de Esporte e Lazer do Estado uniram esses dois eventos, mas a arrecadação eu não tive informação sobre o destino. Além disso, é uma realização de homenagem, *in memoriam*, a Nego John (um dos melhores skatistas do estado, falecido há alguns anos em virtude de um câncer) e Charles Reginaldo (do Ceará).

São dias de festa, muitos conhecidos, muitos skatistas diferentes e todos se cumprimentam, conversam, compartilham a água. Mas, inusitado, apenas um praticante de BMX aparece na pista fazendo

manobras ousadas, o qual sempre aparece e demonstra respeito pelos skatistas, de igual modo é respeitado.

Então, touca, boné, jeans, tênis de solado reto, cores escuras, tatuagens nos mais velhos, cabelos crescidos nos mais novos, cadarço na cintura complementam o figurino, fones de ouvido. Alguns espectadores se aproximam, mas muito bem lembrado, aqui não há arquibancada, é uma pena que isso ocorra com a maior pista do nordeste, a terceira maior do país como ouço alguns falarem.

Foram dias de maior aproximação dos skatistas mais presentes, eles falaram mais comigo, já os cumprimentava pelos nomes e eles fizeram o mesmo. Ouço meu nome várias vezes, comumente chamada de Paulinha, ou a moça das anotações. Aos poucos estou ocupando um lugar dentro da pista, ainda não conversam comigo enquanto me veem com o caderno de anotações nas mãos, têm certo respeito, pois acho que pareço concentrada em algo importante (e é). Sem o caderno eles se aproximam.

Dizem os skatistas mais conhecidos: “campeonato serve para encontrar os amigos, curtimos um momento *style*⁴⁹ com a galera”. Ao mesmo tempo dizem sentir uma estagnação no desempenho da sua prática esportiva pela falta de incentivo do poder público e de patrocinadores quer dizer: “Aqui no skate não existe o melhor, existem estilos diferentes de andar.” Afirmam que os campeonatos organizados aqui são sempre uma farsa, uma inscrição custa entre trinta e quarenta reais e muitas vezes os prêmios são produtos de estoque passado, roupas ou tênis já envelhecidos, “a gente nem sabe para onde vai esse dinheiro e a premiação mixuruca é isso mesmo que a gente tem de ganhar” –

⁴⁹ Ver Glossário.

dizem revoltados. “Na verdade o que instiga vir para a competição é trocar ideia com a galera e rever os parceiros de outros estados”. Neste evento muitos parceiros de outros estados aparecem e com muita empolgação são recebidos e cumprimentados.

Outro registro que marcou no primeiro dia foi o “rolê” do grupo de skatistas locais, alguns de outros estados e mais o editor e o fotógrafo da revista Tribo que saindo ao entardecer foram fotografar em alguns “picos”, isto é, ponto ou estruturas onde é possível executar uma manobra. Porém, eles saíram pela própria Orla, onde os monumentos são bem conservados e vigiados, sejam ornamentais ou utilitários. Todos foram abordados por policiais e pelo diretor administrativo dos equipamentos e foram advertidos por estarem destruindo o patrimônio público. Porém, o mais interessante é o skatista que estava sendo fotografado no momento contou que se “instigou” mais ao ver o carro da PM, assim conseguiu acertar a manobra que já tinha feito inúmeras tentativas.

Durante a competição percebo que não há categoria iniciante feminina, mas mirim e *open*⁵⁰. Há uma menina (Jack⁵¹) para competir na categoria iniciante, ela executa sua série juntamente com mais de 10 competidores. Há presença feminina em maior quantidade como espectadora, mas as skatistas competidoras são bem conhecidas e reconhecidas pelos rapazes skatistas por seu esforço. Em todas as categorias novos nomes vão sendo associados à skatistas que estiveram

⁵⁰ Ver Glossário.

⁵¹ Caracterização: jovem de aproximadamente 20 anos, negra, simpática, roupas folgadas e coloridas, cabelos crespos, curtos sempre com algum prendedor e enfeite, mas solto, tem tatuagens.

presentes frequentemente nos últimos dias: Gabriel⁵², Dudu⁵³, Eugênio⁵⁴, Guga⁵⁵, João Victor⁵⁶, Davizinho⁵⁷, JN Charles⁵⁸.

A narração no decorrer das séries dos skatistas é marcada por palavras que não são comuns para descrever o desempenho de competidores em outras modalidades, mas no skate poderia ser diferente mesmo, os meninos e meninas, - diz o locutor: “estão mandando bem”, “fazem estrago” e “tão destruindo” para dizer que estão com bom desempenho; “manda sua base” para dizer seu estilo, sua forma de andar; “na base” com perfeição, sobre as bases que ligam o *truck* ao *shape*, isso quer dizer, simplesmente em perfeito equilíbrio. Mais uma característica sobre skatistas é encontrada no tipo de música ouvida durante o evento: rock in roll, rap, reggae, dentre outros.

Todos os dias do evento foram finalizados com uma confraternização entre skatistas. Muitos deles, jovens adultos relembando seu estilo skatista e fazendo muitas manobras, filmes. Os bikers e patinadores não tiveram espaço em nenhum dos momentos em

⁵² Caracterização: jovem branco, engraçado na desenvoltura das manobras, usa roupas não muito folgadas, claras, usa boné de vez em quando.

⁵³ Caracterização: menino de aparentemente de 10 anos, branco, cabelo crescido, usa roupas escuras, apertadas, sempre aparece com um boné. diferente e skate sempre novo, usa aparelho nos dentes e sempre está com outros maiores.

⁵⁴ Caracterização: moreno, cabelos lisos, pretos, crescidos, usa roupas muito folgadas e um boné.

⁵⁵ Caracterização: branco, de cabelos crescidos, claros e lisos, usa sempre roupas pretas, um pouco folgadas, usa touca normalmente.

⁵⁶ Caracterização: menino entre 10 e 13 anos, branco, cabelos lisos, claros e crescidos, de vez em quando usa touca, sempre aparece com roupas escuras, normalmente com blusas com emblemas de alguma banda de rock, que ele gosta muito, ele conversa muito e de vez em quando me surpreendo com suas opiniões, parece adulto.

⁵⁷ Caracterização: menino de 06 anos de idade, moreno, de cabelos crescidos e cacheados, escuros, usa boné e competiu no campeonato do final de semana.

⁵⁸ Caracterização: adulto, muito habilidoso, calmo, simpático, usa boné e roupas não muito folgadas.

que ocorriam as provas, apesar da presença de alguns rapazes que andam de BMX, dentre os quais, o Galego.

O evento rendeu duas matérias na revista Tribo, da edição de 29 de fevereiro de 2012, *online*⁵⁹ e em abril/2012, na versão impressa. Os três dias foram marcados pela presença dos lendários do skate sergipano: Fábio Galinha⁶⁰, Edu Freire⁶¹, Daniel Pijama, dentre tantos outros que fizeram parte da história do skate em Sergipe, inclusive Juninho ET⁶².

É interessante ver que mesmo competindo entre si eles aplaudem ora com intensidade, ora timidamente os parceiros, sejam meninos ou meninas. Além disso, quando a emoção é elevada, principalmente ao presenciar manobras difíceis uma comemoração muito interessante feita por eles é arremessar as rodas, os *trucks* e até mesmo o *shape* do skate no chão, sem soltá-lo, em uma euforia por um momento único. A última etapa do evento ocorreu nos Banks com categorias *open* e *Legend*, nas quais diferentes gerações mostraram grande habilidade e também deixaram claro que há lugar para todos e que o incentivo aos mais novos é constante.

⁵⁹ <http://triboskate.globo.com/whatsup.php?id=4127>. Acessado em Março de 2012.

⁶⁰ Caracterização: adulto de mais de 30 anos, usa boné, sempre vem de bermuda e blusa folgadas, fone de ouvido inseparável, de pouca conversa, parece muito sério, usa cavanhaque.

⁶¹ Caracterização: adulto aparentemente mais de 30 anos, moreno, alto, aspecto tímido, mas que conversa bem, roupa não muito apertadas, tons sóbrios, não usa acessórios.

⁶² Caracterização: Adulto, magro, sorridente e aparência sempre tranquila, cabelos pretos e crespos, usa barba, roupas sempre de adequadas ao seu tamanho, sem preferência de cor, não usa acessórios, é vegetariano (*vegan*), skatista profissional.

Terceira semana de fevereiro: reconhecendo a rotina e as recorrências cotidianas de dentro do Skatepark

Os dias após o evento são marcados por poucos skatistas na pista. A pista permanece completamente suja por dois dias, inclusive o gramado aos arredores. Registrei este fato porque o assessor da SEEL, com quem conversei durante o evento, afirmou que fariam toda a limpeza e também porque durante os três dias do evento a pista não foi limpa. Até esses dias não foi varrida ou lavada, pois é grande a quantidade de areia que vem da praia e se aloja nas proximidades dos obstáculos, fator que pode provocar acidentes em contato com as rodas do skate.

Algo curioso de notar é que adesivos de marketing espalhados por toda a pista nos dias do campeonato ainda permanecem, são reconhecidos por aqueles que têm proximidade com o “mundo do skate” nesse quesito de marcas, produtos da linha skateboard ou de esportes radicais, são: *pena, quixsilver, demorô skateboard, millys, gobby, occhi*. Além destes, existem também adesivos de marketing da loja do organizador do evento e das marcas de produtos para esse público, três chamam atenção: FALA JOVEM: a sintonia da juventude sergipana (um programa da 104 FM, Rádio Aperipê do governo do município da Aracaju); mídia skate, ou melhor MídiaSkate; e Sodart. Estes últimos são sites de divulgação de vídeos de promoção dos skatistas para conseguir possíveis patrocinadores, ou também para divulgação de marcas ligadas ao ramo.

A partir desta semana inicio um novo processo de maior aproximação e passo a observar de dentro da pista, para conseguir

contato com conversas, principalmente. Percebido que na semana anterior que existe um obstáculo onde os skatistas noturnos se reúnem normalmente adultos, os quais parecem sair do emprego/trabalho e passar por aqui. Fiquei um pouco apreensiva inicialmente, mas resolvi chegar cedo, igual aos dias anteriores, e instalar-me ali, ficar “plantada”. Achei que assim eles não reclamariam e se o fizeram, não foi na minha frente, pois conversaram normalmente comigo, me cumprimentaram e permaneceram fazendo o que sempre fizeram.

A estratégia deu certo, sou respeitada e cumprimentada por aqueles que se encontram na pista e por muitos que vão chegando aos poucos aos finais de tarde. Em uma das primeiras conversas, o skatista para quem o skate é uma forma de extravasar, diz também: “eu não corro campeonato, eu ando pela energia positiva do skate”. Acrescenta “uma das melhores coisas é ter um amigo para dar umas dicas, ensinar as manobras”, ele diz ter sentido muita falta disso quando começou a andar e hoje essa oportunidade para os mais novos é muito importante.

Nesta semana repetem-se relatos de incidentes com policiais militares, tanto aqui no Estado quando em fora dele e também ouço casos ocorridos no âmbito escolar. O fato se deve à forma como são vistos na sociedade, contam. Eles dizem que são os estranhos, sempre eram mal vistos pelos demais, alvo de confusão. Contudo, aqui na pista, de modo geral, os skatistas são bem educados ao pedir que algum colega ou alguém que esteja na pista desobstrua o obstáculo para que ele possa executar a manobra, usam um volume baixo de voz e normalmente pedem, por favor. Geralmente os ânimos se modificam quando não se trata de outro skatista.

A presença de muitos conhecidos é constante, assim no pós-campeonato o descanso também é no Skatepark, com um dia de filmagens. Eles fazem várias tomadas para acertar uma manobra inédita, sempre um “pico” diferente. É muito inusitada a forma de transpor um obstáculo e eles fazem questão de registrar para fazer divulgação do seu trabalho, dizem também que a divulgação é feita em vídeos na internet nos sites específicos de skatistas. Nestes portais os patrocinadores buscam novos talentos, os principais são: 100% skate (revista); parasitaviralskate; e Midiaskate, Sodart. Eles, então, arriscam a possibilidade, mas ainda assim, se não encontram patrocínio já vale o fato de ter um vídeo inédito postado.

O fotógrafo é de São Paulo. Os skatistas que já estão conversando bastante comigo dizem que “os profissionais que costumam divulgar o trabalho/desempenho dos skatistas sergipanos são sempre de fora” e que os profissionais de fotografia do estado que poderiam fazer isso nunca têm paciência, fator muito importante para quem quer uma manobra perfeita.

Observo durante esses dias um skatista que está se recuperando de uma luxação sofrida durante o campeonato, ele esteve por aqui conversando com demais. Por sua perna estar engessada ele anda com ajuda de amigos, um pé no skate, o outro mantendo contato com o chão como se tivesse remando e se apoiando no ombro de algum dos parceiros. Em razão de não poder andar o mesmo é visto diversas vezes lendo jornal ou livros na pista.

Além disso, reconhecido como alguém experiente ele também é caracterizado por seu discurso filosófico e de esquerda. Mesmo sendo constante a sua presença por aqui ainda não houve oportunidade de

estabelecer contato com ele, pois demonstra uma desconfiança quanto a minha presença, cuja certeza teria somente ao final de março quando em uma conversa ele me diz que a minha presença na pista só poderia ter duas possibilidades: como estudante de fato (que ainda poderia ser uma farsa para poder estar infiltrada ali), pois a outra opção seria como policial para investigar o consumo de produtos ilícitos, muito mais comum entre aqueles que não são skatistas, porém, deixo claro mais uma vez que há exceções.

Então, de dentro da pista chego ao ápice da minha aproximação, pois fico mais exposta e estou no “território” deles, o que permite que eles perguntem diretamente a mim: “O que você tanto escreve nesse caderno”? “Você é repórter”? “Vai escrever um livro? Traga pra mim quando terminar, pois vai ser o primeiro que vou ler.”

Minha rotina muda a partir desta semana, agora tenho algumas regras a seguir: falar com todos eles, ao menos cumprimentar ao chegar e ao sair. Alguns demonstram um entusiasmo ao ver-me e gritam meu nome de longe quando eu chego e alguns me abraçam. Uma característica geral aos meus olhos é a humildade estampada no rosto da maioria daqueles com quem mantenho contato, aspecto que poderia ser visto somente “de dentro”, com essa aproximação.

Dois momentos são registrados com muita curiosidade. O primeiro é considerar a água trazida por alguns em garrações *pet*, como um bem público, entre os skatistas é claro. Somente Galego da BMX é aceito no grupo, o mais frequente, com quem conversam e compartilham a água. Normalmente skatistas e patinadores não mantêm contato até onde pude perceber. Um segundo momento é a partilha do lanche

ocorrido entre skatistas somente, mas que em uma das vezes oferecem a mim, porém, ainda sem jeito não me sentia à vontade para aceitar.

Repete-se muito entre as diferentes gerações presentes que a pista é uma válvula de escape, não só para vir andar, pois aqui eles sentam para conversar, deitam sobre os obstáculos para olhar o céu, dormem (sesta), conversam sobre manobras, os modos de fazê-la, o melhor jeito para acertar uma nova manobra, falam sobre vídeos dos amigos, dos skatistas antigos, fumam “back”⁶³ (as exceções), comentam sobre meninas, assuntos amorosos. O carrinho ora é o banquinho para não sentar no chão, ora é o travesseiro.

Permaneço por dias me instalando dentro da pista no mesmo obstáculo, logo percebo que se trata de um ponto de concentração de skatistas da geração intermediária, é também um lugar de onde posso reconhecer e presenciar novas presenças: Geferson Califórnia⁶⁴, Lucas Kinha⁶⁵, Silvio Urêa⁶⁶, Kartman⁶⁷, Cuiabá⁶⁸, Índio, Wesley Dente (BA)⁶⁹, Anderson Neném⁷⁰, Kaik, Cachorro⁷¹, Feijão, Formiga,

⁶³ Ver Glossário.

⁶⁴ Caracterização: moreno magro, pouco mais de 18 anos, usa brincos, roupas um pouco folgadas, cadarço na calça, sempre ouvindo música ao andar de sk, usa touca de vez em quando e é muito sorridente.

⁶⁵ Caracterização: aproximadamente 18 anos, branco, usa brincos, roupas apertadas e escuras, boné, sempre irreverente.

⁶⁶ Caracterização: magro, tímido, quieto, um tom sério de voz, que raramente acha algo engraçado, mas quando tem certa aproximação conversa bastante, ele sempre usa boné, roupas apertadas e tênis reto como todos os outros.

⁶⁷ Caracterização: branco, de cabelos claros, curtos e cacheados, olhos claros, com roupas sempre muito apertadas e escuras, tênis reto como a maioria, parece iniciar a prática.

⁶⁸ Caracterização: branco, cabelo preto, curtos, tatuagens, roupas não apertadas ou folgadas, brinco.

⁶⁹ Caracterização: é baiano, veste roupas não muito apertadas, nem escuras, usa brinco, boné, cadarço na calça, fone de ouvido, aparelho nos dentes.

Carioca⁷², dos quais alguns estavam presentes no campeonato. Um assunto interessante entre muitos ali presentes se deve à evolução dos skatistas que poderiam melhorar se fossem “pra gringa” (para o exterior) e o que eles deveriam fazer em questão de comportamento, principalmente no que se refere ao uso de drogas, pois alguns são promessas do skate sergipano, mas, segundo eles, precisam parar de fumar, controlar-se mais um pouco, com a bebida, principalmente se sair do estado ou do país.

Conversam sobre aqueles que vêm aqui andar de BMX ou bicicleta comum. “Porque eles vêm pra cá?”; “Não tem uma federação?”; “Por que não se juntam e exigem um espaço na Orla?”- indagam entre si. Não é a primeira vez que ouço uma discussão sobre aqueles que “usurpam” o equipamento que deveria ser somente do skatista. O preconceito da sociedade também é ponto de pauta, sobre a reação das pessoas quando os veem na rua os meninos de blusa grande e calça folgada, ou mesmo de roupas escuras, boné e “cara” de skatista, mas também das pessoas que não vêm assistir os eventos ou mesmo que não passam por aqui por medo.

Outro ponto tocado por aqueles que comumente se instalam ali se trata de provas de amizade e parceria entre os skatistas, do amor ao skate, do dever da união entre eles. Parece que o vínculo aqui é tão forte

⁷⁰ Caracterização: adulto, de roupas não muito folgadas, cabelos curtos, usa boné, um brinco, um pouco impaciente, mas muito engraçado, é o responsável pela organização da pista do Bairro Industrial.

⁷¹ Caracterização: cabelo rasta, com uma touca de tricô colorida (com as cores verde, preta, amarela e vermelha), seu corpo tem algumas tatuagens, comum nos mais antigos da pista, suas roupas são folgadas e um semblante sério, um tom grave de voz.

⁷² Caracterização: negro carioca (RJ-capital), magro, cabelos crespos, usa sempre bermuda, camisa com mangas, não usa acessórios, boné, nem fones de ouvido.

ao ponto de criar um sentimento que é somente explicado através da palavra *família*. Que tipo de instituição seria essa nesses novos tempos? Por que oço que o Skatepark se tornou casa para muitos deles? Um skatista responde que é “porque são todos irmãos, que não recebem ninguém com má educação”.

Pela recorrência de quebra de *shape* durante a semana é possível notar o semblante triste, como alguém que perdeu o amigo. *Shape* é a peça que mais estraga ou quebra mais rápido do skate, principalmente quando as manobras exigem grande impacto e queda na base, qualquer erro neste caso, a peça é esvaçada. Além disso, o preço não é nada animador, principalmente quando é um shape de marca “gringa”, entendo que a tristeza é porque eles sabem que vão demorar algum tempo para conseguir comprar outro. As demais peças como truck, rodas, base, também não são muito acessíveis, por isso, os garotos negociam entre si algumas peças já usadas, principalmente o shape.

Todos os meninos e meninas que andam de skate têm marcas no corpo, não somente tatuagens, mas marcas de cicatrizes (em maior quantidade) das quedas, tombos, trombadas, encontros. Sem contar com os ossos quebrados. Suas roupas trazem outras marcas, são as marcas dos patrocinadores, são as marcas das frases, símbolos e emblemas que parecem os identificar com marca de produtos relacionados ao skate, aos seus patrocinadores ou a algum grupo apontando gostos musicais.

Eles variam a musicalidade, ouvem rock, rap, Black, eles cantam também, algumas vezes. Mas costumam cantar um reggae ou ouvir música em volume alto quando estão sentados/parados, descansando ou conversando. Porém, é mais comum usar o fone para os

maiores das turmas, somente quando estão querendo andar muito de skate. A música, dizem eles, é uma ‘instiga’, uma fonte de energia como o baseado e do álcool para aqueles que fumam e bebem, é claro.

Apesar de todos os relatos, essa foi uma semana de muita chuva, fator que influencia na presença dos skatistas na pista, pois em alguns desses dias não foi possível fazer observação ou a mesma foi interrompida.

Quarta semana de fevereiro: distinguindo os sujeitos da pesquisa e compartilhando o mesmo espaço

Semana de feriado, uma quantidade impressionante de skatistas invade a pista, principalmente de desconhecidos. O feriado atrai muitas pessoas e os skatistas se confundem na pista. Desse modo, fica um pouco difícil de observar o que ocorre, até porque a maioria aqui presente é de skatistas esporádicos. Nota-se grande quantidade de aprendizes entre meninos e meninas, com reconhecimento de alguns poucos.

Em um desses dias foi interessante notar que dentre tantos desconhecidos, alguns skatistas de outra localidade (não sei se de fora da cidade ou do estado) estavam tentando gravar seu filme, comum para divulgação. Mas ao passo que estes escolhiam um obstáculo, dois dos locais também tentavam manobra no mesmo obstáculo. Considerando que para acertar a manobra são repetidas várias cenas, parecia ser proposital, isto é, queriam “embaçar”, incomodar. Estes que tentam aparecer no filme alheio, ou mesmo atrapalhar a filmagem, são dois conhecidos e frequentadores assíduos do Skatepark. Contudo, logo em

seguida eles mudam o comportamento, como que reconhecem que esta não é uma atitude interessante e deixam que os outros finalizem a gravação.

A partir da quinta-feira a pista que esteve superlotada volta ao normal das suas tardes com poucos skatistas, cenário que modifica somente à noite e aos finais de semana. Muitos daqueles que quebraram o *shape* nos últimos dias deixam transparecer no olhar algo de sacrificante ao vir até a pista sem skate, mas com vontade de andar. Vejo com maior intensidade a tristeza daquele que está sem skate ao longo dos dias. Lembro que no momento da quebra do skate o skatista, em sua maioria não grita, não desfere xingamentos, palavras rudes. Apenas finaliza o estrago do *shape* trincado arremessando-o no corrimão ou no vértice de algum caixote ou banco, para desmontar o que sobrou, pois os trucks e as rodas poderão ser utilizados no próximo skate. Mas como é interessante ver que mesmo sem skate eles vêm para a pista ver os amigos andando, tentando suas manobras.

A presença feminina como sempre é mínima entre skatistas e na última semana parece haver o retorno de algumas já conhecidas, com quem já criei um vínculo. Eu vou sendo apresentada a eles e a outros skatistas, formando uma rede de conexões até com algumas das competidoras que marcam presença depois do campeonato Sabrina e Jack, e outras skatistas que não gostavam de competir como Dany Crazy⁷³ e Renatinha⁷⁴. Nesta última semana de fevereiro estive colhendo

⁷³ Caracterização: branca, cabelos claros e crespos, baixa, sorridente, usa roupas escuras, brincos, piercing, tatuagens.

⁷⁴ Caracterização: adulta com pouco mais de 20 anos, cabelo liso e escuro, curto, usa piercing e tem tatuagens, é magra e baixa, usa roupas apertadas.

informações com o Sr. Helder Menezes, diretor da SUPEROMA, órgão já mencionado nas descrições anteriores.

Nesta semana também tive a oportunidade de constatar que aqueles que apareceram no final de semana do campeonato, para competir ou para fazer a arbitragem, permanecem marcando presença no Skatepark no período noturno. Alguns ditos “das antigas”, outros não.

Registro nesse mesmo período o encontro com um representante de uma das associações, ao qual dirigi cumprimento e me apresentei. Um lendário do skate sergipano, que não esteve presente no campeonato, mas que seu nome é comumente citado na pista, Badá. Ele falou da antiga revista Oxe, uma revista construída e mantida pelo e para o público skatista, de abrangência nordestina, mas que não pode continuar por problemas econômicos. Para ele o significado do skate é a sua vida.

A minha proximidade com uma das skatistas proporciona a participação em luau no final de semana, realizado no segundo lago da Orla. Contando com a presença de skatistas e outros conhecidos, as pessoas levam bebida e violão. Um espaço de conversa. Percebo somente no luau que lá na pista não há somente o vínculo de amizade e irmandade, mas também acontece romance, visto que a skatista namora um patinador, o qual conheceu devido um choque brusco entre eles ao tentar transpor o mesmo obstáculo na pista.

As meninas ocupam aos poucos o cenário da pista, transitam como quem passeia, conversam com todos. Tenho oportunidade de aproximar-me delas a partir dos diversos assuntos que circulam entre skatistas, mas também desabafos diversos e confidências. É também nesta última semana de fevereiro que muitos skatistas dos quais me

aproximei tentam me convencer que tenho de aprender a andar, que preciso de skate para compreender o que é ser um skatista. Eles cobram a experiência de andar sobre carrinho. Acato a ideia, porém, seria somente a partir do final do mês seguinte e eles se dispõem a montar um skate para que eu possa andar.

Março: a memória que aparece a partir dos adultos

Visito a pista em uma menor quantidade de dias e permaneço por menos tempo. Começo a ir somente a partir da quarta ou da quinta-feira, permanecendo a visita até o domingo. Registro a presença de muitos skatistas adultos que estiveram presentes desde os dias seguintes ao campeonato ocorrido em fevereiro: Edu, Carlos Papel⁷⁵, Ramon Ribeiro⁷⁶, Anderson Tander⁷⁷.

Há certo saudosismo daqueles que fizeram a história do skate sergipano antes do Skatepark. Frequentemente comentam sobre os vídeos do *Aracaju Family* para mostrar o que era o skate de Aracaju, uma produção editada por Fabrizio dos Santos e colaboradores, a partir das filmagens recuperadas daqueles que andavam de skate antes da construção das pistas públicas na capital. Muitos deles aparecem aqui na pista e isso é muito interessante, pois é um dos momentos que reúne gerações de skatistas.

⁷⁵ Caracterização: Adulto branco, cabelos claros, grandes e cacheados, fala mansa e pausada como se a paciência fosse seu sobrenome, usa roupas folgadas.

⁷⁶ Caracterização: Adulto magro, branco, é cinegrafista e sempre está de bicicleta e com seus equipamentos de filmagem.

⁷⁷ Caracterização: adulto, tímido, alto, que usa roupas não muito folgadas, usa boné quando vem andar de skate.

“O skatista não para de andar, ele dá um tempo.”; “Mesmo que não seja para competição nós continuamos andando, é uma forma de vida, não sei viver sem o skate, ele é parte importante de mim.” São, dentre outros, comentários comuns que expressam o sentido do skate/lazer para os skatistas presentes, sejam de Aracaju ou de outras localidades.

Registro que nesse tempo encontrava-me já enturmada e bem conhecida por todos aqueles que frequentam constantemente o local. Ocorreu que depois de uma tarde muito cansativa, pois eu continuei indo de bicicleta e os meninos haviam despendido suas energias andando de skate, todos estavam com fome e sede. Na roda de conversa alguém sugeriu fazermos uma vaquinha para alguém ir comprar o lanche. Assim foi feito, o dinheiro arrecadado deu para o lanche que percebi que é muito comum entre eles, pão com salame e refrigerante. Lanchamos juntos, foi um momento marcante pra mim, adorei compartilhar com eles e manter esse contato.

Alguns dias depois volto com a ideia de montar um skate e alguns se mobilizam para encontrar um shape do jeito que eu pedi, sem lixa e sem a seda, pois a minha ideia é que todos que pudessem fizessem a assinatura no lugar onde ficaria a lixa. Fomos alimentando a ideia... Dois skatistas prometem conseguir um pra mim. Eles também insistem que eu tenho que andar.

Tive contato com os skatistas das antigas e notei que em alguns dias eles são acompanhados por suas esposas, as quais se tornaram amigas a partir dos seus maridos, algumas delas também andavam de skate, mas hoje não andam mais. Percebo em suas conversas que se

encontram em festas públicas e familiares e de vez em quando aos finais de semana.

No último final de semana de março ocorre um luau nos laguinhos da Orla, é a festa de despedida de Lucas (Kinha), uma festa organizada pelos amigos, muita brincadeira entre eles, fotografias. Era despedida de “irmãos”, forma como se tratavam, porque seus pais resolveram mudar-se para uma cidade do Estado de São Paulo.

Abril: identificando e compartilhando encontros e outros detalhes do cotidiano

Muitos fatos se repetem quanto à presença, o horário, a frequência dos dias durante a semana. Contudo, é curioso que um grupo sempre presente, com uma média de 30 anos, permanece junto a alguns que compõem um grupo que denominei de intermediário, a partir dos 15 anos, até altas horas na pista. É interessante a frequência com que os encontros são comentados na pista, skatistas que se reúnem em outros lugares para além daquele espaço, tanto para andar de skate, quanto para ouvir música, beber, lanchar, ver conhecidos de outros grupos, paquerar, conhecer novas pessoas e formar outros círculos de amizades.

Atualmente os locais mais visitados para comemorações são Juke Box (lanchonete) e os lagos artificiais, todos situados na própria Orla, são atrativos muito frequentados por eles, são pontos de luau e festinhas em geral.

Entre os mais antigos os locais de encontro eram as ruas em geral, pois não existia o Skatepark. Então eles frequentavam as praças do centro, os arredores (calçadas, escadas, corrimão) da Biblioteca

Pública Estadual Epifânio Dória, as praças dos bairros América e Siqueira Campos, eles também se encontravam no Parque da Sementeira. No entanto, o principal pico era na Praça 13 de Julho, hoje muito bem policiada e inacessível à prática do skate. Inclusive porque sua pequena rampa vertical foi demolida no governo atual. Com exceção da Praça 13 de Julho, os demais locais não possuíam minirrampas, na verdade o uso do meio-fio, das ruas vazias, dos bancos de praças e tudo mais que era encontrado e que aguçava a criatividade e o desafio era motivo para arriscar uma manobra sem medo de errar ou ser barrado pela população ou por uma intervenção policial.

Um dos assuntos mais comuns quando se trata de pistas e “picos” é que apesar de Aracaju possuir um número significativo de pistas e “mini ramps” como eles chamam, nem sempre apresentam qualidade. Com exceção da pequena pista recém-construída no Bairro Industrial, no Complexo Poliesportivo Dona Finha (a pista do BI possui as dimensões de uma quadra de futsal e é composta por obstáculos de madeira) as demais pistas encontradas na capital apresentam dois grandes problemas para os skatistas: a falta de reforma e manutenção, como a pista Bairro América (BA denominada por eles); e a imperfeição da obra, como é possível perceber nas pistas do Parque dos Cajueiros e do bairro Augusto Franco.

A construção, manutenção e acesso a pistas de qualidade é um fator primordial, eles afirmam em suas conversas, mas logo reconhecem que a emoção de arriscar-se nas ruas é incomparável. Por isso, reconhecem também a fama de vândalos, arruaceiros, dentre outras denominações. Só o fato de desafiar o piso irregular, as cantoneiras de cimento (e não de metal como encontramos na pista) e olhar daqueles

que passam já se torna algo incomparável. Desafiar os olhares da sociedade que costuma aprovar ou desaprovar a ação dos skatistas, desafiar o comum, o cotidiano, o tempo, a ordem. Eles desafiam a gravidade diariamente, o perigo que sempre está à espreita, pois ganhar uma fratura, entorse, luxação ou qualquer outro tipo de machucado é comum, não há quem os convença a usar os acessórios de segurança, são autodenominados *Família Skate*.

Neste mês, dois dos skatistas conhecidos me presentearam com um shape. O meu skate foi montado a partir de peças usadas, algumas compradas a um deles, outras doadas como foi o caso do *shape*.

Maio: mais encontros e a sensação de total acolhimento da pesquisadora

Existe uma intensa mobilização para divulgação de eventos onde os skatistas podem reunir-se. Isso é comum no Skatepark através de cartazes, mas também por comentários entre eles a partir do convívio e nas redes sociais, principalmente o Facebook. Um evento de destaque no mês de maio ocorreu no complexo Dona Finha, no Bairro Industrial, nos dias 5 e 6, no qual eu pude comparecer. Tornou-se uma possibilidade de propor diferenciações entre as pistas, entre seu público, percebi, contudo, que o público era muito semelhante ao que fica na pista da Orla, porém o espaço é consideravelmente menor, é de madeira, porém a relevância para os skatistas é a mesma: um lugar comum, de encontros e reencontros com os amigos. Estes eventos assemelham-se a uma comemoração pelo reencontro de lendas do skate, de pessoas que demoram a se encontrar, mas que mantêm um vínculo que eu não sei

explicar. Algumas notas e fotografias foram postadas e compartilhadas pelos próprios skatistas na rede social.

Registro que ao longo do tempo, quem faz os buracos no alambrado geral são alguns dos próprios frequentadores do Skatepark, além disso, quando não querem passar pelos seus acessos principais, simplesmente pulam o alambrado. Inclusive em um momento desses, por curiosidade e para saber como era a sensação de agir desse modo eu saltei o alambrado para comprar um lanche. Ação que me rendeu o apelido súbito e inesperado de “gangureira”, que significa uma das pessoas que compunham o grupo de “gangueiros” no skate, aqueles que usam roupas folgadas, que gostam de rap e hoje, são os mais antigos da família, ou simplesmente corajosa, subversiva. O skatista ainda acrescentou: “corajosa”, “você é uma das nossas!”.

Nesses grandes grupos que se reúnem no Skatepark, existiu uma grande aproximação com os skatistas que mais frequentam. Existem muitos assuntos como tema das suas conversas para além do skate, então, entre as temáticas mais exploradas há duas instituições sobre as quais os skatistas mais relatam experiências ou expõe o seu modo de olhar: a escola e a família. Em sua maioria com problemas em ao menos uma delas, seja pela desestruturação familiar ou pelo não ajustamento ao sistema de ensino. Em alguns dias notei que muitos deles questionavam a utilidade da Educação Física, no sentido da experiência que trazia, faziam críticas ao preconceito reforçado pela disciplina na escola, pois se limitava apenas aos esportes mais comuns e não se abria a novas possibilidades. Ainda com relação ao desempenho escolar notei que no mês de abril e maio um skatista de 11 anos foi proibido pelo pai de andar de skate, a única atividade que proporcionava diversão e encontro

com os amigos do skate. Por seu desempenho escolar não atingir o patamar desejado ele ficou distante até mesmo do próprio skate. Sendo que ele só andava de skate aos finais de semana. Seu retorno foi registrado somente ao final de maio.

Em contraposição ao fato citado, a presença de uma mãe que esteve presente durante os últimos três meses chamou atenção. Suas razões: o desempenho do filho na escola. Em conversas informais ela relatou que seu filho estava desenvolvendo com maior facilidade as atividades escolares.

Com o passar do tempo os skatistas atingem a idade de emancipação para criar as próprias manobras, não me refiro exatamente à idade, mas um estágio alcançado onde ele passa a ser referência e não mais um aprendiz somente. Estes que são referência tem uma sensibilidade para a prática e para a vida que são desenvolvidas com cada experiência aqui e em outros lugares até fora do país. É um ensinamento que com o tempo acabam transmitindo aos mais novos nas rodas de conversa na própria pista. É a partir dessa troca que a constante criatividade e ousadia dos skatistas mais experientes é sempre referência para aqueles que estão iniciando.

Finalizo essa etapa com a aproximação à grande parte dos skatistas e até mesmo com aproximação a um dos ícones internacionais do skate sergipano: Adelmo Jr ou Juninho ET. Por um acaso fomos apresentados, depois de muito ouvir falar dele. É um skatista de Aracaju que atingiu o nível profissional e hoje, aos 33 anos, reside nos Estados Unidos, mas pela frequência com que visita Aracaju e sempre mantém o contato com os seus amigos no Skatepark tornou-se o nome mais ouvido

dentre os skatistas sergipanos de referência internacional, o seu nome é mais citado até mesmo que o Cara de Sapo.

Quanto ao meu skate, completo, o shape foi um presente e as demais peças foram compradas ali mesmo na pista, peças usadas. Todo ele foi montado pelos skatistas que se dispuseram a aplicar a lixa e encaixar as bases ao shape. No início do mês estava pronto pra andar, porém aprendi minimamente a equilibrar-me sobre ele e consegui as primeiras remadas, isso porque fui cobrada constantemente por skatistas de todos os gêneros, dos quais me aproximei.

Uma experiência muito boa, mas não suficiente para compreender o que essa forma de lazer proporciona em seu sentido vivido. Por isso, é necessário ampliar a discussão, as perspectivas “de dentro” e “de fora” que a partir de agora dialogam e se complementam.

3 **CAPÍTULO 2** **LAZER E SUAS FACES NA URBE**

“O maior prazer que se tira dos momentos livres que temos [...] é experimentar os sabores daquilo que somos ou desejamos ser, de estarmos juntos com os outros e com a natureza de estarmos vivos.” (PENA, 2009, p.)

As várias definições do que se entende por lazer no panorama acadêmico faz pensar o quanto o próprio conceito merece uma atenção a partir de perspectivas diferentes, pois se muda o contexto a sua compreensão o acompanha, se a sociedade sofre alguma transformação há uma adequação em decorrência da mesma. Isso ocorre no âmbito das pesquisas onde os conceitos são gerados englobando vários enfoques. Não é preciso fazer um histórico para saber do mais creditado conceito de lazer nas universidades, reconhecido em contraposição ao trabalho, ao tempo que rege o trabalho e continua considerado, por muitos, como criação da condição econômico-capitalista, da nossa sociedade urbano industrial, definição que atribuiu ao lazer uma característica funcionalista e utilitarista em suas primeiras definições, estas bem explicadas por Marcellino (2002).

Interessa aqui entender a cultura como ação humana contínua, múltipla e complexa em suas expressões na sociedade, tecida pelo próprio homem no mundo e que o lazer é uma delas, por isso, este último vem a ser entendido como uma ação cultural e multifacetada, característica atribuída por Marcellino (2007), ampliando os valores e significados que o lazer deve conter na sociedade atual.

Em conformidade com tal assertiva, Gomes e colaboradores (2009) atestam que se trata de uma criação humana em constante

interação com as demais esferas da vida. Portanto, o lazer se apresenta de várias formas no contexto humano em geral, não somente como oposto do trabalho ou como uma mercadoria em tempos de extremo consumo; acrescentamos que suas características no contexto urbano possuem uma condição encantadora e enigmática, que ao mesmo tempo em que instiga e convida a decifrar-lhe, faz o mesmo com o próprio ser humano o qual cria e recria a ação consigo e com os outros, tornando-o uma manifestação sociocultural.

El ócio configura los momentos em que antecedemos a nuestras demandas internas y comunes, momento en que reconocemos y desarrollamos nuestras potencialidades, aprendemos el placer de brincar, de inventar, de imaginar y, sobre todo, de compartir con los otros las alegrías, las tristezas y los juegos com los cuales conquistamos lo mejor de nosotros mismos. (BRANDÃO, 2012, s/p)

Temos na definição supracitada uma das muitas formas de compreendermos o lazer, já que o contexto é também um elemento essencial para captarmos a sua essência, lembrando mais uma vez Marcellino (2007), para quem o lazer é também multifatorial e assim não há como enclausurar o lazer em um conceito, nem atribuir-lhe elementos de um contexto determinado unicamente.

Por isso, o que mais importa nessa pesquisa é compreender que o lazer não possui um conceito fechado e que lhe possa impor limites, um exemplo disso são as compreensões apresentadas por Gomes e colaboradores (2009), em pesquisa que traz um conjunto de visões a partir de pesquisadores de oito países da América Latina, os quais traçam perspectivas do lazer voltado ao seu país, ao seu contexto social, político, econômico e cultural. Enfim, a partir das singularidades de

cada um deles, mostrando que não há um consenso, mas olhares distintos. Para além desse pensamento, o lazer se faz instrumento de compreensão do ser humano, por ser um momento capaz de fazê-lo presente por completo.

Considerando essa posição entende-se que o lazer percorre os campos de estudos com uma característica fluídica, até porque são pesquisadores sociais, de áreas diversas que apontam tantos elementos quanto possam enriquecer a compreensão dessa manifestação sociocultural sejam em relação a vivências das suas possibilidades como cultura, seja em suas contradições e discrepâncias, seja à própria indústria que o transforma em mercadoria. Ainda que permaneça a ideia de poder apreendê-lo, o que há de fato é uma constante remodelagem a partir do acréscimo em seus valores, sentidos e significados dentro dos contextos culturais.

Não há uma ideia de extrema flexibilidade aqui apresentada, mas o reforço em alcançar um entendimento desde que a própria compreensão considere o contexto social. Para tanto, apresentamos nesta pesquisa uma das faces do lazer na cidade através de uma modalidade nascida na própria urbe e em seu contexto foi e vem sendo modificada: o skate. Uma manifestação urbana praticada há mais de quatro décadas no Brasil.

É o skate uma prática ocidental que faz parte de um tempo em que a sociedade prima por controle e autocontrole, processo ao qual Norbert Elias denomina processo civilizador, afirma Honorato (2004). Tal como o skate, Honorato (2004) aponta que algumas formas de lazer e tantas outras manifestações da cultura corporal são criadas e recriadas nos mais diversos contextos, no sentido de preencher alguns espaços

vazios em que se resguardam as pulsões, resultantes desse processo que em longo prazo provoca mudanças nos contextos e relações sociais, mas principalmente, no modo de vida das sociedades, acrescenta.

Concordando que o lazer emerge da prática social, posto sua condição cultural, tem-se que o skate emergiu numa condição lúdica, de prazer, risco e aventura, surgiu da participação social num sentido de fruição – um dos primeiros aspectos do lazer –, mas absorveu um caráter de rebeldia e reivindicação ao se desvincular do surfe e apresentar uma identidade própria da estrutura urbana, longe da brisa marítima. Ele traz em seu histórico a participação de/em grupos sociais como os *Z Boys*, *Hasta*, *Hip Hop*, *Punk*⁷⁸ (BRANDÃO, 2012) como forma de ser visto, reconhecido e respeitado em sua condição de manifestação social, diferente e totalmente desvinculada do surfe⁷⁹, crescida em uma sociedade repressora e preconceituosa. Por isso, as expressões e os significados atribuídos por seus próprios atores merecem ser ouvidos/vistos.

O lazer é uma prática social complexa e apresenta-se como possibilidade de resistência de onde renasce o sujeito, o cidadão, a pessoa, aquele que se compromete com a criação de novas formas de organização social, histórica e espacial. É uma necessidade humana, por isso um direito fundamental. Trata-se de uma questão de cidadania e direito social, ainda que o lazer apresente-se como ócio, recreação e tempo livre como vemos em Gomes e colaboradores (2009); ainda que o

⁷⁸ Ver Glossário.

⁷⁹ Em virtude das suas variações quanto ao local onde se andava, pois não somente as pistas verticais eram suas preferências, o skate ganhou as ruas, não mais as ladeiras, mas escadarias, corrimãos, obstáculos diversos de construção e demolição. Um aproveitamento total do espaço urbano, em nada mais se assemelhava a pegar onda no asfalto.

próprio conceito traga divergências e proponha objetivos os mais distintos a partir de ações diferenciadas é inegável que se trata de uma necessidade humana fundamental à sua formação que deve ser respeitada e atendida, principalmente, pelo sistema público administrativo.

Estudiosos da área, autores comprometidos com essa temática recente e preciosa no meio acadêmico (GOMES, 2009; MARCELLINO, 2007; MASCARENHAS, 2004) têm sua opinião voltada à contribuição do lazer como uma prática social/cidadã que desencadeia - ou que pode desencadear - processos de transformação cultural, social e educativa, desde que seja respeitado como projeto efetivamente ético e político.

Por isso, apresentamos neste capítulo como o skate é visto e vivido, o seu significado na vida de pessoas que compartilham de um universo constituído por uma diversidade rica em valores e significados, suas contradições e possibilidades de contribuição com a promessa do lazer como manifestação sociocultural vivida e precedente ao desenvolvimento do ser humano. Isso leva-nos a entender que a construção processual e paulatina em que se concebe o desenvolvimento pessoal/social se dá como formação humana, pois diante das possibilidades do lazer, a partir das suas relações interdisciplinares, fica claro que

Embora as funções de descanso e divertimento também possam operar essa dimensão educativa do lazer, é na perspectiva da aquisição de valores que orientem para uma cidadania emancipada e participativa que a educação pelo e para o lazer melhor se evidencia. (PIRES, 2008, p.3)

No contexto brasileiro de pesquisas, o lazer abriga as demais instâncias do tempo livre, do ócio e da recreação, aspectos que o torna

mais profundo, amplo e complexo como campo da vida social, não somente como oposto ao trabalho ou a qualquer modo de controle do tempo e do corpo, mas como um campo em que há forças internas onde

Se encontrará uma luta, da qual se deve cada vez procurar as formas específicas, entre o novo que está entrando e que tenta forçar o direito de entrada e o dominante que tenta defender o monopólio e excluir a concorrência (BOURDIEU, 1983, p. 89).

Assim, o lazer seria um campo constituído a partir de forças que não são necessariamente opostas, mas complementares que, no entanto, nem sempre tem uma resultante comum, mas que lhe confere sempre perspectivas de compreensão. Dessa face que apresentamos do lazer na cidade buscamos compreender o que tem sido identificado no contexto da modalidade skate, o que o compõe cotidianamente e como são identificadas pelos indivíduos, nas suas opiniões e comportamentos as múltiplas configurações que regem a lógica de um universo que aponta a diversão como condição inicial, mas que traz em seu bojo contradições, forças complementares que mais à frente poderão reconstruir e/ou atribuir novos valores e significados à modalidade.

Compreendemos que nessa pesquisa, de um modo ou de outro, o elemento trabalho poderia estar presente nas discussões como condição humana, posto que a abrangência de colaboradores e diferenças de faixa etária foi muito variante. Visto isso, a presença da temática que trata do profissionalismo como parte do contexto no qual o skatista está imerso é imprescindível, pois traz uma relação dialógica entre lazer e trabalho, como instâncias interdependentes e complementares, ainda que essa relação suscite a alguns autores como

Padilha (2004) uma discussão pautada numa condição consumista do próprio lazer e este como um apêndice, um subserviente ao trabalho.

Outra característica enfatizada nesse diálogo é a presença cotidiana de aparelhos tecnológicos e os mais diversos e atuais recursos midiáticos na pista de skate, temática inserida não somente pelo fato da sua recorrência, mas inclusive por ser uma instância pouco discutida no próprio campo do lazer. Como então compreender esse processo, em que a tecnologia vai permeando o cotidiano dos skatistas e modificando aos poucos o contexto no tempo em que o skate encontra-se em vias de profissionalismo?

Algumas concepções do lazer parecem utópicas de fato como mostra Brunhs (2004) em seus escritos, a partir da concepção de De Grazia, onde a proximidade com o estado de vida tranquila e serena nunca seria determinado por um tempo, mas seria um contínuo. A autora alerta que tal concepção implica em um número reduzido de compromissos e afazeres, na esquivia a inconveniências, à consciência dos próprios limites, isso abrange também, muitas vezes, a renúncia ao dinheiro, ao status ou poder para requerer o privilégio de outros valores como sossego, paz, tranquilidade.

Mas existe o lazer como é concebido hoje dentro das próprias contradições, pois o ser humano em si é contraditório, enigmático. Por que, então, querer o lazer uma construção humana pronta e perfeita com o ideal de vida realizada diante da pureza inexistente das coisas visíveis? Entende-se que o lazer é por vezes mero reproduutor da ordem social vigente, injusta e completamente desigual, contudo é também instrumento de produção do novo. Ele traz em si as duas faces.

Contudo, o seu caráter mercadológico ou *mercolazer* (MASCARENHAS, 2005) e até mesmo como o próprio instrumento de incitação ao consumo ganha seu espaço de discussão, como uma dessas forças internas atribuídas a sua conformação enquanto construção social que pertence a uma sociedade cuja força predominante é a necessidade criada para as pessoas em vistas ao consumo desenfreado de produtos, os mais obsoletos, os quais precisam conter somente o falso encanto da satisfação pessoal. Efeito inebriante que se esvai logo seja substituído por um novo produto.

É a partir daqui que os sujeitos ganham voz, “a presença do outro” na pesquisa é demarcada neste momento e nos capítulos subsequentes. Assim, o que essa face do lazer, essa modalidade cultural desenvolvida (skate) no contexto aracajuano pode nos revelar sobre ela mesma, mas principalmente, sobre os skatistas que a vivenciam diariamente? Não é a atividade que caracteriza o lazer... o seu significado para os skatistas é que revela seu sentido.

3.1 O LAZER IDENTIFICADO NO ESPAÇO URBANO: O SKATE COMO OPÇÃO

Para que um campo funcione, é preciso que haja objetos de disputa e pessoas prontas para disputar o jogo, dotadas de *habitus* (um capital de técnicas, propriedades estratégicas para combater) que impliquem no conhecimento e no reconhecimento das leis imanentes do jogo, dos objetos de disputa, etc. (BOURDIEU, 1983, p. 89)

O próprio campo do lazer revela a relação de forças que buscam a conservação ou a subversão da estrutura de acordo com os interesses. Isso é levado para o âmbito do funcionamento interno das próprias

modalidades do lazer, pois a lógica interna é identificada pelo *habitus* inerente aos indivíduos que a vivenciam. Já apresentado o que se percebe como lazer nessa pesquisa, abrimos espaço a sua vivência na cidade com o skate, forma específica de lazer de pessoas que compartilham do contexto urbano.

Sendo assim, buscamos em Saraví (2012) alguns aspectos que constituem a *lógica interna* do funcionamento do skate: espaço, tempo, objetos e pessoas. O primeiro aspecto trata do espaço específico do skate, no qual ele não existe somente, mas se apropria e em virtude dessa ação compreendemos que *el skate no es solamente el uso del espacio, él es transformación del espacio*, de acordo com Saraví (2012, p. 213), parafraseando Calogirou.

O autor entende que os espaços são cambiantes, sujeitos a modificações, que exigem astúcia e inteligência daqueles que o explora e, portanto, nunca permanecem iguais frente ao *habitus*. Vê-se no histórico da pista Cara de Sapo - espaço da pesquisa - e suas modificações: os improvisados obstáculos frequentemente na pista; os grafites; o envelhecimento de cada cantoneira devido os impactos dos *shapes* e *trucks* sobre sua tinta tracejada; as telas de proteção e alambrado cortados; a ocupação dos obstáculos pelos próprios skatistas e seus objetos de uso, ou seu transporte mais comum, a bicicleta. Enfim, o espaço é apropriado pela presença do skatista que não o toma pra si a força, mas a partir de uma consolidação processual cotidiana. Assim,

A vivência do skate, como uma manifestação de lazer, proporcionou aos skatistas construir configurações até então inexistentes, pois o skate afigurou-se, desde sua gênese, como uma maneira de agrupamento social que se expressou no cenário urbano, inicialmente nas ruas e, mais

tarde, nas pistas de skate. (HONORATO, 2012, p.45-46)

O espaço do skatista não é único, ainda que o seja na pesquisa, pois ainda que existam as pistas e os Skateparks, os adeptos continuam elegendo sempre lugares diferentes (picos) para suas reuniões, dependendo da localização do bairro, da qualidade dos equipamentos, e das condições necessárias para deslocamento (transporte, dinheiro). Os espaços escolhidos às vezes se transformam em preferências de cada geração que vai dando continuidade à modalidade, muitas praças, ruas e parques podem ser apropriados pelos skatistas e passam a fazer parte da sua história.

Isso é que é o skate, mostra que todo skatista tem a liberdade pra o que pode fazer, quando fazer e onde fazer. (Dudu, 10).

A escolha do espaço para quem pratica o skate possui suas próprias conotações. A liberdade de escolha de onde fazer parece remeter somente à possibilidade de execução das manobras, mas também a um entendimento de uma permissividade total. Contudo, não é somente isso, outros fatores estão ligados à lógica do skate nos espaços urbanos, alguns aprendizados são verificados quanto a essa liberdade nos espaços escolhidos.

O Skate ensinou muito pra mim como se comportar nos lugares, tipo, se você anda só no Skatepark o comportamento é uma coisa, mas se você anda de skate na rua o comportamento é outro. Você tem que ser mais cauteloso. Se você é um skatista que aqui que é muito estressado, e explode, explode, explode! Quando você vai (andar) na rua você não pode fazer. Tipo, é uma educação, você começa a ser mais educado, você consegue ser mais educado. (Edu, 30)

O relato supracitado demonstra que as convenções sociais também permeiam a própria lógica skatista. A liberdade de escolher esbarra no fator comportamento permitido no espaço, pois sendo alguns locais proibidos, já que a prática pode ser a causa de depredações de muitos equipamentos públicos e privados (bancos de praças, corrimões e calçadas de estabelecimentos comerciais). O skatista não precisa fazer alarde, pois já chama atenção das pessoas ao fazer suas manobras fora de uma pista. Então, manter uma postura educada diante de uma sociedade que nem sempre o aceita – por preconceito, normalmente – é sempre mais favorável para alguns deles.

Outro aspecto considerado elemento da lógica interna do skate é o tempo, do qual Saraví (2012) afirma que *No existe un control ni registro* (p.215). Acrescentamos que é um tempo pessoal, algo de próprio do skatista ao se fazer presente no espaço vivenciado, cada um tem um ritmo determinado pelo “gás”, a “energia”, a “instiga”, fatores semelhantes e imprescindíveis para o tempo em que se quer estar sobre o *carrinho* – skate. O que lhe interessa são os momentos em que se sente livre, em que mesmo não sentindo o prazer proporcionado pela manobra acertada, sabe que não foi um tempo perdido, em vão, mas parte de um todo que lhe completa e de qualquer modo lhe traz um aprendizado e as sensações possíveis mesmo no mais simples *remar* (impulso dado com o pé para que o skate seja deslocado) do carrinho.

Skate é liberdade, você faz o que você quer, o que tem vontade de fazer, na hora às vezes certa, às vezes não. As vezes fica chateado, “não acertei a manobra”, mas é isso, o vento no seu rosto! Liberdade total! (Renatinha, 21)

Não seria somente o tempo livre, pois se nele o lazer fica enclausurado no tempo calculado, não é totalmente realizável, e retorna ao caráter de repouso (BRUHNS, 2004). O lazer do qual tratamos aqui está para além do tempo livre, oposto ao tempo de trabalho, para além do tempo fora do alcance empresarial, político, econômico, seria um tempo que a sociedade deixou ou está deixando ser sufocado algo que deveria ser entendido como próprio do ser humano, parte da necessidade social do indivíduo.

De acordo com esse entendimento podemos compreender que o skate mostra ao menos para o skatista, uma forma de viver, resistindo à submissão ao tempo cronológico, mas estando no espaço respeitando o próprio tempo em meio aos desafios e aos momentos de contemplação. Temos até aqui a expectativa de entendermos como os elementos dessa lógica interna contribuem não somente para manter determinadas condutas, e que, para isso, é válido considerar que o lazer contém um tempo próprio, como entendido por Christiane Gomes e Leila Pinto:

Como vivência de um tempo kairós, o lazer é um momento de escolha e de superação de limites sociais postos às realizações desejadas. Os sujeitos atribuem sentidos à duração, à posse/pertencimento aos lugares, aos modos de ser e conviver, aos afetos, fazeres e aprendizagens vividos. A essência dessa experiência reside, em parte, no ajustamento dos sujeitos às condutas postas pelas regras institucionais. Mas, em parte, também na resistência a essa ordem, pois os eventos e as rotinas não possuem fluxos de mão única. Aí reside a possibilidade de liberdade no lazer. Liberdade construída no binômio produção/reprodução da vida sociocultural”. (GOMES; PINTO, 2009, p 100).

As autoras apontam justamente os elementos imprescindíveis para a condição de existência do skate como uma modalidade de lazer,

ou seja, como manifestação sociocultural, que em alguns aspectos pode se tornar um reprodutor da vida, mas sempre com o potencial de produtor do contexto a partir da relação dialógica entre o espaço, o tempo e as pessoas que lhes conferem significado e valores.

Na oportunidade, os elementos *objeto e pessoas*, aspectos da lógica interna, são aqueles que estabelecem a presença no espaço, em um tempo vivenciado diante das regras existentes, mas que também emitem, expõem suas condições através da rotina. Neste sentido, a experimentação do skate representa uma oportunidade para ampliação das potencialidades humanas de trocas e reconstrução de valores ao passo que pode ser compreendido e favorece em seu tempo cotidiano o surgimento das redes sociais e os encontros: entre os skatista e o mundo onde convivem. Sendo que o lazer:

É, pois, uma das condições necessárias para a verdadeira humanização do sujeito. Condição de sermos/estarmos no mundo em nós, para nós mesmos, e não para os outros. (Pires em entrevista para GOMES; PINTO, 2009, p. 111).

Neste caso, o relato direto e claro de um skatista de onze anos de idade e aproximadamente dois anos de skate, mas que desde cedo convive com pessoas do círculo social skatista, como o padrinho, tem muito a contribuir com o entendimento próprio da sua modalidade de lazer, além de contribuir com o diálogo das perspectivas encontradas sobre o mesmo.

skate é minha vida, cultura, uma forma de fazer novas amizades, conhecer gente nova. (João Victor, 11)

Corroborando ainda com esse potencial do lazer trazemos na fala de Nelson Marcellino o reforço quanto a essa condição inerente ao skate, pois,

[...] É na sua vivencia coletiva que atinge, de forma rápida e eficaz, o desenvolvimento de valores que qualificam a própria sociedade. (Marcellino, em entrevista para GOMES; PINTO, 2009, p. 111)

Com relação ao skate, objeto capaz de reunir e difundir os valores e significados, diz-se de *artefato simbólico capaz de propiciar a conversão das diferenças* (MACHADO, 2012, p.83), é um elemento que engendra no contexto uma forma própria de existir a partir dos demais fatores, é um artefato através do qual todos que o praticam se reconhecem como skatistas e compartilham um sentimento comum pela apreciação de um símbolo unificador, o carrinho. Essa condição não é única do contexto sergipano, nem somente brasileiro, mas é também abrangente àqueles que o praticam em outros países da América Latina, por exemplo: Argentina, com a pesquisa de Saraví (2012); e Chile, com Cornejo; Cerda; Villalobos (2012).

Experimenta-se uma relação corpo/objeto, onde o skate é a extensão do skatista, é o seu parceiro na “dança” do desafio da gravidade. Uma relação onde a técnica se torna *una forma cultural mediadora con la realidad social que nos rodea y que a su vez permite moldearla y interactuar con ella* (SARAVÍ, 2012 218). É assim que os skatistas conseguem falar através do seu corpo, através da relação com seu carrinho e, então, fazer compreender os seus significados como veremos a seguir.

3.1.1 O skate *for fun*: pela paixão e pela liberdade

Skate não é o que você vê. Skate é o que você sente! (Gabriel, 15)

Buscamos as definições do que seria o skate para os nossos colaboradores do campo e o comprometimento primeiro está em tudo quanto se exprime por sentimento, não pelas palavras:

A prática do skate é um tipo de esporte, por um lado, pra quem gosta de praticar esporte, só que tem gente que vem pra pista porque gosta de skate por lazer. Porque é massa andar em cima de um carrinho que tem altas manobras variadas pra você aprender. Não tem definição das sensações que se sente, é só sentir pra crer mesmo. Porque é uma parada muito massa você tá descendo o corrimão, uma escada, uma parada que desafia a lei da gravidade é o skate. Um desafio à lei da gravidade! A galera precisa praticar pra entender o que eu to falando, que eu não sei explicar, tem que sentir na pele mesmo. (Rodrigo, 17)

O traço definidor no sentido aqui apresentado é o caráter desinteressado dessa experiência⁸⁰, pois nela não se busca outra recompensa, mas a satisfação provocada pela situação a partir da permissão de viver o presente, o momento no qual o sujeito permanece “ex-posto” ao que se apresenta, é que possibilita o saber. Característica semelhante ao que se fala do surfe, ao ser incorporado pela cultura do lazer norte-americanos, associado à juventude, à contemplação da natureza e aos prazeres corporais.

⁸⁰ Falamos de experiência a partir do significado atribuído por Larrossa Bondía: “A experiência é o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca” (BONDÍA, 2002, p.21), uma concepção em que o sujeito deve ser receptivo aos acontecimentos para que a aprendizagem seja significativa, a partir do despertar do potencial formativo do acontecimento.

Enfim, o skate marcou o desenvolvimento de uma contracultura, uma tendência apresentada com um discurso próprio, características peculiares que denominaram de estilo, comportamento pouco comprometido com o sistema de valores dominantes do trabalho e da produtividade/reprodutividade do processo de industrialização e Indústria Cultural da sua época, ainda reproduzidos na atualidade como veremos adiante.

Tais constatações deram vazão ao *estilo de vida*⁸¹, que circula em suas falas, principalmente por aqueles skatistas que vivenciam a modalidade há mais de cinco anos, estes fizeram do convívio proporcionado pelo carrinho um estilo de vida. É interessante perceber que mesmo os mais jovens – tanto em idade, quanto na prática – também descrevem como um estilo que não se restringe à pista ou aos picos que frequentam.

Um estilo de vida dentro do quadro contemporâneo de mudanças, no qual estão inseridas ao mesmo tempo o lazer e trabalho, as obrigações sociais e as atividades socioculturais, onde a presença da família e dos amigos, isto é, suas relações institucionais, interpessoais e

⁸¹ Esta expressão não está associada ao aspecto comportamentalista, nem ao discurso da qualidade de vida apresentados comumente no campo científico da saúde. No presente caso, esclarecemos que não é um *estilo de vida* ditado por especialistas/conselheiros que de acordo com o estudo de Ivan Gomes (2010) nos apresenta os *conselheiros da modernidade*, aos quais de acordo com Bauman (2005) “oferecem as mais modernas receitas, respaldadas por meticulosas pesquisas e testadas em laboratório, com o propósito de identificar e resolver os ‘problemas da vida’”. Gomes (2008) afirma que cotidianamente eles “aconselham” sobre o que comer, o que fazer para manter-se saudável, para não sucumbir ao estresse do ritmo diário, enfim, para não ceder aos caprichos de uma sociedade que controla o indivíduo, mas que contraditoriamente, estes os mesmos exercem tal controle que ainda culpabiliza o sujeito se ele sucumbir em algum momento, ainda que os mesmos tenham sido responsáveis, visto a sobrecarga de informação imposta, ou melhor, oferecida para atender a necessidade – criada – do sujeito.

intrapessoais. Esse é o conceito adquirido a partir das vozes dos nossos sujeitos na pesquisa e é assim que a contemporaneidade se constrói, através da reformulação dos próprios pré-conceitos.

Nesse sentido, a descrição do Juninho ET aproxima-se do que seria o estilo de vida dentro das condições sociais permitidas.

É um movimento paralelo. O Skate por ter todas essas conjunções de diferentes pessoas, diferentes tipo de estilos envolvidos no skate ele lhe ensina muita cultura. Hoje muita coisa que eu gosto na minha vida, o que eu sigo que faz parte do meu dia-a-dia, eu conheci através do skate 'que eu tinha uma pessoa que era daquele jeito, tinha uma pessoa que seguia um tipo de cultura, esse tipo de valor e tal' (relembra) e muita coisa eu conheci por causa do skate na minha vida [...] coisas que [...] mesmo quando não estou andando de skate, vieram através do skate cultural (grifo do entrevistado) vamos dizer assim. (Juninho ET, 33)

O *estilo de vida* do praticante de skate aproxima ao que Marcellino (2002) aponta como uma das grandes linhas que o levou a compreender o lazer, a atitude. Para o autor, a atitude deve estar ligada ao tempo disponível para que ocorra o lazer, seja em atividade prática ou contemplativa. Apesar disso, já descrevemos e buscamos uma compreensão do tempo na atividade do skatista como elemento da sua lógica interna, fato que não reduz a compreensão pela metade, pois a atitude é independente de um tempo determinado. Assim, estilo de vida depende do *habitus* a ele incorporado, pois este se encontra em sua origem.

Talvez seja o estilo que dita a lógica interna do skate, onde encontramos as regras, normas e pautas que lhe dão uma organização e um sentido, sem as quais ele mesmo não poderia ser levado adiante tal

qual é. De outro modo, não haveria sentido em expor sujeitos da pesquisa o que se apreende devido ao convívio com os próprios companheiros da modalidade.

Skate é tudo! É muito importante! Eu acho que sem ele eu não seria o que sou hoje. Porque através de muitas pessoas que eu conheci aqui foi que a minha vida foi se formando assim, com pessoas boas que apareceram, ficaram, os que vieram e passaram. É uma coisa que, querendo ou não, muda a vida de qualquer pessoa. (Dany Crazy, 18)

Nem mesmo com o carrinho que às vezes é seu amigo – quando o acerto *na base* sai perfeito –, às vezes seu agressor – quando ele lhe escapa aos pés e retorna do chão em uma parte do seu corpo, ou é responsável pela sua queda.

É um estilo de vida porque você agrega muito valor. Você toda hora tá caindo tem que levantar, tem que ter muita dedicação e assim tá num grupo onde cada um tem seu espaço. Skate é tudo! (Jack, 18)

Entorses, marcas no corpo, fraturas, hematomas são sintomáticas no skatista, não que nada possa lhe meter medo, mas o desafio das novas manobras, ou das mesmas manobras em diferentes obstáculos, dentro e fora da pista, constituem esse modo de ser e viver. Ao contrário do que relata Olic (2012) em sua pesquisa com a questão traumatizante e o afastamento do skate como modo de lidar com a dor, as experiências no campo de pesquisa em Aracaju mostraram que, ao invés do afastamento da modalidade, o que parece ocorrer naquele contexto é a intensa busca da aproximação entre skate e skatista, para

que o primeiro torne-se a extensão do corpo do segundo, gerando assim, uma cumplicidade. Enfim, esse estilo do qual falamos aqui incorpora também essa lida com as próprias emoções em vista dos desafios, que por vezes leva à transgressão dos limites do próprio corpo.

Existe, há muito, no estilo de vida dos skatistas a ideia expressa na máxima do “skate for fun”, lembrado por um dos skatistas entrevistados

[...] *Existe uma frase engessada do skate que é skate for fun, que é skate por diversão, é um lema, primeiro de tudo skate for fun, depois profissionalismo, depois moda, depois...* (Dentinho-McTwist⁸², 38)

Atestado em Honorato (2004) ao exemplificar o campeonato que comemorou das três décadas (1970, 1980, 1990) de skate no Brasil: o *Urg Skate Legends 99*, evento realizado com intenção de reencontro e divertimento para lembrar o histórico do skate brasileiro principalmente, no sudeste do país. Assim, a face do divertimento ainda persiste e continua fazendo parte do estilo não importa a idade, confirmam os skatistas da pesquisa.

[...] *o skate é um amor das antigas, uma coisa que eu pratico independente de viver dele ou não. Eu sempre estou em cima de um skate me divertindo, é uma forma de lazer.* (Fábio Galinha, 36)

Skate pra mim, além de tudo, é um estilo de vida. Eu escolhi isso pra mim, ser meu estilo, meu modo de me distrair também. (Califórnia, 18)

⁸² Caracterização: Adulto baixo, sempre com calça ou bermuda jeans e camisa xadrez, usa aparelho nos dentes, boné, tênis de solado reto e ao aparecer na pista quase sempre traz o seu filho.

Entretanto, não se pode desconsiderar os elementos que já foram apresentados e aqueles que ainda contribuirão para essa compreensão do estilo skatista que buscamos compreender nessa pesquisa. À primeira vista, fica a impressão de um conteúdo do lazer que se materializa na pura diversão, uma atividade com finalidade em si mesma, sem maior consistência, contudo nas suas próprias definições, vê-se algo construído ao longo do tempo dentro do próprio grupo em suas interações, as trocas de experiências entre eles fazem parte desse universo, dentro da lógica interna do skate, assim como constroem novas opiniões acerca do próprio skate e por isso, não deixam de confirmar o gosto e a satisfação quando se quer defini-lo.

O skate pra mim não é só um esporte, é uma paixão! Uma coisa que vem de dentro mesmo, assim, do coração. (Lucas⁸³ 2, 17)

Skate é uma forma que encontrei de ser mais humilde, aprender mais com a rua, entendeu? Aprender a ser mais humilde com o povo daqui, não só em casa, nem na escola, uma lição de vida e uma forma também de novas amizades. (Guga, 13)

Diversão e paixão não fazem parte senão desse rol de características que lhes proporciona o momento de liberdade, o momento de relaxamento. Contudo, parece que o estilo de vida escolhido abriga duas fases pelas quais o skatista passa a depender das suas decisões pessoais e que aparecem sem ponto fixo no decorrer do tempo: a diversão e o profissionalismo.

Os relatos apontam para o começo buscado pela diversão, por grande parte dos skatistas. Contudo, para outros a fase da diversão chega

⁸³ Caracterização: alto, moreno, sério e tranquilo, usa boné, brinco e roupas adequadas ao seu corpo, sem acessórios.

depois de acontecimentos traumáticos sérios, depois da impossibilidade de continuar buscando o profissionalismo, como é o caso de Edu, skatista que rompeu os ligamentos cruzados (localizados na articulação do joelho) após uma queda, executando uma manobra.

Que depois que eu passei por tudo aquilo, eu achei assim, que o esporte não é você andar de skate pra conseguir alguma coisa, patrocínio não. O skate é só você levantar e vim pra pista só pedalar, só pedalar e sentir suar e se divertir. Pra mim o esporte é só isso, o skate é isso, tá ligado? É diversão! Porque antigamente eu ficava noiado se chegasse na pista e não aprendesse uma manobra [...] eu tinha aquela pressão em mim mesmo, psicológica. Acho que era porque eu tinha patrocínio... (Edu, 30).

Entretanto, o skate, na vida da maioria dessas pessoas, começa por diversão, entra no profissionalismo e termina por diversão, completando o ciclo do estilo de vida, fazendo do próprio skate “lição de vida” (Galinha, 36). Lição que deixa ao profissional ou amador a sensação de poder continuar com o estilo, mesmo após os traumas experimentados.

3.1.2 A válvula de escape

Skate pra mim é o meu momento, aquele lance de estresse, de tudo que vem assim detonando você no dia-a-dia. Eu acho que aqui é uma forma de eu me cicatrizar desses cortes que a gente toma. É tanta coisa ruim que a gente vê, é tanta coisa que às vezes a gente tenta, mas não consegue, tem que bater de frente mesmo. Eu acho que quando eu venho pra pista andar de skate é como se tivesse um botãozinho que eu apagasse tudo lá fora e me concentrasse só aqui na pista. Eu vivo esse

momento aqui [...] aqui é onde eu me sinto eu.
(Carioca, 36)

O item que se segue parece enfatizar o que Marcelino (2002) chamou de compreensão unilateral do lazer, a qual, segundo o autor apresenta uma série de riscos, como as possibilidades de sua utilização como fuga, fonte de alienação e/ou simples consumo, tendendo às abordagens funcionalista e compensatória. Mas é também parte do complexo entendimento sobre o skate, como falam Honorato; Brandão (2012), referindo-se aos *esportes californianos*, os quais mais pareciam:

Certo antídoto para as tensões resultantes do esforço contínuo de autocontrole e restrições sociais [...] tais atividades foram percebidas enquanto práticas com especificidades distintas das demais modalidades esportivas conhecidas até então, e isso significava para os seus praticantes – a maioria jovem – a chance de explorarem movimentos e técnicas corporais antes desconhecidas, impondo novos desafios e limites simbólicos ao corpo. (p. 17)

Tal assertiva é ressaltada pelos mesmos autores, no mesmo texto, como uma preferência dos jovens da década de 1970, os quais por serem diferentes daqueles da década de 1960 que aderiram aos encantos da música, deram preferência ao corpo, ao movimento corporal livre, ou melhor, aos “embalos” proporcionados pelos esportes deslizantes, desafiadores do equilíbrio e da gravidade como o *windsurf*, patins, asa voadora e o próprio skate, as modalidades trazidas para o Brasil, principalmente da Califórnia, por isso, esportes californianos.

Uma das razões que por instantes faz do skate um refúgio às pressões cotidianas está levemente atrelada às desavenças ou pressões

familiares, muito cogitadas como razões à busca de refúgio no momento de praticar o skate, seja o seu instante ativo ou contemplativo.

[...] Aqui é meio que um escritório de psiquiatra, vem pra cá esquece todos os problemas, esquece tudo, do mundo, do que tá acontecendo! Sente o prazer de dar um fift⁸⁴, dá um ollie, descer uma rampa com uma velocidade no skate. Isso dá uma tranquilidade que pra quem gosta é inexplicável! É muito bom! É o lazer. É a melhor coisa! (JN Charles, 26)

Para além de um antídoto, o skate parece resgatar à própria vida do skatista o prazer das coisas diárias com o caráter da fruição que lhe é inerente enquanto estilo de vida. Pois se falta essa satisfação nos demais interesses cotidianos, qualquer conteúdo do lazer, se bem compreendido e vivenciado sem motivos outros que não seja para o divertimento e a formação pessoal, poderia proporcionar o aprendizado desde que fosse buscado pelos seus praticantes antes relegando a condição *válvula de escape* a somente uma consequência inevitável, depois das demais.

A busca por um momento de tranquilidade longe de um ritmo de vida repleto de afazeres e de tensões remonta o estado de serenidade e harmonia concebido por De Grazia, o qual Brunhs (2004) não descarta a possibilidade de ao menos sonhar com tal realização. Talvez uma atração inconsciente (na falta de melhor definição) das pessoas a esse estado seja o ponto de tração que leva os skatistas a explicar o todo que é o skate em sua vida e não em um tempo determinado.

Porque através do skate eu descobri muita coisa, eu aprendi muita coisa. A gente aprende a superar as dificuldades, a gente aprende a ser persistente. Então, assim, skate pra mim é amigos, é você vim pra relaxar, é você estar estressada

⁸⁴ Ver Glossário.

vem, anda e sente aquele alívio, aquela liberdade de sentir o vento assim, batendo no seu rosto e cair e tentar de novo [...] pra mim skate é amor, é tudo! Tudo um pouco, todos os sentimentos juntos. Que não tem uma definição certa. Eu não me vejo hoje sem o skate, porque através dele eu consegui muita coisa. (Sabrina, 25)

O desgaste psicológico com as obrigações profissionais também está entre as razões pelas quais se mantém a prática do skate como atividade constante no tempo disponível, mas quando tais obrigações não existem na vida do skatista, sempre existirão outras, quanto a relacionamentos, desempenho escolar, etc. Situações inconvenientes e desagradáveis sempre existirão, fatores que contrariam o desejo de De Grazia, bem explicado por Brunhs (2004), mas isso mostra a existência das duas faces e as contradições existentes, sem que uma inviabilize a outra.

[...] existem pessoas que já praticaram o skate antes e hoje trabalham, tem um cotidiano totalmente diferente, aí vem pra cá (pra pista), às vezes um final de semana pra “desestressar” esquecer das coisas da semana: trabalho, dívidas ... amor... (Gambá, 20)

Contudo, estas razões não são os fatores primordiais à adesão ao skate, pois não foram elas que impeliram os skatistas ao estilo, condição que ficou elucidada nas entrevistas de todos eles, sem distinção. Não foram as tensões diárias, as obrigações familiares, nem mesmo o profissionalismo ou puro impulso consumista. Na releitura dos seus interesses há uma clara convergência ao processo identitário que precede a formação do grupo e, enfim, a socialização, conceitos discutidos nos capítulos seguintes.

Mas aqui compreendemos que o skate é reconhecido como lazer, algo ao qual se entregam por completo para fazer, indiferente ao praticar para obter algo em troca como prêmio. Deste modo, podemos compreender que se o interesse de satisfação precede aos quesitos prestígio, *status* e aquisições financeiras, isso pode ser indício de uma brecha a uma oportunidade de trabalho com o foco no desenvolvimento do potencial do lazer para a formação humana como observamos na literatura.

Ao dizer “a gente gosta de fazer [...] uns correm, outros andam de bike [...] nós andamos de skate” (Tander, 28), vemos que o gosto pela modalidade pode, em muitos casos, ir além da moda, da conveniência ou a da alienação. Por isso, precisamos mostrar também a relação que existe entre lazer e trabalho no contexto estudado.

3.2 LAZER E TRABALHO COMO PAR DIALÉTICO: O PROFISSIONALISMO NO SKATE

O lazer é um fenômeno dialógico e, mesmo que o sujeito esteja em busca de satisfação, maior flexibilidade e liberdade de escolha, nem sempre estará isento de obrigações sociais, familiares, profissionais. Ele é (ou deve ser) presença, não um fenômeno isolado.

As coisas não são ou lazer ou trabalho, existindo ao mesmo tempo são cambiantes, mas um existe independentemente do outro. Para o caso da existência mútua recorreremos a Gomes e Pinto (2009) para as quais “não existem fronteiras absolutas entre o trabalho e o lazer, tampouco entre o lazer e as obrigações cotidianas.” (p. 99). Assim, o lazer dialoga com todas as instâncias da vida do ser humano e dentre tantas características dadas ao seu conteúdo, uma delas trata-se do

profissionalismo, elemento cuja inserção encontra-se no trabalho, com o qual os skatistas dialogam por muito tempo da sua vida.

[...] o skate é uma coisa inexplicável realmente, então esse lazer terapêutico, mesmo quando é esporte eu acho que ele nunca deixa de ser lazer. Claro que quando vc passa a ser skatista profissional, ou mesmo skatista amador que tá na luta pra ser um skatista profissional, ele nunca deixa de ter lazer, ele nunca deixa de se divertir, eu acho que isso é uma das coisas que já vem com sk, essa diversão de tá andando de skate. É tanto que skate é um dos únicos, não falo nem esporte, mas estilo de vida, em que tudo é aceitável. Vc não vê ninguém falando de raça em skate, vc não vê ninguém falando de situação financeira, de cor, de país, de cidade, de não sei o que, esse tipo de... Todo mundo é um só aqui. Então isso, eu acho, que é um exemplo social. O skate é um exemplo social, aí também vc vai mais longe, o skate lança tendências até na moda internacional. Então skate é uma coisa muito complexa até de se analisar. Skate é um movimento incrível. (Juninho ET, 33)

Como parte da construção social da cidade o skate não resiste às transformações dessa sociedade moderna com características não muito sólidas⁸⁵, cujas estruturas se amoldam sem desconfigurar alguns aspectos que ainda as mantêm resistentes, mas reconfiguradas. Para tanto, apresentamos neste item, uma característica do skate que desafia a compreensão, pois surpreendentemente reconfigura a própria noção de lazer nele contida e passa a ser, por ora, uma modalidade esportiva.

Anunciamos anteriormente o profissionalismo como uma das fases existentes na vida do skatista, contudo, nem sempre pode ser ela a

⁸⁵ Remetendo ao pensamento de Bauman (2001) ao caracterizar as estruturas sociais na *Modernidade Líquida*.

fase que mantém o objetivo principal daquele. Apesar disso, vimos o quanto é presente e o quanto o cotidiano dos jovens que dedicam tardes inteiras, noites, finais de semana e feriados ao skate, apresenta uma relação cambiante entre o compromisso com as demais características já descritas e a razão profissional de ser skatista. Então, algumas vezes parece um jogo entre o que sobressai no momento em que o skatista está executando suas manobras, diversão/rolê ou profissionalismo/série ou *session*⁸⁶.

Contudo, o profissionalismo aparece com duas vertentes no skate, mas em comum existe uma dependência de investimento financeiro e, principalmente, do encontro com pessoas, empresas ou outras instituições que financiem de algum modo o skatista. Existem os investimentos pessoais, isto é, quando a própria pessoa é detentora de condições econômicas suficientes para manter-se na modalidade e também o investimento a partir de lojistas, empresários (donos de marcas de produtos vinculados ao skate) e até mesmo de órgãos públicos como secretarias de esporte e lazer ou similares.

Outra característica do skate como modalidade em vias de profissionalismo, ou mesmo em processo de esportivização como denominou Honorato (2004) foi a realização de campeonatos, primeiramente, seguida da construção de pistas e assim, associações, federações e confederações, como é o caso do Brasil. No caso específico de Aracaju já tratamos da existência de tais órgãos.

No caso dos campeonatos a necessidade de instituir regras, definir normas de julgamento, regulamentar estilos (*Vert* e *Street*, por exemplo), dividir categorias, classificar as manobras, foram ações que

⁸⁶ Ver Glossário.

aos poucos foram conferindo ao skate um caráter regularizador em função de uma especialização da modalidade. Contudo, a divulgação e o espetáculo que conseqüentemente pedem a atenção dos jovens skatistas, criou neles também a esperança de participar dessa “festa”, poder conhecer seus ídolos, ou mesmo tornar-se um deles, já que com esse elemento de diferenciação surgiram outras maneiras de viver o skate, até mesmo nas condições socioeconômicas.

Para tanto, o sonho e a realização do profissionalismo vivenciando a modalidade de lazer preferida tornou-se ideal para muitos, não raro, nas entrevistas quando se tratava de vínculo profissional a frase de ordem é, “espero conseguir, pois é meu sonho” e para aqueles que ainda não tinham plena certeza arriscava-se uma “se acontecer eu aceito”. Alguns atingindo o objetivo mais cedo, outros mais tarde (referindo-se somente àqueles que sempre mantiveram seus planos no profissionalismo, excluindo os demais que não possuíam tal interesse).

Foi muito rápido, eu comecei a andar de skate no iniciante e eu acho que com três anos, mais ou menos, eu já tava com patrocínio da melhor marca do Brasil. (Edu, 30)

Então o skate por vezes foi favorecido pelas condições históricas e sociais que iniciaram o processo de torná-lo produto esportivo-profissional e continua em vigência. Contudo, o aspecto profissional que permite o skate dentro do campo simbólico do esporte, buscando aqui suas características profissionais/amadoras, vai somente até associações, federações, regras ainda a serem consolidadas e regulamentação de eventos. Visto isso, Brandão (2012) contrapõe as características existentes entre as práticas californianas e os esportes.

Diferentemente dos esportes tradicionais, essas novas atividades pouco contavam com técnicos ou

treinadores, o que também dava a sensação, para seus jovens praticantes, de uma maior liberdade na escolha do que fazer ou não, de até aonde ir ou parar... Enfim, tratava-se de práticas que prometiam, para além do controle e da disciplina, certas liberdades intersticiais que passavam a ser percebidas como *estilos de vida*. (BRANDÃO, 2012, p.23)

O skate ainda conta com tais características e é pouco provável que seus adeptos continuem o sonho de tornarem-se profissionais se a modalidade adquirir tais conformações esportivizadas, até porque um dos momentos mais significativos nas observações em campo foi justamente essa justeza entre skate e skatista que apenas poderia ser alcançada em solidão, na solidão do skatista pelo próprio esforço e tempo que ele mesmo determina. Isto é, sem treino, sem orientação a não ser aquela da sua própria consciência ou alguma que ele busca em seus parceiros assim que sente necessidade. Portanto, ele é orientador de si mesmo e não haveria treinador para tal, pois esse é um dos pontos principais que caracteriza a sua liberdade: uma espécie de autodidaxia dos aprendizes do skate.

Contraditoriamente ao nosso sistema, seria o momento produtivo dessa pessoa mediante sua melhor performance de forma independente e respeitando os próprios limites. Estes aspectos são provocativos na nossa sociedade, pois como critica Brunhs (2002), o tempo dedicado ao trabalho é que determina o tempo livre da maioria das pessoas, contudo, se esse tempo livre é justamente aquele que coincide com o tempo em que está sendo exercida sua função profissional como compreender essa relação? Atentamos para esse ponto em virtude da representação social que tem o skate, pois o momento produtivo do skatista é visto como uma falta de produtividade para

grande parte da sociedade, em vista da necessidade de estarmos comprometidos com ocupações que não trazem alegria, satisfação, prazer ou realização.

Brandão (2012) ainda ressalta tais aspectos em contraposição aos corpos dóceis identificados e pregados por estudiosos contemporâneos como Michel Foucault e Norbert Elias, e afirma que

É importante admitirmos que o mundo contemporâneo também vem configurando outros usos do corpo que já não estão de acordo somente com a sociedade disciplinar e nem necessitam da obediência de outros tempos, um novo *sensorium*, o da exaltação com paixão da forma de vida escolhida, dentro de espaços reconfigurados para contemplar e compartilhar com seus pares as experiências e excitações lúdicas. (p.24)

Neste sentido, o próprio entendimento do skate como algo que deixa livre para que o próprio indivíduo busque sua própria superação, se necessário for, percebe-se que ele ainda não se encaixa no padrão esportivo profissional e de produtividade exacerbada de quebra de recordes de comprometimento do próprio corpo pelo desrespeito aos limites, cujo funcionamento encontra-se limitado e moldado ao sabor do sistema econômico. Por isso, atestamos que foi possível ouvir nesses tempos de controle (se assim se pode considerar) que

Skate é antissistema, skate quebra! Skate é pra quebrar o sistema, não é pra manter esse padrão de qualquer outros esportes que existem. O skate não vem na intenção de buscar medalha de ouro [...] skate é liberdade, é expressão, é quebra do próprio medo, tá ligado! (Kbssa, 21)

Porém, a forma extrema como percebemos a expressão não se refere a um radicalismo material, mas a uma liberdade dos sentidos para poder usufruir da sua prática no momento propício ao lúdico (inerente),

refere-se a uma expressão cultural que existe e tem seus valores e significados que muitos que o compreendem mantêm como estilo de vida. É a quebra do próprio medo de que se fala, é a tática cotidiana que Certeau (1994) que apresenta uma ação humana capaz de transformar não somente o lugar concreto, mas o espaço onde se fazem experimentações. É também a potência social para um modo específico de subversão à ordem através do silêncio, da astúcia, do humor, do escárnio, como diria Maffesoli (2006) e todos estes elementos são encontrados no cotidiano skatista quando, por exemplo, os próprios skatistas se disponibilizam ao desafio de novas manobras e até mesmo andar em lugares proibidos na rua. Aspectos que a indústria do consumo ainda não pode cooptar.

Apesar de tudo isso o skate sofreu/sofre represálias, pois é quase sempre encarado com desconfiança e não são poucas as vezes que a sua categorização como esporte é sempre posta em questão, apresenta Aguiar (2012), em virtude do fato de desafiar o espaço urbano e fazer uma nova interpretação do mesmo, não se limitando aos parques e pistas construídos. Graeff (2012) confirma tal desconfiança, pois se assim o fosse o skate deveria fidelidade à burocratização e à institucionalização, à quantificação e à busca de recordes, mas o skate não é *filho da mania moderna de quantificação!*

Tal questão, tanto em Graeff (2012) quanto em Saraví (2012) é de uma relação ainda não concluída, então o skate ainda não é um esporte completo e dificilmente o será, está em vias de profissionalismo, contudo, nesses dois estudos vemos essa mesma relação. O segundo apresenta em seu trabalho a dificuldade de tratar o skate como uma prática esportiva, isto é, uma modalidade institucionalizada/competitiva

e para isso aponta os seguintes motivos que circundam essa atividade em La Plata, na Argentina:

Una vez que logramos consensuar una definición de deporte (si ello es posible), nos encontramos con que los jóvenes que practican el skate em forma espontánea em la ciudad, por fuera de marcos institucionalizados y en su tiempo libre, retomam para sí mismos y para su práctica um sentido más lúdico de la misma. Esto favorecería ubicar-la así – desde un punto de vista conceptual -, en un polo más livre y no formal más cercano al juego y a alejaría de su posible ubicación como deporte. (SARAVÍ, 2012, 206)

Seria uma modalidade não esportiva específica da cidade, abrindo fronteira e redefinindo o espaço urbano e a própria concepção de esporte (se isso é possível). O skate seria um elemento que não traz características dos esportes clássicos, mas da sua própria época, a modernidade onde as práticas se desenvolvem e se disseminam de forma fluida, heterogênea e intermitente, as quais apresentam novas formas de entender a atividade física não competitiva, além de impelir à compreensão e reordenação dos espaços dessas novas práticas e os usos convencionais dos espaços urbanos.

Mas o que se pretende de fato é torná-lo esporte com todas as regulamentações que o regem? Inclusive com a possibilidade de existir treinadores e outros especialistas para a modalidade?

Fica claro o descompasso entre skate como um esporte (uma das vias do profissionalismo), pois as suas características não se adequam ao convencionalismo esportivo que temos hoje, submetido ao consumo e à mercantilização quando se trata necessariamente de uma cultura esportiva criada pelos meios de comunicação e informação.

Deste modo, buscamos por outro viés, que não o esportivo, que aproxima o skatista de tornar-se profissional sem, contudo, conter a necessidade de considerar o skate uma modalidade esportiva.

Parece ser uma lógica do próprio funcionamento do mundo skatista, como de retro ou autoalimentação, onde as marcas, em sua maioria, são de skatistas que conseguiram ou estão buscando um espaço no mercado como são os exemplos das marcas sergipanas como Demorô, RevolDecks, McTwist, dentre outras, que pertencem a skatistas que residem e têm seu mercado consumidor principalmente no Estado.

No caso sergipano os detentores das marcas acima citadas foram profissionais e conhecem o funcionamento do cotidiano skatista, portanto, quando atinge o momento em que fica insustentável se manter com o retorno financeiro da própria modalidade. Estes por razões diversas vão buscando alternativas de sustentação familiar e a oportunidade mais próxima é a entrada neste mercado. Seja por querer continuar compartilhando dessa atmosfera que o skate oferece, seja por não ter se dedicado a outra profissão ou ocupação.

Assim, as marcas de produtos associados ao skate possuem a mesma lógica do cotidiano skatista de estar presente não no campeonato para competir, mas para ser visto; de se fazer notar no dia-a-dia pela constância, frequência e dedicação do skatista nos picos, pistas. Como conta Edu no seu tempo de amador com a marca da qual tinha o apoio.

Essa marca já tinha uma ideia nova, do tipo, já fazia filme há muito tempo, ela já tinha uma ideia diferente do skate. Não queria que representasse ele só no campeonato, ele queria que representasse realmente na vida da pessoa, tipo você tá na rua, pô, mas você tá conversando com o pessoal e as pessoas sabem que você tem patrocínio daquela marca. E foi uma coisa que ele

falava pra mim 'olhe, você não precisa correr campeonato, você só precisa ir andar bem e mostrar que anda muito bem, não precisa de mais nada. (Edu, 30)

Por isso, o consumo por outras estratégias favoreceram ao profissionalismo distanciado pelo viés esportivizado. Buscamos em Graeff (2012) a diferenciação de três formas de custear o financiamento ao skatista em vias de tornar-se profissional, ou que já alcançou esse patamar: apoio (para categorias abaixo do amador e do profissional); ajuda de custo (normalmente para amador) e; patrocínio (profissional).

Deste modo, o skatista não precisa ser atleta, pois esse trato abre portas não somente para ser patrocinado por marcas famosas e grandes empresários

[...] já para o profissional (do skate) o skate se torna um trabalho, aí meio que fica mais estilo de vida. Ele dorme e acorda em prol do skate. Se viver o skate porque é aquilo que sempre lhe motivou, pelo gostar de andar, pelo amor de andar de skate e saber que se tornou um trabalho do amor, entendeu. E eu me sinto dessa forma, hoje em dia eu tenho patrocínios que me ajudam a manter o skate, a viajar pelo Brasil, pra fora (exterior), só pra andar de skate. (JN Charles, 26)

Mas também de aprimorar uma profissão que pode estar em conciliação com a modalidade...

[...] É prazeroso você vim andar de skate. Então, no meu caso, é mais uma união de trabalho com lazer, um pouco misturado assim, os dois andam juntos na verdade. Trabalho e lazer. [...] esse lado profissional eu levei mais pro lado da minha formação, como eu sou jornalista, eu busquei no skate várias outras formas de poder me especializar dentro da minha formação como jornalista. [...] eu colaborava com a Revista Oxe,

de skate nordestino [...] a partir daí eu fui adquirindo experiência, até pouco tempo eu trabalhava como assessora de comunicação de uma empresa, de uma marca de skate em Pernambuco. (Sabrina, 25)

O consumo dos produtos dos próprios pares indica uma sustentação dessa lógica skatista até hoje. Um marco à disseminação da modalidade skate tratou-se da sua divulgação através de revistas de surfe inicialmente e em seguida de revistas especializadas como esclarece Brandão (2012). Os skatistas, neste viés, tornaram os “modelos” para os produtos das marcas com as quais possuíam um dos tipos de vínculo, que de certo modo também se tornaram modelos vendedores da sua própria imagem, como uma promessa de um estilo de vida livre, jovem, rebelde, etc.

Assim, a veiculação de roupas, calçados, equipamentos de proteção, o próprio skate e cada peça (pois o skate pode ser montado peça por peça: shape, rodas, truck, rolamentos, etc.) são expostos e usados pelo skatista, que se encontra comumente executando uma manobra e fazendo uso de tal produto. Essa demanda de produto criou um ciclo, no qual novos skatistas vão sendo revelados e novas marcas vão surgindo e também divulgadas, mantendo o vínculo profissional. Além disso, este vínculo nem sempre o obriga a competir, muito menos vencer como vimos no exemplo de Edu.

Ao mesmo tempo em que isso ocorre, é fato que profissionalismo no skate é para poucos como sustento. A maioria dos relatos indica que se o skatista pudesse manter a sua vida e sua família eles nunca desistiriam, mas a partir do momento em que as obrigações familiares “falam mais alto” e a responsabilidade e exigências de adultos

Ihe obrigam a procurar outra profissão, ele acaba por tornar o skate um dos seus hábitos cotidianos, nem sempre diários, face aos compromissos.

No Brasil, eu acho, não existe profissionalismo. Ainda tá engatinhando, apesar de falar 'ah o skate profissional', mas ah! Você conta dez skatistas que vivem bem de skate, mas o resto, assim, acorda hoje e tem que fazer uma correria, ir atrás de uma fábrica pegar uns shapes pra vender e pegar um material pra vender. São poucos os que vivem bem do skate. (Edu, 30)

Muitas vezes as dificuldades são tantas e as oportunidades tão poucas, que com o tempo, a ideia de tornar-se um profissional e conseguir manter a vida em prol do skate se dissipa numa realidade dura e sem melindres.

Eu achava que o skate ia me levar à frente de tudo, no caso, carreira. Assim, ia ser o ponto fixo de toda minha carreira, todo meu futuro. Eu gosto muito de skate, mas eu acho que não chegaria lá na frente com ele não, por isso, eu deixo quieto. Eu ando muito, gosto, amo de paixão o sk, mas não como profissional. (Dany Crazy, 18)

Existe também a condição idade, pois muitos já iniciaram a modalidade com uma idade que, segundo eles, já não permitiria um desempenho satisfatório para atingir o profissionalismo desejado. O que revela a necessidade de recorrer a outro campo profissional ou “fazer o corre” ou a “correria”, encontrar um “trampo” para se ocupar, para não depender unicamente dos pais, por isso, na própria pista são identificadas vendas de produtos vinculados ao skate.

Assim, o lazer apresenta esse diálogo com o aspecto profissionalismo, uma face que por vezes tolhe o potencial formativo do

lazer, mas que por sua vez força o mesmo a divagar por outras saídas, exigindo de si mesmo a sua potência social.

3.2.1 A presença das Tecnologias de Informação e Comunicação (TICs) e as mídias no espaço de lazer: implicações no profissionalismo

A presença das TICs/mídias em pesquisas sobre o lazer não se faz muito presente, contudo, aparece em pesquisas específicas com a modalidade skate ora como documento, ora como dados ou fontes de análise, até mesmo na constituição histórica da modalidade, como encontramos em Honorato; Brandão (2012) e muitos dos seus colaboradores.

A temática suscitada mostra-se relevante em virtude da sua recorrência nos dados obtidos em campo e no fato de que a nossa sociedade sofreu grandes mudanças que afetaram a dinâmica cultural das mesmas e não poderia ser diferente nos campos do lazer, como afirmam Pires e Antunes (2007, p. 91) que, além disso, supõem que tais mudanças tenham sido provocadas, particularmente, “pelo advento e relativa popularização das inovações tecnológicas”, o novo *sensorium* como afirma Brandão (2012).

TICS e mídias estão cada vez mais presentes no cotidiano, pois, na sociedade contemporânea vivemos o tempo dos fluxos de informações, conhecimentos e imagens aparentemente construídos de formas independentes, essas características introduzem novas estruturas sociais quanto às relações entre os indivíduos e as novas formas de agrupamentos, provocando maneiras diferentes de se situar

nos tempos e espaços, e produzindo um novo desenho (para o próprio grupo do skate) para a sociedade.

As tecnologias rompem ou reestabelecem as fronteiras possibilitando novas interações e construções dos sujeitos com o tempo e o espaço, mas também a simbiose entre trabalho e lazer. Para todo o aparato tecnológico e midiático detectado em campo encontramos também funções distintas relegadas a ele e em virtude dessa ocorrência destacamos aqui algumas ações do cotidiano skatista, sendo que neste momento elegemos a presença das TICS/mídia e principais meios de comunicação e informação o fator que implica diretamente na condição profissional já estabelecida ou em vias de consolidação.

Destacamos tanto a produção através das tecnologias de informação e comunicação quanto à utilização dos mais diversos meios de divulgação para expor grande parte da produtividade skatista, contida em um misto de trabalho e lazer. Apontamos a dedicação aos vídeos como fator detectado no cotidiano do skatista, normalmente vinculado à condição profissional.

(Diário de Campo, 04/02/2012) [...] Observo que neste momento, na pista, alguém filma um dos que mais se destacam até então. Ele está à espera, na esperança de que consiga a imagem de acerto da manobra no corrimão (não sei o nome da manobra), parece ser um amigo cinegrafista, que pacientemente vê o skatista errar diversas vezes, mas permanece ali intacto até que vem a manobra certa e uma vibração de vitória.

Sobre o qual identificamos o seguinte entendimento: assim como um grupo qualquer de jovens que quer guardar boas lembranças de uma época, skatistas não são diferentes, para tanto, a edição de vídeos e, em menor proporção, as fotografias, foram transformadas nos principais meios de divulgação do próprio skatista. Tais formas de divulgação servem como uma “autopropaganda”, na qual ele expõe seu

potencial e veicula através da internet, principalmente, em redes sociais como é o caso do Facebook e quando possível em endereços especializados na modalidade como Mídia Skate, Sodart, ViralSkate⁸⁷.

(Diário de Campo, 15/02/2012) [...] é dia de filmagens. Eles fazem várias tomadas para acertar a manobra inédita, sempre um “pico” diferente. É sempre muito inusitada a forma de traspor o obstáculo e eles fazem questão de registrar para fazer a divulgação do seu trabalho... sempre feita na internet, nos sites específicos de skatistas, pois é onde normalmente os patrocinadores buscam novos talentos... Eles arriscam a possibilidade, mas ainda assim, se não encontram apoio já vale o fato de ter um vídeo inédito postado. Adoram ser vistos pelos seus pares!

Quando surge a oportunidade o mesmo é veiculado em sites de revistas da área como a Tribo Skate ou Cemporcento Skate, mas isso só acontece normalmente com skatistas que já atingiram os níveis de amador ou profissional, pois com estes já não se trata de iniciantes, já constituíram seu vínculo empregatício e continuam o trabalho para sua marca de apoio ou patrocínio.

Isto é, ações cotidianas comuns do lazer skatista foram transformadas em elementos, talvez os mais importantes, atualmente, no quesito profissionalismo e nas implicações tecnológicas para mundo skatista. O uso das tecnologias aparece como um aspecto que engrandece o próprio potencial de desenvolvimento do lazer para outras instâncias através do estímulo criativo tanto no uso dos próprios recursos dos aparelhos, quanto no que diz respeito à reconfiguração do cotidiano skatista a partir do que se tem. Pois que, o lazer implica produção de cultura e ainda que reproduza a condição vigente, existem as demais instâncias potencializadas da construção e da transformação das praticas sociais, preconiza Gomes (2011).

⁸⁷ midiaskate.com.br; sodartvideos.com.br; parasitaviralskate.com.br.

No Skatepark, quando se tratava de skatistas ainda não profissionais, as ideias eram compartilhadas entre amigos num dado momento em que estavam na pista, ou eram momentos pré-agendados. O espaço marcado em revistas ou sites relacionados ao skate predeterminavam dias e horários propícios ao que era desejado, um *aéreo* no fim da tarde marcada pelo pôr do sol, ou sobre as escadarias e monumentos envelhecidos das praças e calçadas, ou mesmo um *ollie* ou um *Frontside Rockslide*⁸⁸ nos lugares mais inusitados ou impensáveis da cidade.

Essas possibilidades trazidas pelos aparatos tecnológicos fazia vicejar esperança nos olhos daqueles que queriam seguir adiante e se tornar profissionais. Esperança dada a partir destes aparelhos e meios que poderiam dar visibilidade ao seu “trabalho” (desempenho) e atrair o olhar de possíveis patrocinadores. Não dava pra deixar de imaginar a oportunidade de viajar para o exterior ou para a “gringa”, em suas palavras, não dava para não tentar sonhar em poder alcançar o que os ídolos sergipanos do skate (Mosquito, Juninho e Cara de Sapo, dentre outros) conseguiram: estabilidade financeira, fama e viagens nacionais e internacionais, além de poderem residir no exterior.

Encontramo-nos em um processo de territorialização nesse contexto das tecnologias e aparatos midiáticos, explica Martín-Barbero (2010) um processo que se expressa na cultura da *modernidade-mundo*, que é “uma nova maneira de estar no mundo” (p. 60). De acordo com o autor, dentre outros fatores da vida social essa nova maneira de estar no mundo decorre das mudanças no trabalho, no lazer, etc. Então esse processo de territorialização quer dizer tomar posse desse território ao

⁸⁸ Ver Glossário.

seu modo, ou ao modo do grupo social ao qual pertence e no caso dos skatistas essa apropriação do “lugar midiaticizado” faz parte desse processo.

Os tipos de recursos citados até então também servem como divulgadores das organizações que constituem parte do âmbito profissional, como as federações e associações. Estas últimas com seus meios são juntamente com sites de revistas e ou especializados na área, divulgadores de campeonatos e muitos outros assuntos que interessam ao skatista em seu objetivo profissional, como a apresentação de novos patrocinadores, novas marcas de produtos vinculadas à modalidade, dentre outras demandas.

Até então tratamos dos meios digitais, os quais necessitam de tecnologias como câmeras filmadoras e fotográficas (comuns ou de ponta); computador e seus recursos de internet e de edição. Contudo, outros meios, ou melhor, os primeiros meios em que foram encontrados relatos sobre skate e skate em vias de profissionalização foram as revistas impressas.

Em análise à revista *Pop*, Brandão (2012) aponta o jogo de sedução criado pelo veículo para “pescar” mais adeptos às práticas consideradas da moda utilizando comumente chavões, linguagem com características juvenis e suas palavras mágicas: prazer, velocidade, emoção. Esse processo midiático alavanca a espetacularização e a mercadorização do skate. Esse “pescar” deve-se ao incentivo de adesão à modalidade e conseqüentemente, aos produtos veiculados em suas propagandas, provavelmente por skatistas conhecidos para atrair o público.

Contudo, outra condição desse profissionalismo apresentado através dos meios impressos marca a vida de muitos profissionais e amadores do skate sergipano, pois foram as revistas impressas que compuseram o histórico de muitos skatistas; mesmo que sua fotografia fosse parte de um manejo propagandístico era através das revistas e ainda é que muitos skatistas conheciam as histórias dos seus ídolos e foi através de revistas e recortes de jornais organizados em portfólio que pudemos registrar o histórico de Fábio Galinha, skatista que atingiu o nível profissional e que mantém viva essa fase pessoal, mas que remete a uma época do skate em Aracaju.

A surpresa nas constatações acerca do uso das tecnologias ou meios de comunicação teve reduzida referência à televisão, dada sua condição majoritária nos lares brasileiros em detrimentos de outros meios. E em apenas dois casos esse tipo de mídia foi citado e nas pesquisas já apresentadas esse meio não se faz notar. Assim, o meio é citado poucas vezes nas entrevistas e no viés do profissionalismo, sua presença é ainda mais reduzida.

Geralmente a Globo tem campeonatos do mundo e tem só os que acontecem no Brasil mesmo, mas não é Street não! É mini ramp, de half. Só tem esses campeonatos da maior rampa do mundo, aí quem desafiou passa no Globo Esporte. Muita gente aqui em Aracaju também aparece, não no Globo Esporte, mas aqui no Jornal de Sergipe. Sempre tem também jornal escrito (impresso), pessoas daqui que andam como João, Gabriel, Rodrigo, Tiago, Wesley, eles já saíram muito, até tenho um jornal lá em casa do tempo que Gabriel saiu. (Dany Crazy, 18)

Há no relato acima uma exposição com tom de crítica ao canal aberto de televisão, pois quando transmite competições da modalidade

skate, este se restringe ao estilo a *vert*, ou melhor, *vertical*. De fato, a transmissão (quando ocorre) sempre está voltada às grandes competições (espetacularização) em megarrampas, por exemplo, no Rio de Janeiro, sendo a própria Rede Globo foi a promotora do evento. Esse recurso utilizado pelas mídias para transformar o lazer em mercadoria e no caso do skate transformá-lo em um produto *estilo de vida*, ou mesmo *um hábito de lazer* (BRUNHS, 2002) que extrapola o simples consumo de roupas, ornamentos e outros, mas faz das pessoas seus eternos dependentes até que apareçam “novos lançamentos”.

Talvez essa ideia de utilizar o skate como produto/espetáculo do meio já não possua força suficiente para envolver as pessoas que desconfiam dessa construção desenfreada de necessidade, ou aquelas que não aderem aos “conselhos” por puro descaso com o meio específico TV. O encanto pode se perder nos ideais dos skatistas, pois algo interessante se resume no relato a seguir.

Só queria o instrumento de trabalho deles. Era um computador com um bom programa de edição e uma câmera bem legal. Pra gente sair com mais vontade nos finais de semana focar, filmar na rua, fazer as nossas coisas mesmo, juntos. Editar trocando ideia, cada um dando sua opinião e postar ali, mesmo no Facebook, naquele meio de comunicação. Pra, de repente, uma luz, uma estrela! Uma coisa nesse meio que tá osso! A gente só tem esse tipo de forma mesmo, eu me vejo só nesse modelo, só dá assim aqui, tem que dar privilégio realmente ao sistema, você tem que estudar, tem que fazer suas coisas [...] (Gambá, 20)

Neste caso, a habilidade desenvolvida a partir do potencial de reprodução e construção do presente encontrada no lazer elabora no seu

diálogo com as tecnologias e as mídias em geral novas formas de estar no mundo a partir de outro viés, do profissionalismo.

3.3 LAZER E CONSUMO NO MUNDO DO SKATE

... como se produz a demanda dos ‘produtos esportivos’, como as pessoas passam a ter o ‘gosto’ pelo esporte e justamente por um determinado esporte mais do que por outro, enquanto prática ou enquanto espetáculo? (BOURDIEU, 1983, p. 136)

Não tratamos aqui de um esporte, mas no quesito consumo as estratégias de mercado são sempre as mesmas: criação da necessidade e encanto pelo produto. Bourdieu (1983) em um momento da sua obra refere-se aos esportes californianos, onde o skate está incluído, ao explicar que o princípio das transformações das práticas e dos consumos esportivos deve ser buscado na relação entre as transformações da oferta (os campeonatos, associações... categorias...) e as transformações da demanda (uma dimensão da transformação dos estilos de vida) no espaço dos produtores e espaço dos consumidores.

Sendo a lógica econômica aquela em que todo e qualquer conteúdo do lazer torna-se passível à transformação em mercadoria/espetáculo, trago aqui reflexões que ajudam a pensar o skate como um conteúdo do lazer que sofre as investidas do mercado desde seu início. Perceber-se-á que em alguns pontos o consideraremos como reprodutor ao que dita o sistema, já outros apontarão a utilização das mesmas armas para produzir sua resistência, ora disseminando seus ideais, ora satirizando o próprio consumo do skate e demais produtos vinculados ao estilo como moda, através da criatividade.

Como reprodutor da lógica consumista, de acordo com Honotato (2012) o skate apresentou/apresenta relação com a identidade jovem e os veículos de divulgação publicitária não somente de marcas articuladas ao skate, mas de muitos outros produtos como ocorre no futebol, seus “atores” anunciando bancos, bebidas, aparelhos tecnológicos, etc., o esporte e práticas da moda invadem o imaginário social, surgem para as empresas e lojistas como um canal de comunicabilidade com um novo nicho consumidor.

O consumo não se restringe a produtos, mas a estilos e a hábitos como já apontamos. Sendo assim, uma modalidade pode tornar-se o produto, não somente os acessórios que fazem parte da indumentária que permite que a pessoa esteja de acordo com a sua moda. Neste momento podemos dizer também que para além dos seus produtos a própria modalidade de lazer skate é transformada em mercadoria, situação cujo produto é denominado por Mascarenhas (2005) de mercolazer, é o resultado da introjeção do valor e das relações mercantis como princípios orientadores e organizadores da vida das pessoas e estes mesmos processos são transferidos, conseqüentemente, para o lazer, como prática sociocultural que é.

Assim, o skate nascido como uma prática da juventude e para a juventude foi um rico espaço a ser explorado pela indústria do consumo (oferta), a qual não demorou em perceber o jovem consumidor em potencial (demanda), nem a modalidade como produto. O consumo passivo indica a moda e o estilo de vida como necessidade criada e não uma escolha consciente.

Relembramos dos registros em campo do quanto eram apreciadas as marcas de cada peça que compõe o skate (shape/prancha;

truck/eixos; rolamentos; rodas): *Demorô, Revoldecks, Future, Organic*, dentre outras cobiçadas pela qualidade, principalmente. Marcas de tênis usado por muitos skatistas também eram bem consideradas: DC, Quix, etc.; já as peças de roupa normalmente faziam parte de uma identificação própria ou com o grupo, no máximo uma marca de apoio ou estilo musical. Contudo, nenhum destes sobressaía ao significado do todo para eles.

De acordo com essa lógica, a vivência do skate apareceria reduzida às características elencadas por Marinho (2001) quando referiu às experiências da escalada urbana nos moldes consumistas: ecletismo estilístico, ausência de profundidade, simulação, imediatez dentre tantas outras atribuídas ao âmbito do lazer, como cultura de consumo, o qual não carece necessariamente estar circunscrito a espaços ou conteúdos específicos.

Contudo, de certo modo o skate, mesmo apresentando uma face mercadoria, parece desobedecer à lógica do espetáculo, o qual Bourdieu (1983) afirma como uma das condições para encantar os consumidores (principalmente passivos, quando está submetido aos parâmetros midiáticos) e inculcar no seu repertório de preferências algum esporte/produto. Se essa é a condição para que o skate se torne mercadoria ele ainda está distante, pois pouco aparece na mídia em geral, e quando aparece é somente com uma das suas modalidades, o *Skate Vert*, ou Vertical, praticado em *Half Pipe*, rampas e megarrampas.

Assim, os campeonatos e outros eventos de skate (que poderiam ser o espetáculo) na modalidade *Street*, surgem somente nas mídias especializadas, ou seja, que possuem um público também específico e reduzido, contrariando o objetivo do espetáculo: o encantamento para

além do público já envolvido, a grande massa. Pois, no movimento skate parece haver um processo de retroalimentação, onde produtos e marcas são criados e consumidos por seus pares. Como é o caso das três marcas locais identificadas no Skatepark: Revoldecks, Demorô e McTwist.

Contrário à transformação do skate em espetáculo, Aguiar (2012) descreve um pouco do desenvolvimento da lógica skatista, que através do *design* gráfico houve um momento na década de 1990 em que esteve presente uma forte crítica não apenas ao gosto popular⁸⁹, mas à própria sociedade, representada pelo que ela mesma consome nos desenhos dos skates.

Além disso, nestes mesmos desenhos, ora em traços de grafites, ora representando histórias em quadrinhos, ou contos de fada com sentidos deturpados, e onde houvesse a possibilidade de ridicularizar aquilo que era desejado pela maioria, invertendo os papéis, isso era feito. Pois foi um modo encontrado de por no banco dos réus uma sociedade que se dá o direito de discriminar pessoas por conta do esporte (ou modalidade de lazer) por elas praticado, mostrando que, apesar de sua autoridade, existem meios de torná-la vulnerável.

Quanto à passividade consumista, Bourdieu considera que:

O esporte espetáculo apareceria mais claramente como uma mercadoria de massa e a organização de espetáculos esportivos como um ramo entre outros do *show business*, se o valor coletivamente reconhecido à prática de esportes não contribuísse para mascarar o divórcio entre a prática e o consumo e, ao mesmo tempo, as funções do simples consumo passivo. (BOURDIEU, 1983, p.144).

⁸⁹ Seria um gosto criado para as pessoas, não o gosto que partiu da criatividade popular, ideia relacionada ao que foi concebido como cultura de massas, a qual não pode ser confundida com cultura popular.

Neste sentido, o skate parece não ter atingido o valor de espetáculo esportivo ou transformado em mercolazer e apesar de ter sido moda em algum tempo ele não se tornou produto da grande mídia. Se submetido às leis da rentabilidade não poderíamos enxergar as nuances e sutilezas que apenas um conhecedor enxerga/sente – skatista nesse caso – e não se poderia encontrar outros sentidos daquela prática, senão aquela que só se reconhece na busca pelo imediato prazer do seu espetáculo.

Por isso, apresentaremos nos capítulos subsequentes outros fatores que permeiam essa modalidade no contexto estudado e que em maior proporção podem configurar um espaço potencial de resgate do lazer como forma de resistência, frente a uma sociedade de massas e de consumo alienado de onde a vivência do mesmo, como elemento cultural é cada dia mais escassa, quanto mais necessária. Trata-se das questões das identidades e das socializações que perpassam o universo do skate, no âmbito pesquisado.

4 **CAPÍTULO 3** **IDENTIDADES E QUESTÕES DE (PRÉ) CONCEITOS**

O campo de batalha é o lar natural da identidade.
(BAUMAN; VECCHI, 2005, p. 83)

Até aqui trouxemos uma compreensão de lazer com uma constituição identitária imbuída de pluralidade de valores e sentidos, sem forma fixa frente à diversidade das sociedades. As compreensões e vivências do lazer são diferenciadas de acordo com situações culturais, socioeconômicas, políticas e com os hábitos, costumes, crenças, etnias, situação facilmente identificada entre as próprias regiões brasileiras, sendo o Brasil um país multicultural, multirracial. Talvez isso se deva a um entendimento de que a própria noção de identidade esteja dentro da perspectiva elaborada por autores como Stuart Hall e Zygmund Bauman, apresentada aqui para discutirmos cada etapa deste capítulo.

Apontamos de acordo com tais perspectivas que não existiria identidade como algo pronto, mas formado mediante o fluxo de contextos cuja configuração determina um processo que vai desde o perene ao transitório da experiência social. A renúncia ao processo ou movimento contínuo da contemporaneidade seria tão impossível quanto querer baldear o oceano com as próprias mãos, pois a identidade é o próprio retrato da vida contemporânea e conter o fluxo das relações em que se cria seria inimaginável.

Neste momento, buscamos entrever tais configurações a partir das pessoas que estão interligadas pela modalidade skate, quais as pistas que elas podem nos apresentar para que possamos compreender o que trazem como aspectos constituidores da sua identidade, elementos que surgem a partir da relação entre o eu e o outro social.

Que necessidade haveria de pautarmos identidade como termo importante a ser revisitado na pesquisa com skatistas? Pelo fato de que ela existe em outros moldes que não aqueles que supunham a dita sociedade moderna; pelo fato de que os seres humanos poderão ser melhor compreendidos não só nas pesquisas como apontamos aqui, mas em cada setor e sistema no qual estão inseridos se considerarmos a própria transcendência dos conceitos. Sejamos mais claros, tal compreensão apontaria a razão de ser skatista na sua vivência cotidiana nos grupos sociais dos quais participa: o grupo do rolê, a família, a escola, a igreja, etc. A identidade seria a constituição do “cimento” social que os liga e dá forma.

No segundo momento deste capítulo vamos dialogar com os conceitos Culturas Juvenis, Tribos e Família, dos quais o último não apresenta uma definição própria do âmbito acadêmico. Assim, apontamos para uma *transição* de conceito entre Tribos e Família, posto que, ambos estarão caracterizados como componentes das Culturas Juvenis, porém com algumas diferenças.

Falamos então, da identidade, primeiro em razão da existência de algo que ainda compõe o referido “cimento” que liga as pessoas a um dado grupo, ainda que não sejam iguais por completo como se pensa no conceito de Tribos. Pensamos ainda em identidade visto o aparecimento do termo Família, uma forma de relação que surge no contexto possivelmente, em virtude da discussão que Monteiro (2004) traz acerca das novas relações sociais da sociedade contemporânea. Relações que surgem a partir da reconfiguração e do deslocamento das formas sociais historicamente prescritas como matrimônio, família e o trabalho, fator que abre espaço à experimentação de novos vínculos.

Em consideração ao que o próprio termo representa no campo de pesquisa, portanto, não seria justo uma definição conceitual “academicizada” para trazer a voz dos sujeitos da pesquisa, pois seria uma imposição e não uma *negociação* entre estes e pesquisadores. Podemos dizer que o termo família aparece como “alavanca metodológica”, expressão que de acordo com Dosse (2003) significa um aspecto encontrado no cotidiano e nas representações do contexto estudado provenientes da subjetividade e da sensibilidade dos envolvidos. É, para o autor, algo que permite captar a dinâmica do processo histórico sem amarras, fato que conseqüentemente torna a minimizar anacronismos ou perspectivas teleológicas. Acrescente-se que Maffesoli (1998) apresenta também aspectos subjetivos e de ordem emocional como estas alavancas, pois nem sempre são explicáveis a partir de categorias predeterminadas, mas que, por isso, servem à reflexões outras que permitem explicar fenômenos sociais, que, sem elas, permaneceriam incompreensíveis.

Deste modo, o próprio termo família não somente será explicado de acordo com as suas vozes, dada sua importância para os skatistas, mas poderá esclarecer alguns aspectos elementares provenientes da pesquisa social. Para tanto, a importância dada ao termo família aparece em detrimento do uso do termo utilizado no projeto inicial da pesquisa: Tribos. Em alguma época em que a prática do skate estava se constituindo como uma das inúmeras manifestações das culturas juvenis, este termo esteve ou pode estar ainda ligado a essa atividade.

Apesar disso, verificamos neste ponto a necessidade de discutirmos a identidade (modificada) de um grupo que se reconstrói a

cada dia e que as novas conformações se consolidam a cada ano e nem sempre estão ao alcance da percepção dos jovens que transitam e vivem nesta conformação social. Somente quando nos deparamos com jovens de idades tão díspares entre 10 e 39 anos é que podemos pinçar elementos das mudanças e representações dentro de um contexto em comum entre eles, aí verificamos a própria representação de Família e a transição do que foi (se foi) uma Tribo.

Por que então trabalhar com uma compreensão flexível de identidade? Porque não há homogeneidade nas coisas, há semelhanças, diferenças, alguns aspectos que convergem, outros que são aceitos e todos eles fazem parte de um só grupo. Em virtude disto, lançamos no terceiro item deste capítulo, *Das antigas à nova família: a representação do skatista no cenário*, os aspectos que sob um ângulo os diferencia, mas sob a nova perspectiva de identidade os transforma em um grupo com uma conformação própria, com uma identidade construída através do tempo, dos contextos, das relações que continuamente puderam ser estabelecidas.

Neste sentido, lembramo-nos que Hall (2006) assemelha o termo identidade com um terreno escorregadio, visto sua ancoragem em três definições distintas ao longo da história pré-moderna, moderna e pós-moderna. A definição de sujeito poderia variar em um ser único, individual, cuja identidade seria reflexo do seu “interior”, seu centro imutável; poderia ser fruto de uma relação entre ele e outras pessoas, acontecimento mediador da cultura, a identidade seria “interativa” dentro de um dado contexto social. Por fim, há um deslocamento de centro de referência das próprias pessoas e destas em relação aos grupos sociais, a então pretendida estabilidade passa a não existir para o sujeito,

cuja concepção coaduna com a assertiva de Bauman e Vecchi (2005), os quais afirmam que essa é uma característica da sociedade atual, a substituição das estruturas ortodoxas de referências por outras tendências, de base líquida.

São estas concepções que Hall discute em termos de identidade, numa tentativa de compreender a concepção do sujeito no mundo contemporâneo e consequentemente de identidade nesse novo tempo. Deste modo, poderíamos perceber que não é somente um destes aspectos que revela a identidade, mas a relação entre eles, fato que levaria a pensar o segundo e o terceiro aspectos como pontos mutáveis para a constituição de um núcleo interno que se solidifica no ser humano (pré-moderna). No segundo, poderíamos citar as relações estabelecidas entre o Movimento Skate com outros grupos que compõem a Cultura de Rua, cujas consequências são visíveis nos gostos musicais e na indumentária do grupo skatista (moderna).

Já no terceiro aspecto reafirmamos a reconfiguração da formação social família, pois enquanto em uma família comum os filhos deveriam ver em seus pais o exemplo ideal de adulto, ou de ser humano, há uma descentralização deste ideal, visto que essa família deslocou-se ou estendeu seus laços para os grupos de convívio social (pós-moderna). Nestes, os skatistas encontram suas melhores representações de ser humano, onde os menos experientes (sem referência à idade) têm seu espelho naqueles que já possuem vasta experiência no grupo.

Por isso, a existência da Família do Skate a qual também conhecemos por *Aracaju Family*, um grupo sergipano que expõe uma forma própria de ser família, que vislumbra uma conformação social ainda não discutida, que está ainda construído a partir de uma relação

dialógica entre uma identidade local e uma identidade universal de ser skatista, pois esta encontra-se interligada à identidade local, sendo que esta última possui uma história própria, de um grupo que só expandiu desde a década de oitenta em Sergipe. Um grupo que em suas trajetórias deu vida a muitos “lugares” da cidade de Aracaju e que continua em diálogo com a sociedade seja de dentro do Skatepark ou por fora dele, assim descreveremos os itens quarto e quinto deste capítulo.

Em virtude disto, lembramo-nos das mudanças ocorridas no século XX, alternativo à luta de classes, algo na sociedade foi sendo deixado para trás como uma roupa antiga que não mais se ajusta ao corpo. O corpo social, neste caso, exigia uma roupagem que conseguisse captar a conformação mais detalhada desse corpo que se transformara. Tratamos de identidade, a qual Stuart Hall (2006) assegura que aquele modelo conceitual que permaneceu até os tempos modernos, hoje não apresenta consistência. Neste sentido, o corpo skatista de pouco mais de duas décadas tem sua mudança e a roupa a qual se ajusta nos dias atuais lhe traz novos ajustes. Por isso, dizemos não haver “morte da identidade”, mas uma reconfiguração do que se propunha anteriormente caracterizado pela perspectiva da imutabilidade. A forma se reconfigura e com ela o conceito.

De acordo com Bauman e Vecchi (2005) a estrutura identitária que se forma não foge ao composto social que o cerca, visto isso, temos as tecnologias e os meios de comunicação e informação como elementos que nunca estiveram distantes do contexto skatista, mas que no momento atual essa presença é ainda mais constante e em virtude disso, passa a ser parte desse grupo como uma das suas características elementares. Fato que aproximaria essa forma de ser com aquele que os

autores pressupõem comunidade, um grupo que não procura um distanciamento como isolamento, mas dialoga a partir dos próprios meios que emergem do padrão globalizado, isto é, eles não estão aquém das tecnologias e do que estas lhes proporciona dentro e fora do seu contexto familiar.

Estaremos diante da conformação de um grupo cujas diferenças é que constituem sua identidade e que não resistem às características do seu tempo. Acrescentamos que no quarto e quinto itens aparecem também os elementos que constituem uma família local que está ligada a um grupo maior, movimento que no skate representa “um processo contínuo de inventar e reinventar a sua própria história” (BAUMAN; VECCHI, 2005). Reforçamos que não se resume a uma história onde aparecem apenas personagens e estes somente ganham destaque, mas falamos de uma história em um dado contexto, onde os lugares ganham forma e vida pela cidade, cujos atores partilham da constituição da identidade que se funde entre grupo e espaços, juntos se expandem para além da cidade e do Estado e deixam de ser somente locais, então, formam um todo dentro do movimento skate.

Lembrando-nos da discussão sobre identidade a partir dos Estudos Culturais Ingleses, cujos pesquisadores abraçaram os problemas sociais identificados como culturais, foi neste momento que se buscou compreender de que forma a estrutura social, até então estável, se modificava e, sobretudo, por que razões tal mudança estava relacionada às desigualdades sociais não somente econômicas, mas também às questões de gênero, raça e/ou etnia. Diante disso, sobre terreno da cultura, onde todos estes conflitos são gerados, Mendes (2007) deixa claro que é, também, o terreno onde se desenvolve a luta pela

hegemonia, ou seja, meio pelo qual os diferentes grupos subordinados opõem resistência à lógica da subordinação.

Nesta linha de pensamento, os estudos culturais não somente apresentam formas de tentar compreender as pessoas dentro de um emaranhado de relações que se engendram a partir das redes complexas criadas por eles, “suas teias”⁹⁰, mas da visão dos próprios sujeitos a respeito da organização na qual estão inseridos: sua história, sua luta, sua maneira de se apropriar das formas e dos conteúdos sociais. A reordenação social obedece não mais a luta de classes somente, mas à luta de outros grupos, grupos étnico-raciais, de mulheres, de comunidades periféricas, etc.

Neste sentido, tais aspectos aproximam-se das discussões vistas nos dois últimos itens deste capítulo, das formas de resistência do grupo skatista, as quais também sofreram modificações consideráveis, incluindo a introdução dos meios de comunicação e informação e as mais diversas tecnologias no cotidiano do grupo como fontes e elementos disseminadores de protestos e desejos da Família. Expomos nestes itens as formas encontradas para exprimir seus desejos, anseios, reivindicações, sejam eles de acordo, ou não, com os parâmetros sociais estabelecidos. Apresentamos aqui a expressão de uma busca de reconhecimento e aceitação, não como os diferentes marginalizados, mas como os diferentes que possuem voz e vez numa sociedade que

⁹⁰ Sob uma perspectiva antropológica Geertz (1989) faz essa alusão ao que seria a cultura “os sistemas entrelaçados de signos interpretáveis, a cultura não é um poder, algo ao qual podem ser atribuídos casualmente os acontecimentos sociais, os comportamentos, as instituições ou os processos; ela é um contexto, algo dentro do qual eles podem ser descritos de forma inteligível – isto é, descritos com densidade. (p.24)”.

ainda valoriza os pré-conceitos em detrimento das possibilidades reais de transformação do ser humano.

Podemos perceber em Bauman e Vecchi (2005) que existe algo de permanente nessa identidade, assim como o vemos também em Hall (2006). Então, o que se percebe é que a característica de fluidez se adéqua ao processo sofrido pelo termo, para a constituição de algo chamado identidade no nosso tempo. Existe sim uma alteração nas identidades culturais, para tanto, Bauman e Vecchi (2005) atestam a constância de preceitos mesmo que as pessoas transitem por outros campos. Assim, compreendemos que a identidade constituída a partir do conjunto de identidades que formou o movimento skatista, possui aspectos específicos de grupo para grupo, mas ao tratar do movimento skate no plano geral existem preceitos que são comuns entre eles; eis então, a razão de muitos considerá-lo um estilo de vida como foi descrito no capítulo anterior.

4.1 CULTURAS JUVENIS, TRIBO OU FAMÍLIA SKATE: UMA *TRANSIÇÃO*

Conhecida nos contextos urbanos pelas suas formas de atuar, de ser, aparecer, de tentar ser aceita, a juventude traz o desafio de pensarmos em como a nossa sociedade se encontra em relação ao que de fato é necessário, para que demos importância às verdadeiras relações sociais, aos modos de comportamento e respeito entre os seres humanos, a afetividade, a solidariedade e outros valores humanos importantes e imprescindíveis ao convívio social. As formas apresentadas surpreendem-nos pela presença do extremo e do excesso das ações ao qual a juventude entrega-se, aos excessos de violência e radicalismos

dos *punks* e *skinheads* com questões políticas e raciais; outro aspecto é a extrema banalização dos sentimentos e relacionamentos amorosos, a importância extrema ao puro prazer, ao hedonismo, a volatilização corporal, a idolatria das relações, exemplos bem felizes das características das Culturas Juvenis do nosso tempo trazidas por Almeida e Eugênio (2006).

Tentamos aqui reelaborar mais uma condição dentro da perspectiva das Culturas Juvenis como aquela que engloba todas as formas encontradas pelos jovens para poder viver em sociedade, seja para adaptar-se, seja para confrontar, que representa também uma busca de adequação, afirma Machado Pais (2006). Culturas Juvenis é uma dinâmica social em constante reformulação visto as conformações cada vez mais renovadas dos novos jovens na sociedade, para isso, alerta Gilberto Velho (2006), que se deve falar de juventudes (no plural) como uma categoria complexa e heterogênea no sentido de evitar simplificações e esquematismos, pois nas pesquisas dentro das sociedades complexas (moderno-contemporâneas) buscamos analisar de certo modo em termos de *ethos*, estilos de vida, visões de mundo e, em geral, modos de construção social da realidade, aspectos essenciais das Culturas Juvenis, a partir dos quais os jovens têm suas experiências e surge a possibilidade de construir identidade, pois esta

É um processo que decorre no tempo, é dinâmico, transforma-se e se dá em múltiplos contextos socioculturais e níveis de realidade. Essas experiências não são indiferenciadas. Elas têm pesos, valores e significados específicos que precisam ser analisados tendo como referência básica os pontos de vista e visões de mundo das categorias sociais consideradas. (VELHO, 2006, p.193)

Neste sentido, o autor provoca a ir além dos estereótipos existentes, sejam eles construídos a partir dos próprios grupos já conhecidos ou a partir das pesquisas acadêmicas. A pesquisa social deve, portanto, trazer novas perspectivas para além daquelas que já possuem seu espaço, ou que nem sempre estão de acordo com o próprio campo de pesquisa.

Curiosamente nesta pesquisa resgatamos o conceito de Tribos Urbanas do âmbito das Culturas Juvenis para compreendermos um grupo de skatistas que, ao decorrer das negociações e fases da pesquisa, demonstrou a necessidade de rever a denominação atribuída ao grupo (Tribo) e considerarmos o termo Família, visto no contexto. Ressaltamos, contudo, que o próprio termo Tribo surge em alguns momentos da negociação e que elementos significativos do seu conceito também constituem de certa forma o outro termo Família proveniente do grupo.

Por isso, consideramos essencial explicitar que o termo Tribo Urbana surgiu no âmbito das Ciências Sociais e marcou um dos pontos principais dessa pesquisa mediante os escritos de Michel Maffesoli (2006), com os quais dialogamos, e cujo conceito está para a identidade assim como para as atuais conformações sociais e a flexibilidade das organizações como característica essencial dos grupos que compõem o complexo universo das Culturas Juvenis.

O conceito de Tribos Urbanas aponta que tais grupos trazem das sociedades tribais antigos traços de comportamentos de desprezo, exclusão ou estigmatização daquele que não tem “o cheiro da matilha”, e que por isso é rejeitado. O autor distingue três principais características inerentes à organização: a estética (refere-se ao sentir em

comum); a ética (refere-se ao laço coletivo); e, por fim e quiçá, mais importante o costume, que em suas palavras

Trata-se de um laço misterioso, que não é formalizado e verbalizado, [...] o costume nesse sentido, é o não dito, o “resíduo” que fundamenta o estar-junto. [...] *Centralidade subterrânea* ou “potência” social. (MAFFESOLI, 2006, 54 p.)

A tribo, portanto, é uma organização que se fixa em um princípio de ajustamento, acomodação e articulação orgânica com a alteridade social e natural a partir de uma vitalidade que não se extingue do social e que permite a constante afirmação da vida, o querer viver societal. Estes elementos constituem uma potência, a “transcendência imanente” que designa a energia que cimenta cada membro a seu grupo, à tribo.

Contudo, a ausência dos elementos que compõem uma Tribo Urbana frente ao grupo estudado intimou destacarmos aqueles que são rejeitados, aqueles que não são iguais e que por isso, são excluídos do grupo. A presença de pessoas diferentes, sem o “cheiro da matilha” ou que queriam aderir ao grupo não indicou ameaça, mas uma nova companhia, um novo membro, ainda que aquele trouxesse elementos distintos daqueles que compunham a estética do grupo.

É fato porque o skate tem esse poder de desmistificar classes sociais, então se você entrar num Skatepark, você vê o carinho que chega de Mercedes, você vê o cara que vem de ônibus, a galera que vem de bike. Então, é uma mistura de classes sociais e aqui dentro isso desaparece. Skate é uma tribo e isso é o mais legal. (Dentinho McTwist, 38)

É uma família só. A partir do momento em que está em cima do skate se torna uma família só,

independente de ser rico ou pobre. Todo mundo é igual. (Fabio Galinha, 36)

Ainda que a classe social permita maior conforto de deslocamento, a aquisição de roupas, tênis e skates das marcas melhores e mais vistas neste mercado (normalmente importadas) constatada na rotina diária, tal diferença teve ínfima representação no contexto dos relatos de entrevistas, pois a sua presença não simboliza sua importância e valor dentro do grupo quanto ao convívio - e componente crucial de entrada e permanência. Apesar do elogio àquele que tem posse de algum produto de marca conceituada no mercado, para eles é somente uma forma de buscar um desempenho melhor nas manobras devido à qualidade bem conhecida e muitas vezes inquestionável do material, no caso de ser o skate, peças isoladas ou tênis.

Outro aspecto trazido a partir da descrição de tribo em Maffesoli (2006) é a definição do querer viver societal, que se aproxima da necessidade de pertencimento. É o que se quer e é necessário, corroboram Bauman e Vecchi (2005), “é que precisamos de relacionamento, e de relacionamentos aos quais possamos servir para alguma coisa, relacionamentos aos quais possamos referir-nos no intuito de definirmos a nós mesmos” (2005, p. 75) e acrescentamos que não é somente a necessidade de definir a si mesmo, mas também tornar-se referência. Mas o convívio demonstra que o pertencimento não está relacionado necessariamente àqueles ditos iguais.

[...] Família. É verdade, a pessoa vem assim, um vem de um bairro, outro vem de outro, vem daqui mesmo da Coroa do Meio (bairro onde fica situada parte da Orla), se encontra aqui e sai pras outras pistas, fica andando aqui e curte o

final de semana. Essa é a família de skatista.
(Juninho⁹¹, 15)

A procedência do skatista seria um elemento chave para ser ou não considerado do grupo se estivéssemos considerando o diferencial da Tribo Urbana, contudo, a junção dos subgrupos provenientes de uma diversidade de bairros de Aracaju e da Grande Aracaju (constituída pelas cidades de São Cristóvão e Nossa Senhora do Socorro) é um aspecto que constitui este grupo como família. O pertencimento, deste modo, está no que é tangível e facilmente perceptível do convívio: a escolha da modalidade de lazer que é o skate, ou melhor, nos termos apresentados por eles no capítulo anterior a escolha do estilo de vida oferecido pelo estilo que caracteriza o Movimento Skatista.

A integração ou associação à identidade skatista no contexto pesquisado também proporcionou uma formulação do que eles mesmos definiram como família e como algo também em construção, os skatistas aos poucos forneceram pistas das quais nos servimos para concatenar o presente momento:

Eu penso que esse negócio de família do skate é por causa que você vem todo dia, aí tá sempre todo mundo aqui. Aí você vê a pessoa evoluindo, você se sente como se fosse irmão daquela pessoa, ou como se tivesse uma ligação muito forte com aquela pessoa, por isso é que skatista é sempre muito unido assim. (Mateus⁹², 15)

O convívio fica claro em algumas definições como esta, a aproximação com outros skatistas que não pertencem ao seu bairro.

⁹¹ Caracterização: negro, não usa acessórios, roupas comuns, sempre em tons escuros, calça e blusa com mangas.

⁹² Caracterização: pardo, roupas comuns, sem acessórios, às vezes usa boné, tem sempre uma semblante sereno e tranquilo.

Contudo, a identidade com o que seria uma família é encontrada também na ajuda mútua entre eles, na representação que cada um tem para o outro, deste modo, à definição, é acrescida:

A parceria que a gente tem um com o outro, sempre tentando ajudar o outro, sempre dando dicas: 'olha não é assim, é dessa forma, bota o pé mais aqui'. Ai vai criando um vínculo muito de família, aquela coisa toda, um ajudando o outro. (Califórnia, 18)

A semelhança de uma relação teoricamente não encontrada numa Tribo Urbana

Isso é tipo um pai e uma mãe tentando ensinar a você aprender alguma coisa. Ai chega ele assim e fala: 'não, você tá fazendo meio errado, faça assim, vai tentando devagar que você vai conseguir'. Ai isso tudo vai criando um vínculo de família e tudo mais, vai se aproximando. Isso tudo faz com que a gente seja uma família. (Lucas 2. 18)

Parece uma mescla de uma identidade familiar nos seus moldes estruturais conhecidos com algo de uma identidade juvenil, conformação que ora parece existir pelo fato da própria família (de pais e irmãos de sangue) não conseguir suprir a necessidade dos jovens como modelo a ser alcançado; ora apresenta-se como extensão do próprio contexto familiar. Às vezes o não agir como os pais que criticam e se impõem como mais fortes e repressores os aproximam de outro modelo de família onde predomina a paciência e a compreensão. Por isso, Machado Pais (2006) fala da necessidade da busca de si dentro do contexto das Culturas Juvenis, essa busca pela identidade plena que satisfaça as necessidades da juventude que quer na família um

reconhecimento ante os demais e que não quer seguir os moldes tradicionais, mas propõe (sem querer) outra identidade para a família tradicional e assim cria um novo conceito, oportuno à composição das Culturas Juvenis moderno-contemporâneas.

A identificação com mães, pais e irmãos mais pacientes, compreensivos, deixa transparecer que não há forma de resolver suas ambivalências e transcender seus medos e perigos sem esse elemento essencial do convívio social. Este, sim, é um dos aspectos encontrados que por sua diferença na própria descrição dos sujeitos engendra uma parte da configuração afetual, a Família, a qual apresenta elementos próprios considerando, principalmente, a autoafirmação do grupo de skatistas como Família Skate.

Assim, tanto os elementos que caracterizam uma família em seus aspectos modernos, como aqueles que caracterizam uma tribo urbana aqui são remodelados, como se mostrou no processo de constituição da própria identidade. Essa nova família vem suprir os anseios do grupo skatista, assim, com tais características, porque na tribo há uma busca pelos iguais, busca pela semelhança e a família, na verdade, é constituída apenas por irmãos. Assim, sobre a família, esta abre nova perspectiva no trato com os colaboradores da pesquisa social, quiçá com pesquisas posteriores.

Tal como Tribos, o termo Família poderia remeter ao que Machado Pais (2004) constatou acerca do primeiro: que de certo modo estávamos diante de uma etiqueta que não esconde a realidade em que a heteronomia é a regra ao passo que a apropriação indevida cria realidades sociais que fogem à compreensão das Ciências Sociais. Ainda ressalta a importância de compreender que a etiqueta criada nem sempre

identifica legitimamente o que designa, aí se misturam conceitos e (em maior medida) preconceitos como bem fazem os *mass media*.

Utilizamos o que acima chamamos de alavanca metodológica, com nome e sobrenome: Família Skate, pois este (skate) é o elo do grupo, é o que os identifica dentro da família. Este é o aspecto responsável por entendermos a necessidade da reconfiguração da identidade skatista atualmente, pois, não é possível compreender o próprio termo apresentado com uma configuração comum, já que não se pode pensá-lo desvinculado do aspecto líquido apresentado por Bauman (2001) à nossa contemporaneidade.

Na Família o incerto é premente, não há garantia de futuro com a profissão, não há garantia de agregação senão por respeito à auto-organização do grupo, há uma constância renascida a cada dia do encontro entre irmãos e uma agregação mediada pelas tecnologias de comunicação e informação como veremos mais à frente, porém antecipamos que tal característica parte da identidade de um grupo que não nega seu tempo, e que através dos meios mantêm o que se constituiu face a face. A tal fato atribuímos uma alternância entre bases que solidificam as relações que ora iniciam face a face e continuam virtuais e vice-versa.

O futuro incerto no sentido profissional, por vezes, é esse fio de ligação entre os membros da Família, mas não se resume a isso, as relações não se resumem a elos tão tênues assim, por isso, a condição de irmãos que afirmam existir:

Irmão de consideração, um irmão que não é da mesma mãe. Uma família, no geral, a Família Skateboard, como eu disse antes. (João Victor, 11)

É assim, amigos muito irmãos. E tanto é que hoje em dia meu melhor amigo é meu irmão, de outra mãe, veio daqui. O nome dele é G. também, só que ele não tá aqui agora, mas você sabe quem é. Então, ele é meu melhor amigo. Aí veio daqui, eu valorizo muito esse lugar, meus amigos daqui, irmãos. E é minha segunda família. (Guga, 13).

Às vezes um irmão que gostariam de ter, ou irmão como gostariam que fosse aquele que têm em casa. Verificamos certa dependência da existência dos outros, desde o começo, skate não se faz sozinho, o prazer de estar andando de skate não se resume ao desafio, à satisfação e ao prazer proporcionados por novas emoções, a identidade com uma nova roupagem de família faz-se crucial na contínua reelaboração do movimento. Além disso, cada skatista provém de uma família (com pais e irmãos – quando os têm a todos), eles, às vezes, participam de um grupo de skatistas do seu bairro, ou somente integram-se ao grupo quando está junto à Família, em sua casa – a pista de skate na Orla.

Esta relação é denominada por Honorato (2012) como existência relacional, uma cadeia de interdependência entre os membros e uma rede relacional gerada dentro de uma estrutura maior. Aí encontramos a forma do surgimento da Família Skate, um conjunto de grupos formados por membros que constituem uma rede relacional. Deste modo, alguns dos skatistas apostam na condição de fazerem parte de uma família na condição moderna e de uma Família que não está em conformidade com a anterior e que às vezes é até reprimida pela primeira:

eu tenho duas famílias hoje em dia na minha vida: a minha família e a família do skate. (Dente, 19).

Neste sentido, problematizamos também a aparição de tais relatos na rede social Facebook, a qual foi acompanhada por cinco meses, nas quais pudemos verificar os seguintes relatos:

Relatos de Califórnia, 18 (Facebook/junho): *ai irmãozinho [Lukas Passos](#) toda a galera da pista esta morendo de saudades. :) Estava vendo minhas fotos aqui no noot e de repente achei essa foto que mi fez lembrar desse dia irmãozinho [Lukas Passos](#). saudades irmão.*

Relato de Badá, (Facebook/maio): *Família skate nordeste!! Fazemos mais que manobras! Fazemos AMIGOS!!!*

Juninho, 33 (Facebook/abril): *Muito Respeito Irmão Luiz Carlos [Du Dulitoral Rec](#) e D'outro jeito, coisas feitas com carinho, respeito mútuo sempre. Bençãos Irmão, amor e respeito.*

Por isso, diante de um quadro global do desencantamento moderno persiste uma estrutura que se modela a partir do que tem sido o moderno em transformação, da estrutura familiar moderna quer-se renascer em um novo lar cordial e seguro onde o ser humano seja respeitado em sua individualidade, posto que os skatistas são solitários em sua atividade; e onde o estar junto constitua a identidade do grupo como família, posto que os demais momentos dentro do movimento só se faz com os irmãos.

Enfim, esse composto é que caracteriza a Família Skate. Enquanto as diferenças (linguagem corporal/linguagem verbal) é que acentuavam as afirmações entre as diferentes Tribos Urbanas, a Família é todo esse composto onde a cumplicidade é o elo que não distingue seus praticantes. Seria de acordo com Bauman e Vecchi (2005) o lado

da identidade que deseja que não se dê importância às diferenças, que a presença delas seja aceita como inevitável e permanente, que se reconheçam como diferentes.

Por isso, o termo Família assemelha-se a uma bricolagem do universo skatista, não raro em suas características e tendências e cada forma adquirida que sofre uma mudança possui um momento de transição, assim como na pista existe para o skatista o obstáculo de transição, o qual marca o momento entre uma e outra manobra importante. Assim, marcamos aqui a transição entre a Tribo Skatista e a Família Skate, entendendo família como parte da identidade skatista com novos contornos que não representa um grupo que possa estar classificado de acordo com as correntes classistas ou geracionais das Culturas Juvenis.

4.1.1 Das *antigas* à nova *família*: a representação do skatista no cenário

O contínuo identitário é percebido de forma marcante no contexto das novas gerações que comumente procuram aderir a um dado grupo social, ou luta pela aceitação, criam novos grupos, extinguem outros e ao mesmo tempo em que se identificam por um dado grupo étnico, podem entrar em conflito por questões de gênero. No entanto, permanecem em constante busca por reconhecimento nos grupos de acordo com o estilo musical, as práticas esportivas, atividades de lazer. Assim, para Costa (2006, p.53)

A participação nesses grupos é um dos traços que marcam a juventude, pois é ali que as identidades são construídas. É ali que se dá sua diferenciação de acordo com o grupo, a classe, os símbolos e estilos que vão demarcar seu pertencimento, que podem estar associados a questões de etnias, de

gêneros, de localidade, enfim, de acordo com o signo do determinado grupo.

Para tanto, Bauman e Vecchi (2005) trazem a reflexão de que “há sempre alguma coisa a explicar, desculpar, esconder ou, pelo contrário, corajosamente ostentar, negociar, oferecer e barganhar. Há diferenças a serem atenuadas ou desculpadas e tornadas mais claras” (p. 18), referindo-se a uma identidade endurecida no pertencimento. Contudo, ele reitera de acordo com a sua proposta, que “as ‘identidades’ flutuam no ar” (p. 18) e as mesmas são da nossa escolha, mas o diz não no sentido de repelir o que aparece, posto que a ideia de identidade não se dá na forma de continuidade, de constância, mas, no sentido de que ela mesma pode ser negociada em virtude da impossibilidade da falta de contato com as outras pessoas e que sem pressa e sem conta isso vai acontecendo, pois, tanto ela quanto o pertencimento são renováveis e negociáveis. Em virtude destas proposições acerca da constituição dos grupos que surgem no âmbito a que chamamos de Culturas Juvenis, explicitamos que a Família Skate traz o diferencial de uma continuidade de um grupo em que entre eles há uma identificação própria quanto à diferença gritante de idades no grupo.

Entre os skatista não é difícil encontrarmos representantes de dez, vinte ou trinta anos no mesmo grupo de conversa, assim, apresentamos este elemento como uma característica peculiar, o qual tem continuidade a partir de gerações posteriores, que por sua vez unem-se aos seus antecessores e formam um conjunto de irmãos que vai desde aqueles *das antigas* - mais experientes, que atingiram o profissionalismo ou não, mas que têm uma história no grupo; e aqueles que constituem o núcleo de renovação do grupo - mais jovens em idade mesmo - a *nova geração*

skate. Assim, as próprias denominações *das antigas e nova geração* foram termos criados e trazidos do contexto.

Como já descrevemos, à Família Skate deve-se a condição das diferenças como grupo heterogêneo quanto aos aspectos: indumentária, gostos musicais, mas principalmente quanto à idade. Apesar de os mais velhos terem conquistado grande respeito na família, nem sempre significa que é mais experiente, por isso, não precisa ser mais velho para ensinar, precisa ter a confiança e a paciência necessária para isso, ainda que seja mais jovem que o outro. Ressaltamos que a idade não diferencia as pessoas do grupo, esta não instaura hierarquia, pois o respeito mútuo como skatista não é quebrado nem determinado pela idade.

Enquanto na relação interna da família tal como a conhecemos, o parentesco constitui por si um domínio baseado na hierarquia como princípio estruturador, na família que encontramos não há posição hierárquica, remontando à nova composição e definição familiar. Existem regras, as mais diferentes onde há limites, sentimentos, afetos, outra face ante a hierarquia familiar que conhecemos. Velho (2006) já apontava tais transformações a esta última configuração de família quando trouxe uma condição de confrontos entre valores individuais e o comportamento conformista e submisso frente aos valores familiares holísticos.

A representação daqueles que são *das antigas* entre os mais novos é reconhecida como uma condição de irmão mais velho, um protetor e alguém tomado como exemplo, pois este tem uma imagem criada por sua trajetória; por ter atingido o profissionalismo; por ter uma conduta exemplar para os outros skatistas; por estar junto aos demais

sem se fazer diferente por uma posição social. Esse reconhecimento pode ser ouvido no relato da Fabio Galinha (36) “O nosso comportamento aqui é um exemplo.”

Isso mostra que os skatistas *das antigas* podem ser representados por aqueles que moram no exterior e não esqueceram de retornar (definitivamente ou por visita) ao seio da sua primeira família, mas também por aqueles que permaneceram no Estado, que continuam, ou não, a vida com o profissionalismo na modalidade. Sendo que aqueles que não continuam como profissionais mostram a outra face da realidade skatista, daqueles que trabalham em condições nem sempre desejáveis, mas nem por isso, menos dignas.

É certo que o reconhecimento de muitos não somente por sua forma de andar, mas por seu comportamento idôneo e filantrópico, reflete a imagem do ídolo usada por patrocinadores como garantia de visibilidade, pois seria aquele aparentemente inatingível, que se torna uma estratégia de representação e prestígio entre os skatistas. Enquanto existem, os grupos mapeados por estudiosos dessas culturas possuem seus símbolos e signos de identificação, códigos internos (corporais: *piercings*, tatuagens, roupas, acessórios) e externos (regras do grupo, rito de iniciação/aceitação) aos sujeitos e o mais importante: possuem uma representação social, assim o fazem parte de um grupo, estes símbolos o fazem através de patrocinadores, o ídolo da vez. Entendemos por representação como a

Parte essencial do processo pelo qual o significado é produzido e intercambiado entre os membros de uma cultura. Ou [...] produzir significados através da linguagem. Descrever ou retratar, junto a simbolizar e significar. (SANTI; SANTI, 2008, p. 04)

Vejamos que a indumentária é um exemplo clássico, no sentido de marca das Culturas Juvenis, como um elemento primordial da sua identidade, um destaque claro na pesquisa realizada por Costa (2006) com estudantes de ensino médio em uma escola pública, no sul do país. É certo também que em suas representações os jovens transformam seu cotidiano (e seu corpo) em uma

[...] espécie de ateliê existencial, onde os jovens experimentam suas potencialidades criativas, criam novas formas de estar no mundo, novas formas de solidariedade e de representatividade social, podendo ser estas contrárias às normas sociais vigentes ou não. (HACK, 2005, p. 69)

Deste modo, podemos identificar a indumentária skatista a partir das suas variações provenientes dos estilos que no passar dos anos mesclaram-se ao movimento e constituem parte da contracultura. Assim, a aproximação com a indumentária dos movimentos *hip hop*, *punk*, *rasta* são exemplos bem claros. A diversidade é o que caracteriza a modalidade skate em Sergipe. Todos os estilos estão juntos e a indumentária aparece no mesmo skatista com acessórios de outros estilos: o *rap* ouvido por um *punk*, um *rock* ouvido por guangueiro. Enfim, o estilo de roupa e música são as características mais marcantes, contudo não aparecem nas mesmas pessoas do mesmo estilo e isso indica algo de inconstante de uma identidade que se forma na atualidade. Mesclam-se esses gostos ao mesmo tempo. Apresentamos a seguir uma das descrições encontradas no diário de campo, o qual resume alguns aspectos visíveis e tangíveis de muitos skatistas:

Diário de campo (em resumo): Calça apertada até o tornozelo, cabelo comprido e preso, tênis solado reto, música de preferência rock, alguns poucos adornos, mas quase sempre o cadarço na cintura substituindo o cinto, camiseta mais

ajustada ao corpo e quase sempre com mangas e de cores escuras. Estilo agressivo.

Essa descrição está associada àqueles que se aproximam do movimento *punk*, do *rock*. Um aspecto que deve ficar claro é que as características do movimento em atuação social são transferidas à forma de andar, pois afirmar que é um estilo agressivo remete à própria conduta social do movimento na época, mas no skate houve uma transferência da forma de agir com as pessoas para o modo de executar as manobras.

De outro modo, aqueles que se aproximam dos movimentos do *Hip Hop* e Rasta possuem outros detalhes:

Diário de campo (em resumo): camiseta folgada, às vezes duas, calça indiscutivelmente jeans, rasgada, desbotada, até nova, e folgada também, sempre cadarço na cintura e tênis reto. Estilo técnico.

Assim, o movimento pacífico Rasta exhibe a transferência ao modelo técnico de execução das manobras do skatista, com maior cautela, mais paciência ao contrário do estilo agressivo. Contudo, isso não significa dizer que existem divisões e descrições pré-estabelecidas, até porque existem skatistas que se vestem como se fossem adeptos do movimento *punk*, contudo, gostam de *rap* e andam de forma técnica, o inverso também é verdadeiro. São *das antigas* ou da *nova geração* da Família, sujeitos aos quais Bauman (2005) diria *diferentes, mas os mesmos*, referindo-se aos aspectos que compõem a identidade das pessoas, mas que, por isso, não as diferenciaria das demais em um mesmo grupo.

Nas Culturas Juvenis é comum buscar disfarces através das roupas e o adorno estilístico, contudo, é necessário descobrir as

estruturas profundas subjacentes às aparências. De acordo com Machado Pais (2006), há um poder de expressividade através dos adornos, criações artificiais, fetichização do corpo em compensação a dada carência que formam uma realidade simulada, condutas que engendram as buscas de si através do outro.

Deste modo, pautando as características vistas e assumidas pelos skatistas destacamos a indumentária como uma condição essencial para alguns (normalmente àquele que não é skatista, nem convive com esse grupo), mas uma condição muito mais valorizada não pelo estilo, mas pelo conforto que a roupa proporciona ao andar, para executar os movimentos necessários na manobra, pela utilidade dos acessórios como o cadarço para substituir o cinto; da touca para prender o cabelo. Portanto, o ponto de vista skatista está resumido no seguinte relato:

A vestimenta não identifica mais o skatista assim. Pode dar um giro aí, pode reparar o Kbssa lá com a calça apertadinha, já vê outro bicho ali com a calça larga, touca, o outro aqui já tá sem touca, boné já não é mais identidade do skatista, a vestimenta não justifica. (Carioca, 36)

As semelhanças entre a maioria estão na própria condição de andar de skate, pois esta tem suas consequências, as quais muitas vezes são bem visíveis. As roupas (normalmente calças) e tênis muito gastos ou com rasgões se deve, com raríssimas exceções, ao simples fato da frequência com que o skatista anda e às inevitáveis quedas.

Tem muita gente que usa cadarço na calça. E tem muita gente que tem preconceito com isso, muita gente acha que eu não tenho dinheiro pra comprar um cinto porque eu gosto de usar cadarço, eles não entendem que incomoda. Eu tenho cinto em casa, mas eu não gosto de usar, prefiro cadarço, porque tem cinto que incomoda

até na barriga, eu acho melhor o cadarço. A pessoa se sente mais leve. (Mateus, 15)

As gírias também são pontuadas, nesse caso, mas estas apresentam uma diversidade de proveniências tanto quanto à escolha da indumentária e a sua mescla. Contudo, elas aparecem no contexto e são muito enfatizadas em muitos grupos das Culturas Juvenis, destacamos algumas como: *gringa/gringo* (exterior/objeto importado); *sinistro* (complicado/difícil); *nipe* (à altura/com uma característica própria); *style* (com perfeição/diferente); *osso* (muito difícil); *massa* (muito bom); *no gás* (com muita vontade/com muita energia ou estímulo/vivaz); *base* (com precisão/perfeito); *picos* (locais onde andam de skate/onde marcam o encontro do grupo); *rolê* (sair para andar só ou acompanhado/esquema próprio de uma série de manobras para competição), dentre outras.

Porém, nem sempre o visível e o tangível contemplam a verdadeira face da formação social que agora denominamos Família Skate. Nem sempre roupas, acessórios, adereços e formas de falar contêm esse valor em que pese a aceitação do grupo. Na verdade, parece que eles reconhecem que diferenciar os irmãos de skate pela roupa, ou por quaisquer aspectos externos significa agir como a sociedade em geral age, com preconceito. Isso é constantemente sentido na pele por eles: a exclusão por não ser igual, por não ser “normal”.

Por isso, a fixação da mensagem das Culturas Juvenis nem sempre são as mesmas e nem sempre representam aquilo que parece como crê grande parte da sociedade, é certo que essa mensagem vai além dos padrões comuns de recepção através do corpo e da fala, visto e ouvido no mesmo espaço e tempo como adverte Machado Pais (2006).

O que então caracterizaria o skatista sergipano? Eles correspondem com convicção o que foi descrito no DC nos primeiros dias de observação: “eles têm humildade estampada no rosto”. Humildade é a palavra que mais caracteriza o skatista neste contexto de pesquisa, pois, de acordo com seus próprios relatos é a característica mais exigida do “saber ser skatista” neste cenário.

Tem que ter humildade! Sem humildade não vai crescer aqui dentro, porque a gente vê num outro olhar. O cara mandou uma manobra ali, acertou. Beleza! Você vai e aplaude. Mas se você acerta ou erra e ele vai querer ‘tirar onda’ de você, isso não rola a parceria. (Califórnia, 18)

Esse aspecto parece constituir uma condição do código interno skatista, pois vemos esse reforço em inúmeros relatos:

Sem humildade a pessoa não é nada não. Do que adianta ele saber das coisas, mas não querer compartilhar aquilo com as outras pessoas. Tentar ajudar alguma pessoa que tá com dificuldade de fazer. Ou senão quando uma pessoa errar ele dizer: ‘beleza, levante e tente de novo que você vai conseguir’. (Lucas 2, 18)

Se não for assim “ele vai ser um cara nulo no meio da galera” (Lucas (2), 18), pois é um comportamento não reconhecido, aquele desprovido de humildade, é o que eles dizem do “não saber ser skatista” (Desnutrido, 15), ele não está de acordo com o código principal do grupo.

Por fim, ainda que apresente essa constituição hoje, a Família Skate existe há muito tempo com os irmãos *das antigas* desde a década de 1990, com outros amigos e em outros espaços de encontro. A Família Skate da qual falamos possui um nome próprio, criado pelos skatistas mais antigos do grupo: *Aracaju Family*. Essa denominação traz em seu

significado a identidade de um grupo que possui raiz numa cidade e por isso, além das características que os fazem ser skatistas apresentam aquelas que os fazem ser skatistas sergipanos.

4.2 A IDENTIDADE LOCAL: O SKATE/LAZER DO SERGIPANO

O Movimento Skatista em Aracaju apresenta uma história diferenciada como contamos na introdução desta pesquisa, mas alguns detalhes poderão agora ser melhor compreendidos. A partir da disseminação do skate no Estado de Sergipe, nas décadas de 1980 e 1990, os grupos constituídos a partir de amigos de bairro e que formavam o grupo de skatista da capital - sentimento inicial de reconhecimento entre eles – e passaram a denominar de irmãos àqueles com quem já conviviam há anos. Enfim, não se sabe ao certo quando, mas deduz-se que pelo conhecimento entre si de grande parte dos skatistas que viviam na capital – por ser uma cidade pequena e pela prática do skate ser relativamente recente – e pelo compartilhamento cotidiano o grupo tornou-se *Aracaju Family*.

O nome *Aracaju Family* começou a partir da publicação de um vídeo criado e editado por eles, com os recursos mais atuais, porém com imagens da tecnologia da época. Imagens que contam parte da história do skate sergipano antes da construção do Skatepark na Orla de Atalaia, imagens que mostram os picos mais reverenciados pelos *das antigas*, imagens que mostram os garotos que hoje são o exemplo da Família que cresceu muito mais e é, a cada dia, acrescida de um irmão mais novo.

Os sítios de vídeos da internet *You Tube*⁹³ apresentam alguns dos vídeos com os skatistas sergipanos. Registramos no DC uma das vezes que tais vídeos foram comentados no campo de pesquisa, a partir da qual compreendemos que se tratava de uma tentativa de imortalização de uma época, mas que marcava ali o começo de uma compreensão renovada do estilo skatista, no cenário sergipano: A Família Skate de Aracaju, a qual só teria a crescer dali em diante.

Diário de campo (março): existem vídeos como *Aracaju Family* para mostrar o que era o skate de Aracaju antes do Skatepark. Uma produção editada por Fabrício dos Santos a partir das filmagens recuperadas daqueles que andavam de skate antes da construção das pistas publicas na capital. Muitos deles (os skatistas da época) apareceram aqui na pista...

Por isso, curiosamente, à sequência de vídeos da Família foram apresentadas também novas séries onde irmãos mais velhos e mais novos se conhecem e se reconhecem com/na mesma modalidade, pois os novos vídeos foram editados, os novos números marcam a Família após a construção do Skatepark, irmãos agora mais próximos a partir do dia-a-dia nesta nova casa. Eles continuam a tradição com criatividade, manobras desafiadoras e o orgulho do compartilhamento das experiências e da cumplicidade no *Street*.

Enfim, sem negar as condições do novo tempo tais experiências agora são gravadas e editadas com maior profissionalismo em se tratando de aparatos tecnológicos, são vistas não somente mediante algum tipo de tecnologia de armazenamento (K7, CD, DVD, *pendrive*), mas também na rede mundial de computadores, através dos sítios de

⁹³ <http://doistemposskatevideos.com/aracaju-family-cinema/>
<http://sodartskateboard.blogspot.com.br/2012/07/aracaju-family.html>

compartilhamentos e redes sociais, em especial, o Facebook. Deste modo, a Família não nega seu novo tempo, sua abrangência tornou-se maior.

Entretanto, nem sempre foi assim. A partir dos relatos de alguns skatistas *das antigas* identificamos um aspecto que marcou e ainda resvala no dia-a-dia desses sergipanos: a falta de referência skatista na região. Essa referência não está voltada somente a nomes famosos, mas ao próprio mercado que se cria em torno da modalidade. Assim, identificamos que skatistas sergipanos, baianos e de outros estados desta região possam transmitir uma representação de qualidade para o movimento nacional, os skatistas lembram bem que o berço do skate no Brasil está localizado na Região Sudeste, estendendo-se em larga escala para a Região Sul. Isto significa dizer que a consolidação do Movimento Skatista no nordeste se fez carregando as identidades skatista e nordestino.

A Família Skate que foi sendo formada enfrentou primeiro as restrições sociais, a falta de pistas públicas, o preconceito e deparou-se também com a movimentação daqueles que logo seriam profissionais devido à falta de recursos materiais, patrocínios e apoios. Daremos ênfase à segunda, pois esteve contemplada nos relatos de entrevista, ainda que não fosse esse o propósito, porém não se poderia negar sua pertinência em se tratando de conhecer os sujeitos colaboradores desta pesquisa e a conformação da sua identidade.

No caso específico dos skatistas sergipanos, a razão estaria na busca de patrocinadores e assim conseguir atingir o profissionalismo na modalidade. Então as dificuldades são reconhecidas

Nem só no skate, acho que é social. O nordestino tem mais dificuldade, por mais que muita coisa

venha daqui ou saia daqui, tudo chega mais caro aqui. é mais difícil! Então a gente teve sempre teve essa dificuldade com falta de lojas, sempre teve lojas, claro, mas era uma ou duas lojas. Então, pra quantidade de skatista falta apoio e faltando apoio todo mundo tem que se virar pra tá com o skate em dia, com suas peças. Então, essa parte sempre foi difícil aqui. A gente sempre teve bem de pista, mas apoio sempre foi uma coisa complicada. [...] Mas o nível daqui sempre foi muito alto, Aracaju é a menor capital nordestina, mas talvez aqui é o lugar que mais teve expoente, skatistas que foram pra fora e tal...só que realmente foram guerreiros, a galera que lutou e correu atrás. Infelizmente teve talentos que acabaram parando de andar de skate por causa de apoio... (Juninho ET, 33)

Isto significa dizer que as marcas de qualidade, empresas e demais fontes de investimentos estavam localizadas (e grande parte ainda permanece) nas regiões do sul do Brasil, fator que tornara obrigatória a transitoriedade dos skatistas nordestinos e sergipanos em especial. Sergipe ainda é tímido no mercado de skate, o surgimento de lojas especializadas ou fabricantes de peças de skate é pequeno e todas pertencem a skatistas que não deram continuidade a sua carreira profissional como “atleta”, mas como empresário. E mesmo tentando mudar a realidade na época, a condição de ser nordestino, para alguns skatistas, era motivo de preconceito como conta Edu em experiências de viagens.

Eu ia correr os campeonatos no sul e tal, eu lembro que teve um mundial, mas eu não quis correr porque eu tinha chegado atrasado. Isso é, tipo, falta também de... eles me apoiavam, mas na verdade eu era do nordeste, na verdade eu era do nordeste, o tratamento de quem mora lá é muito diferente. Eles já estão lá e eles já estão vendendo a marca. (Edu, 30).

A situação também recai nas condições empresariais:

Na verdade sabe que o nordestino sempre foi sofrido e nessa parte aí a gente sempre é discriminado, porque como a gente mora distante do sul, a gente é esquecido. Então, o foco do skate (empresarial) não é aqui, porque mesmo que uma pessoa seja apoiado de uma marca de lá, se tiver aqui vai ser esquecido. É por isso que a gente tem sempre que correr atrás. (Tander, 28)

No entanto, ainda há necessidade premente de deslocamento para São Paulo, Rio Grande do Sul e Paraná, em especial, já não apresenta essa face. Contudo, o que está implícito no relato acima é que no quesito profissionalismo o skatista depende do fator empresarial, sendo este a chance do patrocínio, que realiza os campeonatos e competições. Sendo o Nordeste representado modestamente pela modalidade, e conseqüentemente apresentando um mercado reduzido, é quase nula a chance de afiliações de marcas ou grandes empresas nesta região, por isso o esquecimento. Não obstante, a reflexão do pouco recurso mesmo para profissionais, tolhe a esperança do profissionalismo, fazendo o skatista permanecer no seio familiar.

[...] Aí eu pensei, eu vou morar lá (em São Paulo) ... e se fosse pra morar sozinho, tipo, como amador não ia ter condições, até como profissional não ia ter como se manter. (Edu, 30)

Por isso, ainda que a dificuldade fosse geral, ou um pouco mais para os sergipanos, neste caso, dada a condição estrutural precária, mesmo estando próximo aos possíveis patrocinadores, a obrigatoriedade do deslocamento também poderia gerar a dificuldade de ajustamento nestes novos ambientes. O skatista, mesmo bem sucedido, poderia não se adaptar, em virtude de encontrar-se deslocado de um contexto social

que foi construído ao longo do tempo e que ele é parte, a Família Skate Sergipana.

Nasci, cresci e morei em Aracaju, o ano de 2001, quando (já profissional) recebi uma proposta de ir pra fora, andar por uma marca de fora (exterior), na Califórnia e aí já tinha saído umas coisas na mídia internacional: vídeo, revista...e chegando lá rolou algumas outras propostas. Aquilo me fez ficar indeciso se mudava de Aracaju ou não, acabei indo em junho de 2001 de vez...há mais ou menos 11 anos. Tenho muita saudade, muito respeito por tudo aqui em Aracaju, porque foi de onde a gente saiu, é onde o meu pensamento está constantemente, onde estou não importa, meu pensamento tá aqui... mesmo hoje eu tô com a cabeça aqui [...] Tem 1 ano que voltei pra uma companhia brasileira de tênis, então, me faz estar podendo vir um pouco mais. Porque por 9 anos eu andei só por marcas internacionais, então quando rolou essa proposta foi também uma oportunidade de estar tendo um vínculo maior com o Brasil novamente. E sempre que tenho compromisso de tá vindo no Brasil, eu venho em Aracaju também. Então, fico muito agradecido que esteja acontecendo dessa maneira. (Juninho ET, 33)

O sonho do retorno a casa, ao seio familiar como uma realização futura, depois do sucesso (ou não) lembra o movimento diaspórico em que Stuart Hall (2009) discute sobre o povo que obrigatoriamente passa a viver em outro contexto, a conviver com outra condição cultural, mas que não exclui a possibilidade do retorno, do refazer a família, da reaproximação ao seio conhecido e remonta a dificuldade de sair da sua casa, do seu lar. Pretensiosa alusão, mas verdadeira, pois a busca de melhores condições em outros lugares nem sempre foi pacífica e nem por desejo próprio. O retorno não é válido

somente se for definitivo, mas os retornos esporádicos são, para alguns, essenciais como mostra o skatista sergipano que tem a veia de tradição da Família Skate.

Apesar disso, vemos hoje que o Estado de Sergipe se tornou, no Nordeste, um centro de referência do skate. Podemos contar com nomes de diferentes gerações que vivem nas vias do profissionalismo dentro e fora do país: Cara de Sapo, Mosquito, Juninho ET, JN Charles, Kbssa, Gambá, dentre outros. Skatistas que consolidaram uma trajetória e são referência para sergipanos e outros nordestinos.

Podemos dizer também que a essência da modalidade não se esgota nos desejos do profissionalismo. A prática da modalidade ganha a cada dia mais adeptos que continuam resistindo ao preconceito, lidando com os percalços que todas as pessoas enfrentam de algum modo em qualquer âmbito seja profissional. Assim, falamos da importância que se tem de entender a identidade do skatista sergipano como uma construção social, como um processo que aos poucos vai ultrapassando as barreiras do preconceito e que isso vai além do nosso contexto, pois em outros lugares isso também é inevitável, mas é válido enxergar as causas e as mudanças consequentes do tempo sobre as especificidades como foi nesse grupo que se transformou na *Aracaju Family*.

4.2.1 Skate Cultura, Arte de Rua: dos *modos de fazer* à apropriação

O sujeito é ator capaz de modificar seu meio ambiente e transformar suas experiências de vida em provas de liberdade. Meio ambiente que não é um contexto externo/alheio às ações humanas, mas penetrado, ordenado e significado por elas,

por meio de trocas intersubjetivas. (GOMES, 2009, p. 112)

Andar de skate requer exploração de lugares, requer o reordenamento das coisas estabelecidas, necessita de trocas e adequações entre skatistas, meio e população em geral. É certo que essa modalidade de lazer leva consigo o estigma de marginal, devido as suas ações quase sempre subversivas na sociedade e uma delas é a forma no lugar escolhido para andar com o amigo “carrinho” (o skate) e os irmãos.

O skate nos moldes atuais da realidade estudada - referimo-nos ao skate praticado nas ruas e pistas como Skatepark - tem suas características próprias. É certo que a partir do surgimento das pistas particulares e públicas, principalmente, os skatistas passaram a apresentar novas formas de explorar os lugares em geral e o lugar próprio, a pista. Pode-se pensar que a construção de pistas deve-se a uma configuração social de controle, pacífica e de traços imperceptíveis. A construção de pistas denota em suas entrelinhas não somente o atendimento das políticas públicas a uma demanda, mas também ao encantamento dos skatistas para atenuar os problemas causados por eles nas estruturas urbanas.

Apesar da atração pelas ruas, estas já não são prioridades de localidades para andar de skate em Aracaju, a grande quantidade de oferta em pistas atribui nova característica ao próprio modo de ser skatista nesse sentido, pois ainda que prefiram muito desafiar os “picos” nas ruas, o ponto principal de encontro tornou-se o Skatepark. O *Street*, ou seja, a modalidade específica de quem anda de skate prioritariamente

nas ruas, é a preferência de todos os membros da família, mas somente alguns se arriscam neste modelo a partir da adolescência.

O *Street Skate* teve início com a aproximação ao *Hip Hop* como descreve Olic (2012), o qual acrescenta que esta aproximação tirou o skate das ladeiras e o trouxe para as ruas à busca de obstáculos, apresentando o modo de andar com manobras de impacto, giros, saltos, deslizamentos e outros. Contudo, os skatistas que andavam nas ruas antes da construção do Skatepark, priorizam o gosto pelo *Street*, os demais, irmãos mais novos, veem a rua como desafiadora das suas habilidades desenvolvidas na pista.

Fora a gente busca alguma coisa mais arriscada, mais diferente. Tipo assim, a gente acerta em algum lugar assim bem arriscado aí fica 'puxa! Você acertou essa manobra nesse lugar', aí fica mais adrenalina, mais legal. (Lucas 2, 17)

Explicitamos a partir de então que nos interessa como surgiu esse hábito de busca do desafio, o porquê da sua condição habitual e como estes lugares se tornam apropriações desta Família para além do que expressa o skatista. Diz-se do skate uma Arte de Rua, pois além de estar de algum modo ligado ao Movimento *Hip Hop* e por manter a rua como principal “tela” onde podem ser exploradas as mais variadas “pinturas skatistas”, suas manobras viram arte na foto e no vídeo, amador ou profissional.

De algum modo o skatista transmite uma linguagem própria, busca um encontro consigo através de ações e expressões que se distanciam dos padrões sociais estabelecidos. Machado Pais (2006) busca em Deleuze duas expressões interessantes para tratarmos dos modos de fazer do skatista, a partir dos quais ele acaba apropriando-se e

dando outros sentidos: espaço liso e espaço estriado. Na primeira expressão *espaço liso*, o autor descreve como um lugar onde nada está posto, existe uma busca constante de novas sensibilidades e realidades, como fosse preciso dar-lhe a vida, o significado. Assim, este se contrapõe ao *espaço estriado*, cuja explicação do autor leva ao entendimento de um lugar onde há uma ordem pre-estabelecida, um controle.

Por isso, como arte de rua a modalidade skate aparece como performático, ação de uma juventude que cria novas formas de usufruir do espaço público, mas também que tem consciência dos riscos de enfrentar a ordem, o controle social, as leis. O próprio estilo de viver o skate não se enquadra nas culturas prescritivas descritas por Machado Pais (2006) como uma forma rígida de viver em sociedade, a qual o jovem estaria sujeito, na condição de alguém que necessariamente ascenderia à próxima fase da vida e tornar-se-ia, enfim, um adulto. Por isso, o skate faz parte das inúmeras Culturas Juvenis, as quais são performativas, característica descrita pelo autor como algo que emergem do cotidiano, dos espaços criados com padrões organizativos próprios, fora de padronizações e rigidez impostas.

Por perceber que de certo modo a sociedade repele o que traz as características do que podemos, pretensiosamente, denominar “identidade da rua”, parece que essa repulsa transformou-se em estratégia de controle e adequação: a primeira com a criação dos espaços específicos, ou melhor, *espaços estriados*, como as pistas, assim diminuindo a necessidade ação nos *espaços lisos*; a segunda deve-se à esportivização do skate, tema discutido anteriormente.

Dizem os skatistas que o skate nasceu na rua, um *espaço liso*, não foi no ginásio, no clube. Essa fala parece copiar a assertiva de Aguiar (2012) o qual diz que quando começou a se estabelecer um perfil próprio entre os skatistas, skate e arte passaram a ter uma ligação muito forte, principalmente, com as artes gráficas (grafite) e a música (*rap*) – uma ligação que não se encontra de modo tão intenso e difundido em outras atividades esportivas – é a resposta do skate como arte de rua, que nasceu na rua.

Enfim, o skate possui uma identidade construída a partir de elementos trazidos por seus próprios adeptos. O espaço do skatista é reconhecido por ele mesmo através de algumas características como: o ponto de encontro por seus atrativos (escadarias, corrimãos, bancos de praças, rampas); pelo desgaste das estruturas devido à ação contínua do skate; e a aproximação da modalidade com, pelo ao menos, os elementos do *Hip Hop*.

Assim, podemos afirmar que fazer *Street* possui um modo específico de realização desde o encontro dos skatistas no lugar marcado e a excursão em grupo para o “pico” desejado. No “pico” é onde as pessoas podem encontrar as marcas específicas, características do skate a partir do atrito e contato direto com as estruturas. As escadarias, corrimãos e bancos de praça são as estruturas mais comuns onde podemos encontrar resquícios da vela que normalmente é esfregada nos lugares por onde o skate vai deslizar, a tinta muito gasta em virtude do atrito e o contínuo desgaste nas estruturas de cimento como bancos e outra que possuem bordas de apoio onde há constante impacto a cada manobra. São ações que de modo consciente Max (18) denomina de arte, a Arte de Rua que é o Skate.

É raro você ver um corrimão numa praça que não esteja com a pintura toda arranhada, é raro você ver isso. É um banco de praça, você vê assim a marca do skate, um skatista passou por ali, vários que passaram por ali. Na pista você vê direto isso. O que ocorre é que uma pessoa que passa diz 'isso é vandalismo!' Não! Isso é a criatividade de um skatista. Isso é o skate. (Max⁹⁴, 18)

Descrevemos aqui uma das formas de fazer do skatista encontrada na pista, mas em maior proporção nas ruas, devido ao padrão adaptado e bem mais resistente destes mesmos obstáculos no Skatepark, pois onde haveria somente bordas de cimento, há estruturas de metal chamadas de cantoneiras para receber o impacto, não destruir o cimento e dar menor aderência ao skate; os obstáculos como corrimãos normalmente não são pintados e em todos eles existem sinais do uso de parafina.

Isso quer dizer que os modos de fazer skatistas vão sendo transferidos das ruas para as pistas. Direcionando para a organização da forma de andar em grupo, fica claro que nas ruas há uma ordem maior, existe a espera daqueles que estão em vez de andar no obstáculo escolhido. Seria uma estratégia para auto-organização do espaço em vistas de manter a integridade física durante o rolê, descreve Olic (2012) ao tratar da importância do desenvolvimento de uma consciência em que o skatista está para desafiar e ser desafiado, mas movimentos inconsequentes, sem previsão podem causar danos sérios a eles mesmos e a outros.

Relembramos, a partir disso, que no Skatepark Cara de Sapo havia sempre “uma desordem aparente do espaço” como relatamos no

⁹⁴ Caracterização: jovem sorridente, usa roupas sempre de tons escuros, boné, acessórios, brinco, tênis igual ao dos demais, com solado reto.

diário de campo em uma das primeiras semanas, contudo, havia uma ordem interna, transmitida aos novatos no Skatepark. Vale ressaltar que essa é uma regra do código interno daqueles que usufruem da pista, portanto, válida também para patinadores e atletas de BMX. Porém estas condições nem sempre são respeitadas.

Os skatistas desenvolvem, a partir destes modos de atuação pelos lugares onde passam, uma identidade com o espaço que ganhou uma alma em vistas da sua condição de uso. O Skatepark não foi diferente dos picos das ruas, ele se transformou no quintal de casa, um lugar especial que quando criança faz-se experimentações, explora-se o imaginário para brincar, um reino onde se pode fazer tudo que se quiser sem que ninguém perturbe, o quintal é de certa forma um “Laboratório da arte” como expunha o letreiro em grafite em uma das estruturas do Skatepark.

As características do Skatepark, para grande parte dos skatistas, estão de acordo com a identidade da Família Skate como um todo. Além dos elementos estruturais já citados nos deparamos com a grande recorrência da presença de grafites na pista, mais um elemento de transferência das ruas por onde andam os skatistas. Esses “traços falantes” são justificados como parte da constituição do mundo skatista, assim o skate é um elemento específico criado na cidade e que carrega consigo vários aspectos de outros elementos que compõem o contexto urbano.

Uma coisa urbana mesmo. Tem que ter aquele grafite, aquele piche, aquele negócio, pra dar assim uma cara legal na pista. Porque um negócio branco sem nada, um lugar do meio dos skatistas que vem de uma tribo assim [...] a gente vem de uma arte que vem do skate e o grafite vem junto. Como o Hip Hop. (Lucas2, 18).

Há que se pensar, contudo, na intencionalidade do uso do grafite no espaço skatista, será que ele trazia ainda a condição questionadora da realidade? Havia alguns que demonstravam protesto ou algum tipo de insatisfação com a realidade como “Paz, onde está?” desenhado em *tags*⁹⁵, porém, na entrevista com a skatista Sabrina (26) ela faz uma interpretação desses traços falantes dizendo que o grafite “reflete o cotidiano”, exemplificando a partir do desenho que representa uma patinadora que andava no Skatepark na época em que ela estava começando andar de skate.

Assim, o grafite não apresenta somente uma face de protesto, mas também de cotidianidade. Além disso, por não ser ilegal naquele espaço, o grafite é admirado por todos,

Faz parte, porque uma pista de skate sem ter grafite sem ter uma arte de um desenho, de qualquer coisa que seja, isso faz parte do lugar. Se você chegar numa pista de skate e não ver isso, praticamente nenhum skatista anda lá. (Califórnia, 18)

Para a maioria dos skatistas o grafite é parte da identidade daquele espaço, ele dá voz e vida ao Skatepark junto ao skatista, àquele que confere o movimento, a ondulação da passagem do tempo que corre ao seu favor durante sua permanência na pista. Ele confere esse colorido ao rastro ou às ondas que caracterizam o passar do skatista sobre um corrimão ou pelos *Banks*, respectivamente.

É relevante pontuarmos que não há relação conflituosa entre skatistas grafiteiros e administradores, para que os grafites sejam desenhados na pista. Os grafiteiros foram, por algum tempo, proibidos

⁹⁵ Ver Glossário.

mesmo ali, contudo, a recusa de manter a pista sem eles aparecia constantemente no cotidiano como contam os skatistas que já frequentam a pista há muitos anos. Talvez o hábito levou à aceitação e portanto, não é mais uma apropriação conflituosa, ali já é permitido, nem mesmo apropriações indesejáveis como ocorre com a pichação, ainda que esta não seja bem vista. Os skatistas, os entrevistados, não são de acordo com as pichações.

É, a gente tem que saber diferenciar que a pichação é crime, isso daí não é legal. Diferente do que a gente vê aqui na pista de skate, aqui também tem o piche, só que a gente vê que a nossa pista de skate tem muito grafite, a arte que o pessoal faz. Normalmente em dia de campeonato que fica muito bonito e dá outra cara pra pista de skate, que é o clima que a gente gosta de sentir, a energia positiva que todo skatista deve ter. (Piauí⁹⁶, 19)

Contudo, sempre existe divergência, porque é quase sempre uma cópia da rua.

assim, grafite, pichação, isso é tudo da rua; e os obstáculos que a gente tem aqui é copiando isso, copiando a rua. Tem muita coisa aqui que é cópia da rua, porque o skate é da rua. E grafite, pichação isso tá na rua, eu acho que combina com a pista de skate. (Carioca, 36)

Os grafites dão ordem aos espaços lisos, retomando Machado Pais (2006), é um dos modos de fazer que compõem o espaço skatista, ao qual é atribuído também mais um elemento identitário trazido das ruas. Assim, o skate incita ou desafia o limite entre os espaços estriados e lisos, eles moldam a partir dos seus hábitos novas conformações que

⁹⁶ Caracterização: Jovem piauiense, alto, moreno, semblante sofrido e às vezes triste, usa sempre calça jeans e blusa com mangas.

ganham novos significados a partir da sua intervenção cotidiana. Por isso, os espaços são apropriados não no sentido de tomados à força, mas por adquirir características peculiares, dado os modos de fazer skatista.

4.3 OS ASPECTOS VISÍVEIS DO ILÍCITO NO MUNDO DO SKATE

Falamos neste item sobre o uso da *maconha* (*cannabis* sativa) no ambiente skatista. Trata-se de uma problemática afeta à condição do skate como uma das criações do movimento denominado contracultura, que até os dias atuais constitui parte da representação social que caracteriza o movimento skatista e que gerou as enraizadas denominações de vagabundo, desocupados, mas principalmente, maconheiro.

Trazemos essa discussão por três motivos. O primeiro refere-se à representação social do skatista já referida, criada a partir de estigmas como elementos constituidores de parte da sua identidade, sejam eles derivados da sua condição de contracultura, da sua aglutinação a movimentos sociais que surgiram em condições de oposição aos modelos sociais vigentes e até mesmo do seu pertencimento territorial. Essa representação deixa à sociedade a impressão generalizada de que os adeptos ao skate são viciados em maconha, dentre todos os aspectos já citados sobre sua identidade anteriormente.

O segundo motivo nos leva a apresentar o contexto estudado, na tentativa também de mostrar as várias compreensões acerca do assunto, acrescentando as duas faces dessa moeda no mundo skatista aracajuano a partir da perspectiva interna. Isso, como oportunidade às pessoas que

veem esse contexto sob o ângulo externo somente, a estas, a possibilidade de compreender melhor o contexto.

Uma terceira justificativa deve-se à ínfima atenção direcionada à aparição do uso de produtos ilícitos como a maconha em muitas modalidades de lazer, mas que pela frágil e preconceituosa representação social é quase sempre relegada a um mundo invisível de discussão em pesquisas.

Esta última assertiva deve-se aos estudos de Romera e Marcellino (2010) e Marchese, Vilela Jr e Machado (2011) que enfocam a presença de drogas, principalmente da maconha, em ambientes de lazer e o número reduzido de pesquisa com trato sociológico a respeito. Pois, o que se tem encontrado neste sentido refere-se quase que exclusivamente aos efeitos fisiológicos, clínico, psicológico, enfim, discussões direcionadas sempre às áreas médicas. Por isso, seguimos a orientação de Romera; Marcellino (2010) que apresentam a possibilidade da mudança para um olhar sociológico à temática.

Não entraremos aqui nas questões que relegariam à legalidade, posto que desviaríamos do foco de discussão, mas tentaremos fazer uma abordagem sucinta ao que presenciamos no contexto e ao que podemos trazer de dentro daquele meio a partir dos relatos e opiniões dos colaboradores em meio às divergências.

Para iniciar, apresentamos a partir dos escritos de Machado Pais (2006) um movimento que abrange a juventude em geral, *a busca de si*. Segundo o autor é um processo que instiga os jovens a aderir a novos experimentos e sensibilidades para compreender a si mesmo ou para esconder o próprio eu, quando se trata daqueles que não possuem fácil aceitação social. É uma busca que tenta encontrar no outro algo que lhe

agrade e que possa tomar para si como condição essencial à convivência em grupo.

O uso de entorpecentes, uma dessas novas sensibilidades das culturas jovens, está presente no contexto como uma das manifestações mais comuns entre alguns skatistas. Pelo uso cotidiano muitos destes jovens fizeram do Skatepark um lugar comum para este hábito, esclarecemos que apesar do uso constante não se restringir somente a skatistas, estes são o nosso foco de pesquisa e discussão neste momento. No cotidiano da pista o uso da maconha está associado à reunião, a alguns encontros entre parceiros e o mais comum é que o seu consumo não seja de modo isolado, mas no mínimo em dupla. Esse hábito foi um dos empecilhos que dificultou a aproximação a alguns skatistas, cuja desconfiança com a presença da pesquisadora levou a considerá-la inicialmente como detetive ou policial que estava observando o ambiente, atitude que gerou um afastamento e isolamento inicial, vencido após esclarecimentos.

Porém, detectada a presença dessa droga no âmbito de lazer skatista não consideramos sua importância sob o entendimento de que seu uso constitui parte importante da sua identidade na atualidade, mas relacionado ao fato de poder olhar através de outras lentes que não somente aquela da representação social já arraigada. Pode-se entender este momento como um dos *modos de fazer* skatista, o uso da maconha no cotidiano pode apresentar uma opção de pura satisfação pessoal, já que satisfazer, como bem explica Bauman (2005) é a palavra que descreve a vida na sociedade líquido-moderna e que direciona a intenção da busca a pura satisfação encontrada nas Culturas Juvenis do nosso tempo. Contudo, sua presença pode também ir além da pura satisfação

imediate de uma busca vã de sensações como uma fuga, frente à incerteza da própria vida.

À *busca de si mesmo*, jovens aderem aos estilos de vida que mais lhes apraz. Machado Pais (2006) explica que nestas condições, entre alguns jovens, surge uma forte orientação em relação ao presente, já que o futuro fracassa em oferecer possibilidades de concretização das aspirações que em relação a ele se desenham. Nestes casos, os projetos de futuro encontram-se relativamente ausentes, ou existindo, são de curto prazo. Assim, as sensibilidades performativas, comportamentos que são criados pelos jovens, entram em cena e o que se toma por prioridade e única saída é viver o dia-a-dia sem a certeza do amanhã.

É isso que ocorre em muitas Culturas Juvenis, a juventude apresenta a pura satisfação do momento, ao mesmo tempo em que a incerteza aparece nos seus atos e condução dos hábitos. A falta de perspectivas aparece em um dos questionamentos de Marchese, Vilela Jr e Machado (2010) como uma das razões da forte presença das drogas no contexto social atual. Tais perspectivas estariam vinculadas à desilusão quanto às subumanas condições de vida, à falta de acesso aos sistemas educacional, de saúde e de muitos outros direitos que garantiriam o mínimo de conforto e a possibilidade de sonhar com um futuro promissor e menos opressor.

Existe um número baixo (cremos pouco importante apresentar em números) de usuários entre os skatistas que frequentam o Skatepark e seria interessante perceber a forma que estes assumem o hábito: com suas próprias palavras ou por deixarem ser vistos, muitos expõem suas indignações quanto à pobreza no mundo, quanto ao jogo (sujo) político e quanto às mazelas da sociedade. Talvez, por isso, deixam esse rastro de

incerteza do futuro que lhes aguarda. A partir da história de vida (em conversas informais), muitas vezes, deixam clara a falta de uma família tradicional estruturada e provida de condições dignas de sobrevivência. São, por escolha, aqueles que têm um futuro imprevisível, pois têm plena clareza que o nível profissional no skate é muito difícil de ser alcançado e abandonaram a escola por não se adequarem ao sistema de ensino.

Estes skatistas permitem que transpareça a existência de uma fuga dos espaços estriados: a escola, a igreja e a própria família, quando esta não sabe lidar com as suas escolhas. Contudo, quais as possibilidades de futuro de jovens que abandonaram a formação escolar, por opção ou pela impossibilidade de ajustamento ao sistema? Quais as perspectivas de jovens que acreditam no profissionalismo do skate, mas por razões diversas entregam-se ao *back* (apelido do cigarro de maconha)? Apesar de difícil realização, resta-lhes a segunda opção: sonhar com o profissionalismo no mundo skatista, pois os sonhos são

Possibilidades que não se encontram predeterminadas, mas que vão se ramificando à medida que damos conta da sua realidade...
Projetos de vida... que os jovens idealizam abrem portas a um vazio temporal de enchimento adiado.
Projetos de vida cujos trajetos nem sempre os alcançam. (MACHADO PAIS, 2006, p. 10)

Em uma das entrevistas, ao abordar o aspecto profissional diante das oportunidades, surgiu a expressão *sobreviver no lixo*. Seria esta a expressão uma condição existente para um skatista, nestas condições, conseguir driblar as dificuldades da dedicação exclusiva ao skate. Neste entendimento, sobreviver no lixo seria buscar estratégias de viver a partir do que sobrou da vida, seria para o skatista que abandonou

a escola uma forma de buscar refazer o destino, com o que permite o sistema social para aqueles que não se adéquam, é somente o que sobra que lhe é permitido.

De outro modo, como falamos no início deste item, existem duas faces dessa moeda no contexto skatista estudado, pois ficou perceptível que dentro do mesmo grupo, skatistas apresentam uma perspectiva divergente acerca do uso da maconha ou qualquer outro produto ilícito (não encontrado no campo). Com recorrência, o posicionamento contrário a tal hábito mostra outra forma de olhar dentro do mesmo contexto, uma oposição à imagem socialmente construída sobre o skatista e ao hábito no Skatepark que reforça continuamente essa visão externa.

O posicionamento contrário pode ser decorrente de constantes represálias sofridas por muitos skatistas fora da pista já que dentro dela parece existir um muro de proteção (onde dentro dele o uso é permitido); pode dever-se também a novas formas de compreensão acerca da própria representação social. Isso significa que por dentro do movimento estes têm outra forma de entender e combater a representação social arraigada no movimento skatista desde muito tempo, eles têm consciência do que acontece e compreendem também o motivo pelo qual parte dos amigos adere ao posicionamento anterior. Entretanto, na oportunidade sugerem que as pessoas tentem compreender o que realmente ocorre naquele ambiente que existem posicionamentos distintos apesar de estarem compondo com grupo a partir de uma modalidade em comum.

Chega uma pessoa de fora e vê assim, tem os cantinhos que o povo fica fumando. Isso causa muito impacto, 'nossa, aqui tem muito

maconheiro', usuários de drogas, causa um susto. Mas quando você conhece as pessoas mesmo, você vê que é minoria que usa. Muitas pessoas você olha assim 'anda de skate, é marginal'. Já causa aquela discriminação, que é marginal, que usa drogas, tem gente que não é skatista. Muitos dos esportes (as pessoas que praticam) daqui (skate, BMX, patins), vem pra cá pra fumar maconha, não só skatista mesmo. (Batata, 15)

O que queremos chamar atenção é o fato de estarmos diante de uma divergência de opinião dentro do mesmo grupo, mas que isso não impede que estes skatistas se tornem amigos, por isso, a causa da generalização. É bom lembrarmos que existe uma espécie de código interno quanto ao hábito, onde aqueles que usam não incitam os mais novos, pois reconhecem que são menores e, ainda mais, reconhecem o que os mesmos podem sofrer da sociedade ao aderir. Mas os mais novos (ou da *nova geração*) demonstram claramente em entrevistas que não querem pra si, seja por opção (valores e princípios sob os quais foram criados), seja por retaliação da família (seus pais, avós, etc.).

Deste modo, procuramos desvendar uma das novas sensibilidades performativas dos jovens skatistas para compreensão da sua identidade. Encontramos que é uma constante que pode ter sido gerada dentro do grupo skatista através da sua aproximação com outros grupos sociais, que compõem o grande contingente das Culturas Juvenis. Uma constante que há muito vem acompanhando a representação social skatista, mas que diante da reformulação contínua das identidades culturais apresenta seus impasses dentro do próprio âmbito onde foi instalada, uma contraposição que mais uma vez reforça a heterogeneidade da Família Skate e que a partir deste momento obriga a repensar a representação social contida no contexto estudado.

É mais uma oportunidade de tentar compreender a constante reformulação da identidade, pois a contradição no campo apresenta-se como um jogo de forças que tende inevitavelmente a mudanças. Continuamos no item que segue com os posicionamentos dos skatistas frente à repressão derivada do conjunto de representações atribuídas aos skatistas em geral.

4.3.1 Lazer sobre rodas: *O Grito da Rua* pela não repressão social

Até o presente momento enfocamos os elementos importantes para compreendermos a mescla da qual extraímos a identidade (complexa e multifacetada) skatista.

Um dos aspectos afetos ao movimento desde seu início é justamente a não adequação às imposições sociais, a contracultura como foi denominado, se considerarmos a cultura como a ideologia vigente do nosso sistema social. Essa característica intensificou-se após a aglutinação dos outros movimentos já conhecidos, cujos elementos enraizaram-se nos skatistas tais quais os conhecemos hoje.

Contudo, como o eterno refazer da identidade é intenso e imperdoável, às próprias formas de protestos são atribuídos contornos oriundos de outros moldes sociais, os quais se apresentam menos agressivos ainda que subversivos.

Escolhemos denominar essa nova forma de protestar skatista como *O Grito da Rua* devido ao programa de televisão transmitido ao final da década de 1980, o qual teve sua parcela de influência na transição entre a busca de andar no asfalto e aquela que instiga a exploração de toda a estrutura urbana.

O Grito da Rua, (programa de TV) esse programa inspirou todo mundo ir andar na rua. É Street, que realmente é a raiz do skate. E em Aracaju, como nunca existiu pista até alguns anos, depois disso todo mundo começou a andar na rua, só que no asfalto. E aquele programa deu ideias de tentar achar escadas e bordas e isso e aquilo. E o primeiro grande ponto de encontro do skate sergipano foi uma Biblioteca Pública, a Epifâneo Dória. (Juninho ET, 33)

Esse marco é relembado por Juninho com muita emoção, nessa época a Família Aracajuana de Skate já tinha muitos irmãos, a qual só teve a crescer depois. Mas como vimos até então, os skatistas, em Aracaju ou em São Paulo, em qualquer lugar foram sempre os *outsiders* sociais, parte de uma subclasse, a qual Bauman (2005) aponta como membro aquele que abandonou a escola, a mãe solteira, o viciado ou ex-viciado em drogas, o sem teto, o mendigo, etc. Enfim, aqueles que fazem parte do “lixo humano”, as pessoas rejeitadas. Essa condição é reconhecida facilmente por um skatista de 15 anos.

Eu acho que a sociedade julga muito assim, por exemplo, se ela vê um skatista – que é a minoria que faz essas coisas erradas, tipo usar drogas, vandalismo – se ela vê um skatista fazendo, aí ela bota a fama em todos: que todos os skatistas são drogados, maconheiros, vândalos. (Mateus, 15)

Enfim, eles sabem o que é ser julgado pela aparência: “A sociedade já discrimina o fato da gente andar com a roupa rasgada...” (Batata, 15); “Nem sempre a gente tá com a roupa rasgada, mas só pelo fato da gente estar com o carrinho embaixo na mão a galera discrimina.” (Rodrigo, 17).

Por sentir muitas vezes na pele a rejeição e o preconceito é que algumas formas de movimentos dentro do próprio ambiente skatista

contribuem para lançar à sociedade uma revisão dos seus valores, pois os skatistas não fazem parte de um grupo efêmero, e esse lançamento questionador pode soar como grito pela liberdade de um grupo que existe e persiste no contexto social (ainda que em condição de subclasse) e autenticidade como grupo sempre renovado e que a partir de novos membros a própria condição de existência ganha novos valores e princípios.

O peso da exclusão é sentido no mundo líquido-moderno por um terço da população mundial; Stuart Hall em seus escritos *Da Diáspora*, explica o quanto a globalização é responsável por grande parte de uma sociedade excluída no planeta, por pessoas quase esquecidas (senão totalmente) no extremo oposto do explosivo avanço tecnológico. Sobre a exclusão social acrescenta Zygmunt Bauman:

A exclusão, ao invés da exploração de um século e meio atrás, está no cerne da polarização social, de aprofundamento de desigualdade e de aumento do volume de pobreza, miséria e humilhação. (BAUMAN; VECCHI, 2005, p. 47)

Em virtude disso, a rebeldia, a marginalização, a imagem do “maldito” a influência dos movimentos *Punk* e *Hip Hop* em sua disseminação, arregimentou ao seu conjunto de qualidades o ser subversivo e altamente transgressor. Talvez por isso a quantidade de relatos acrescentados aos diálogos e relatos de entrevistas, principalmente com policiais, alguns dos ocupantes do posto policial improvisado no Skatepark, sob o comando do BESP, destes foram inúmeros os relatos de ameaças com a arma em punho, passado o horário de fechamento da pista - contam os skatistas. Considerando que nenhum dos demais Complexos da Orla eram fechados em nenhum horário do dia, não havia

compreensão sobre a obrigatoriedade de fechamento do Complexo de Esportes Radicais. Esse fato é apontado como um dos problemas do Skatepark, pois não é reivindicação somente de um skatista, conta Mateus (15):

Mas a ordem foi dada até meia-noite (fechamento da pista), mas ele quer dormir cedo e a gente não tem nada haver com ele...e vem e fecha a pista, manda todo mundo sair, os turistas saem, manda os turistas saírem da pista. E teve um dia que a gente tava aqui andando, ele ia dar uma 'correntada' no colega da gente e puxou a arma pra gente, a gente teve de sair da pista.

Estes acontecimentos também apontam para uma repressão sofrida até mesmo no próprio espaço, onde não há respeito nem mesmo na pista, o lar dos skatistas. Eles falam de um preconceito sofrido sem máscaras e desmedido, uma generalização a partir da representação do skatista na sociedade. Cujas discriminação pode ser constatada nas acusações direcionadas a um dos skatistas em dia de entrevista e gravação para um dos jornais transmitidos por uma emissora de TV do Estado.

Como já aconteceu aqui na pista, um fato do nosso amigo Dentinho que teve um cinegrafista que chegou aqui e falou 'Ah eu não fumei a ervinha que vocês fumam'. Isso é inadmissível! Você chegar na pista já discriminando uma pessoa por causa de outras pessoas. (Dente, 19)

Mediante os relatos buscamos ler nas entrelinhas a forma com que o posicionamento de muitos skatistas mostra uma reflexão acerca da condição de marginal, de excluído social, mas também como está se configurando de dentro de um grande grupo a reformulação da identidade que, como já dissemos, está em contínuo movimento. Revela

a necessidade de estudar e fazer pesquisa para enxergar a partir da perspectiva interna e não buscar com olhos do exterior desvendar o interior.

Assim, completamos o fato citado apontando que o comportamento educado de um jovem frente a um ato inconsequente de um adulto – preconceituoso - deixa soar uma reivindicação pacífica pelo direito de ser respeitado. O respeito mútuo deveria ser uma condição do bem viver em qualquer âmbito da sociedade e esse é um código interno dos skatistas. Infelizmente, é uma luta desse grupo a ser travada contra um todo social.

Isso não é só aqui, é na rua também. Não só andando de skate. Se você não trata bem a pessoa é lógico que ela não vai te tratar bem. Para ser bem recebido a pessoa tem que respeitar. No meu caso que aconteceu, tipo, o cinegrafista me chamou de maconheiro e eu não fui ignorante com ele, na real fui educado [...] Ai pronto, garanto que isso doeu nele. (Dentinho, 19)

A (aparente) falta de adequação ao processo social hegemônico é responsável pela criação de normas próprias de convivência entre os skatistas, por isso, eles demonstram um respeito às normas vigentes ao menos no seu espaço. Apesar de sofrerem represálias e retaliações, de serem sufocados ou reprimidos, os skatistas expõem ao seu modo quem eles são, na expectativa de serem compreendidos pela sociedade complexa e multifacetada da qual também fazem parte.

É uma pessoa normal como todo mundo. Todo mundo tem um sonho, todo mundo tem suas obrigações todo mundo tem sua vida. Não é porque a gente anda de skate que é diferente de todo mundo. Claro que a maioria se expressa de uma forma diferente, mas é um lance de protesto mesmo, de indignação. (Carioca, 36)

Para tanto, o grito do qual falamos neste item está expresso nestes relatos, o grito abafado por grande parte da sociedade pode ganhar um pouco de eco a partir das entrevistas e das aproximações cotidianas com esse grupo que além da diversão, da satisfação, busca também o respeito, o direito à dignidade como buscaria todo cidadão. Sem tornar um processo de defesa, até porque não há acusados, apresentamos, como em qualquer outra pesquisa com responsabilidade social, a possibilidade de dar voz ao que de fato os sujeitos querem dizer, pois são pessoas que também têm sentimentos, qualidades e defeitos como todo e qualquer ser humano. Para Carioca (36), o preconceito sofrido não é escondido:

Pois é, tem esse preconceito na cara. Não precisa, não é escondido. Não é uma parada que é por aparência, é na cara mesmo, é por causa do meu cabelo, é por causa da minha roupa, eu sou discriminado. Ou até mesmo o fato de eu estar com o skate debaixo do braço, as pessoas olham e dizem: olha lá um vagabundo, vai procurar emprego!

Deste modo, poderíamos nos perguntar, porque o fato de indicar ou parecer que não trabalha incomoda? Aquele que não está escravizado pelo sistema sempre é visto como um desocupado por opção. Certo que não acontece somente com o skatista, mas o que há tanto que incomoda para além da generalização do uso de drogas e do não trabalho, será que as pessoas responderiam?

Não é assim! Eu trabalho desde os quinze anos de idade, num corre do caramba assim, sabe qual é? Nunca tive vida boa, sempre tive a mão calejada. Só que eu sou assim, eu gosto de andar mesmo largado, eu não esquento pra muita coisa que a

sociedade acha como padrão. Foda-se esse padrão! Porque se eu não for eu, se eu não for original, eu vou ser uma cópia do que tá rolando (do que é moda) e não é assim. (Carioca, 36)

Eles mostram uma aprendizagem dentro de padrão auto-organizativo que, distante de enclausuramentos conceituais e demais formas de adequação ao mundo científico deveria ser levado em consideração como uma forma de reivindicação silenciosa, pacífica e que deveria ser compreendido através das suas vozes, não somente do seu falar, mas principalmente e fundamentalmente, do que diz o seu agir. Encontramos neste espaço de discussão pontos de confronto da identidade em Bauman (2005): opressão-libertação. Extremos de um movimento dialético muito visto na sociedade, não só atual, posto que a dialética é uma pedra de toque social. Muitas armas de luta são recriadas para atingir um objetivo, a dialética social é responsável por isso, as mudanças nas estruturas não surgem do nada, forças se enfrentam em um recomeçar infindo. Assim,

De maldição a globalização pode até transformar-se em benção: a ‘humanidade’ nunca teve oportunidade melhor. Se isso vai acontecer, se a chance será aproveitada antes que se perca, é porém, uma questão em aberto. A resposta depende de nós![...] as forças globais descontroladas e seus efeitos cegos e dolorosos, devem ser postas sob o controle popular democrático e forçadas a respeitar e observar os princípios éticos da coabitação humana e da justiça social. (BAUMAN; VECCHI, 2005, p. 95)

Trazemos aqui a problemática do uso das redes sociais como rede de protesto, fonte de disseminação de ideias de grupo, ideais de luta não em benefício próprio, mas em prol da sociedade em geral. O Facebook trouxe nas páginas da maioria dos skatistas algumas postagens

que indicavam reivindicação por respeito ao skatista, inclusive em âmbito nacional quando algum skatista era agredido por policiais, como consta nos diversos vídeos compartilhados entre eles mostrando agressões ocorridas em capitais como Curitiba e Rio de Janeiro.

Além disso, fora desse âmbito havia também questionamentos sobre a realização da Copa 2014 no Brasil, enfocando o gasto extremo do dinheiro público em futuros elefantes brancos, enquanto parte da população sofre as mazelas da pobreza e muitas famílias são despejadas das suas casas para dar lugar às futuras instalações do Megaevento nas capitais-sede. O sistema de ensino opressor e preconceituoso também fora questionado, assim como a secular forma de fazer política, que caiu também desde o início das buscas nos seus comentários e postagens; o jogo sujo partidário é também alvo de muitas reflexões e questionamentos. Eles percebem o quanto os direitos sociais também se esfacelam nesse contexto, assim os protestos mediados são uma forma de expor a repressão sofrida, não somente por eles, mas também por aqueles que compõem uma infeliz e rotulada subclasse, eles representam a consciência de grupo, consciência de excluídos.

Contudo, deixamos claro que os relatos são de muitos jovens e a sociedade tanto quanto eles também têm suas diferenças. Por isso, consideramos de suma importância expor o olhar de uma pessoa que se aproximou dos skatistas do Skatepark por causa do filho, uma criança que gosta dessa modalidade. O relato de Cibele mostra uma possibilidade de sensibilização do olhar, uma mudança na forma de perceber e conceber os aspectos que contornam os contextos sociais:

Eu ficava preocupada com a questão da droga, que a gente pensa logo nisso e realmente a gente sentia. A gente observava que tinha algumas

peessoas que fumavam, a gente sente o cheiro, mas aí eu comecei a observar, eu não entrava (na pista) eu ficava também sem jeito. Ficava do outro lado da pista. Hoje eu estou aqui sentadinha num obstáculo, não tem arquibancada [...] Eu vejo meninos centrados, esforçados no que eles gostam de fazer e se dedicam muito. Então, eu vejo a energia deles toda pra essa conquista, conquistar, ser melhor naquilo que gostam muito. Então, eu vejo assim, que essa concentração no que eles gostam, faz eles serem mais tranquilos, amigos, camaradas. Eu vejo muitos amigos. (Cibele, 39)

Por isso, eles falam em seu próprio agir, um padrão auto-organizativo, um processo de socialização e não de sociabilidade, sobre o qual abordaremos no próximo capítulo. Passemos à próxima *transição...*

5 **CAPÍTULO 4** **DA SOCIALIZAÇÃO: SOBRE O “CARRINHO” PARA** **OUTROS “PICOS”**

Antes de adentrarmos nas condições de aproximação, estabilização e aprofundamento que conduziram à formação da Família Skate, procuramos compreender três processos que permitem a vida em sociedade: sociação, sociabilidade e socialização, através dos quais os jovens chegam a experiências que marcam sua história de vida, sua sensibilidade e que, por vezes, atribui um significado diferenciado em sua profundidade ao convívio em grupo.

O processo da *sociação*, diz-se através do qual as pessoas se aproximam umas das outras; de acordo com Simmel (2006), é esta a forma mediante a qual os indivíduos se desenvolvem conjuntamente em direção a uma unidade no seio da qual os interesses que os moveram a estar ali se realizam. O autor explica que os interesses são a base da sociedade humana, sejam eles sensoriais, ideais, momentâneos, duradouros, conscientes, inconscientes, movidos pela causalidade ou teleologicamente determinados. O processo de sociação não define a durabilidade ou aprofundamento e superficialidade das relações criadas a partir dos interesses que reúne as pessoas, neste caso, por estas características distinguiremos os dois processos seguintes.

Se os interesses movem a sociação, a *sociabilidade* rege do processo de aproximação e organização social; Simmel (2006) explica que é este o processo mais geral que forma a sociedade como um todo. Por isso, sociação e sociabilidade não ocorrem por ordem de acontecimento, não fica claro a distinção entre qual ocorrerá primeiro. Na sociabilidade não se apresentam os elementos constituidores das

personalidades individuais, isto é, diz-se de um processo onde as relações são superficiais, que apenas mantém os sujeitos a um nível padronizado de distanciamento, em prol de um ordenamento em comum, regido por normas que todos devem seguir.

Pontuaremos que os aspectos da vida de um grupo específico que apresenta traços destes processos são definidos como propriedades formadoras da sociedade como um todo complexo. Assim, a partir da sociação e da sociabilização podemos dizer que até esse ponto é uma conjuntura superficial que se amolda, aquela que somente garante uma aproximação e estabilidade a todos individualmente e aos grupos em geral.

Simmel (2006) esclarece que há uma falta de *sentido do tato* na sociabilidade, uma característica de impessoalidade premente, é a sociabilidade o princípio formalista superficial e mediador de um processo posterior, que ocorre somente se houver aproximação e estabilização, por isso, conduz ao aprofundamento das relações latente na sociação.

Este último processo ocorre somente com a presença dos anteriores, cujo inverso não é verdadeiro. Deste modo, seria a *socialização* o momento em que o estar junto se apoia em um conteúdo (tipo de relação social) e uma finalidade (interesses com relação ao conteúdo), independentes da situação existente nas relações hierárquicas: como pai e filho, empregador e empregado, etc. Este é o momento em que o fator absolutamente pessoal e subjetivo do indivíduo aparece sem qualquer reserva, o qual está latente no primeiro e não necessita aparecer no segundo.

Parece-nos que a socialização é proveniente dos processos anteriores, porém com um sentido profundo como explica Maffesoli (2006), cuja lógica de existência está no fato de partilhar um hábito, uma ideologia, um ideal que determina o estar-junto apresentado no cotidiano, e permite que este seja uma proteção contra a imposição das regras sociais externas. Enquanto há uma falta de tato na sociabilidade, este se constitui um elemento chave da socialização, é o *sentido do tato*, como forma aproximativa mais íntima, que constrói a conjuntura mais estável referente à aproximação ao outro, é ele o responsável pela autorregulação do indivíduo em sua relação com o outro no grupo, mas que, principalmente, o deixa à vontade para expor as características peculiares da personalidade.

O processo de socialização é responsável por um aprofundamento no qual as personalidades se apresentam, suas características objetivas e subjetivas se mesclam e aparecem obrigatoriamente para que os vínculos entre os sujeitos possam se entrelaçar e formar um todo mais consistente.

Os jovens percebem e assumem a relação social como uma experiência que passa fortemente pela sensibilidade, por meio da qual é constatado seu modo de ser em sociedade e da contradição presente na pesquisa de Freire Filho (2008), que reflete a concepção superficial de ser jovem nos meios de comunicação e informação, atribuindo-lhe gostos e costumes de acordo com a conveniência mercadológica de cada época. Dentre outras características do jovem brasileiro, encontradas nos textos dos meios analisados, apresenta-se uma imagem contundente como aquele cada vez mais bem-adaptado às normas sociais, que não sofre sufoco familiar e aderiram à transitoriedade de grupos sociais.

À luz do contexto estudado, não é bem essa imagem que se percebe. Podemos refletir a incidência da precariedade de vida devido à falta de recurso econômico familiar; à instabilidade no relacionamento dos pais/responsáveis; e a obrigatoriedade de aderir ainda adolescente ao mercado de trabalho; são situações que fizeram e fazem parte da realidade da grande maioria dos jovens. Fatores que exercem uma pressão que os impele a buscar um momento de lazer, de esquecimento dessa realidade e que ao mesmo tempo os estimula à possibilidade de estabilidade (familiar e profissional) em um grupo social a partir do interesse na prática do skate. A imagem do jovem detectada na revista *Veja* em sua versão impressa, por Freire Filho (2008) remete a uma imagem de cidadãos-consumistas, detentores da herança da sociedade capitalista informatizada e globalizada, formados pelos preceitos “pedagógicos” da mídia.

Contrário à imagem generalizada criada pela revista, as experiências de vida e até mesmo o contato com o mundo da informatização, tanto quanto aquelas que surgem das condições contrárias ao que foi explicitado (boa relação familiar, condições econômicas favoráveis), é que proporcionaram aos jovens dessa pesquisa novas vivências a partir das quais tiveram sua aproximação com a prática do skate, aproximação essa causada ou mantida através de um vínculo com outras pessoas.

Neste capítulo, portanto, estaremos apresentando em cada item uma oportunidade de conhecimento individual, fator essencial do convívio em grupo a partir da primeira aproximação superficial, o skate como modalidade de lazer que possibilita uma vivência entre jovens de

diferentes idades, que encontra em seu seio relações duradouras e conscientes, com propósitos dentro das perspectivas do contexto.

O skate, no caso da presente pesquisa, foi o interesse despertado de algum modo em cada um dos jovens skatistas (sujeitos) de formas distintas, mas muito aproximadas quanto ao que se refere à primeira aproximação com outras pessoas. Contudo, finalidade e conteúdo, processos da socialidade não ocorrem claramente definidos nem mesmo em uma sequência, às vezes o conteúdo define a finalidade, às vezes essa posição é invertida, como vemos nos casos do interesse pelo skate através dos meios de comunicação, informação e entretenimento desencadearem relações sociais.

Por isso, entendemos que estes processos é que permitem o aprofundamento das agregações entre pessoas na condição de existência do grupo, nos seus aspectos mais íntimos a partir do cotidiano, dos modos de encontro, dos lugares/espacos onde ocorrem os encontros, das próprias formas de manter o vínculo. São estes, portanto, os aspectos apresentados em cada item respectivamente.

No espaço da socialização o ser humano se apresenta mais frágil e exposto. A existência cambiante é premente e até certo ponto constante dependendo das motivações de relações dessa existência em grupo. Maffesoli (2006) descreveu a socialidade como a fonte da organização social neotribal. O autor explica que a racionalidade da modernidade é inadequada para descrever as formas de agregação social que possuem contornos indefinidos (e diríamos contornos indefinidos aparentemente) e que tendencialmente o social racional que constitui a atualidade será reconstruído por uma socialidade com dominante empática. Seria uma forma de convivência com alicerces construídos,

principalmente, sobre os sentimentos e emoções que tornam as experiências das relações mais valorosas.

É certo que na proposta de Michel Maffesoli, apesar da transitoriedade dos grupos do movimento neotribal (aspecto que não compõe uma característica da Família Skate), há um movimento que se expressa em redes de solidariedade numa relação táctil de cruzamentos, toques, interações onde cristalizações se operam e grupos se formam. É esse movimento, interações e as consequentes cristalizações que consideramos importantes para a formação da nova Família, são estes elementos que provocam após a estabilidade seu aprofundamento, pois nas relações onde mais aparece a personalidade, como a amizade, por exemplo, é que há estabilização suficiente para uma relação social profunda.

A dimensão conceitual do lazer pressupõe o caráter transcendental quando são vivenciadas situações geradoras de valores: formas espontâneas de relacionamento social, os modos de ser/estar nos espaços públicos, afirmação da “individuação” ao mesmo tempo da valorização da convivência com os outros. Encontramos, neste sentido, formas de socialização através da prática do skate, da opção de lazer dos jovens que de acordo com Saraví (2012) essa dimensão social sobre a qual se constitui o grupo skatista faz parte da lógica interna do skate.

Por fim, é a socialidade “um palco de transferências: de emoções, de saberes, de sensibilidades” afirma Machado Pais (2006, p.18); deste modo, é o convívio skatista e os elementos que reafirmam o próprio grupo que compõe este palco, cujos acontecimentos de transferências atingem os sucessores, ou irmãos mais novos da família, os

descendentes e herdeiros da forma de ser skatista. Da vida social aprendida e apreendida no Skatepark descrita a seguir.

5.1 ENCONTROS E COTIDIANO COMO FATORES ESSENCIAIS NO LAZER DOS SKATISTAS

O processo de socialização definido como o segundo momento de interação social e caracterizado pela intensificação ou aprofundamento revela o compartilhamento dos elementos que constituem a individualidade de cada pessoa. Para que a socialização ocorra existe a necessidade de um tempo maior que o de uma interação imediata como o vemos em algumas das relações de jovens citadinos apresentados por Magnani e Souza (2007), cujas pesquisas etnográficas apontam para a imediatez das relações em festas, encontros fortuitos de shows e baladas, o anonimato do mundo virtual, cuja relação não ultrapassa os limites do comportamento do jogador no *game*. Contudo, as relações derivadas da socialização, tanto quanto estas, não apresentam hierarquia, visto que sua consolidação se dá em formas sociais “não estruturadas”⁹⁷. Deste modo, os encontros e convívio cotidiano dos skatistas são para a Família Skatista a chave da relação firmada sobre a modalidade de lazer do grupo.

O cotidiano e as possibilidades que ele proporciona para que os jovens skatistas permaneçam juntos por um tempo maior torna-se responsável pelo vínculo de irmãos, forma como distinguem muitas vezes essa relação. Apesar da impossibilidade do cotidiano revelar por

⁹⁷ Seriam os grupos denominados de tribo, e outros que se formam e se reconstróem na sociedade, diferentes daqueles que já possuem estrutura predefinida como a família tradicional.

completo um contexto, ou uma totalidade como bem lembra Azanha (1992) em virtude da multiplicidade dos aspectos que a vida apresenta, é nos seus fragmentos que algumas das suas implicações individuais e sociais se revelam, ou melhor, revelam possibilidades de compreensão dessa trama de fluxo permanente. A questão onde queremos chegar é no tipo de depoimento de Edu (28), o qual se encantou pelo skate aos oito anos de idade vendo seu irmão começando a brincar, mas foi com os amigos que conheceu, a partir da modalidade, com quem mais conviveu.

Na verdade, assim, o esporte, o skate, pelo fato de vc conviver muito tempo com pessoas diferentes, você começa a fazer amizade, mesmo que não queira. Você começa a fazer amizade e começa a fazer parte daquelas pessoas, aí só que tem uma coisa: têm pessoas que realmente você vira amigo mesmo, tipo um irmão, você vira irmão, entendeu. Às vezes eu tenho mais convivência com Papel, com Felipe, com Bruguelo (amigos do skate) do que com meu próprio irmão. Pra mim eles são meus irmãos mesmo. E tem outras pessoas que você consegue se relacionar e tudo pela prática do esporte. (Edu, 30)

A recorrência dos fatos é, para a vida cotidiana, uma espécie de confirmação para alguns e para outros um estímulo a questionamentos do aparente. Por que então buscar na cotidianidade skatista esse tipo de acontecimento que não é esporádico? Porque o cotidiano pode mostrar alguns aspectos que possibilite refletir sobre a constituição da Família Skatista não a partir de uma casualidade, mas da amizade que brota no próprio convívio.

A amizade é um dos aspectos surgidos no contexto, recorrente no cotidiano. As amizades, neste sentido, provêm de um primeiro contato superficial, com trocas de favores, ensinamentos e acolhimentos, aspectos imprescindíveis a esse tipo de relação, considerando que os

mesmos são admitidos pelos próprios sujeitos. Consideramos que a amizade da qual falamos esteja vinculada ao que entende Monteiro (2003), como uma relação social que traz e proporciona aproximação de crenças, valores e, principalmente, o sentimento de proximidade. A amizade, afirma o autor, extrapola os ambientes institucionalizados e burocratizados e a própria forma de ser amigo foge a esse padrão, pois ela foge dos vínculos orgânicos tradicionais, seja do trabalho, da religião ou da família. A amizade é o estar-junto que respeita as condições diferenciadas dentro de um conjunto.

A combinação dos relatos e do registro cotidiano desse hábito de estar junto mostra uma continuidade e uma relação que se forma durante o aprendizado da modalidade do skate, mas até mesmo a possibilidade de conquistar amigos parece um atrativo a mais para muitos que se encantam com o “carrinho”. Batata (15), Urea (16), Rodrigo (17) e outros não escondem que foram incentivados por alguns dos atuais amigos, que já praticavam há algum tempo a modalidade.

Eu comecei a andar através de um amigo com quem meu irmão trabalhava aqui mesmo na Orla, aí esse amigo sempre vinha andar de sk, aí eu conheci ele e pedi pra dar uma volta de sk. (Urea, 16)

Eu comecei a andar através do Urea e Jonata (este último não é mais skatista) [...] pessoas que me incentivaram. (Rodrigo, 17)

Eu comecei a andar de skate vendo eles (os meninos na época que se tornaram amigos). Eu vinha pra pista, mas de bicicleta. Aí eu conheci o Silvio, o Rodrigo, outras pessoas também, aí me incentivaram, a gente começou a andar e desde então não largo mais. (Batata, 15)

Isso não quer dizer que não ocorra o que diz Alberoni (1989), uma relação de amizade a partir de um impulso de sentimento, como se fosse “à primeira vista”, um ‘encontro’, cuja experiência faz ver o conhecido com novos olhos a partir de uma afinidade quase arrebatadora. Pelo contrário, para Monteiro (2003) é justamente por proporcionar o despertar de emoções e de novas experimentações ao longo de muitas vivências que a amizade é construída. Por isso, construída aos poucos a amizade forma uma cadeia de novos adeptos ao skate, como vimos nos discursos supracitados.

Amizade e a modalidade skate se combinam no cotidiano. Ver aqueles que já se arriscavam nas manobras desafiadoras foi uma das possibilidades da aproximação com o skate e com os novos amigos para a maioria dos skatistas entrevistados, isso significa dizer que foi responsabilidade de uma rotina cotidiana que concedeu essa oportunidade para que os jovens fossem além da superficialidade que marcava a fronteira da sociabilidade e da socialização, entre os possíveis companheiros de “rolê”.

Não houve somente a necessidade de uma prática de lazer nesse momento da vida destes jovens, mas também um sutil interesse pelas novas relações sociais, mas o interesse pelo que a mesma proporcionava. Diferente das relações familiares já predeterminadas, a relação social dos skatistas pode ter suas raízes na possibilidade de *ter e ser* amigo, configuração proporcionada, neste contexto, a partir do convívio e do encontro cotidiano.

A aproximação entre skatistas que apresentam uma diferença discrepante de faixa etária contraria um dos aspectos principais do aporte conceitual das Culturas Juvenis, o aspecto do embate geracional

como encontramos em Costa (2005) e Hack (2006). Mostra a familiaridade como um contínuo diário, uma situação onde existe e persiste uma relação moldada sob a fundamentação do *habitus*, como um aspecto que permite o diálogo interno de forças que constituem um determinado campo trazido por Bourdieu (1983). Para João Victor, seu padrinho e outros adultos skatistas (das antigas) do seu convívio despertaram o interesse pelo skate, o qual foi aprofundado pela experiência com outros skatistas mais jovens. Assim como o foi para Guga, Kartman, Eugênio, Mateus, dentre outros.

Outra forma de aproximação dos jovens entrevistados, com um grupo skatista como o qual se firmou uma relação cotidiana, deu-se em alguns casos devido ao uso das quadras escolares, apesar das proibições dos gestores quanto ao uso indevido. Em tentativa de aproximação aos skatistas que usavam a quadra da sua escola em turno oposto, muitos jovens faltavam às aulas para ficar admirando aqueles desafiadores da ordem (escolar e policial) e da gravidade, para os quais ficavam olhando clandestinamente, esperando o momento de recolher o skate desgovernado que escapou dos pés do skatista que errou a manobra.

Assim, o interesse na modalidade skate e a construção de uma relação social duradoura mostram os momentos presentes nos relatos dos nossos skatistas, acontecimentos desencadeadores das amizades que, com o tempo, só se tornaram mais firmes e mais abrangentes. O cotidiano, explica Azanha (1992), mostra fatos que se interligam numa trama maior e abrange as experiências dos nossos protagonistas, aparece também como fator essencial à socialização, pois tende a fortalecer o respeito e as amizades construídas, muito valorizadas pela cumplicidade que também se criam no contexto.

Eu não trocaria isso por aqui por nada. Isso aqui que eu tenho hoje, as amizades que eu tenho, que eu criei aqui na pista, ou como eu me divirto aqui eu não trocaria por nada, nem por todo dinheiro do mundo. (Gabriel, 15)

A amizade, concordamos com Azanha (1992), possui um conteúdo ético, onde o aprendizado das relações sociais de comportamento surge e dentro da modalidade skate vai até ao processo de integração, como o saber acolher os outros, como conta Rodrigo (17):

Antes de conhecer o skate eu não tinha facilidade de fazer amizade, ficava com medo. Depois que eu conheci o skate não, qualquer pessoa que vinha eu ia lá fazer amizade, conhecer a pessoa melhor. Foi depois do skate que eu comecei a abrir a cabeça mais pras coisas, conhecer novas amizades, de outros estados, outras coisas. Quando você começa mesmo a praticar o esporte skate (ou o lazer) você já começa a fazer essas coisas de saber chegar nas pessoas, saber receber as que vem de fora também. Por mais que sejam de estilos diferentes do rock, do rap, todo mundo se respeita. (Rodrigo, 17)

Temos com isso que o cotidiano é que proporciona a integração e constituição das amizades, as diferenças mais externas como idade, sexo, ou classe social não aparecem como pontos de ligação, mas como uma condição exterior que pouco interfere e assim, a amizade pode acontecer a partir do respeito a essas mesmas condições. Deste modo, vale trazer Francesco Alberoni em sua descrição de apreciação à qualidade de amigo, cujo princípio está no respeito e a partir deste é possível reconhecer um valor que de acordo com o autor significa ver do interior e compreender que “os valores não são apenas comportamentos, também são sensibilidades, matizes da alma” característica que “confere

à amizade seu caráter desinteressado e sublime” (ALBERONI, 1989, p. 35).

Esse processo vivido no cotidiano pelo qual a Família Skate se forma acaba estendendo-se à relação skatista/skate como uma forma de “amizade” também. Pois se não são “amigos” e o skatista não souber combinar sua energia com as características do skate (peso, velocidade e tamanho) e respeitá-las, ele não respeitará as suas condições, uma experiência que, como a amizade, também exige tempo para que os movimentos sejam complementados um pelo outro como companheiros de dança ou companheiros de jogo.

Contudo, mesmo que o skate quebre – acontecimento muito comum -, o que permanece depois que não há skate para andar são as relações criadas a partir da própria modalidade, a irmandade, os amigos, a família que não o deixa só, pois estará sempre ali na pista (e às vezes em casa) para compartilhar outros momentos de comemorações, conversas, brincadeiras, contemplações. Aspectos que compõem o cotidiano observado. Esse tempo necessário à construção do processo de socialização dos skatistas deve-se há dias e dias no Skatepark, pois fogem à lógica concepção de tempo regido pela produtividade.

Na medida em que nossa vida é regida pela concepção de tempo como produtividade, rentabilidade e lucro (“tempo é dinheiro”), raramente nos damos conta o quanto desprezamos a dimensão afetiva e emocional nas relações humanas, fato demonstrado na justificativa de não termos tempo para “perder” com um amigo quando este nos requisita para um desabafo; quando não “temos tempo” para ajudar os necessitados ; para esquecer da vida nos braços de quem amamos; para brincar com nossos filhos; para assistir a um por do sol. (BRUNHS, 2004, p.95)

Esse tempo concedido ao estilo de vida escolhido, à convivência com os amigos, à contemplação do pôr do sol da parte superior do *Half Pipe* nas imediações do Skatepark, não obedece à lógica da produtividade, do tempo cronometrado do trabalho que determina toda a organização do cotidiano da pessoa. O tempo, portanto, provoca o aprofundamento e a intensificação dessas amizades como a possibilidade da troca de experiências, ou aprendizado com as experiências dos demais.

Os mais experientes chegam pra ensinar os que tão começando, porque tem mais noção da manobra 'você coloca o pé desse jeito, chuta desse jeito, ombro ajuda muito no sk'. (Rodrigo, 17)

Os caras, assim mais velhos, de vez em quando eu peço ajuda pra mandar uma manobra, aí eles ensinam assim – coloque o pé assim, chute e caia com o corpo pra trás ou pra frente. Aí eles ajudam muito porque eles já têm muita experiência, já foram profissionais (ou que viajaram muito como amadores), patrocinados por marcas. E eles são muito bem vistos aqui. (Dudu, 10)

A pista parece uma oficina de experiências, onde há não só trocas entre experientes e inexperientes, mas por vezes um lugar onde muitos inexperientes buscam, em conjunto, tentativas e possibilidades de lidar com o medo: medo de descer o *quartier*, medo de errar uma das manobras de descer deslizando sobre o corrimão.

Voltamos ao cotidiano dos skatistas que diariamente transitam em duplas, trios, ou muitas vezes sós, mas que sempre encontra os demais no Skatepark e juntos mostram suas habilidades, seus erros, riem

juntos, acertam juntos, arriscam juntos no *Game Drix*⁹⁸. É a partir dos encontros que os skatistas vão se conhecendo aos poucos e nesse cotidiano menores e maiores cumprimentam entre si, brincam, sorriem ao se encontrarem na pista. Deixam crescer esse “que” de consideração como se fossem irmãos que não se distinguem por hierarquia. Essa troca de experiência também aparece na ampliação dos laços familiares locais para outros irmãos que não são aracaJuanos, a forma que eles conservam de acolher é sempre constante, é sempre com todas as pessoas que se aproximam, inclusive para com skatistas de outros estados, ou desconhecidos.

Monteiro (2003), em seu estudo acerca do montanhismo destaca que as relações entre as pessoas eram *recortadas por uma incitação recíproca peculiar, por um desafio mútuo dos sujeitos na vivência das práticas vinculadas ao montanhismo* (p. 86). Percebemos que estes aspectos também permeiam o cotidiano skatista e, além disso, como no montanhismo está marcado fortemente por sentimento de solidariedade, criado no próprio convívio a partir das experiências individuais e coletivas.

Neste momento aparece outro componente primordial no cotidiano skatista que é a solidariedade e compartilhamento no cotidiano, identificado por Marcel Mauss (2003) e definido como princípio de reciprocidade. Diríamos um comportamento carregado de uma solidariedade que faz parte do código interno do modo de ser skatista dos quais são exemplos a partilha do lanche e empréstimo de peças, apontados pelo autor. No cotidiano acompanhado, a água também faz parte desse universo solidário:

⁹⁸ Ver Glossário.

Água é como se fosse ouro aqui. Não é só pra você, é pra galera. Vc traz pra todo mundo. (Urea, 17)

O lanche em grupo é muito mais arrebatador aos olhos de quem observa como mais um momento de compartilhamento, mais um fator cotidiano importante para o convívio. Longe da solidariedade que Demo (2002) identifica no desenvolvimento histórico da humanidade como efeito de poder, uma relação hierárquica onde predomina a prepotência, uma ação egoísta a bem próprio a solidariedade existente se aproxima da visão do mesmo autor que expõe o outro lado do mesmo sentimento/ação, uma característica inerente ao ser humano, onde a igualdade é a essência, uma potência alternativa da cidadania.

Sempre tem vaquinha, arrecada o dinheiro pra ir lá embaixo (numa panificadora do bairro, saindo da Orla) comprar. Vai uma galera lá embaixo e compra o rango de sempre: pão com mortadela e guaraná. (Batata, 15)

E chama a galera pra vir comer, não importa se é rico ou pobre, todo mundo come. (Urea, 17)

A negociação de peças usadas por preços baixos e até mesmo a ação de presentear estão presentes no cotidiano skatista que apresenta esse aspecto de ajuda mútua. Deste modo, a “vaquinha de peças” mostra a solidariedade entre skatistas para eles mesmos e também para aqueles que se aproximam como foi o caso de um adolescente que ganhou um “carrinho” montado a partir de diversas doações. Vemos aqui uma possibilidade de discutir a solidariedade a partir da contraproposta de Demo (2002) às próprias constatações, seria uma sociedade solidária aquela que conseguiria distinguir esse termo como direito de emancipação, não como um elemento em proveito do poder.

Mais um fator que poderemos atribuir ao processo de socialização são as conversas cotidianas, as mais variadas, destacamos assuntos como: campeonato, vídeos, ídolos, festa, peças, marcas, encontros, patrocínios, a repressão da sociedade, o enfrentamento do preconceito visto e sentido na pele, novas promessas do skate sergipano, o descaso com a pista, a administração do Skatepark, escola, família.

Uma infinidade de assuntos no cotidiano e esse fator é pontual no sentido de dar maior cumplicidade entre eles, pois na conversa mais densa aparece um pouco da personalidade de cada um. Aponta para o tempo que um dedica ao outro, para a ação solidária de ouvir desabafos. Eles se conhecem mais profundamente através das suas opiniões, posicionamentos, valores e princípios. O diálogo cotidiano aponta para a forma mais simples de compreender e de se fazer compreendido, aspecto muitas vezes falho no convívio familiar e expurgado do lar, mas encontrado nas ruas, nos grupos de amigos, de irmãos de cotidiano.

O convívio entre os skatistas parece só aumentar a dependência do outro na pista de skate. Muitos confessaram que a presença de outros skatistas aumenta a adrenalina na sessão, sendo o contrário também verdadeiro, aponta Olic (2012) em sua pesquisa também no contexto skatista. O fato do outro não estar presente não quer dizer que impossibilite a *session*, o rolê, mas com o outro os momentos bons e ruins poderão ser compartilhados, as manobras poderão ser melhor aprendidas, discutidas, aquele momento de desafiar o obstáculo mais difícil pode se tornar muito mais instigante por causa de uma disputa inconsciente de um para o outro, para ver quem transpõe primeiro o obstáculo. Não é só isso,

Vc andando sozinho não tem nada na cabeça, não pensa em mandar manobra boa. Pô vou aprender

isso aqui, a pessoas aprendem mandando a manobra, aquela manobra ali, mas vc não tem aquela alegria que vc vê a galera ali reunida, aquela alegria, aquela perturbação. Que só a gente entende mesmo. (Max, 18)

Ou seja, a expectativa de acertar para que os demais vejam e comemorem junto com um “ÊA!” de todos aqueles que presenciaram é sempre esperado. Na pista, é raro não ter alguém que possa ver seu feito, alguém que não bata palmas por uma manobra difícil sendo executada com perfeição, ou uma manobra fácil executada corretamente por um iniciante, todos os esforços são plenamente reconhecidos, desde os mais novos aos mais velhos e a presença de mais um skatista fará a diferença nesse momento.

[...] Meu sk é pra mim, eu vou andar pra mim, cáí, me machuquei, é chato porque as pessoas tão vendo, um pouco intimidado. Andando sozinho eu vou perder esse medo, só que não tem graça, não tem ninguém vendo... de repente eu acerto uma manobra daquelas maneiras, mas não tem ninguém vendo. (Carioca, 36)

Contudo, ressaltamos que essa presença reclamada é de outro skatista ou de alguém do convívio que compreenda essa condição, mas não de qualquer espectador. O fato é que se for alguém que não compreenda esse convívio poderá vaiar, ou fazer de uma manobra errada um motivo de chacota, como eles mesmos percebem do cotidiano com os turistas que aparecem. Sendo outro skatista, dizem eles em conversa informal, iria dizer que era válida a tentativa e que não desistisse, executasse uma próxima vez até conseguir, porque a persistência faz parte do aprendizado.

Para tanto, o encontro cotidiano, o respeito e as amizades construídas, troca de experiências, a solidariedade e compartilhamento, as conversas cotidianas, a presença de outros skatistas caracterizam e marcam toda a geração. Neste caso o cotidiano é determinante para a continuidade, é determinante para a Família e o espaço é o próximo fator da socialização skatista.

5.1.1 Skatepark e *Street*: a importância do espaço público para a socialização

Pelo fato de ter sido a pista na qual comecei a andar de sk, então é mais um caso assim, de amor mesmo. É como se eu tivesse em casa. (Sabrina, 25)

Para que ocorra um convívio o espaço físico é imprescindível, em certos casos, um espaço físico onde o contato concreto, tangível, pessoal possa se desenrolar e dar vazão às próprias construções desencadeadas e concatenadas mediante o contato físico. Portanto, a existência de um lugar concreto que permita o encontro cotidiano e nele a aproximação criará um significado próprio, o qual necessitará de uma análise mais direcionada para ser apreendido, lido. Assim, para “ler o espaço”, propõe Certeau (1994), é preciso silenciar para compreender as vozes que ecoam dos seus enunciados.

O Skatepark, pista Cara do Sapo, significa nessa pesquisa o ponto de aproximação e frequência de um grupo social que se forma continuamente a partir do seu próprio cotidiano e de outros convívios sociais como a família, o bairro e a escola. Foi a partir dos finais de

semana na pista que muitos dos amigos skatistas se conheceram, o “pico” da galera para reunir, andar de skate, experimentar, etc.

O lugar muitas vezes expressa um significado mítico, expõe Maffesoli (2006), acrescentando que “o lugar se torna um laço” e isso pode ser uma estrutura antropológica que indique que a agregação social em torno de um espaço seja um aspecto básico de toda forma de socialidade. A pista traz o nome de um mito do skate sergipano, o Cara de Sapo, envolvido na sua construção, traz também o significado de uma ação conjunta a partir da Federação e Associações de Skatistas da época e o hábito de estar na pista continua mesmo quando a situação (individual ou coletiva) não permite brincar com o seu “carrinho”, o amigo skate.

Até mesmo quando a pessoa se machuca, engessa um braço, quebra uma perna, vem pra pista só pra ver as pessoas. Sente falta. (Batata, 15)

Algumas situações como essas citadas por Batata foi vivida por ele mesmo quando quebrou a perna; outro exemplo é do Kbssa, que se machucou no primeiro dia do campeonato em fevereiro, antes mesmo de competir, mas isso não foi motivo para ele não aparecer na pista dias depois. Mesmo com o pé engessado a pista exerceu sua atração e Kbssa deslocava-se por entre os obstáculos com um pé (engessado) no skate e o outro remando apoiando-se com um dos braços no ombro de algum amigo.

Há algo que liga ao Skatepark essas pessoas que não ficam longe por muito tempo, mesmo quando necessário. Maffesoli (2006) aponta para o mobiliário familiar do espaço ou o mobiliário urbano, onde se percebe o decorrer da vida social, a impregnação de um conjunto de experiências que compõe as histórias de vida individual e

coletiva que se fundem com a história do lugar. Todas estas características conferem algumas características percebidas na pista de skate: um ambiente familiar, seguro, acolhedor, um refúgio. Por isso, o Skatepark marcou uma época do skate aracajuano.

Essa pista trouxe o que há muitos anos não tinha em Aracaju, por ser uma pista pública ela não tem aceção [no sentido de escolha, predileção - PA] de pessoas. Qualquer pessoa vem pra cá, pega ônibus e vem. Às vezes numa pista que é paga, você, além de pegar a condução tem que desembolsar aquele dinheiro, então às vezes isso separa. Alguns que estão sem dinheiro naquele dia vão deixar de ir pra pista. Então, essa pista trouxe isso de volta, esse ponto de encontro. E se você vem aqui todo dia tem gente aqui, é realmente um ponto de encontro. Às vezes as pessoas vão andar na rua, mas se encontram aqui. (Juninho ET, 33)

Antes de existir essa pista, havia somente mais duas: uma construída com dinheiro público e localizada em um lugar igualmente público, mas que, até meados de 2009, o responsável pela manutenção cobrava uma taxa aos skatistas. A outra pertencia a um skatista que morava no Bairro Industrial, alguns poucos skatistas possuíam condições financeiras para o deslocamento até o bairro e para utilizar a pista. Existiam também os “picos” nas ruas, às vezes muito distantes uns dos outros. Em virtude dessa situação e do constante crescimento de adeptos ao skate os grupos se subdividiram e ficou mais difícil o reencontro desde o final da década de 1990 e início de 2000.

O skate sergipano ficou separado por alguns anos, alguns andavam em tal hora na cidade, outros andavam nessa, alguns andavam na pista tal e essa pista uniu isso tudo de novo. Então,

acho que o grande ponto primordial dessa pista é isso. É trazer de volta esse ponto de encontro do skate. (Juninho ET, 33)

O hábito skatista de reunir todo o grupo em um espaço não se perdeu. A constância nesse lugar particularmente atrativo atribuiu ao Skatepark o status de casa, já que são “irmãos” que o frequentam, nada mais justo de dizer: “Particularmente aqui é minha casa.” (JN Charles, 26); ou que é “O quintal de casa”, como afirma a skatista Dany (19). Ainda como mais um lar, o qual acolhe mais uma família a qual pertence: “Minha segunda casa, porque eu procuro de tudo (qualquer desculpa) pra vir pra cá.” (Kartman, 14). Vale ressaltar que a condição de espaço familiar da pista, onde não há diferenciações de classe devido à condição financeira do frequentador, signifique uma condição única da mesma, posto que a privatização ocorrida em muitos equipamentos da Orla de Atalaia ainda não ameaça o Skatepark.

Assim, enquanto para a maioria das pessoas é mais uma pista de skate, um lugar de trânsito para visitar, para consumir como ocorre no não lugar assim caracterizado por Augé (1994), para os skatista há um significado mais profundo o que o torna um espaço vivido, um laço da agregação social construída, paulatinamente, detentor de um histórico em comum.

A representação da pista como uma casa muda o caráter rebelde do skate praticado na rua, e lhe confere até mesmo mais segurança, menos repressão, apesar de algumas ações violentas, ocasionadas por Guardas Municipais em algumas pistas e Skateparks do Brasil⁹⁹. Essa

⁹⁹ Veiculado, principalmente, em vídeos dispostos nas redes sociais, que relatam episódios de agressões contra skatistas, ocorridos em Curitiba, Rio de Janeiro e São Paulo.

reconfiguração remonta o cenário skatista na atualidade e apresenta uma adequação da sociedade ao estilo e vice-versa, pois algumas condições sociais estabelecidas também passam a ser aceitas. Nem sempre o familiar é o atrativo no cotidiano skatista, deste modo, enquanto o Skatepark proporciona segurança e estabilidade, os lugares não familiares são também atrativos desde que incitem o desafio e muitos skatistas respiram e aspiram por novas manobras e a rua é o diferente é a atração primordial, é a possibilidade de sair da rotina da Cara de Sapo.

Como parte do histórico da Família Skate de Aracaju, o Skatepark constitui um marco não como divisor de águas, mas como aglutinador da agregação skatista. Ponto principal entre eles, a partir do qual saem para o *Street* ou o ponto final do desbravamento dos picos nas ruas. É herança da condição do estilo skatista *streeteiro*, cujos representantes (das antigas e da nova geração) também andam no Skatepark. Não sabemos ao certo, nem podemos afirmar se é uma espécie de transgressão, de apropriação como uma resposta às repressões e à culpa, às vezes indevida, pelo vandalismo no patrimônio público. Afirmamos somente que a rua é o desafio, aquilo que remete ao desconhecido, por isso, concordamos que

As tentativas de se buscarem novas emoções e o reconhecimento em configurações diferentes nem sempre são bem sucedidas e geram conflitos com os indivíduos responsáveis em defender a ordem estabelecida de específicos espaços sociais. (Honorato, 2012, p. 50)

O autor aposta que muitas vezes o andar nas ruas, mesmo que existam pistas em qualidade e quantidade suficiente, as expedições aos “picos” são, de certa forma, tentativas de transgressões ao estabelecido, disputas simbólicas dentro do espaço público e também tensões lúdicas

de se viver algo potencialmente arriscado. O mais interessante é que o retorno ao Skatepark denota o retorno à moldura de proteção.

Deste modo, passamos para o outro ponto em que o espaço é valorizado em sua extensão. Onde está o grupo na pista, ou “picos” nas ruas, o significado está no encontro que o espaço proporciona aos skatistas. Assim, para outras pistas e picos conduzimos nosso foco a outros equipamentos, que sob uma apropriação cotidiana, tornaram-se espaços de convívio. Então, as pistas frequentadas por eles são localizadas através do nome dos bairros ou outros tipos de localização mais comum: pista do Bairro Industrial (BI), pista do Bairro América (BA), pista do Bairro Augusto Franco. Além disso, outras cidades, outros estados e países (Europa e EUA) também fazem parte do roteiro de muitos deles através de campeonatos, visitas a amigos ou mesmo como próximo local de residência.

Não é comum encontrarmos em pesquisas uma extensão de laços de amizade entre skatistas e pessoas de outras modalidades esportivas e/ou de lazer. Neste caso consideramos importante enfatizar essa extensão não como um laço da família, mas como algo que se criou a partir do convívio no Skatepark, devido o compartilhamento do mesmo espaço. Assim, mais um aspecto que surge a partir do cotidiano alicerçado em um espaço concreto de lazer é a aproximação dos skatistas com rapazes que praticam BMX e patins *in line*.

É certo que a compreensão para com aqueles que não andam de skate ficam nas fronteiras e limites invisíveis criados por eles mesmos na pista, são muito tênues os limites da compreensão ao da possibilidade de agressão (física ou verbal). A pista, por ter sido o resultado de uma luta política de organização skatista, tornou-se para os mesmos um

santuário próprio, condição que durou até a abertura para outras modalidades na Administração Estadual seguinte, iniciada em 2005. O convívio inicialmente obrigatório formou alguns vínculos, entretanto, existem condições para usufruir daquele espaço sem incomodar o dia-a-dia skatista: o horário de um grupo de BMX andar, por exemplo, é preferencialmente depois das 22 ou 23 horas, a pista fica mais vazia e os demais correm um risco menor de serem atingidos por uma bicicleta.

Quando há poucos, eles andam nos horários comuns, nas primeiras horas da noite, contudo, o que mais incomoda no skatista não é ter que dividir o espaço, é o perigo e a constante depredação dos obstáculos da pista pelas pequenas bicicletas, as quais em muitas manobras exigem um grande impacto sobre o obstáculo, exercendo um peso muito maior que um skate ou patins. Mas nem por isso, essa condição impede que skatistas e alguns BMX e patinadores estabeleçam um convívio de respeito a ponto de sair da pista para outros picos juntos, a ponto alguns afirmarem essa condição abertamente.

A convivência é quase a mesma (com os outros), começa a trocar ideia com eles, converso muito com o Galego que anda de Bike. A gente troca ideia, sai, vai pro Junk Box, vai criando uma curtição e daí vai criando um vínculo de amizade. (Califórnia, 18)

De certo modo, está presente uma superficialidade quando se trata do convívio somente pelo respeito no espaço compartilhado, sem maiores aproximações. Mas quando a água é dada também a outro frequentador do Skatepark que não seja *skatista*, mas que também compartilha, é um indicador de estabilidade e confiança na relação, o que ocorre com o Galego da BMX, por exemplo.

5.1.2 Momentos de competições, comemorações e o vínculo para além da pista

Diferente do cotidiano as competições e as comemorações são acontecimentos esporádicos, mas trazem a extensão de alguns aspectos encontrados no convívio diário e outros comuns à própria dinâmica, os quais remetem ao vínculo que vai para além da pista. O campeonato não faz parte do cotidiano skatista, mas complementa o convívio skatista, a agregação do grupo. Alguns aspectos merecem destaque nos encontros: a dinâmica de interação; a presença das amizades e da solidariedade extensiva a skatistas desconhecidos; e os significados do evento. Um campeonato skatista é semelhante às atividades dos esportes competitivos: muitos espectadores, competidores, alguns repórteres, uma dinâmica racional em que há um tempo determinado para realizar uma *session*, até aí tudo muito comum.

O diferencial é a existência de uma torcida única, ou seja, sem rivalidade ou torcida para um skatista. Os próprios competidores vibram quando seus “adversários” (na ausência de um nome mais adequado)/amigos executam uma manobra com perfeição, mesmo sabendo que esse desempenho pode desclassificá-lo. É essa “a forma estabelecida entre os skatistas e campeonatos, que fazem da competição uma interação.” (MACHADO, 2012, p. 65).

Seria essa interação própria do sentido do campeonato, que faria dele um dia de festa? Um dia em que, mais que outros, o companheirismo torna-se muito mais visível?

Porque em certos esportes a galera tá ‘tomara que ele erre pra mim ir, acertar e ganhar’ é porque rola uma dessas. Aqui não! A galera (diz) – Vai! Acerta! Acerta! – mesmo que seja que não

seja do grupo. Porque quando ele acerta a galera grita de emoção, de alegria. (Batata, 15)

Contudo, é fácil descrever o que ocorre no campeonato neste sentido, mas existe uma dificuldade de dizer a razão pela qual acontece. Na falta de explicação melhor, apresentamos hipóteses como uma herança no tempo de consolidação do estilo de viver skate que parte de uma integração geral entre os skatistas locais e de outros estados. Talvez nem mesmo os skatistas tenham claras as razões, mas sabe-se que cada um com uma forma própria de andar e fazer manobras não se faz obstáculo à interação durante o evento.

O campeonato permite a apresentação do domínio da técnica, ou seja, o arranjo estético na forma de executar a manobra e este é um fator diferencial para os fotógrafos e cinegrafistas presentes. É uma forma de aproximar skatistas e outros profissionais envolvidos no momento. Embora haja uma competição presente, com concessão de títulos e premiações, o campeonato assume às vezes a atmosfera de um grande festival, uma mostra artística, em que a performance de um é, antes de tudo, comemorada por todos.



Figura 1: Fotografia Roda de Conversa com Gyrão. 10/02/2012. Por Paula Aragão (arquivo pessoal)

Portanto, o campeonato permite a aproximação com outros skatistas, mas também com profissionais da área (também skatistas ou ‘ex’ skatistas) como foi possível presenciar a interação do César Gyrão (skatista editor da revista *Tribo Skate* de São Paulo) no *Nordeste Skate Legend*¹⁰⁰, junto a outros skatistas: sergipanos que hoje são cinegrafistas; outros que atingiram o nível profissional; ou que são amadores e amantes da modalidade skate. A fotografia acima revela tal aproximação e reflete o que os skatistas reconhecem por campeonato.

Campeonato serve para encontrar com os amigos, curtimos um momento style com a galera!
(Dentinho, 18)

¹⁰⁰ Consultar Apêndice 4.

Compreendemos que esse momento de interação, de festa, de curtição é mais uma parte do contexto social do jovem, não só especificamente do skate. O diferencial é fazer do momento de competição esse momento de trocas de experiências, informações, bem resumido por Machado (2012).

A boa premiação e o prestígio por ganhar um campeonato nem sempre são os fatores mais estimulantes para os skatistas. Ressalte-se que muitos deles viajam longas distâncias para ir a um destes eventos e sequer efetivam sua inscrição para competição. Os objetivos podem ser outros, como o de rever velhos amigos, fazer novos, ver e ser visto, aprender novas manobras e compartilhar experiências no universo deste grupo urbano. (MACHADO, 2012, p. 69)

O campeonato é, para muitos, não só um reencontro, mas uma forma de reunir uma memória, uma história. Na revista *Tribo Skate* (edição *on line*) encontramos o título da matéria sobre o campeonato ocorrido em fevereiro e acompanhado em relatório de observação da pesquisa: *Nordeste Skate Legend Skatistas de Diversos Estados e Gerações Reuniram-se em uma Grande Confraternização*. Percebemos que existe a construção de uma imagem, um reconhecimento daqueles que fizeram história no movimento skatista.

O *Nordeste Skate Legend* foi realizado como homenagem *in memoriam* a dois skatistas, um sergipano e um cearense que continuam presentes na memória daqueles com quem compartilharam suas muitas realizações. Os campeonatos são grandes de novos talentos, mas a memória é muito valorizada, a busca das raízes anteriores parece ser muito importante, o resgate das amizades.

O exemplo do campeonato demonstra outras dimensões a serem consideradas [...] como, por exemplo, propagação da atividade, maior sociabilidade entre os participantes, nova maneira de sentir prazer tanto para os praticantes como para os espectadores e novos comportamentos sociais identificados numa prática *em* (grifo do autor) esportivização. (HONORATO, 2004, p. 3)

Assim, a propagação da modalidade skate e a interação entre conhecidos e desconhecidos são os principais aspectos destacados para o campeonato como elemento introduzido na cultura skatista que foi ressignificado no seu sentido, que para as atividades esportivas significa um combate que estimula a rivalidade e muitas vezes a violência.

Nos campeonatos a solidariedade cotidiana continua a partir de outras necessidades como a hospedagem, por exemplo. Constantemente ocorre um campeonato em cidades em que os skatistas não conhecem ninguém e o pouco dinheiro não permitiria uma hospedagem em hotel; porém, só pelo fato de ser skatista e ter feito um rápido contato com outros conhecidos, a casa dos locais se transforma em hotel, para conhecidos e desconhecidos, mesmo para aqueles que serão seus “adversários”. Abrigar os skatistas de outros estados é um acontecimento muito comum, inclusive destacado por Machado (2012) em sua pesquisa etnográfica de campeonatos brasileiros de skate, é fato constatado em campo, afirmado por Rodrigo (17):

A galera vem de fora pra correr campeonato aqui e não tem onde ficar, “vamo ficar lá em casa”, que já ajuda. Já é um lado que proporciona, como eles já vieram de lá pra cá, a gente pode ir daqui pra lá, aí eles podem fazer a mesma coisa com a gente, já é uma ajuda. Que a gente usa o dinheiro que ia pagar uma pousada ou algum hotel, a gente já faz outra coisa: quebra uma peça, a

*galera vai e ajuda o outro. É legal! É família!
Skateboard, né. (Rodrigo, 17)*

Além disso, as comemorações extrapolam o universo do campeonato e até mesmo o próprio espaço skatista. Há sempre motivos para comemorar algum acontecimento são os luaus, encontros no Junk Box, festas de aniversário, de despedidas, final de semana na casa de amigos. São mais algumas oportunidades de firmar laços, reunir skatistas, mas também outras pessoas sejam familiares, amigos de outros “picos”, de outros grupos.

Os lugares também não são os mesmos, por isso, o encontro com outros grupos e pessoas é inevitável, proposital, principalmente quando se trata de encontros nos quais o interesse gira em torno do gosto musical, das bandas preferidas, o som que agrada. E destes encontros podemos destacar o festival de banda cover que acontece ao menos uma vez ao ano em Aracaju, o *Coverama*, evento que atrai um grande público jovem adepto de *rock e reggae* principalmente. Já a Rua da Cultura, com seu atrativo também voltado ao estilo musical, encanta muitos skatistas.

Pontuamos neste item mais dois elementos da socialização skatista, os campeonatos e comemorações, os quais os fazem se aproximar ainda mais e solidificar relações que só tendem a ampliar os laços. Mais um fator que contribui com essa tendência, sempre presente, às vezes como disseminador desse estilo skatista; muitas vezes como meio de incentivo aos sonhos dos novos profissionais e, ultimamente, como um grande reforço para a constituição e confraternização da Família Skate e em particular a *Aracaju Family*.

5.2 TECNOLOGIAS DE INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO (TIC'S) E MÍDIAS: IMPLICAÇÕES NO CONVÍVIO

As tecnologias e mídias parecem ser imprescindíveis no cotidiano jovem atual, aspectos pautados nos objetivos específicos dessa pesquisa. Hoje são criadas diversas formas de utilização de mídias e tecnologias de informação e comunicação, inclusive nas relações sociais eletronicamente mediadas. Esta é uma realidade premente a partir das formas de comunicação possibilitadas pelos meios, um modelo social que, de acordo com Martín-Barbero (2008), é responsável por parte da *des-ordem* (nova ordem) social junto à emergência das novas sensibilidades e denominado de frágeis “totalidades virtuais” por Bauman e Vecchi (2005).

Constatamos que a modalidade de lazer skate, observada no equipamento Skatepark, proporciona uma forma de convívio social capaz de constituir aproximações entre os seus frequentadores para além de compartilhamento casual. O grupo, ao qual chamamos de Família estabelece, no convívio e no compartilhamento social concreto, aspectos que com o tempo se naturalizam no cotidiano. Assim, a presença das TICs/mídias no cotidiano tornou-se alvo dessa etapa final da pesquisa.

Na aproximação entre lazer, Família e tecnologias/mídias, pode-se fazer os seguintes apontamentos para possível exercício de análise: sendo uma relação dialética, a presença das tecnologias e mídias no cotidiano a partir da prática do skate pode ser contestada e/ou enaltecida, já que o lazer também pode gerar novos valores sociais a partir dos elementos que se juntam a ele; as TICs/mídias, por fim, podem ser analisadas também quanto ao que elas proporcionam à nova demanda de socialização dos grupos, a “família”, se conformadora de uma forma

“virtual” de ser grupo ou reforço do convívio “real”. Tentaremos dialogar e trazer algumas possibilidades de compreensão no desenvolvimento deste item.

Difícilmente, no ambiente observado, os construtos virtuais de comunicação seriam substitutos das interações face a face de convívio; se o fossem eles constituiriam parte das efêmeras e frágeis “totalidades”. Ocorre que ainda que sejam responsáveis pela *des-ordem*, ou melhor, uma reordenação das formas de convívio, essas comunicações muitas vezes combinam as duas realidades (virtual e atual/concreta) como apresentaremos no campo de pesquisa.

A aparição de variados aparelhos tecnológicos no meio skatista exige que estes sejam apresentados como integrantes do contexto. A comunicação, a interação e a informação surgem como aspectos que oportunamente também estão ligados às TICs e mídias e incidem na temática da socialização dos skatistas, como reforço à agregação social, à amizade, à integração que se criam a partir dos meios ou podem ser reforçados através dos mesmos.

Neste caso, deve-se ponderar que as formas sólido-concretas podem e são reforçadas pelas formas virtuais (líquido-modernas), sem precisar cisão ou substituição, pois existem pontos de apoio e nestes se concretizam muitas histórias, lutas e sentimentos na comunicação skatista. Hoje não há como separar o concreto e o virtual: há uma complementaridade. As TICs e mídias aparecem de formas diferenciadas no contexto observado e exigem abordagem distinta quanto as suas especificidades e utilidades. Assim, apresentamos dois espaços de reflexão, um com as mídias em geral e outro, especificamente, com a rede social Facebook, em função do

acompanhamento constante do perfil dos skatistas do círculo de conhecidos em Aracaju.

Cotidiano e tecnologias são inseparáveis, não são espaços independentes, são elementos essenciais ao conhecimento plural da Família Skate de Aracaju. Além disso, as tecnologias constituem formas de comunicação e, de acordo com Rocha e Silva (2008), os jovens não hesitam em apropriar-se da cultura midiática, dentre outras, que em seus fragmentos torna-se múltipla e também plurivocalizada. Isso mostra as diferentes múltiplas vozes da mídia no contexto skatista.

Começemos com os meios que permitem uma interação comunicacional dispersa: os meios impressos revistas, pequenos jornais (pioneiros na cultura skatista e que hoje abrange o meio eletrônico), portfólio, coleções; a televisão, representante dos meios comumente denominados “meios de massa”; por fim, os meios eletrônicos da realidade virtual, computador e outros aparelhos presentes diariamente no cotidiano.

Esta ordem deve-se ao acompanhamento paralelo dos meios ao movimento skatista em geral e à ordem de evolução com que também foram sendo introduzidos no contexto e que aos poucos foram permitindo maior aproximação e uma interlocução direta. Rodrigues (1993) aponta que as tecnologias postas hoje à disposição das pessoas favorecem ao alargamento da esfera de ação humana e ampliando o alcance dos discursos, processos que facilitam os contatos, a difusão e a troca das mensagens. Além disso, esses mesmos meios, diz o autor, aguçam e tornam mais rápida a percepção sensorial do mundo, alargando também a comunicação dos projetos e objetivos, sentimentos, emoções, ideias e ideais.

Muitas revistas fizeram e fazem parte do próprio estilo skatista como percebemos no resumo histórico de Brandão (2012), o exemplo de revistas especializadas como a *Geração Pop*, ou não, como é o caso da *Veja*, acompanham o movimento desde os seus primeiros passos no Brasil, na década de 1979. A publicação das revistas foi o principal meio responsável pela disseminação do skate e seu estilo em muitos lugares logo no início do movimento.

As revistas nacionais mais fiéis ao público skatista, há algumas décadas, acompanham seu tempo, por isso, as citadas *100%Skate* e a *Tribo Skate* (ambas com versão *on line*) não são referidas sem fundamento pelos skatistas entrevistados, estas são de alcance nacional, característica responsável por apresentar em larga escala os novos skatistas, os ídolos, “picos” em muitas regiões do planeta. As revistas de alcance regional também possuem tais características, mas com um público mais reduzido.

As revistas citadas em entrevistas, algumas que já não existem, aparecem como meios de informação e de atualização, mas como meio de apreciar os irmãos que estão ganhando visibilidade no amadorismo ou profissionalismo. Deste modo, a *Method*, a *Over All*, a *Yes*, a *Oxe* e o jornal *Folha da Praia* (apresentado como meio impresso, esse foi um jornal distribuído na praia de Atalaia na década de 1990). Para além desse alargamento de possibilidades os meios impressos permitem o contato entre skatistas admiradores e curiosos na pista, que se reúnem para folhear suas páginas e dialogar sobre novas manobras, irmãos que estão andando em outros Estados, o agendamento de campeonatos, dentre outros interesses.

A reunião permite a aproximação e o diálogo em grupo, na maioria das vezes, proporcionado pelo difícil acesso, tanto pelo pequeno número de exemplares e reduzida visibilidade, quanto pelo alto custo das revistas de alcance nacional. Assim, o detentor de uma revista normalmente compartilha com os demais na pista e agrega grande número de pessoas discutindo sobre os mais diversos assuntos pautados no veículo impresso.

Um bom exemplo da presença de revistas foi visto no Museu do Skate, um dos atrativos presentes nos dias do evento *Nordeste Skate Legend*, já citado, uma coleção de revistas das décadas de 1980, 1990 e 2000, as quais possuíam imagens de skatistas sergipanos e outros nordestinos que fizeram parte da história do skate aracajuano. Neste caso, as revistas aparecem como resgate de uma memória, a velha guarda do skate provoca uma curiosidade da nova geração para conhecer ou ver o início do profissionalismo dos seus ídolos locais. Vejamos na fotografia:



Figura 2: Fotografia Museu do Skate, fevereiro/2012. Por Paula Aragão (arquivo pessoa)

A coleção particular também provoca essa curiosidade, proporciona uma aproximação entre profissionais, amadores e iniciantes. Composto por recortes de revistas e jornais, encontramos no campo de observação o Portfólio do Fábio Galinha contendo entrevistas, vídeos, reportagens, fotografias com manobras ousadas, um verdadeiro álbum recordação da sua época de amador e profissional. Coleção de revistas também traz à memória outros tempos do skate como vimos os muitos números da Tribo Skate do skatista Califórnia (18).

Repassando para a aparição da TV nas entrevistas, representante único dos meios de massa, vemos em seu conteúdo uma possibilidade de disseminação da modalidade, mas de igual modo à ampliação do diálogo junto aos amigos. Contudo, cabe ressaltar a preferência dada aos canais e programas assistidos, não são os canais abertos de maior audiência do público brasileiro (Globo, Record e outros) e os programas também não são os mais cogitados por jovens. Assim, enumeramos os canais: MTV, ESPN, SporTV, Cultura e Canal 42 em São Paulo; e os programas: Grito da Rua, X-Games, Skate *Paradise* e Manos e Minas.

Por isso, entendemos que o skate é uma modalidade que está fora da cultura esportiva, possui uma visibilidade ainda incipiente, fato que direciona os skatistas a buscarem alternativas para vê-lo. Essa atitude, diante dos canais e programas mais comuns dos brasileiros, também pode ser uma ação de combate ao aprisionamento da opinião, armas de todos os meios de massa, mas aos canais que abarcam maior audiência.

A mídia, a visual [TV - PA], ela não divulga o skate ela não divulga o estilo que rola. Quando rola é algum campeonato ou outro patrocinado por quem tem muito dinheiro e convidados

geralmente de outros países, o que acontece mesmo no dia-a-dia de skatista, geralmente não é jogado na mídia. Têm as impressas, algumas revistas que de vez em quando colocam umas coisas legais, mas é um preço que nem sempre a gente tem grana no bolso pra comprar, o que salva é a internet! (Carioca, 36)

Essa opinião é compartilhada por muitos skatistas, eles dialogam sobre a importância da presença do skate nos canais abertos, não com a necessidade de estar voltado à competição, mas para que seja conhecido e respeitado. Os assuntos dos meios servem para diálogo e reflexões, mas também são, por sua disseminação, responsável pelo primeiro encanto com a modalidade que em seguida estimula ao segundo passo da disseminação, procurar uma turma ou alguém que possa ensinar a lidar com o skate, com a cultura skatista.

Há uma repercussão mesmo pelo reduzido acesso através dos meios de massa. Por isso, outros canais de comunicação e informação que foram surgindo ao longo do tempo, acompanharam a ampliação do universo skatista também. Assim, os encontros cotidianos e os campeonatos aproximam skatistas de localidades distintas, contudo os vínculos estabelecidos e reestabelecidos nestes eventos não acabam, mas se reafirmam a partir dos meios de comunicação disponíveis, confirma Machado (2012). O autor afirma que essa socialização é ampliada para o “pedaço virtual”, pois o vínculo não cristaliza no espaço geográfico, ela pode se concretizar em um campeonato, firmando um vínculo pessoal, mas os mecanismos de comunicação permitem que as pessoas busquem seus pares, mesmo que virtualmente.

Assim, alguns sítios eletrônicos acessados através de muitos meios (*smartphones*, telefones celulares e computadores), ainda aqueles

que não permitam uma interlocução, estes são espaços de postagens de vídeos e de fotos cotidianos, sejam de encontros, festas, competições ou mesmo dos dias normais e proporcionam a troca não imediata de comentários, mas faz uma intermediação de troca de experiências em ambientes diferentes. O *You Tube* e sites especializados nos principais interesses do skatista como o Sodart Skate Vídeos, Viral Skate, Mídia Skate, Vimeo, Divas Skateras e Esse Skatista¹⁰¹, também servem para informar, compartilhar vídeos, reunir grupos na própria pista para ver fotos e assistir vídeos diversos, ouvir e compartilhar música. Pois esta é uma forma de causar “instiga” no skatista, a exemplo do compartilhamento das músicas do grupo do Charlie Brown Jr, por ser skatista e fazer letras de música relacionadas ao movimento em geral, foi citado em entrevista.

Música (normalmente ouvida no celular ou outro aparelho onde se possa ouvir através do fone) tem cantores que falam muito sobre skate, que incentiva. Geralmente quem tá de fora vê, gosta da pessoa que tá andando, que tá mandando a manobra, acha que é muito corajoso, porém acha que é coisa de malandro (referindo-se à letra das músicas). (Dany Crazy, 18)

Com os aparelhos e as mídias digitais os skatistas acessam o mundo virtual do skate e todos esses modos de se conectar, de estar a par dos acontecimentos fazem a história do skate, permitido relembrar momentos, passagens de uma época, dialogar sobre a própria forma de ser skatista, seus gostos e preferências. Os meios aproximam da modalidade e proporciona o agrupamento, na pista e em outros lugares

¹⁰¹

Respectivamente: sodartskatevideos.blogspot.com;
viralskate.wordpress.com; www.midiaskate.com.br/; vimeo.com/;
divaskateras.com/; www.facebook.com/EsseSkatista.

para dialogar, refletir e conhecer uns aos outros e os seus objetivos. Devemos esclarecer que as condições de acesso à internet se dão por diferentes opções para todos, desde o acesso na própria casa, em casa de amigos, *lan houses* e até mesmo na própria OA, cujo serviço é oferecido gratuitamente pelo governo do Estado através de um cadastro próprio no momento do primeiro acesso.

Ampliando a visão sobre estes meios, distante de apresentar uma frágil relação e efêmeras totalidades, apresentamos o uso dos meios apresentados como complementos do encontro face a face. Martín-Barbero (2008) reforça que em nossos países (referindo-se à América Latina), a juventude que usa frequentemente a internet segue igualmente frequentando a rua, curtindo baladas e festas nos fins de semana e preferindo a companhia ao isolamento e conclui que não há potência na tecnologia que não possa seja moldada, mediada, pelas tendências sociais profundas, tanto as que se voltam à emancipação quanto as que se destinam à dominação e à exclusão.

5.2.1 Socialização na rede: o Facebook como meio

Para além do profissionalismo as tecnologias transformaram-se sim em recursos para contatos em geral, para conversar, para marcar um rolê e fazer *Street*, para falar e mostrar quem faz parte da *Aracaju Family*. A aproximação dos skatistas às mídias e às muitas tecnologias de informação e comunicação não é o anseio pelo desvínculo e pela falta de compromisso. As redes, neste caso, reforçam os encontros e o contato face a face conduzindo o movimento a um ciclo, por isso, não se busca a manutenção da distância ao utilizar a rede, mas bem o contrário do que

propuseram Bauman e Vecchi (2005) em seu mundo líquido, o comprometimento com quem se mantém o contato, o vínculo.

As novas modalidades de representação tecnologicamente midiaticizadas pelos dispositivos da informação já não aceleram a circulação nem reduzem as distâncias; provocam hoje a própria anulação destas distâncias. Ao repercutirem a imediata e instantânea, à escala planetária novas formas de representação da realidade e dos acontecimentos, engendram um novo tipo de sociabilidade. (RODRIGUES, 1993, p. 8)

Com as distâncias praticamente anuladas e a possibilidade de novas formas de sociabilização, aos agrupamentos sociais estáveis aparece a oportunidade de reforçar sua socialização estreitando seus laços. As fronteiras já foram ultrapassadas e o comprometimento com o seu amigo, com o seu irmão estimula o não isolamento, o contrário do que se pensa sobre a interlocução mediada.

A rede social Facebook é praticamente unânime na predileção de 25 dos skatista¹⁰²s entrevistados como meio de exibição dos acontecimentos cotidianos através de vídeos e fotos, compartilhamento de novos ídolos do skate e da música, discussões polêmicas sobre política, acontecimentos locais e nacionais normalmente, mas com o propósito principal de gerar a interlocução com os seus pares. Acompanhada por cinco meses através dos perfis dos skatistas que frequentavam o Skatepark e que concederam entrevista, a rede social rendeu alguns dados que contemplam a socialização do grupo. Antecipamos que a identificação das fotografias refere-se somente ao

¹⁰² A exceção fica para aqueles que ainda não haviam criado uma conta/perfil na rede social.

mês em que foi encontrada na rede social, pois muitas já eram frutos de longos compartilhamentos, fato que impossibilitava muitas vezes definir sua procedência.

Iniciamos com postagens e comentários referentes a alguns assuntos de nível nacional como:

a) A Copa do Mundo 2014 e Olimpíadas:

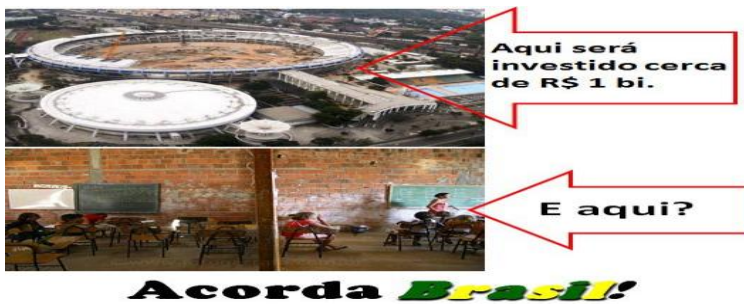


Figura 3 – Imagem do Facebook/abril/2012 – sobre a Copa 2014



Figura 4 – Imagem do Facebook/junho/2012 – sobre as Olimpíadas

As imagens polêmicas e sarcásticas sobre os megaeventos no Brasil têm grande recorrência na rede entre os skatistas, principalmente quando se trata de comparar investimentos e os exorbitantes gastos

públicos nos anunciados “elefantes brancos”. A clareza quanto às verdadeiras necessidades da população brasileira instigam os comentários,

Comentário 1- PENA MESMO QUE A COPA DO MUNDO SEJA A NOSSA PRIORIDADE- enquanto a pobreza assola nossa população.

Além de reconhecer a falta de esclarecimento da maior parte da população frente à continuidade infinda da política do “pão e circo”:

Comentário 2 - Até quando o Brasileiro irá se contentar com pão e circo sem se preocupar com que será de nós daqui a alguns anos?

As tentativas de mobilização social encontram espaço frente aos fatos que causam indignação, mas não se pode prever sua eficácia.

Comentário 3 - Não preciso dizer nada a mais! Dia 07/07 - Dia do Basta a Corrupção no Brasil. Chega disso! Mobilize-se, divulgue e compareça. Faça a diferença por você, pelos outros, pelo futuro! Imponha-se! A juventude ainda vive e tem voz!

A importância de pautarmos esse e os próximos assuntos é percebermos a abrangência que as mensagens em rede ganham, não somente em quantidade, mas na importância do assunto que envolve coletividades. As fronteiras ultrapassadas pelas tecnologias que possuem essa característica de rede tendem a ser atingidas pela mundialização da cultura que reconfigura a cidadania e conduz aos desafios enfrentados pelas aprendizagens à convivência com estas que são novos *campos de experiências*, afirma Martín-Barbero (2010). Nestes campos de experiências vemos surgir novos questionamentos a partir do diálogo, em rede ou face a face, posto que os assuntos em pauta no Facebook geram, quase sempre, comentários do encontro no Skatepark.

b) A política

As opiniões convergentes acerca do sistema político apontados no convite à mobilização social de todos que estão ligados à rede aponta para a possibilidade de expressão individual ou coletiva, a permissão desse alcance em vários níveis local, nacional ou mundial tendem à participação cidadã defendida por autores como Rodrigues (1993), Martín-Barbero (2010) e junto ao último, aqueles que compõem a perspectiva dos Estudos Culturais em pesquisa.

Sendo a política um campo bastante polêmico, sobretudo, como palco de muitas contradições e de uso abusivo de estratégias de convencimento muitas vezes através dos próprios meios de comunicação de grande abrangência, utilizados para difundir uma ideologia que é camuflada a partir da linguagem midiática, percebemos no protesto que segue uma redefinição de percurso. Se muitos meios estão a favor do poder político, alguns deles são reconhecidos como estratégia de reivindicação, como é o caso do comentário a seguir:

Comentário 1 - ELEIÇÕES TA CHEGANDO...VOTE '00 NULO' SEMPRE... SE AGENTE REIVINDICAR NA RUA A GENTE É PRESO ENTAO VMS FAZER ISSO AQUI NA NET...EU VOTO NULO COM MUITO ORGULHO no dia das eleições, digite "00", a urna lhe avisará "Número Errado", tecle confirme. Parabéns, você acaba de dar a maior prova de amor que um verdadeiro patriota pode dar ao Brasil.

Chega de corrupção ! Chega de impunidade! Voto Nulo Sempre!!! Ate as eleições vcs irão ouvir muito, o ladroes falando em melhorias na saude, educação, segurança e tals.... ate quando o povo vai parar de acreditar em mentiras hein?? VALORIZEM-SE...VOTEM NULO....ISSO NUNCA VAI MUDAR SE VC CONTINUAR VOTANDO NESSES LADROES!

c) A violência contra skatista

Skate não crime



Figura 5 – Imagem do Facebook/junho/2012¹⁰³ - sobre violência contra skatistas

Ainda de abrangência nacional o assunto *Skate não é crime* traz a discussão que cresce em torno da violência para com skatistas em todo o país. A indignação quanto ao preconceito, à repressão sofrida tende a aumentar sempre que surgem tais episódios, com compartilhamentos e comentários de skatistas de todas as regiões. Vemos, neste caso, a relevância de compreender a comunicação como espaço fundamental do reconhecimento dos outros, esclarece Martín-Barbero, “pois todo sujeito ou ator social se constrói na relação que possibilita reciprocidade: não há afirmação duradoura do que é próprio sem reconhecimento simultâneo do diferente” (MARTÍN-BARBERO, 2010, p. 70).

Essa compreensão da utilização dos meios para reconhecimento confirma a descentralização das formas de transmissão e circulação das

¹⁰³ Um dos vídeos postados: <http://globoTV.globo.com/rede-globo/bom-dia-sao-paulo/v/policiais-militares-sao-acusados-de-agredir-skatistas-em-taubate-sp/1978162/>

notícias, da informação e do saber proposto pelo autor e ainda segundo ele, os meios “constituem um âmbito decisivo de socialização, de dispositivos de identificação/projeção de pautas de comportamento, estilos de vida e padrões de gosto” (MARTÍN-BARBERO, 2010, p. 67).

Assim sendo, o Facebook constitui uma extensão do modo de ser skatista onde ele pode ver e ser visto, mas, sobretudo, afirma um construto social que tende ao estreitamento dos laços sociais, por isso, falamos de família a seguir.

5.2.2 Família, skate, escola: complemento entre a ancoragem territorial e a rede social

Martín-Barbero (2008) enxerga a *des-ordem* social e conclui em suas reflexões que hoje o sujeito emerge de um ambiente fortemente emocional, porém, a casa, em parte, e, sobretudo a escola ainda se prendem a uma racionalidade que, em nome do princípio da realidade, expulsa esse sujeito não tanto pelo seu princípio do prazer, mas por sua “sensibilidade e é esse mundo em que vive o sujeito jovem” (p. 22). Os laços que se formam nestes ambientes atravessam fronteiras dos espaços urbanos e das tecnologias como vimos até agora e formam novas formas de convívio social.

Os nossos jovens skatistas se “reterritorializam” no ambiente urbano e estendem para o contexto tecnológico, já que ao lar e à escola nem sempre é possível se ajustar. Assim, mostra a rede social Facebook o processo de socialização que permite outro ambiente seja criado, onde essa sensibilidade não seja tolhida e permita a construção de um novo lar, criado a partir do ideal engendrado no imaginário individual ou coletivo. Aparece na rede o território de uma família também idealizada

e vivida no cotidiano do Skatepark, o qual proporcionou que essa potência subterrânea ganhasse consistência.



Figura 6 - Facebook/fevereiro/2012/Família



Figura 7 – Fotografia do Facebook/junho/2012/gerações



Figura 8 – Fotografia do Facebook/março/2012/Skatepark



Figura 9 – Fotografia do Facebook/maio/2012/gerações

A Família Aracaju de Skate ou *Aracaju Family* emerge como autodefinição, construto do próprio campo. A forma com que se enxergam desemboca numa identidade familiar, uma socialização que se estende por espaços concretos e virtuais. Em alguns aspectos eles cumprem esse papel, mas a partir de uma nova perspectiva de familiaridade. Por um lado eles aceitam que são diferentes, reconhecem que tem características próprias, mas suas relações internas são mais semelhantes à família, ou melhor, a um ideal de família.

Por possuírem uma essência cultural, que vai além da função instrumental da difusão de mensagens como aponta Rodrigues (1993), os meios utilizados pelos jovens podem ir além da simplória interlocução imediata e direta, pode transformar-se em uma forma de comunicação potencializada pela essência cultural que significará o compartilhamento da experiência criativa, o reconhecimento das diferenças, até mesmo dentro do próprio grupo e a abertura para o outro, seja ele da sua comunidade virtual/real ou não.

A posição dos nossos sujeitos de pesquisa quanto ao significado do skate sua condição de lazer deixa sobressair as formas de auto-organização nos espaços públicos, o desenvolvimento de atividades solidárias, ações capazes de restituir ou acrescentar em suas características a sensibilidade para entender o lazer como uma possibilidade educativa transformadora, sendo os seus agentes os próprios frequentadores do espaço. O skate e toda forma de lazer

[...] é, pois, produto humano construído por meio de processos que se constituem a partir de valores, saberes, motivações e desejos de cada sujeito, influenciados pelos sentidos e significados que os mesmos atribuem às suas experiências. Processos localizados, uma vez que cada construção cultural

depende do contexto social onde se realiza, do cotidiano onde os sujeitos criam as técnicas corporais próprias de sua cultura e seus modos específicos de lidar com os limites de tempo, lugar, infraestrutura, condições econômicas e outras dimensões que condicionam suas realizações no lazer. (GOMES, 2009, p. 98)

Encontramos na voz dos sujeitos, para além de um ideal de família, um ideal de condição educativa, de acréscimos de valores humanos e de saberes que a instituição escola deixa para trás, inclusive no momento em que não aceita as próprias diferenças entre os jovens em favor de um preconceito arraigado contra os “desajustados”, não falando somente de skatistas, mas também dos jovens de periferia, dos jovens negros que ainda sofrem literalmente “na pele”, “pela pele”, mulheres que não se enquadram nos padrões femininos impostos pela sociedade. Enfim, um sem número de boas causas para a instituição “mudar o olhar” e não ficar medindo forças num jogo de poder sem finalidade.

Machado Pais (2006) compreende que, mesmo sendo tantas vezes designadas como “cultura de margem”, o que as culturas juvenis reclamam é inclusão e reconhecimento. Daí suas performatividades cotidianas surgidas da sua criatividade e do aparecimento das novas *sensibilidades*, que não por acaso são ritualizadas nos domínios da vida cotidiana mais libertos dos constrangimentos institucionais da escola e da família como o âmbito do lazer e do lúdico, os *espaços lisos*, sejam eles no território geográfico ou virtual, propícios aos novos contornos desses grupos e às suas exigências.

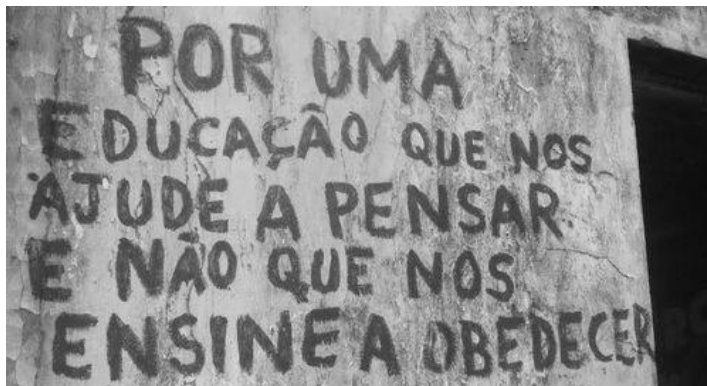


Figura 10 – Imagem do Facebook/junho/2012/ sobre educação

O skate é traduzido numa modalidade de lazer em torno da qual se criou uma família e uma escola, esta última no sentido de apreciar no seu cotidiano a valorização de um sistema de aprendizagem coletiva, cujos saberes são desenvolvidos e disseminados em seus territórios através do processo de socialização.

A valorização do estilo de ser skatista está para o próprio skatista como apreço pelo que foi herdado, não somente por sua camada de tradicional e pelo seu encanto romântico-místico, mas deve-se também, assegura Simmel (2006), ao fato de que aquilo que foi amplamente disseminado é também o que plantou raízes mais firmes em cada indivíduo.

Já como uma tradição que não repele as novas condições de vida que vão aparecendo, o skate é um movimento de apreço pelo novo e excepcional, aspecto que reside na “sensibilidade para a diferença” que há na constituição do espírito humano, explica Simmel (2006). O novo é tudo que a consciência absorve, que desperta o interesse, que deve estimular o dinamismo, este é o movimento da *Aracaju Family*, como em todas as Culturas Juvenis que se nutrem de alguma maneira no

desprender-se do óbvio, do cotidiano que habita o mundo interno e externo do próprio ser humano.

CONSIDERAÇÕES FINAIS: PRIMEIROS TOMBOS SOBRE RODAS

Nesse texto de fechamento queremos mostrar que toda pesquisa, em sua conclusão, torna-se possibilidade de mais um diálogo, mais uma porta que se abre no escuro que ainda obstrui a luz e o fluxo de passagem. Pretendemos dar aporte à novas conversações acerca da temática discutida até o presente momento, fornecer os elementos primordiais que constituíram a perspectiva apresentada, pois sabemos que cada olhar, seja dos pesquisadores ou até mesmo dos sujeitos da pesquisa, desvela novos detalhamentos quanto às mesmas questões e suscitam outros questionamentos e compreensões. Em vistas ao lazer da população aracajuana e sergipana em geral, a Orla de Atalaia abriga o Skatepark, campo de observação dessa pesquisa, cujo histórico remete ao resultado de uma reunião de forças de um grupo, mas também a contradições que ainda hoje resvalam suas problemáticas no funcionamento do equipamento.

Como resposta à primeira questão investigativa, vimos que em seus aspectos históricos, a construção do Skatepark deveu-se à proposta do poder público administrativo, mas nos quesitos criação e apropriação do mesmo detectamos a presença dos skatistas, assim como a organização e o envolvimento de grupos skatistas reunidos em duas associações e uma federação para que pudessem representar todo o movimento do skate aracajuano na época e também fizessem sua vez de organizadores do funcionamento do equipamento. Apesar de construído devido ao empenho e à persistência de muitos skatistas, desse processo de tentativa de reunião do grupo em órgãos representantes do todo resultou (a partir de questões internas desconhecidas pelos

pesquisadores) uma complexa relação entre os três órgãos, gerando um afastamento entre eles e até mesmo do próprio equipamento, logo após sua inauguração. A falta de atuação destes órgãos que pouco se fazem presente, mesmo passados oito anos, deixa os skatistas sem uma representação jurídica perante os órgãos governamentais que administram o equipamento, fato que pode estar impossibilitando um funcionamento mais adequado do equipamento, o que denominamos de crise institucional.

Apesar disso, temos ainda dois fatores positivos: o primeiro por ser uma construção resultante de uma força conjunta, de uma representação fragilizada, mas eficaz; e segundo, a gratuidade do funcionamento do equipamento. Destacamos este último como algo positivo em virtude do processo de concessão de equipamentos a associações e federações, ação estatal que obstrui o usufruto gratuito de muitos equipamentos de lazer em toda Orla, mas que ainda não ameaça o Skatepark. Dizemos “ainda” por compreendermos serem questões imprevisíveis.

Construído o equipamento, passamos ao processo que chamamos de apropriação, o resultado da ação humana sobre todo o espaço urbano. Os equipamentos de lazer em geral trazem as marcas do cotidiano dos seus frequentadores e no Skatepark não poderia ser diferente. A questão é que a partir das diferentes formas de apropriação, desde as ações criativas como os desenhos de grafite, às ações destrutivas como cortar a tela de proteção do alambrado que cerca o CER, fazem parte disso que chamamos de agência humana, cujo resultado é a atribuição de significados ao lugar, a partir dos signos nele impregnados, e, por isso, consideramos que o próprio espaço vivido tem

uma voz que só pode ser ouvida em silêncio. O Skatepark Cara de Sapo é, pois, o resultado da reunião de forças e da persistência dos skatistas envolvidos, é senhor de uma estrutura de onde ecoam as muitas vozes que lhe deram cor, significado e vida durante esses oito anos de existência: as vozes dos skatistas.

Dentre todos os frequentadores da pista, os skatistas são os mais assíduos e possuem maior concentração, eles permanecem num contínuo diário explorando os obstáculos de maneiras diversas, seja para fazer manobras ou para transformá-los em aconchego de reunião com os pares. A assiduidade e a concentração deixam aos skatistas o sentimento de ambiente familiar, de ambiente seguro, protegido de tudo que pode ameaçar a sua série de manobras ou seu convívio com o grupo, como ocorre quando fazem *Street*.

Por isso, entendemos que chegamos à segunda questão de investigação ao considerar na pesquisa realizada que os skatistas compreendem a modalidade de lazer skate como um estilo de vida revelado no hábito social constituído por eles, o qual carrega em seu bojo qualidades, contradições e potencialidades. O skate, pelos skatistas, apresenta suas faces como condição social capaz não somente de transformar os espaços, mas como uma prática que expõe: uma liberdade muitas vezes limitada pelo fator tempo e pelo uso indevido de equipamentos públicos não específicos; experiências únicas que, à primeira vista, são realizadas à busca da diversão, mas que vêm com os complementos da superação e da persistência como consequências de um universo onde tombos são impulsos a novos aprendizados.

Por isso, o lugar onde a experiência é vivida intensamente e sem ressalvas ou reservas é comparado pelos skatistas com a casa, ambiente

familiar onde a educação está implícita nos exemplos daqueles que estão na posição de referência para os menos experientes. É uma modalidade onde o exemplo faz parte de uma lógica interna que rege todo o grupo e tudo isso acontece no ambiente onde se encontram, no Skatepark. Além disso, a esse espaço faz-se alusão ao quintal da casa, lugar de contemplação, de imaginação, de criatividade, onde as pessoas não somente se sentem seguras, mas não têm medo de errar, pois se encontra entre os pares que o auxiliam a enfrentar os obstáculos.

O Skatepark é concretamente o lugar do treino diário, do jogo duro da persistência mesmo depois de vinte erros na manobra, mas de igual modo é o *point* do encontro cotidiano, do convívio diário com seus amigos/irmãos, dos constantes diálogos, do cuidado de uns para com os outros, das aprendizagens, exemplos e experiências. É uma verdadeira oficina de experiências. É o espaço onde lazer e profissionalismo se confundem, se fundem no cotidiano e também nos aparatos tecnológicos e midiáticos que circundam a vida do skatista, em vistas aos apelos das tecnologias à juventude que não renega o tempo em que vive.

Todas estas características do grupo de skatistas entrevistado aglutinam-se com outras que nos ajudam a responder como a própria modalidade de lazer skate, enquanto manifestação sociocultural, ajuda na construção e constituição de identidades dos skatistas. Então, para além das características trazidas da aglutinação com outros grupos culturais que compunham a contracultura das últimas décadas do século XX, a modalidade skate em Aracaju apresenta fatores que consideramos específicos do grupo skatista estudado. É de suma importância apresentar os fatores que para os nossos sujeitos qualificam a forma de ser agrupamento social nesta cidade, tanto é, que o termo Família Skate

determinou grande parte dessa conjuntura que é a identidade, pois está composta por várias identidades locais/individuais e globais/coletivas.

Por isso, a formação heterogênea, a identidade nordestina e a contraproposta à representação que a sociedade direciona aos skatistas em geral, ainda muito presente na sociedade sergipana, são aspectos específicos que deram forma à *Aracaju Family*, e que trouxeram à pesquisa uma proposta de olhar quanto ao termo família no ambiente estudado. Como é no Skatepark que todas essas características se apresentam, ressaltamos que o próprio espaço de lazer constitui parte da identidade cultural desse grupo e de igual modo fator de socialização.

O processo de constituição da identidade desenvolve-se paralelamente ao processo de socialização do grupo, por isso, apresentamos aspectos que se complementam em sua descrição. Assim, compreendemos que este último processo é diretamente instituído pela experiência proporcionada pela modalidade de lazer, o skate. Isso leva à resposta da quarta questão investigativa, ao percebermos que a modalidade skate se institui como agente promotor de experiências de socialização por meio do aprofundamento e estreitamento dos laços de amizade, o qual é sempre proporcionado pelos encontros e conversas do cotidiano, pela solidariedade do grupo, as trocas de experiências, os campeonatos e comemorações que abrangem todo o universo skatista.

São aspectos que provocam a ampliação das fronteiras do Skatepark para outros “picos” e pistas, conduzem para além das fronteiras culturais do Estado, da região, do país e, por isso, muitos skatistas são desafiados a transpor de modo concreto tais fronteiras, aprendem a lidar com seus estigmas e com o preconceito dentro e fora

desse ambiente familiar e transformam a experiência na aprendizagem que é transmitida na rotina cotidiana.

Todos os aspectos detectados como componentes do processo da socialização skatista contribuem para manter viva a memória de um estilo, ainda que a própria cultura skatista esteja sendo modificada a cada dia, pois lidamos com o lazer como uma criação sociocultural onde o processo dialético da vida promove mudanças, acresce valores, transforma seu significado que não resiste ao mundo contemporâneo e, por isso, se renova.

Por fim, respondemos ao último quesito investigativo: o papel exercido pela mídia e TICs no processo de socialização da *Aracaju Family*. Em se tratando de não resistir às características do tempo atual, a presença das tecnologias e mídias encontradas no contexto também compõem o rol de elementos imbricados nesse processo. Apesar de muitas críticas quanto ao uso descontrolado e muitas vezes indevido destes aparatos pelos jovens, quisemos mostrar o envolvimento dos skatistas com as tecnologias e mídias tentando aproximar o olhar da potencialidade que tal envolvimento carrega. Mídias e TICs aparecem como fatores importantes à socialização dos sujeitos a partir da disseminação da modalidade com todos os aspectos que compõem os seus códigos internos; das formas de utilização dos meios e das tecnologias que transpõem o profissional e enaltecem a convívio social; e através de novos valores adicionados, devido à quebra das fronteiras culturais, passando a exprimir o reforço virtual de uma interação face a face.

Destacamos a rede social Facebook como uma mídia que proporciona as duas formas de interação: uma forma dispersa e uma

interlocução, que possui caráter imediato. Através da rede percebemos que é possível complementar e dar continuidade aos encontros face a face, elas apresentam a possibilidade de ampliar as discussões e entrar em contato com outras culturas. Mas, principalmente, através da rede os skatistas estão encontrando uma forma de serem reconhecidos como parte de um composto social complexo formado por diferenças que precisam ser compreendidas e reconhecidas.

Vimos aqui formas de lidar com as mídias de modo que não sejam somente aportes para frágeis totalidades. Os papéis da interlocução, da interação e da informação oportunizados pelas TICs/mídias incidem no estreitamento dos skatistas, como reforço à agregação social, à amizade, à integração. Neste mesmo elemento percebemos a importância da abrangência que as mensagens ganham por serem transmitidas em rede, uma abrangência que envolve coletividades e que ultrapassadas as fronteiras tendem reconfigurar a cidadania e conduzir aos desafios enfrentados pelas aprendizagens, levados à convivência nos novos *campos de experiências*, proporcionados pela quebra de fronteiras. Deste modo, apresentamos o lazer do grupo de skatistas do Skatepark como configura como oportunidade à construção de sua identidade cultural e a sua socialização.

Ressaltamos neste diálogo final a importância do processo desenvolvido para chegarmos às análises apresentadas. A fase empírica desta pesquisa trouxe os elementos possíveis e passíveis de apreensão, interpretação e compreensão. Os aspectos metodológicos seguidos detalhadamente durante todo o período de acompanhamento do DC proporcionou a aproximação e a integração ao grupo. O fato de

acompanhar de perto um grupo social e seu cotidiano, participar ativamente e diariamente dos acontecimentos, com o propósito de captar as perspectivas que se mostram a partir do contato direto e desarmado, faz emergir as características, desejos e representações de grupos sociais específicos como os skatistas.

Apontamos neste momento que, para além de respondermos os quesitos investigativos, a própria pesquisa suscita questionamentos que fogem ao alcance do trabalho. Diante de toda essa formação que caracteriza o grupo social skatista nos defrontamos com uma possível uma atitude que contraria esse universo e que aparece como uma espécie de passividade frente aos percalços sofridos pela própria condição do Skatepark. Queremos dizer que apesar de todas estas características do grupo, do mérito pela luta e alcance da construção dessa pista, voltamos ao aspecto que dissemos ser contraditório no equipamento de lazer: a sua organização e manutenção.

Os skatistas, considerando aqueles que concederam entrevista e que consagram o equipamento como casa, conseguem enxergar suas falhas, relatam com facilidade a deterioração do equipamento por falta de reforma geral; conseguem perceber que em virtude do fechamento dos banheiros e da ausência de bebedouros todos os frequentadores são obrigados a se deslocar do equipamento no momento de necessidade, isso quando os próprios obstáculos da pista não são transformados em sanitário. Contudo, a sensação deixada é que apesar da total percepção destas condições o discurso não vai para além deste ponto.

Apesar das críticas a estas falhas neste e em outros equipamentos que podem ser encontrados pela cidade de Aracaju, nos perguntamos, por fim, por que estas condições são permitidas pelos

próprios skatistas que são maioria no equipamento. A ausência de contato entre skatistas, organizações (associação, federação) e poder público pode ser uma das causas. Talvez se houvesse esse diálogo os banheiros fossem abertos, a pista talvez fosse constantemente limpa e reformada, alguma associação ou federação poderia estar à frente do diálogo entre a administração pública e os frequentadores do Skatepark.

Por isso, consideramos que há uma falta de mobilização, um estado de passividade frente a toda situação concreta que eles vivem e criticam com plena percepção. Porém, há necessidade de uma autocrítica quanto a sua própria incapacidade de mobilização em busca de soluções, como exercício de cidadania.

Queremos, portanto, questionar por que um dos exemplos que o próprio grupo deu aos seus predecessores da luta pela construção da melhor e maior pista da cidade não tem continuidade com as possíveis melhorias que poderiam vir em decorrência do estabelecimento de um diálogo, de uma interação entre os próprios skatistas/cidadãos e administradores públicos. Questionamos essa (falta) atuação, frente à facilidade de organização, manifestação e reivindicação que as próprias tecnologias e mídias proporcionam e que podem gerar reconfigurações desse processo através da mobilização do grupo. Tal atuação deveria fazer parte dessa história. Esperamos, com isso, contribuir com os skatistas que colaboraram para que essa pesquisa fosse desenvolvida. Esperamos que este questionamento possa servir de estímulo aos nossos sujeitos diante tais condições.

É por isso, que consideramos de suma importância que os agrupamentos sociais, sejam eles tribos urbanas ou novas famílias, precisam ser observados sob uma perspectiva interna, como uma

posição que compreenda as representações sociais criadas sobre eles, mas que busca inverter para o outro polo da pesquisa social: a compreensão surgida devido ao contato constante com os sujeitos observados, a compreensão das suas vozes. Pois, neste caso, sabemos que há um conjunto de representações sociais, criado e direcionado aos skatistas em geral e buscar enxergar a partir do inverso dessa lente foi o objetivo desse estudo, já que esta foi a melhor forma encontrada para compreendermos que nem as representações criadas são absolutamente diferentes, mas também não são exatamente iguais como pensa a sociedade. Por isso, enfatizamos que a forma com que realizamos a pesquisa permitiu a ampliação do foco de visão para compreender **de dentro** como o lazer se constitui em espaço apropriado para a construção de identidades e socializações deste grupo social que se erige em torno e a partir do skate.

REFERÊNCIAS

- AGUIAR, Tiago Cambará. Skate e o seu Design Gráfico. IN: BRANDÃO, Leonardo; HONORATO, Tony. *Skate e Skatistas: questões contemporâneas*. Londrina: UEL, 2012.
- ALBERONI, Francesco. *A Amizade*. Rio de Janeiro: Rocco, 1989.
- ALMEIDA, Maria Isabel Mendes de; EUGÊNIO, Fernanda. *Culturas Jovens: novos mapas do afeto*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006.
- ARAGÃO, Paula; GARCIA, Luciana Carolline Pina. Investigando a ocupação das “tribos” nos espaços de lazer da Orla de Atalaia, em Aracaju/SE. CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DO ESPORTE, 17, CONICE, 4, 2011, *Anais...* Porto Alegre: CBCE, 2011. Disponível em: http://cbce.tempsite.ws/congressos/index.php/XVII_CONBRACE/2011 >. Acesso em: 27 out. 2011.
- ARANTES, Antônio Augusto. A Guerra dos Lugares: mapeando zonas de turbulências. In: ARANTES, Antônio Augusto. *Paisagens Paulistanas: transformações do espaço público*. Campinas: editora da Unicamp, 2000.
- AUGÉ, Marc. *Não-lugares: introdução a uma antropologia da supermodernidade*. Campinas – SP: Papirus, 1994.
- BAUMAN, Zygmunt; VECCHI, Benedetto. Identidade: entrevista a Benedetto Vecchi. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005.
- _____. *Modernidade Líquida*. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.
- BONDÍA, Jorge Larrossa. Notas sobre a experiência e o saber da experiência. *Revista Brasileira de Educação*. Jan/Abr, n. 19, 2002.
- BORELLI, Silvia; FREIRE FILHO, João. *Culturas Juvenis no Século XXI*. São Paulo: EDUC, 2008.
- BOURDIEU, Pierre. *Questões de sociologia*. Rio de Janeiro: Editora Marco Zero Limitada, 1983.
- BRANDÃO, Carlos Antônio Leite. Descrição da obra Lazer na América Latina/Tiempo libre, ocio y recreación en Latinoamérica. IN: GOMES, Christiane et al. *Lazer na América Latina/Tiempo libre, ocio y recreación en Latinoamérica*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2009, s/p.

BRANDÃO, Leonardo; HONORATO, Tony. *Skate e Skatistas: questões contemporâneas*. Londrina: UEL, 2012.

BRANDÃO, Leonardo. “O Surfe do Asfalto”: a década de 1970 e os momentos iniciais da prática do skate no Brasil. IN: BRANDÃO, Leonardo; HONORATO, Tony. *Skate e Skatistas: questões contemporâneas*. Londrina: UEL, 2012, p. 15-40.

BRUNHS, Heloisa Turini. *Lazer e Ciências Sociais: diálogos pertinentes*. São Paulo: Chronos, 2004.

_____. De Grazia e o Lazer como isenção de obrigações. In: BRUNHS, Heloisa Turini. *Lazer e Ciências Sociais: diálogos pertinentes*. São Paulo: Chronos, 2004, p. 15-39.

CASTELAN, Lia Polegato. *As conferências nacionais do esporte na configuração da política esportiva e de lazer no governo Lula (2003-2010)*. Dissertação (mestrado). Programa de Pós-Graduação em Educação Física, Universidade Estadual de Campinas. UNICAMP: 2011.

CERTEAU, Michel de. *A Invenção do Cotidiano: 1 artes de fazer*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994, 351p.

CORNEJO, Miguel; CERDA, Gamal; VILLALOBOS, Alejandro. El Skate uma pratica deportiva de transversalidad sociocultural em lo jóvenes chilenos: los jóvenes de Concepción – Talcahuano Chile. IN: BRANDÃO, Leonardo; HONORATO, Tony. *Skate e Skatistas: questões contemporâneas*. Londrina: UEL, 2012, p. 227-242.

COSTA, Antônio Galdino da. *Moda/Indumentária em Culturas Juvenis: símbolos de comunicação e formação de identidades corporais provisórias em jovens de ensino médio*. Dissertação (mestrado). Programa de Pós-graduação em Educação Física/PPGEF. Universidade Federal de Santa Catarina/UFSC. Florianópolis, 2006.

COSTA, Antônio Galdino; PIRES, Giovani De Lorenzi. Moda/indumentária em culturas juvenis: símbolos de comunicação e formação de identidades corporais provisórias em jovens de ensino médio. *Rev. Conexões*, Campinas, v. 5, n.1, p 51-66, 2007.

DEMO, Pedro. *Solidariedade como Efeito de Poder*. São Paulo: Cortez; Instituto Paulo Freire, 2002.

DOSSE, François. *O Império do Sentido: a humanização das Ciências Humanas*. Bauru, SP: Edusc, 2003.

ELIAS, Norbert; SCOTSON, J.L. *Os Estabelecidos e do Outsiders*: sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000, 19-51; 190-194.

FEITOSA, Cid Olival. *As Transformações recentes da Economia Sergipana: 1970-2005*. Dissertação (mestrado). Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento econômico, Universidade Estadual de Campinas, 2007.

FREIRE FILHO, João. Retratos midiáticos da nova geração e a regulação do prazer juvenil. In: BORELLI, Silvia; FREIRE FILHO, João. *Culturas Juvenis no Século XXI*. São Paulo: EDUC, 2008, p. 33-59.

GARCES, Alejandro Hernández. *Configuraciones espaciales de lo inmigrante*: usos y apropiaciones de la ciudad, em Papeles del CEIC, n. 20, CEIC (Centro de Estudios sobre la Identidad Colectiva), Universidad del País Vasco.

GEERTZ, Clifford. *A Interpretação das Culturas*. Rio de Janeiro: LTC, 1989, 323p.

GOMES, Christianne; PINTO, Leila. O Lazer no Brasil: analisando práticas culturais cotidianas, acadêmicas e políticas. In: GOMES, Christianne et al. *Lazer na América Latina/Tiempo libre, ocio y recreación en Latinoamérica*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2009, 67-122.

GOMES, Christianne. Mapeamento histórico do lazer na América Latina: Em busca de novas abordagens para os estudos sobre o tema. In: ISAYAMA, Hélder F.; SILVA, Silvio R. (Org.). *Estudos do Lazer: um panorama*. Belo Horizonte: CELAR/UFMG, 2011, p.145-164.

GOMES, Ivan. *Conselheiros Modernos*: propostas para a educação do indivíduo saudável. 2008. Tese (doutorado) - Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas do Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 2008.

GRAEFF, Billy. O que é, o que é... skate? IN: BRANDÃO, Leonardo; HONORATO, Tony. *Skate e Skatistas*: questões contemporâneas. Londrina: UEL, 2012, p. 171-201.

HACK, Cássia. Lazer e mídia em culturas juvenis: uma abordagem da vida cotidiana. Dissertação (mestrado). Programa de Pós-Graduação em

Educação Física/PPGEF. Universidade Federal de Santa Catarina/UFSC. Florianópolis, 2005, 192 p.

HACK, Cássia; PIRES, Giovani De Lorenzi. Lazer E Mídia No Cotidiano Das Culturas Juvenis. Belo Horizonte: Revista *Licere*, v. 10, n. 01, abril, 2007. Encontrado em: http://www.lazer.eefd.ufrj.br/licere/pdf/licereV10N01_a3.pdf. Acessado em: junho de 2012.

HALL, Stuart. *A Identidade Cultural na Pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A, 2006, 102p.

HANNERZ, U. *Fluxos, Fronteiras, Híbridos: palavras-chave da antropologia transnacional*. IN: *Mana* 3(1): 7-39, 1997.

HONORATO, Tony. *A Tribo Skatista e a Instituição Escolar: o poder escolar em uma perspectiva sociológica*. Dissertação (mestrado) - Programa de Pós-graduação em Educação, Universidade Metodista de Piracicaba, 2005, 202p.

HONORATO, Tony. Skatistas, escola e poder. IN: BRANDÃO, Leonardo; HONORATO, Tony. *Skate e Skatistas: questões contemporâneas*. Londrina: UEL, 2012, p. 41-62.

LAURO, Flávio Antônio Ascânio. Skate: de vilão a mocinho. In: PEREIRA, Dimitri Wuo et al. *Entre o Urbano e Natureza: a inclusão na aventura*. V Congresso Brasileiro de Atividades de Aventura. Prefeitura Municipal de São Bernardo do Campo – São Paulo: Leixa, 2011, p. 69-88.

MACHADO, Giancarlo. “Todos juntos e misturados”: sociabilidade no pedaço skatista. IN: BRANDÃO, Leonardo; HONORATO, Tony. *Skate e Skatistas: questões contemporâneas*. Londrina: UEL, 2012, p. 63-86.

MAFFESOLI, Michel. *O Tempo das Tribos: o declínio do individualismo nas sociedades pós-modernas*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006, 297p.

_____. Razão Sensível. In: MAFFESOLI, Michel. *Elogio da Razão Sensível*. RJ: Vozes, 1998, p. 52-78.

MAGNANI, José Guilherme. De Perto e de Dentro: notas para uma etnografia urbana. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, vol. 17, nº 49, junho/2002, 13-29p.

MAGNANI, José Guilherme; TORRES, Lilian de Lucca. *Na Metrópole: textos de Antropologia Urbana*. São Paulo: EDUSP/FAPESP, 1996.

MAGNANI, José Guilherme; SOUSA, José Guilherme. *Jovens na Metrópole: etnografias de circuitos de lazer, encontro e sociabilidade*. São Paulo: Editora Terceiro Nome, 2007.

MARCELLINO, Nelson Carvalho. *Lazer e Cultura*. Campinas, SP: Alínea, 2007, 218p.

_____. *Lazer e Educação*. Campinas, SP: Papyrus, 2002, 164p.

MARINHO, Alcyane; BRUNHS, Heloisa Turini. Escalada Urbana: faces de uma identidade cultural contemporânea. *Revista Movimento*, série artigos, p. 37-48, 2001.

MARTÍN- BARBERO, Jesús. A mudança na percepção da juventude: sociabilidades, tecnicidades e subjetividades entre os jovens. In: BORELLI, Silvia; FREIRE FILHO, João. *Culturas Juvenis no Século XXI*. São Paulo: EDUC, 2008, p. 9-31.

_____. Globalização comunicacional e transformação cultural. In: MORAES, Denis de. *Por uma outra comunicação: mídia, mundialização cultural e poder*. Rio de Janeiro: Record, 2010, p. 56-85.

MASCARENHAS, Fernando. “Lazerania” também é conquista: tendências e desafios em época de mercado. *Revista Movimento*, Porto Alegre, v. 10, n. 2, p. 73-90, maio/agosto de 2004.

_____. Lazer e utopia: limites e possibilidades de ação política. *Revista Movimento*, Porto Alegre, v. 11, n. 3, p. 155-182, setembro/dezembro de 2005.

MENDES, Conrado Moreira. Semiótica francesa e Estudos Culturais: possíveis articulações no campo da ideologia. *Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação XXX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Santos – 29 de agosto a 2 de setembro de 2007*.

MENDES, Diego et al. *Projeto Orla: estrutura, equipamentos e usos da orla na Praia de Atalaia em Aracaju/SE*. São Cristóvão: Editora UFS, 2012.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. *O desafio do Conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde*. São Paulo: Hucitec, 2010, 393p.

MONTEIRO, Sandoval Villaverde. *Modernidade, Formas de Subjetivação e Amizade*: potencialidades das experiências de lazer e aventura na natureza. Tese (doutorado em Educação Física) - Programa de Pós-graduação em Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, 2003, 143p.

_____. Subjetividade, Amizade e Montanhismo: potencialidades das experiências de lazer e aventura na natureza. *Motrivivência*, ano 16, nº 22, p. 71-91, jun, 2004.

OLIC, Maurício Bacic. As dimensões do risco: ou como o skatista de torna um agrimensor do seu próprio corpo. IN: BRANDÃO, Leonardo; HONORATO, Tony. *Skate e Skatistas*: questões contemporâneas. Londrina: UEL, 2012, p. 87-110.

ORTIZ, Renato. *A Sociologia de Pierre Bourdieu*. São Paulo: Olho D'água, 2003.

PAIS, Machado. Prefácio – Buscas de si: expressividades e identidades juvenis. In: ALMEIDA, Maria Isabel Mendes de; EUGÊNIO, Fernanda. *Culturas Jovens*: novos mapas do afeto. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006, p. 7-21.

PENA, Ronaldo Tadêu. Introdução. In: GOMES, Christiane et al. *Lazer na América Latina/Tiempo libre, ocio y recreación en Latinoamérica*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2009, p. 11.

PIMENTEL, Giuliano Gomes de Assis. *Risco, Corpo e Socialidade no Vôo Livre*. Tese (doutorado em Educação Física) – Programa de Pós-graduação em Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, 2006, 171p.

PIRES, Giovani De Lorenzi. Lazer e desenvolvimento pessoal e social. Seminário Lazer em Debate, 9, *Anais...* São Paulo: USP/Leste – CELAR/UFMG, abril/2008.

PIRES, Giovani De Lorenzi; ANTUNES, Scheila Espíndola. Revisitando os interesses Intelectuais do Lazer Mediante as Inovações Tecnológicas de Informação/Comunicação. In: MARCELLINO, Nelson Carvalho. *Lazer e Cultura*. Campinas, SP: Alínea, 2007, p. 89-118.

ROCHA, Rose de Melo; SILVA, Josimey Costa da. Cultura Juvenil, violência e consumo: representações de si em contextos extremos. In: BORELLI, Silvia; FREIRE FILHO, João. *Culturas Juvenis no Século XXI*. São Paulo: EDUC, 2008, p. 111-133.

RODRIGUES, Adriano Duarte. As Novas Fronteiras Culturais das Tecnologias da Informação. Revista *Comunicação & Política na América Latina*, ano 8, n 22-25, p. 7-17, 1993.

ROMERA, Liana Abrão; MARCELLINO, Nelson. Lazer e uso de drogas: a partir do olhar sociológico. Revista *Impulso*, Piracicaba, v. 20, n. 49, p. 75-84, janeiro/junho, 2010.

SANTI, Heloise Chierentin; SANTI, Vilso Junior Chierentin. Stuart Hall e o trabalho das representações. *Revista Anagrama – Revista Interdisciplinar da Graduação*, Ano 2 - Edição 1 – Setembro/Novembro, 2008.

SARAVI, Jorge Ricardo. La lógica interna del skate. IN: BRANDÃO, Leonardo; HONORATO, Tony. *Skate e Skatistas: questões contemporâneas*. Londrina: UEL, 2012, p. 203-226.

SIMMEL, Georg. *Questões fundamentais da sociologia: indivíduo e sociedade*. Rio de Janeiro: Zahar, 2006.

TERRA, Alessandra Matos *et al.* As conferências nacionais do esporte: avanços e limites na construção de políticas de esporte e lazer. In: Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte, 16; Congresso Internacional de Ciências do Esporte, 3, 2009, Salvador. *Anais...* Salvador, 2009. Disponível em: <<http://www.rbceonline.org.br/congressos/index.php/CONBRACE/XVI/paper/view/775/806>>. Acesso em: 06 nov. 2011.

UVINHA, Ricardo Ricci. *Lazer na Adolescência: uma análise sobre os skatistas do ABC paulista*. Dissertação (mestrado). Programa de Pós-Graduação em Educação Física. Universidade Estadual de Campinas. São Paulo, 1997, 165 p.

VELHO, Gilberto. Epílogo – Juventudes, projetos e trajetórias na sociedade. In: ALMEIDA, Maria Isabel Mendes de; EUGÊNIO, Fernanda. *Culturas Jovens: novos mapas do afeto*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006, p. 192-200.

APÊNDICES

Apêndice 1

1 - TÓPICOS GERAIS DO ROTEIRO DAS ENTREVISTAS

O SKATISTA POR ELE MESMO

Pessoal

- Dados de identificação
Nome/idade/escolaridade/gênero/ocupação (trabalho)/tempo de prática.
- Disponibilidade (tempo) e motivação para a prática do skate;
- Definição a prática de skate;
- Reconhecimento da prática como lazer;
- Objetivos dos sujeitos com a prática do skate para além do lazer: participação organização de eventos; profissionalismo/amadorismo; vínculos profissionais...

Sobre as formas de agrupamentos

- Formas de socialização dos sujeitos frequentadores do equipamento de lazer;
Como fazer para usar a pista? Para aproximar-se dos grupos? Para conquistar o respeito dos skatistas... Como os skatistas se tratam na pista? Como identificar se está ou não sendo bem-vindo; como identificar se está ou não sendo respeitado? Como conversar com um skatista?
Como são recebidos aqueles que têm um comportamento diferente dos demais no grupo? Por que há vários grupos, não são todos skatistas? O que poderiam diferenciá-los? A diferença de geração? Os grupos de amigos são diferentes
- Quais os aspectos/características que fazem parte da constituição da identidade dos skatistas ou grupos de skatistas que frequentam o Skatepark; como identificar um skatista, em aspectos gerais?
Como são suas roupas/música/tatuagem/os acessórios imprescindíveis ou mais comuns/ definir o comportamento do skatista em situações no grupo, na pista (em movimento)/suas verbalizações/modos de falar/gírias (as mais comuns)/ formas de organização dos grupos (afinidade, amizade, colega de escola, conhecido do bairro, conhecido da pista; por geração).

Sobre os meios de comunicação e informação

- Consumo de recursos midiáticos e tecnológicos de comunicação para informação sobre skate e para organização do grupo (revistas, sites, comunidades, redes sociais, etc.) citar os mais usados, o fazem em cada uma delas, o que procuram, o porquê de cada recurso escolhido;

Sobre a pista de skate Cara de Sapo

- As formas de apropriação do espaço da pista de skate (grafite, pichações, demarcação imaginária dos grupos dentro do equipamento) como componente da consolidação da identidade do grupo; quanto ao equipamento situado no Complexo de Lazer Orla de Atalaia (qualidade, manutenção, etc.); quanto à acessibilidade ao equipamento/ausência de alguma coisa na pista?
- Quanto à extensão das relações sociais para além da pista (inclusive através dos meios de comunicação e informação)

Apêndice 2

2 – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)

Dados de identificação do projeto:

Título: Lazer, sobre rodas no Cartão Postal: tribos urbanas, identidade e socialização no Skatepark da Orla de Atalaia-SE

Pesquisador Responsável: Professor Giovani De Lorenzi Pires

Pesquisadora Assistente: Paula Aragão

Correio eletrônico: aragão_paula@hotmail.com

Telefones para contato: (79)33191115

Instituição a que pertence o Pesquisador Responsável: Universidade Federal de Santa Catarina

Nome do voluntário: _____

Idade: _____ anos RG _____

Responsável legal (quando for o caso): _____

RG Responsável legal: _____

Você está sendo convidado (a) a participar do projeto de pesquisa “Lazer, sobre rodas no Cartão Postal: tribos urbanas, identidade e socialização no Skatepark da Orla de Atalaia-SE”, de responsabilidade da pesquisadora Paula Aragão, sob supervisão do professor Giovani De Lorenzi Pires, do Programa de Pós-graduação em Educação Física da UFSC (Florianópolis/SC).

Consideramos o Skatepark um local apropriado a práticas de lazer e também um espaço que proporciona diversas formas de interação social entre pessoas de várias idades, principalmente crianças e jovens. Por isso, a pesquisa será uma forma de investigar como ocorrem as formas de organização dos frequentadores; as características principais que os fazem identificarem-se entre eles; como esse processo de apropriação do espaço da pista é visto pelos participantes da pesquisa. Interessa reconhecer como os acontecimentos sociais observados e compreendidos pelos skatistas, ou seja, aqueles que ocupam rotineiramente o equipamento de lazer Skatepark.

A pesquisadora acompanhará o participante durante o período aproximado de quatro meses, no local de pesquisa. Se ocorrer a possibilidade de fazer acompanhamento através de redes sociais, a pesquisadora poderá ser admitida pelos usuários. Os participantes serão observados em seu cotidiano no equipamento de lazer a partir de anotações e registros audiovisuais (filmagens/fotografias), sobre a rotina do grupo, em seus horários de encontro. Ao final do período de observação cada participante será convidado a conceder entrevista, a qual será gravada, transcrita e devolvida ao entrevistado para que ele possa confirmar sua fala.

O voluntário pode sanar eventuais dúvidas sobre os procedimentos da pesquisa entrando em contato direto com a pesquisadora, em vista do acompanhamento cotidiano. Outra opção será mediante e-mail, redes sociais e telefone.

Fica esclarecido que a participação é voluntária e que este consentimento poderá ser retirado a qualquer tempo, sem prejuízos à continuidade da pesquisa. É também garantido ao voluntário a confidencialidade das informações geradas e a privacidade do sujeito da pesquisa.

Eu, _____,
RG nº _____, declaro ter sido informado e concordo em participar, como voluntário, do projeto de pesquisa acima descrito.

Ou

Eu, _____,
RG nº _____, responsável legal por
_____, RG nº _____
_____ declaro ter sido informado e concordo com a sua participação, como voluntário, no projeto de pesquisa acima descrito.

Aracaju, ____ de _____ de _____

Assinatura
do voluntário

Assinatura
do responsável legal

Assinatura
do responsável por obter
Consentimento

Apêndice 3



Imagem encontrada em:

https://www.google.com.br/search?q=orla+de+atalaia&source=lnms&tbn=isch&sa=X&ei=QFZtUYTPD4ay9gTtwYCYCQ&ved=0CAoQ_AUoAQ&biw=1032&bih=546#imgsrc=yQQcpgzblk5ONM%3A%3Bp9mSKxWGUJpx7M%3Bhttp%253A%252F%252F1.bp.blogspot.com%252F-8K71mwNuTwY%252FTd1FvuwGZPI%252FAAAAAAAAAABQ%252FtNxXZvuj3N0%252Fs1600%252Forla019pn.jpg%3Bhttp%253A%252F%252Fcctur-se.blogspot.com%252F2011%252F05%252Forla-de-atalaia-um-pouquinho-da.html%3B1024%3B680

Apêndice 4



Fotografia do evento – 11/02/2012. Por Paula Aragão (arquivo pessoal)



Fotografia de skatista e do público no evento – 11/02/2012. Por Paula Aragão (arquivo pessoal)